

HOLLY BOURNE

Autora bestseller do *Sunday Times*

~~SEXY~~

~~DIVERTIDA~~

~~SINCERA~~

~~SOFISTICADA~~

FAZ DE CONTA

«Um livro profundo, inteligente e urgente,
que todas as mulheres precisam de ler.»

Dolly Alderton

**TOP
SEL
LER**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HOLLY BOURNE

Autora bestseller do Sunday Times

~~SEXY~~

~~DIVERTIDA~~

~~SINCERA~~

~~SOFISTICADA~~

FAZ DE CONTA

«Um livro profundo, inteligente e urgente,
que todas as mulheres precisam de ler.»

Dolly Alderton

TOP
SEL
LER

HOLLY BOURNE

FAZ DE CONTA



os livros em primeiro lugar

Para os Bons

Eu odeio os homens.

Pronto, já disse. Sei que é algo que não se deve dizer. Todas nós fazemos de conta que não os odiamos; todas dizemos a nós mesmas que não os odiamos. Mas eu decidi dizer as coisas como elas são. Estou aqui em cima do meu pequeno palanque e afirmo-o:

Eu. Odeio. Homens.

Convenhamos, pensem um pouco. Eles são simplesmente *horríveis*.

Odeio o seu egoísmo. Odeio a forma como ocupam espaço, presumindo sempre que o espaço é todo seu e que podem tomá-lo à vontade. Odeio a maneira como abrem as pernas nos transportes públicos, como se os tomates precisassem de ser arejados regularmente para não ganharem humidade. Odeio como sentem a necessidade de marcar todos os territórios em que põem os pés para os fazerem funcionar a seu favor. Assim que chegam a uma festa qualquer, põem a música que *querem* ouvir, escolhem sempre a melhor cadeira ou poltrona para se sentarem. Odeio a forma como mexem nas nossas coisas em vez de se limitarem a olhar para elas; até fazem alterações na disposição da mobília para tornar o espaço mais confortável para eles. E isto tudo sem sequer perguntarem primeiro se podem — *nunca* perguntam primeiro se podem.

Odeio que pensem que os seus interesses são mais importantes do que os nossos — embora, duas vezes por semana, a maior parte deles se limite a sentar-se a ver um bando de desconhecidos aos pontapés a uma bola através de um campo relvado e a amuar quando a dita bola não entra no sítio certo. Odeio como, mesmo antes de carregarmos no *play*, ficam entediados quando tentamos mostrar-lhes um filme, uma banda ou até a porcaria de um vídeo no *YouTube*.

Odeio a sua arrogância interminável. Odeio como nos interrompem e nos pedem desculpa pela interrupção, mas continuam a falar mesmo assim. Como nos fazem uma pergunta mas a seguir vão verificar a nossa resposta. Odeio como nunca conseguem cumprir uma única

tarefa doméstica sem nos virem dizer o que fizeram. Odeio a verdadeira incapacidade de serem conduzidos num carro por uma mulher, mesmo que sejam, eles próprios, péssimos condutores. Odeio como todos pensam que são espantosos a grelhar carne e a fazer churrasco, de um modo geral. Como nos enchem os pratos de pedaços de frango chamuscado, acompanhados pelo bafo a cerveja depois de um arrote, à boa maneira dos homens das cavernas, como se fosse nossa obrigação achar *engraçada* a possibilidade de apanharmos salmonela e ainda de termos de limpar e arrumar tudo no fim.

Odeio o facto de ter tanto medo deles. Odeio o ruído coletivo que fazem quando estão reunidos em grandes grupos. Os gritos tribais que emitem, como se, juntos, trocassem os QI individuais por uma dose extra de testosterona. Como, se estivermos sentadas sozinhas no comboio, eles se sentam sempre deliberadamente ao nosso lado, *en masse*, e conversam em altos berros sobre disparates de macho com a pretensa intenção de nos impressionarem. Odeio a maneira como olham para nós quando passamos por eles — avaliando automaticamente quão fornicáveis somos apenas com um mero olhar. Odeio que nos digam que devemos sorrir se nos atrevermos a aparentar qualquer outra emoção que não o deleite profundo por vivermos num mundo assim, onde estas merdas nos acontecem constantemente.

Odeio a forma como os homens são difíceis de amar. Como muitos deles acham, de verdade, que a melhor maneira para ganharem o nosso coração é mandarem-nos uma *selfie* a baterem uma, com os tomates peludos a aparecerem claramente na imagem. Odeio a forma como eles têm sexo. Como nos enfiam os dedos no corpo, achando que isso terá algum efeito. Como nos encostam as mãos sujas nas vaginas secas e vasculham como se estivessem a fazer um exame à próstata, para depois se questionarem porque temos um fungo qualquer e ainda não nos viemos. Será que *nenhum* deles leu um manual de sexo? A sério? Nenhum? E odeio a forma como nos odeiam um pouco, assim que acabam de fazer o que têm a fazer. Como até os mais simpáticos ficam ali deitados com uma expressão fria nos olhos, a fazerem de conta que estão a mimar-nos, quando, na verdade, estão claramente

desesperados por fugirem para tão longe quanto possível.

Odeio que nunca exista igualdade. Que esperem que sejamos nós a fazer todo o trabalho emocional e que, depois, fiquem muito aborrecidos quando ficamos mais stressadas do que eles. Odeio que nunca consigam entender-nos, por muito que tentem, embora — sejamos sinceras — nunca tentem grande coisa. E odeio a forma como nos esgotamos a tentar explicar a mais básica das nossas reações emocionais enquanto eles mantêm aquela expressão entediada no rosto.

Odeio o facto de todos os homens, absolutamente todos, terem problemas por resolver com o pai.

E querem saber o que odeio mais do que isto tudo?

Odeio que, não obstante todas estas coisas, todo este desdém que lhes tenho, eu continue a *gostar* de homens. Que eu continue a querer que eles gostem de mim, que me *amem*. Odeio-me por os querer tanto. Porque é que continuo a gostar tanto de homens? Mas que diabo se passa comigo? Por que motivo estão todos tão magoados, tão destroçados? Será que também estou destroçada por continuar a querer estar com um homem, apesar de tudo o que aconteceu? Eu devia ficar sozinha. É a única forma saudável de viver. MAS NÃO QUERO ESTAR SOZINHA. Odeio os homens, é esse o meu problema. CÉUS, ODEIO-OS TANTO — eles são tão arrogantes, traumatizados, preguiçosos e errados e... e...

Esperem um pouco...

O meu telemóvel.

ELE RESPONDEU À MINHA MENSAGEM!!!

COM UM BEIJO NO FIM!

Pronto, esqueçam.

Faz de conta que não vos disse nada. Está tudo bem.

— **A**cho que vou apaixonar-me por ele — digo à Katy, enquanto aguardamos que a água ferva e borbulhe, em pé, mesmo ao lado da velha chaleira.

— Se calhar é um pouco cedo para isso, não te parece?

— Eu sei... Por outro lado, também *sei*. Sabes?

A Katy fecha os olhos durante uns segundos a mais do que seria necessário, e tudo bem, eu percebo, é justo. Eu consigo ouvir-me a falar. Eu não sou esta pessoa. Não sou este tipo de mulher. Embora seja, porque sou.

— Estás outra vez a deixar-te levar na onda, não estás? — Ela lava as nossas canecas com uma gota minúscula de *Fairy*, que tem um aviso colado: «Usar com parcimónia, por favor», como se a associação de solidariedade social para a qual trabalhamos pudesse ser salva da ruína financeira só com a poupança de detergente da louça.

— Já tivemos cinco encontros! *Cinco*! Fazes alguma ideia de como isso é um marco importante? É que fui pesquisar no *Google* e é mesmo, mesmo muito importante.

— Nós não falámos já sobre os perigos de pesquisar sobre relacionamentos no *Google*, April?

— Não consigo evitar. Trabalhamos num escritório com acesso ilimitado à Internet e eu também não sou o Gandhi. Além de que tenho a certeza de que, se estivesse no meu lugar, até ele pesquisar: «O que esperar de uma relação depois de cinco encontros?»

Ela solta uma gargalhada suficientemente sonora para fazer virar as cabeças do escritório na nossa direção. Mando-a calar enquanto sirvo o café da *cafetière* para três canecas. Ela serve o leite e rio-me com ela, mas não consigo evitar sentir uma ligeira pontada de dor perante a sua diversão com a minha situação. A Katy casou-se há quatro anos com um homem que a adora completa e perdidamente. Ela tem uma atitude muito convencida e descontráida, do tipo «ah-eu-nunca-vou-ser-assim», que é uma postura fácil de se ter quando se é casada com

um homem que nos adora. Eu seria igualmente descontraída se fosse casada com um homem como o Jimmy. Estaria sempre aborrecida de morte, mas descontraída.

Regressamos ruidosamente para as nossas secretárias, para o escritório que fervilha com aquela energia especial de uma sexta-feira. O fim de semana está tentadoramente à vista. Os ombros das pessoas descontraem enquanto escrevem nos seus teclados, as reuniões são invadidas por graçolas e até aumentaram o volume do rádio. Ninguém está a trabalhar tão arduamente quanto devia e na segunda-feira todos se vão arrepender de terem sido tão relaxados na sexta. Mas a segunda-feira ainda está longe — hoje é sexta e eu tenho um encontro marcado, o sexto, um fim de semana inteiro pela frente e a esperança de um começo.

Ataco o meu telemóvel assim que me sento. Sinto a doce e agonizante apreensão de esperar que apareça uma bolinha vermelha a indicar uma nova mensagem — a minha disposição futura depende da existência desta bolinha. Enquanto espero que o ecrã desbloqueie, imagino por uma fração de segundo que tudo se desintegra. Talvez eu esteja a exagerar na ligação que se criou entre nós, talvez ele não me tenha respondido, talvez eu seja apenas uma sonhadora louca e, agora que ele percebeu isso, vai desaparecer da minha vida sem se dignar a dar qualquer explicação. E eu vou ter de recomeçar — mais uma vez. Vou ter de me levantar e sacudir o pó novamente. Vou ter de tentar reencontrar a minha fé. No meu estômago começa a abrir-se um abismo negro e... esperem!

Tenho uma mensagem nova!

Ele respondeu!

Fui recompensada por ter deixado o telemóvel na secretária enquanto fui fazer o café. Enganei com sucesso os Deuses do Amor com a minha viagem à cozinha para preparar uma bebida quente. Eles pensaram que eu me sentia ambivalente em relação à resposta do Simon e por isso enviaram-ma, mas quem se ri por último sou eu, porque eu nem sequer queria beber café. Só precisava de uma desculpa para me afastar do telemóvel.

— O teu telemóvel vibrou — diz-me o Matt desnecessariamente,

uma vez que estou a olhar para o telemóvel na minha mão. Ele está a espreitar por cima do monitor, os olhos bondosos por detrás dos óculos de aros pretos grossos. — É o Simon?

Assinto.

— Acho que sim. Mas não posso abrir a mensagem para ver se é mesmo ele, pois não?

— Porque não? É claro que podes.

A Katy pousa a bebida dele à sua frente e ele agradece com um movimento de cabeça.

— Deve ter sido o *Google* que lhe disse para não abrir a mensagem — diz ela, sentando-se no seu lugar ao lado do Matt. Puxa o teclado na sua direção e começa a escrever com vigor.

— Não é só por isso — protesto. Abro a primeira gaveta e guardo o telemóvel, para não ter de olhar para ele. Fica a repousar em cima de alguns blocos de notas já usados e postais promocionais que costumamos distribuir pelas associações de estudantes. — Não quero que ele pense que passei o dia inteiro a olhar para o telemóvel para ver se me tinha enviado uma mensagem.

— Apesar de teres feito exatamente isso... — arrisca o Matt.

— Está bem, mas também fiz outras coisas interessantes e tive outros pensamentos interessantes.

— Como por exemplo?

— Bem, acabámos de ter aquela reunião.

— Para a qual levaste o telemóvel... e depois passaste a reunião toda a olhar para o colo.

Abano a cabeça e bebo um gole do indesejado café que usei para enganar os Deuses do Amor.

— Pronto, está bem, então sou uma idiota, uma pateta. O Simon vai descobrir como sou louca, vai dar-me com os pés e hei de morrer sozinha no meu apartamento, com o meu gato a comer-me a cara, porque os gatos não têm sentido de lealdade.

— Tu não tens nenhum gato — recorda-me a Katy, ainda a escrever.

— Escreve isso tudo numa mensagem e envia-a para o Simon — diz o Matt, apontando para mim.

— O quê? Queres que diga: «Olha, por favor, não me dês com os pés

quando descobrires que sou louca. És a minha única hipótese de não vir a ter um gato que me coma a cara em decomposição»?

Ele aponta com mais vigor.

— Isso mesmo. Vá lá. Faz-lhe um teste de stress, só para veres o que acontece. Se ele for o tipo certo para ti, vai entender a mensagem.

Eu e a Katy abanamos a cabeça uma para a outra. A Katy está com o Jimmy há tanto tempo que não se inclui de todo na cena de namoros, mas até ela sabe que esta ideia do Matt é errada.

— Sabes que as coisas não funcionam assim.

O que se passa é o seguinte: eu não entendo mesmo por que motivo o amor tem sido uma questão tão difícil para mim. Sou bonita. Sou inteligente. Tenho um emprego razoavelmente bom. Tenho amigos. Tenho passatempos. Sou engraçada. Gosto de estar sempre atualizada. Visto-me bem. Não tenho padrões particularmente elevados. Não estou à espera de que me venham salvar. Sou realista acerca da natureza das relações. Sei que exigem trabalho. Sei que ninguém é perfeito, e muito menos eu. Sei que preciso de «me mostrar ao mundo» e é isso que tenho vindo a fazer. Sei ter uma boa conversa. E sou feliz sozinha. Sou mesmo.

Mas, sei lá, continuo a querer ter uma relação com alguém.

Quero *mesmo* ter uma relação com alguém.

Não porque ache que me vai completar ou resolver todos os meus problemas. Não porque quero uma grande festa de casamento ou usar um vestido caro. Na verdade, nem sequer é porque quero ter filhos, já que, se não os tiver, de certeza que consigo sobreviver sem eles.

Quero ter uma relação porque é uma coisa muito normal e natural de se desejar. E, no entanto, não tenho grandes perspectivas de vir a ter uma. Isto é tão difícil, tão cansativo. Não entendo por que razão é tão cansativo...

Talvez deixe de ser tão difícil agora. Talvez com o Simon venha a ser diferente.

Porque — caramba! — eu gosto *mesmo* do Simon.

Tento enterrar-me no trabalho. No meu trabalho importante, no meu emprego importante, na minha vida independente. Tento ser melhor do que isto. Menos carente do que isto. Menos obcecada. Esta tarde é a minha vez de responder aos e-mails, o que é sempre uma tarefa para lá de traumática, por isso preciso de ser eficiente, de despachar os e-mails e de ser todas as coisas que sei que sou capaz de ser. Passo a limpo as anotações da reunião sobre as nossas políticas de proteção. Planeio o horário do mês e envio-o para os voluntários. Vou a outra reunião sobre cortes no orçamento, sobre como fazer as coisas funcionarem com muito menos dinheiro e sobre como provavelmente para o próximo ano ainda vamos ter menos, mas estamos confiantes de que tudo vai correr bem. Apesar de ocupada, tenho plena consciência do meu telemóvel, guardado na primeira gaveta. A mensagem por ler parece perfurar a madeira de carvalho como se fosse o coração ainda latejante de alguém que assassinei e que tentei esconder, como se vivesse num dos contos de Poe. Fico a olhar para o vazio durante muito tempo, a imaginar, obcecada, o conteúdo da mensagem. Ele não ia cancelar o encontro desta noite, pois não? Ontem à noite parecia estar bastante ansioso que o momento chegasse. Pronunciou explicitamente as palavras «estou ansioso por voltar a verte». E ainda selou a ocasião com um beijo. Mas e se ele mudou de ideias? E se a ex-namorada lhe ligou ontem à noite, assim sem mais nem menos, e lhe disse que ainda o ama? E se estiveram toda a noite desenfreadamente engalfinhados um no outro e só agora ele se lembrou de que tinha um encontro marcado para hoje à noite?

«Ui, talvez fosse melhor avisá-la», consigo imaginar o Simon a dizer, rindo-se com um desapego descontraído enquanto ela lhe abraça o pescoço. Já agora, decidi que o nome dela é Gretel. Não sei bem porquê, mas sempre que fantasio acerca de mulheres perfeitas que se comportam perfeitamente nas suas relações, chamo-lhes Gretel. A Gretel dá-lhe um beijo no rosto e diz: «Pois, agora já não podes sair

com ela, pois não? Não agora que estamos prestes a fugir juntos para casar em Gretna Green e...» — OH, MEU DEUS, QUAL É O MEU PROBLEMA, AFINAL? Porque é que tenho esta imagem estranha do Simon e da ex-namorada gravada na minha cabeça? Eu mal o conheço, só saímos cinco vezes, por isso porque é que estou a fazer isto a mim mesma? Tenho de ler a mensagem. Ele vai cancelar o encontro. Sei que vai, sei que sim. O melhor é ultrapassar já a desilusão, arrancar o penso rápido depressa, deixar que a ferida cicatrize e avançar...

A gaveta está aberta. Pego no telemóvel e trago com ele uma série de postais que caem na alcatifa cinzenta como se fossem estilhaços. Encosto bruscamente o dedo no leitor para desbloquear o telemóvel, já a questionar-me se a minha colega de casa, a Megan, estará livre esta noite para afogar as mágoas comigo. Abro a mensagem.

Simon: Olá, então como está a correr a tua sexta-feira? Encontramo-nos às 19h no Gordon's Wine Bar? Beijo

A habitual enxurrada de emoções invade-me subitamente. Euforia! Ele deu notícias! Ele gosta de mim! Eu gosto dele! Não imaginei a atração entre nós! Os seres humanos podem conhecer-se e gostar uns dos outros e construir qualquer coisa e eu posso ser um desses seres! Posso perfeitamente ter relações! Completamente! Afinal, não há nada de errado comigo! Sim! Oh, gosto tanto dele! Vamos ao Gordon's! Mas que boa ideia! Adoro aquele bar! Normalmente detesto-o, mas agora acho que é perfeito! Sim! Oh, ele é mesmo perfeito! Acho que me vou apaixonar por ele e tudo será eternamente perfeito! Que tonta que eu sou! Ups! Tontinha, tontinha por ter duvidado que isto fosse acontecer.

Espera lá...

Eu acabei de *alucinar* — com todos os detalhes — que ele tinha celebrado o reencontro com a ex-namorada com uma sessão de sexo espantoso. Até a batizei de Gretel.

Isto não é normal, ou é?

Caraças, é a coisa *menos* normal do mundo.

Qual é o meu problema?

ELE NUNCA PODE DESCOBRIR COMO SOU NÃO-NORMAL!

O Matt olha de relance para mim e repara em quão trémulas as minhas mãos estão ao segurar no telemóvel. Tira os auscultadores e faz sinal para o aparelho.

— Tudo bem? Estás com um ar de quem acabou de receber uma ameaça de morte.

Ergo o olhar, agitada.

— Ele quer ir ao Gordon's Wine Bar.

— Uau, isso ainda é pior do que uma ameaça de morte. — Baixa-se mesmo a tempo de evitar a minha palmada brincalhona na cabeça. — Mas é bom ele querer voltar a ver-te, não é?

— Acho que sim.

— Vais responder-lhe? — O Matt fala devagar, como um professor diria ao seu aluno: «Esse desenho é muito bonito, vais acrescentar um sol no céu?»

— Quero dizer, é o mais óbvio, não é?

— Costuma ser esse o padrão. Eles enviam-te uma mensagem, tu respondes, e por aí fora. — Começa a pôr os auscultadores outra vez na cabeça, mas faz uma pausa e segura-os ao lado das orelhas.

— Oh, céus, o que foi? — pergunto. — Não estás na iminência de me dar os teus brilhantes conselhos sobre encontros, pois não? Tipo: «Se isto for certo para ti, não há nada que possas fazer para o estragar, e se isto não for certo para ti, não há nada que possas fazer para o fazer funcionar». É que nunca te tive como um tipo que regurgita citações inspiradoras.

— Não, na verdade, ia só falar contigo sobre o teu turno.

O meu coração endureceu. A visão ficou turva. Já sei onde isto vai parar.

— Estive a dar uma vista de olhos à caixa de entrada e sei que vai haver um tema mais duro. Sou teu amigo, por isso pensei que devia alertar-te e...

— Eu sei o que estás a tentar dizer, mas eu estou bem — interrompi.

— Tens a certeza?

Sorrio por entre as dúvidas, apesar de conseguir reconhecer todos os meus gatilhos habituais a começarem a disparar pelo sistema nervoso,

desencadeando novamente todo o mecanismo. A ligar todos os interruptores do meu corpo. Estou no ponto mais negro. Mais escuro, no maior breu que esta vida pode ter. O papel de parede branco dissolve-se por detrás das minhas pálpebras. O padrão em relevo começa a rodopiar. Estou nesta sala e as coisas estão a descontrolar-se; não sei bem como isto aconteceu, porque foi tão rápido, mas o papel de parede e... *Não*. Não estou lá. Estou aqui, num escritório. Numa sexta-feira. Estou em completa segurança.

— Tenho a certeza — respondo.

O Matt deve acreditar em mim, porque volta a pôr os auscultadores. Ele não gosta da escolha de estação de rádio que passa no escritório. Resumidamente, se a canção que estiver a dar não for escrita por um tipo qualquer triste e atormentado, com uma terrível falta de autoestima e memórias de todas as ex-namoradas que lhe fugiram, então o Matt nem se digna a ouvi-la.

Devolvo o telemóvel à gaveta sem sequer pensar em mais nada e deixo a mensagem do Simon temporariamente esquecida. Ponho os meus próprios auscultadores para abafar o barulho. Sei que é sexta-feira, e não há problema nenhum se toda a gente quiser ouvir a Magic FM. Eu é que não posso ler sobre violência sexual enquanto ouço Wham! Ponho uma seleção de músicas chamada *Piano e Chuva*, entro na caixa de entrada da associação e espero para ver que coisa horrível fez hoje um homem a uma mulher.

O meu turno é mau. Quero dizer, são sempre maus, mas quando leio esta mensagem na caixa de entrada da associação sinto-me quase sem ar:

Mensagem recebida: 15h34

Será que foi uma violação? Ele é meu namorado. Não consigo entender. Será que ele quis mesmo fazer isto?

O Matt está mais atento a mim do que aquilo que quer deixar transparecer. Pressinto cada um dos movimentos de cabeça dele, sinto os seus olhos a dirigirem-se rapidamente ao meu rosto.

Levanto-me de repente.

— É a minha vez de ir buscar chá. Quem quer? — anuncio numa voz demasiado alegre.

Ele tira os auscultadores e pousa-os à volta do pescoço.

— Eu não quero. Estás bem? Estava a falar a sério, April, se preferires não fazer este turno, eu não me importo de o fazer.

— Estou ótima! — Pego na minha chávena, ao mesmo tempo que levanto e baixo o polegar para que Katy me diga se quer chá ou não. Ela abana a cabeça. Ajo como se o dia não tivesse acabado de sofrer uma viragem absurda, como se a minha vida não parecesse já um daqueles globos de neve depois de agitado. — Sai um chá só para mim — murmuro com os meus botões.

Fico na cozinha cavernosa e engulo o chá em grandes goles sem os saborear. Estou no escritório. Estou em segurança no escritório. Estou no presente. Céus, este escritório é cá um pardieiro. Quando era pequena, imaginava um escritório com homens vestidos com fatos limpos, gravatas de seda e mulheres com sapatos de salto alto e manicuras perfeitas. As pessoas deslocavam-se entre os pisos em elevadores elegantes de vidro e tinham as suas reuniões em salas com vista para o horizonte de Londres. O escritório de uma associação de

solidariedade social não é nada parecido com isso, principalmente se essa associação atravessar uma interminável crise financeira. Desde que fizeram cortes no orçamento, tivemos de mudar de instalações mais uma vez. Agora estamos desconfortavelmente aninhados por cima de uma imobiliária de rua. Somos 20 pessoas a partilhar uma casa de banho unissexo, onde toda a gente consegue ouvir tudo e onde não há janelas para deixar os odores saírem. Não há flores frescas na secretária da receção, nem ecrãs táteis e aparelhos topo de gama — só temos uma escala para determinar quem atende o telefone esta semana e alguns computadores antigos e volumosos que comprámos por tuta e meia numa liquidação de outro escritório. Oh, e também demasiados jovens desesperados que precisam de ajuda, sendo que nós somos muito poucos para os ajudar efetivamente.

Forço-me a regressar à minha cadeira, depois levo a mão à minha mala atafalhada de coisas e procuro o óleo de alfazema. Deito um pouco no interior dos pulsos e inalo o aroma, para me acalmar e focar.

— A sério, April — interrompe outra vez o Matt. — Eu posso fazer o teu turno.

Levanto os olhos e sorrio para o rosto preocupado dele. O Matthew é uma das poucas coisas que este trabalho me trouxe que não destrói completamente a minha fé nos homens.

— Tu és amoroso — digo-lhe, porque é mesmo.

— Vamos comer um gelado no fim do turno?

— És mais do que amoroso. — Cheiro novamente os pulsos aromatizados e releio a mensagem do e-mail. Começo por tirar algumas notas, certificando-me de que apanho todos os detalhes, todos os fragmentos da história e da dor daquela rapariga. Depois, minimizo a janela e faço duplo clique sobre a minha pasta de «respostas-padrão». Abro um ficheiro cujo título é «Fui Violada pelo Meu Namorado». Esta pasta existe porque é tão comum as raparigas serem violadas pelos seus namorados que a associação teve de criar uma resposta-padrão. Faço algumas modificações na resposta, que inclui todas as frases importantes sobre como não foi culpa dela, como não há uma forma certa ou errada de lidar com este tipo de situações, e pergunto-lhe se há alguém da sua confiança com quem possa falar.

Encaminho-a para organizações especializadas que a podem ajudar melhor. Acrescento uma palavra de esperança para que, no futuro, consiga processar tudo o que aconteceu sem deixar que isto a defina enquanto pessoa ou que condicione a sua vida. Bebo um gole de chá enquanto procuro gralhas ou erros. Depois pouso a chávena, releio tudo e envio o e-mail. A minha respiração não está muito bem; o ar fica-me entalado no esófago como se fosse uma bola de barro molhado. O meu computador emite um apito agudo para me dizer que o e-mail foi recebido. Imagino a resposta a chegar à caixa de entrada daquela rapariga sem rosto — seja lá em que ponto do país estiver. Imagino-a a recarregar a página, à espera desta resposta, e agora já lá está. Espero que a ajude. Imagino-a a sentir-se um pouco reconfortada com as minhas palavras, um pouco menos sozinha. Vejo-a a chorar, mas as lágrimas são boas, daquelas que nos fazem levantar a cabeça e começar uma viagem difícil, mas recompensadora.

Estou a ajudar, estou a ajudar, estou a ajudar, repito incessantemente para mim mesma, enquanto deixo que o pensamento se enraíze dentro de mim e me acalme novamente.

O Matt aproxima-se mais uma vez. Está a olhar para o meu monitor.

— Acabei de ler a tua resposta — diz ele. — Acertaste no tom exato que era necessário.

Suspiro e deixo a cabeça descair para trás; fico a olhar para um dos painéis soltos do teto.

— Obrigada, querido.

— Diz-me só quando quiseses ir comer o gelado. O resto da caixa de entrada é bastante comum. Espera-te uma pessoa virgem aos 23 anos e alguém que precisa de saber se pode engravidar através do assento da sanita.

Sorrio para ele.

— No encontro desta noite, não posso falar do meu trabalho, pois não? — pergunto. Agora que afastei aquele assunto que me perturba tanto, o Simon está de regresso ao meu pensamento. A esperança inunda a minha corrente sanguínea. — Não sei ao certo se esperma em assentos de sanitas é um bom tema de conversa para um encontro, ou é?

— Vai ver ao *Google* — diz o Matt, com um sorriso.

Começo a escrever na janela de pesquisa.

— Oh, meu Deus — diz ele. — Vais mesmo pesquisar isso?

Eis as coisas que me parece que distinguem o Simon dos outros e os motivos que me levam a pensar que posso apaixonar-me por ele: ele responde sempre às minhas mensagens. Parece encantado por me ver. Os pais dele não são divorciados. Ainda não declarou que sou o amor da vida dele, o que é adequado, no entanto, sempre que está comigo parece ficar a gostar mais de mim, o que também é adequado. Tem um emprego estável e não é um músico falhado, um escritor falhado ou um ator falhado, que só tem um emprego estável porque falhou em tudo o resto, mas que por isso é uma pessoa estranha, amargurada e deprimida. Fez voluntariado uma vez na associação de sem-abrigo, que foi onde o conheci, por isso não está morto por dentro, tem sentimentos. Tem uma irmã, o que, como todos sabemos, é uma grande ajuda. É um homem atraente, mas não de uma forma que implique que todas as mulheres se atirem constantemente a ele, fazendo com que seja um grande convencido e um potencial traidor. Faz-me rir e eu faço-o rir também. Beija mesmo muito bem. Quando investiguei a ex-namorada dele online, vi que é mais ou menos tão bonita quanto eu, se não até um pouco mais feia, e, pelo que pude perceber pelas datas das fotografias, eles já não estão juntos há um ano e dois meses, o que é um tempo razoável para se recuperar emocionalmente. Ele parece gostar mesmo de mim... até agora.

Vejo-o antes de ele me ver e por isso tenho a oportunidade de sentir aquela emoção trémula de observar um homem à minha espera. Oh, Simon, quero mesmo apaixonar-me por ti, se de alguma maneira o conseguir fazer. Ele está bonito, com a roupa de trabalho — as mangas da camisa azul estão arregaçadas e mostram os braços bronzeados. Já mandou vir uma garrafa de vinho tinto — no último encontro eu disse-lhe que prefiro vinho tinto a vinho branco e ele não se esqueceu. Consegui arranjar-nos um lugar na esplanada, numa pequena mesa feita a partir de um barril. Está a mexer no telemóvel com o polegar, sem ligar ao alarido que toda a gente faz à sua volta, contentes por estarem a beber um copo e a dar início ao fim de semana. Depois, pressentindo a minha chegada, levanta os olhos. Os olhos formam pequenas rugas nos cantos quando sorri, o que, segundo o especialista em relacionamentos Roald Dahl, quer dizer que o sorriso é genuíno. Aceno-lhe com timidez e sorrio também; Roald Dahl aprovaria o meu sorriso. Isto é a sério, sabem? Pode mesmo ser desta. Um homem não nos sorri assim se a relação não estiver a encaminhar-se para alguma coisa boa. Aproximo-me dele, extremamente consciente de mim enquanto desejo não ter bebido aquele segundo copo de vinho depois do trabalho. Não era minha intenção, mas Londres tem andado a exhibir-se com uma onda de calor muito invulgar e, como estamos determinados a não desperdiçar o bom tempo, fomos beber vinho ao Regent's Park, que fica ao virar da esquina do escritório. Eu queria acalmar o travo amargo que me ficou do meu turno. Além disso, depois de ter pesquisado no *Google*, concluí que é provável que o Simon queira ir para a cama comigo esta noite, o que me fez passar imediatamente dos carretos, claro. O vinho fez com que o meu medo de que isto não funcionasse ou de que *aquilo* venha a acontecer outra vez diminuísse. Sinto-me leve e solta, convencida de que vai correr tudo bem, apesar de não usar os dilatadores vaginais há séculos.

Ainda não sabemos muito bem como devemos cumprimentar-nos.

Da última vez que o vi, estávamos entalados contra uma parede qualquer na estação do metro, a beijar-nos com tanta voracidade que é um espanto não termos sido detidos. Tenho a certeza de que essa imagem está neste momento no pensamento de ambos, mas voltámos à corte mais formal.

— Olá. — Ele dá-me um beijo no rosto, enquanto eu transformo o cumprimento num abraço.

— Cheiras tão bem — dou por mim a dizer, um tanto ébria, quando nos afastamos. — Os nossos filhos seriam geneticamente tão saudáveis.

Sinto-me a morrer por dentro durante exatamente dois segundos até que ele solta uma gargalhada e o meu estômago volta a descontrair. Ele ri-se com a boca aberta, mostrando pelo menos três obturações nos dentes, o que ainda assim acho sexy, porque estou a rebentar de oxitocina.

Ele debruça-se e cheira-me o pescoço.

— Hum, o teu cheiro é de alguém que tem uma herança genética muito diversa.

— Os nossos filhos nem vão precisar de ser vacinados.

E a seguir começamos a beijar-nos de uma forma que normalmente não gosto de ver em público, reproduzindo a parte final do nosso último encontro. Afastámos para longe o cumprimento educado. O vinho fica temporariamente abandonado, o burburinho dos clientes de sexta-feira desaparece de forma nebulosa e saboreio a boca do Simon enquanto sinto com grande convicção que isto deve ser amor.

Interrompo o beijo.

— Por favor, não me farejes o rabo como fazem os cães.

Ele volta a mostrar-me as obturações dos dentes, tão sexy.

— Oh, mas é a minha melhor jogada.

Dedicamo-nos à garrafa de vinho tinto e ao frémito eufórico que nos invade quando estabelecemos uma relação com alguém de quem gostamos mesmo.

Quando ele pega na garrafa e deita as últimas gotas para o meu copo, decido que tudo valeu a pena. Depois de todas as desilusões, todos os maus encontros e separações, depois de tantas amigas me

ligarem a dizer que estão exaustas e já não conseguem continuar nas suas relações, depois da minha preocupação constante sobre se «estas coisas alguma vez me vão acontecer», depois de chorar tanto que quase não conseguia respirar e depois daquele ano após o Ryan em que a única coisa que fiz na minha casa vazia foi pesquisar formas de me matar que não traumatizassem demasiado a minha mãe quando ela encontrasse o meu corpo... Tudo valeu a pena se foi para me fazer chegar a este momento. Ao Simon. A isto. À forma como nos aninhamos um no outro.

— Eu não sou como os outros tipos que trabalham em finanças — diz ele, fazendo girar o vinho dentro do copo até se aproximar do rebordo, mas sem nunca entornar. — Eles trabalham só pelo dinheiro, mas eu não. Sou provedor, só estou ali para me certificar de que eles se comportam como deve ser. Uma pessoa diz que trabalha em finanças e toda a gente presume que somos um banqueiro ganancioso, mas alguém tem de os manter na linha.

Assinto pesadamente com a cabeça, com ar de quem está a esforçar-se para entender as minúcias financeiras que ele me tenta explicar, quando, na verdade, estou a ter o terrível pensamento de que ele trabalha em finanças, logo deve ganhar bastante dinheiro, mesmo que não seja banqueiro, e isso é algo bastante útil de se saber, já que trabalho para uma associação e estou sempre nas lonas. Talvez ele tenha poupanças suficientes para comprar uma casa. Onde eu possa viver? E depois de nos casarmos, a casa também passa a ser minha, não passa? Quero dizer, eu gosto do Simon só por ser o Simon — não pelo dinheiro dele. Mas o dinheiro é um bem útil. Espera lá, de que diabo está ele a falar agora? Pestanejo e afasto do pensamento a nossa casa vitoriana com três quartos em Greenwich.

— Desculpa? — pergunto.

Ele estende a mão por cima da mesa de barril e pega-me novamente nos dedos.

— Estava a perguntar-te pelo teu trabalho. És sempre tão reservada em relação ao que fazes.

— Sim, eu sei, mas isso é porque sou conselheira numa associação que ajuda pessoas com problemas de sexo e de relacionamentos. Não

posso falar destes temas num encontro. São assuntos bastante pesados.

Ele aperta-me a mão com mais força.

— Este é o nosso sexto encontro, April, acho que as coisas podem ficar mais *pesadas*.

A seguir faz aquela coisa que os homens fazem com os olhos, quando pretendem deixar bastante claro que querem ir para a cama connosco. Oh, *Deus do céu, cá está. Vai correr tudo bem, vai correr tudo bem. Se ele for o tal, vai correr tudo bem.*

— Então, o teu trabalho? — Incentiva, recostando-se na cadeira já com os olhos normais. — Fala-me um pouco do que fazes.

— O que queres saber?

— Bem, gostas de trabalhar na associação?

— Adoro. — Agito o copo de vinho com um desapego entusiasmado e deixo que a alegria pelo meu trabalho se sobreponha à ansiedade que desabrocha dentro de mim. — Quero dizer, estamos constantemente com falta de fundos. No ano passado nem tivemos dinheiro para fazer a festa de Natal. Mas o trabalho é recompensador e os meus colegas são ótimos. A minha função reparte-se em duas tarefas — explico. — Passo metade do tempo a tratar da organização: a escolher os voluntários, a cuidar das nossas políticas de proteção, etc. Basicamente sou eu quem recruta, treina e gere os voluntários, quem se certifica de que eles estão a fazer o que devem fazer. Depois passo a outra metade do tempo nos nossos serviços da linha da frente.

— Que serviços são esses? — Ele só já parece parcialmente interessado, mas talvez tenha só imaginado que ele está a olhar de relance para o telemóvel.

— Bem, trabalho no nosso serviço online. As pessoas enviam as suas dúvidas sobre sexo e relacionamentos e nós respondemos-lhes.

— Dúvidas sobre sexo? Vocês devem encontrar coisas espantosas.

Solto uma gargalhada e pouse o copo, sentindo o calor do vinho inundar-me. É o nosso sexto encontro e estou a começar a sentir-me confortável com o Simon. De certeza que não tem nada que ver com o vinho.

— Já nada me choca — digo-lhe, ao Simon, ao meu potencial futuro marido.

— Não me digas...

— Digo, digo. Para fazer este trabalho não se pode ser pudico. Por exemplo, no meu primeiro dia de trabalho na associação, tive de dirigir uma reunião acerca da nossa política sobre sexo anal.

Ele quase cuspiu o vinho que tinha na boca.

— E que política é essa sobre o sexo anal?

— Queres dizer a minha ou a da associação? — Ele engole em seco e eu fico muito satisfeita comigo mesma por ter dito isto. Volto a rir-me enquanto aprecio o desconforto dele. — Não te disse que sou à prova de choque? Em minha defesa, quem começou esta conversa foste tu. Apesar de o meu colega Matt me ter avisado para não falar já do meu trabalho.

Ele inclina a cabeça e um sorriso convencido cruza-lhe o rosto.

— Ah, com que então tens falado sobre mim aos teus colegas... — Pousa o copo para conseguir estender o braço e pegar-me novamente na mão.

Assinto com timidez, sem conseguir descrever como é espantosa a sensação da pele dele contra a minha.

— Porquê? Não falaste de *mim* aos teus colegas?

É a vez de o Simon assentir.

— Talvez tenha mencionado que tivemos alguns encontros.

É ele. Bem vos disse que era desta! E se fala sobre mim às outras pessoas, então é porque também está a apaixonar-se por mim. Os meus músculos descontraem-se, soltando suspiros enquanto se deixam instalar num abandono ébrio. Tento inspirar o momento em que me encontro e guardá-lo na memória, para um dia poder contá-lo com precisão aos nossos netos. O sol quente no céu, o cheiro do Tamisa que corre aqui perto e me enche as narinas, a roupa que tenho vestida, a localização precisa da nossa mesa em forma de barril, os ruídos dos grupos que se reúnem à nossa volta. É tudo tão maravilhoso que cometo um erro fatal.

Acredito.

E por isso começo a relaxar.

— Questiono-me sempre como será ter relações normais com os colegas de trabalho, em vez de relações demasiado intensas — matuto,

encostando o rebordo do copo ao lábio inferior. — Quando se trabalha para uma associação como a Estamos Aqui, para se poder ser um bom profissional temos de ter logo de início conversas profundamente pessoais e muito pouco profissionais.

— Como assim? — pergunta o Simon, inclinando exageradamente a cabeça para trás para beber o vinho do seu copo. Não é a perspectiva mais atraente, mas não importa, porque ele é potencialmente o meu futuro marido, logo tudo o que possa fazer é adorável.

— Bem, se trabalharmos com pessoas perturbadas que nos contam coisas perturbadoras, como acontece connosco, não é muito saudável ter uma atitude arrogante de «esta é a minha personalidade a trabalhar», sabes? Temos de nos sentir saudáveis na nossa própria pele para podermos lidar adequadamente com as pessoas. Não podemos fazer um turno numa linha de apoio, por exemplo, se não nos sentirmos bem. Seria irresponsável. Podemos deixar transparecer o nosso desconforto nas respostas que damos às pessoas. Por isso, eu e os meus colegas somos extremamente próximos. Temos sempre um colega a quem devemos fazer um relatório no fim do turno e temos de falar das nossas próprias emoções com muita frequência. Sei de praticamente todas as coisas más que aconteceram aos meus colegas, e eles estão a par das que me aconteceram a mim. Assim, todos conhecemos os gatilhos de toda a gente e podemos cuidar uns dos outros durante os turnos que temos de fazer.

O Simon franze o rosto.

— Gatilhos? — pergunta.

Assinto. Gosto realmente de falar do meu trabalho. Da nossa pequena associação. Tem sido uma fonte de positivismo tão grande na minha vida desde o que aconteceu com o Ryan.

— Sim, assuntos que nos perturbam, normalmente relacionados com coisas que nos aconteceram no passado. No trabalho que fazemos, se nos sentirmos afetados por determinado assunto, podemos ficar demasiado perturbados, e nesse caso é melhor deixar que um colega assuma a questão. — Sorrio com afeto, pensando no Matt, na Katy e em todos os outros colegas que compõem o nosso microcosmos de apoio. — Por isso, somos muito próximos. Por exemplo, sei que o meu

colega não consegue lidar com questões que tenham que ver com alcoolismo porque o pai dele era alcoólico. E a minha gerente não é muito boa com perguntas sobre DST, porque ela tem fobia de germes, e uma das nossas voluntárias, benza-a Deus, não consegue lidar com nada que se relacione com drogas. — Levanto os olhos para o Simon, ainda com um sorriso no rosto, à espera de que ele também esteja a sorrir. Por isso, é um choque para mim quando a expressão dele não é a que imaginei. Em vez disso, ele está recostado, com um ar ligeiramente entediado. Vejo-o carregar com o polegar no ecrã do telemóvel para ver se tem alguma notificação, e o meu estômago contorce-se.

— Uau, isso é tudo um bocadinho pesado, não é? — diz ele, com o nariz enrugado.

Consigo saborear a mudança da vibração no ar à nossa volta. Percebo o desconforto dele e sinto-me imediatamente constrangida e estúpida.

— Queres ir a outro lado qualquer? — pergunta o Simon, mudando deliberadamente de assunto, enquanto cruza os braços à frente do peito. — Ou então — diz, levantando uma sobrancelha com ar matreiro e alterando ainda mais a vibração —, podemos ir beber um copo a minha casa.

Ainda me sinto tomada pela emoção quando ele deixa no ar a dica de sexo, ainda estou a tentar perceber onde é que meti os pés pelas mãos. Obrigo-me a sorrir ao mesmo tempo que ponho em prática as minhas capacidades básicas de psicologia para analisar o que se passa aqui.

— Acho que podemos ir para tua casa...

Estou aborrecida por o ter perturbado, sinto-me à beira de um precipício, a cambalear para trás e a esbracejar enquanto tento manter o equilíbrio. Mas o sexo... o sexo acalma-os sempre. Agora dou por mim a querer fazer sexo com ele, não porque me sinto excitada, mas para consertar as coisas. Quero oferecer-me como um pedido de desculpas por ser quem sou.

Ele levanta-se de um salto e põe o braço em redor das minhas costas enquanto eu me levanto desajeitadamente. Uma multidão de pessoas

de fato já meio embriagadas reclama a nossa mesa mesmo antes de eu conseguir tirar a minha mala do banco. Ainda estou a processar mentalmente as coisas quando somos cuspidos para o passeio ao lado da margem do rio, onde um vendedor de revistas murmura os seus pregões desesperados. Estou a tentar regressar à boa sensação que me invadia antes, mas acabei de imaginar a nossa ligação a desaparecer. Provavelmente. Principalmente porque...

Não tenho tempo para pensar em mais nada. O Simon puxa-me para si e geme quando os nossos lábios se encontram. Ficamos uns bons 20 minutos aos beijos ali mesmo, em frente ao vendedor de revistas, e Londres desvanece-se num vazio. Esqueço-me de quanto beijar me torna uma criatura perfeitamente incapaz. À medida que a biologia assume o controlo, perco toda a noção do medo e sinto-me invadida com os inebriantes efeitos da química. O Simon interrompe os beijos, pega-me na mão e arrasta-me para a estação de metro, sempre com aquela expressão de sobrancelhas levantadas como quem sabe que o sexo está iminente. Dou instruções a mim mesma para me sentir entusiasmada em vez de tensa.

Faltam quatro minutos até passar o próximo metro da linha Circle, por isso voltamos aos beijos, afastando-nos apenas para decidir se mudamos em Tower Hill ou não.

— Vai poupar-nos dois minutos de viagem — digo eu.

— O que são dois minutos? — replica ele, puxando-me novamente para si.

O metro chega com um silvo. Entramos na carruagem meio vazia aos tropeções. Sob as luzes ofuscantes, concordamos tacitamente em suspender os beijos e sentamo-nos frente a frente. Este interregno de beijos dura a distância entre duas paragens antes que a minha ansiedade volte a disparar. Olho para o Simon e, como seria previsível, começo a passar-me com tudo o que já aconteceu e tudo o que está prestes a acontecer. Ele pegou no telemóvel e está a mexer nele com uma expressão vidrada. Por que motivo não está a olhar para mim com ar adorador, como eu estou a fazer com ele? É neste momento que tenho a primeira ponta de ansiedade. Depois, quando vamos a passar por Monument: por que razão ele ficou tão estranho

quando falei do meu emprego? Será que fui excessiva? Sou sempre tão excessiva. Porque não tenho praticado mais, treinado mais? Será que funciona? Serei capaz de o fazer?

Não digas nada, é a instrução que dou a mim mesma. Não puxes o assunto. Aprecia o momento. Vai lá fazer sexo com ele. Recupera a proximidade com outra pessoa. Sabes como fazer sexo, já o fizeste antes. Apaixona-te. É evidente que este homem gosta de ti. Olha! Ele acabou de levantar os olhos da BBC Sport e piscou um olho! Piscou-me o olho! Que piscar de olhos amoroso e romântico... Oh, já está de regresso ao telemóvel, mas não faz mal. Também não posso estar à espera de que fique a olhar para mim com ar adorador a viagem toda. É pedir demais. *Estás a pedir demais, como sempre.*

Mas a minha boca já está aberta e as palavras saem:

— Simon? Está tudo bem?

Ele levanta os olhos do ecrã e enrugando o nariz pela segunda vez nesta noite.

— Está, porquê?

Para de falar, para de falar, para de falar, para de falar.

— Não era minha intenção começar a falar tanto do meu trabalho...

— Não te preocupes com isso. Foi só um bocadinho pesado demais para uma sexta-feira à noite, não foi? Olha, é a nossa paragem! — Estende a mão para entrelaçar novamente os seus dedos nos meus e saio para a plataforma, um pouco com a sensação de que acabei de levar um murro na cara, mas também de que a culpa foi minha e, por isso, sou eu quem tem de resolver a situação.

— Mal posso esperar por te ter em minha casa — murmura ele contra o meu pescoço antes de o beijar.

Faço um som sexy pouco comprometedor e tento preparar-me. O que quis ele dizer com «um bocadinho pesado demais»? Eu não lhe contei quase nada. Porque é que esta expressão é usada tantas vezes para me descrever?

Avançamos energeticamente pela noite de sexta-feira, desviamos-nos de grupos de borguistas com roupas escassas e dos bêbedos cambaleantes que procuram o sentido da vida nas empadas de carne da Ginsters. Enquanto esperamos na paragem do autocarro, o Simon

beija-me. Cada beijo seu acalma a minha angústia e traz-me de volta ao momento. Quando entramos no autocarro, tento dizer a mim mesma que estou a ser tonta e a pensar demasiado nas coisas, como sempre me disseram que fazia. Tento convencer-me de que estou com disposição para sexo, fazendo verificações mentais para confirmar que estou pronta. Trago vestida uma roupa interior a condizer. Hoje de manhã fiz a depilação no duche. Tenho preservativos e uma escova de dentes na minha mala. Espero não ter fiapos de papel higiénico colados à vulva. Talvez possa ir à casa de banho antes para verificar?

Ouço o toque sonoro do botão de paragem a soar. O Simon levanta-se.

— É a nossa paragem.

Levanto-me com dificuldade e tento não cair quando o autocarro dá uma sacudidela ao travar. Ele sai primeiro e segura-me na mão.

— Minha senhora — diz, beijando-me as costas da mão.

— Cavalheiro — respondo, embora esteja a passar por um momento inexplicável em que dou por mim a achar o Simon absolutamente repulsivo. *És um estupor piroso*, penso. *A achar o meu trabalho estranho... Vai à merda, vais?*

Depois o momento desaparece, tão depressa quanto chegou. Solto uma gargalhada e faço uma pequena vénia.

O Simon está a puxar-me em direção ao apartamento dele e a murmurar palavras doces, como se isto fosse o comentário do realizador de um filme chamado *Tudo o Que Uma Mulher Deseja Secretamente Ouvir*.

— Tu és tão linda e sexy. Gosto mesmo, mesmo de ti. És espantosa.

As palavras dissolvem-se dentro de mim como mel em leite quente e apagam todas as dúvidas que haviam começado a invadir-me. Sinto-me poderosa por saber que ele me deseja. Se ele conseguir manter este nível de adoração durante todos os minutos da nossa vida em comum, então vai compensar certamente o facto de não aguentar ouvir-me a falar nem um minuto sobre o meu trabalho, sobre quão duro é; na verdade, pode até compensar o facto de o Simon ser um *pouco* piroso e... ups. Acabámos de entrar no apartamento dele e, depois de olhar em redor, vejo que está numa desarrumação atroz. Está imundo. Há

tralhas por todo o lado. É como se ele e o colega de casa fossem criaturas selvagens. *Que nojo, que nojo.*

— Desculpa lá. A senhora da limpeza só vem no domingo de manhã.

O Simon levanta-me os braços por cima da cabeça para me tirar a camisola antes de eu me sentir preparada para a despir. Quero dizer, ainda estamos no corredor, que, por sinal, está atafalhado. Ele nem sequer se deu ao trabalho de fingir que vamos beber um café primeiro.

Eu gostava de conversar um pouco mais, de ouvir algumas palavras tranquilizadoras antes, mas a minha camisola já saiu e o Simon está a comportar-se como todos os homens se comportam quando sentem o mais débil aroma a sexo. Os olhos dele têm aquela urgência furiosa e agora está a mergulhar a língua na minha boca. O momento tornou-se tão primitivo. Sinto-me como um pedaço de... isco? *Oh, céus, para de pensar, cérebro!* Tento concentrar-me em beijá-lo também e perder-me no instinto; tento sentir-me bem e sexy e fazer todas as coisas certas, mas, sim, tenho um olho aberto para observar o apartamento e tentar perceber o que o espaço diz do carácter do Simon. A desarrumação faz com que seja difícil deduzir grande coisa. É um ambiente típico de homens-colegas-de-casa — duas poltronas reclináveis e uma mesa de pinho do IKEA cheia de jornais velhos. Viro-me para poder observar a cozinha. O monte de louça por lavar e a quantidade de migalhas em cima da bancada não me deixam muito bem impressionada. Quero dizer, ele tem anos e não consegue limpar uma bancada?

— Vamos para o meu quarto. — A ereção do Simon comprime-se contra as calças do fato e a camisa já está desabotoada até meio.

— Está bem.

Vamos aos tropeções, presos pelos lábios. Ele continua a desabotoar a camisa, por isso ponho as mãos nas costas dele e arranho-o ligeiramente, só para sentir que estou a contribuir para o momento. Os gemidos dele amplificam a urgência e passamos bruscamente pela porta do quarto. No varão dos cortinados está uma bandeira do País de Gales, o que me surpreende, porque ele não parece ser galês. O Simon é galês? Precisamos de saber se um homem é ou não galês antes de o deixar enfiar o pénis dentro de nós? *Oh, Deus — cala-te, cérebro! Aproveita o sexo. Qual é o teu problema?*

Caímos de costas na cama por fazer, no meio de baques surdos e risadas. A intimidade da gargalhada dele excita-me um pouco. Transmite-me novamente a sensação de que é real, de que é certo, e volto a concentrar-me no momento. O meu cérebro sossega o suficiente para lhe puxar a camisa e a atirar para o chão como se fosse uma assanhada de verdade — não uma gata assanhada, que essas não têm polegares opositores. *Cala-te, cérebro, cala-te.* O Simon puxa-me suavemente a pélvis para cima para tentar tirar-me as calças de ganga justas. Safa-se maravilhosamente, até que as calças ficam presas nos meus tornozelos. Debruço-me para o ajudar.

— Não! — Ele dá-me uma palmada nos braços e puxa-me as calças com força.

Chocada, digo:

— Só estava a tentar ajudar.

— Pois, não ajudes.

Ele debate-se durante mais algum tempo para as tirar, enquanto resmunga:

— Mas que merda de roupa é esta? — Depois, mal as consegue fazer passar pelos meus pés, sorri-me com ar triunfante, todo convencido, e *voilà!* Como se não tivesse acabado de me dar uma palmada. Como se eu tivesse a obrigação de achar sexy que ralhem comigo.

Não sei bem o que fazer, por isso levanto-me e beijo-o, ansiando por ternura para contrabalançar a atitude dele. Mas o Simon enrola o meu cabelo no punho, puxa-me na direção dele com brusquidão e usa a outra mão para tentar desapertar-me o soutien. Sei que este soutien em particular tem um truque no gancho e que ele se vai debater com ele, mas já aprendi que o Simon não aprecia indicações. Por isso, percorro mentalmente todas as coisas de que gosto no Simon, para tentar regressar ao momento, enquanto faço de conta que ele não está quase há um minuto a tentar abrir-me o soutien: o Simon responde sempre às minhas mensagens com uma rapidez adequada. Faz-me rir. Não é como as outras pessoas que trabalham em finanças. Lembro-me de como nos rimos sem parar durante o nosso primeiro encontro, porque o empregado de mesa era tão incompetente que nos ignorou durante muito tempo. Lembro-me de como apareceu no nosso segundo

encontro com um ramo de túlipas porque lhe tinha dito que eram as minhas flores favoritas. Lembro-me da mensagem amorosa que me enviou na semana passada, desejando-me as melhoras quando tive de desmarcar o nosso encontro por ter apanhado uma bicheza qualquer que correu toda a gente no escritório. *Ninguém é perfeito*, penso, enquanto ele consegue desfazer-se dos boxers e me instrui silenciosamente para tirar as cuecas. *Tenho tanta sorte de o ter conhecido*, comento para comigo, enquanto espero apoiada nos cotovelos que ele se desembarace com o preservativo. *Isto pode mesmo ser o início de qualquer coisa*, penso, quando ele me inclina para trás. Inspiro três vezes, subtil e profundamente quando ele está prestes a entrar em mim, preocupada com a hipótese de isto não resultar, de que me magoe, que seja terrível e que a minha vida fique arruinada..., mas... oh, graças a Deus, ele conseguiu entrar e estamos a fazer sexo. Suspiro de alívio e todo o meu corpo se descontrai. O Simon interpreta o meu suspiro como um sinal de satisfação e solta um suspiro também. Puxa-me o rosto na direção dele e fita-me nos olhos. Para dizer a verdade, até é agradável. Gosto disto. É ternurento, real e seguro durante dois minutos inteiros na posição de missionário. Depois os olhos dele abandonam os meus, o rosto tolda-se e o Simon torna-se mais brusco, investe com mais força, como se não lhe importasse de todo se estou aqui ou não. Porque é que eles fazem sempre isto? Porquê? Preciso que ele olhe para mim. Preciso que me veja. Preciso de sentir que isto é alguma coisa significativa. Mas o impulso porno tomou conta dele e volto a sentir-me um zero à esquerda... estou prestes a perder o controlo, a descer em espiral para longe deste quarto, para longe dele, enquanto mergulho na escuridão. Tento agarrar-me e finco as unhas.

Mas a seguir as coisas só pioram. Ele sai e, sem me perguntar sequer, sem querer saber de mim, sem me dar um beijo ou demonstrar o menor carinho ou ternura por mim, começa a virar-me e a pôr-me de quatro. É tão frio e insensível e, não, *não!* Para onde é que ele foi? Porque é que ele está a agir como se eu não estivesse aqui? A minha ansiedade aumenta cada vez mais, o meu estômago contorce-se quando ele me dá um puxão no cabelo. O homem simpático por quem

pensei que podia apaixonar-me desapareceu e eu entro em pânico.

Não sou capaz...

Fico imóvel. Primitivamente suspensa naquele momento. O medo inunda-me.

Ele nem repara, ou talvez esteja a fazer de conta que não repara. Seja como for, está a preparar-se para recomeçar, apesar de sentir o meu corpo contraído, mas não...

Não, não, *não*.

Assim não.

Por favor, assim não.

O papel de parede branco.

Não. Mas, *oh, céus*.

Isto será muito mais fácil, *tão* mais fácil, se eu alinhar e pronto.

Mas não sou capaz.

Não sou mesmo capaz.

— Desculpa — digo, com uma voz débil. Viro-me de costas para não ficar debruçada sobre a cama. Debato-me contra o impulso de o pontapear e de fugir do quarto a correr.

— Mas que raio?!

Levanto os olhos e vejo o pânico a espalhar-se pelo seu rosto. Está de boca aberta, com os lábios ligeiramente enrolados.

Merda. Dei cabo de tudo, dei cabo de tudo, dei cabo disto tudo. Estou aterrorizada e só quero sair daqui, mas agora que estraguei tudo também não consigo aguentar a expressão do rosto dele.

— Não... não estou a entender. O que se passa?

— Podemos não ficar... naquela posição? — A minha voz é mais um guincho do que uma voz propriamente dita. — Não esta noite. — Em desespero, procuro uma desculpa. — Quero ver o teu rosto.

— Oh — diz o Simon, ali de pé, despido. — Oh — repete.

— Sim? Ótimo — confirmo, tentando fazer das tripas coração para me erguer e o beijar, para tentar recuperar o momento. Se ele fosse um pouco mais terno, acho que conseguiria regressar ao momento anterior. Podemos recuperar disto, não há problema, ele continua a beijar muito bem... ou não? O Simon quase não corresponde aos meus beijos. Consigo saborear a sua hesitação. E, quando olho para baixo,

vejo que o meu comportamento teve um impacto esmorecedor no entusiasmo dele.

Merda. Merda, merda, merda, merda.

Não devia ter dito nada.

Qual é o meu problema?

Porque é que fiz isto?

A ansiedade pulsa através do meu corpo, o pânico começa a subir de intensidade. Interrompo o beijo, apesar de saber que falar disto só vai piorar a situação.

— Está tudo bem?

Os olhos dele estão completamente arregalados. Não, o Simon não está bem.

— Sim — estremece ao articular esta única palavra. Depois: — Quero dizer, bem, na verdade... — Senta-se na beira da cama, longe de mim, indicando o fim do sexo e, tenho quase a certeza, o fim de nós. A minha garganta comprime-se com o mais profundo ódio por mim mesma. Anseio encontrar uma realidade alternativa onde possamos continuar sem interrupções. Onde eu seja um tipo de mulher que adora uma investida meio pornográfica de alguém com quem está na cama pela primeira vez. — Eu só... bem, fizeste-me sentir mal. Não estava a fazer nada de errado... — As palavras dele desvanecem-se e deixa cair a cabeça.

— Eu sei que não estavas! Desculpa! Peço imensa desculpa. É só que... — Não lhe quero contar, mas também não sei como lhe posso explicar o que se passa se não lhe contar o que me aconteceu. Vou tentar aligeirar a questão. Certamente serei capaz de o fazer. — É só que... hum... há muito tempo, tive uma má experiência e por isso às vezes preciso de mais um bocadinho de tempo... — Os olhos dele arregalam-se, o pânico flui agora verdadeiramente livre por todo o seu corpo. O meu coração está a implodir, mas continuo determinada a salvar-nos. — Escuta, não é nada de mais, eu estava a gostar mesmo. Ei? Ei... — Atiro-me a ele, enrolo as pernas nuas em volta da cintura dele e beijo-o ainda com mais desespero. Passo as mãos pelas costas dele, arranho-lhe a pele, tento ser sedutora como as mulheres dos filmes.

Porém, ele ignora-me e limita-se a fitar a parede.

— Eu... acho que não podemos fazer sexo agora — anuncia, antes de se levantar subitamente, deixando-me como se eu fosse um casaco que despiu no chão e encaminhando-se a passos largos para a casa de banho do quarto. Vejo-o urinar. Observo-o enquanto reúnio as minhas roupas, com o coração na iminência de se partir. Estou à espera de que ele se sente e diga que talvez devêssemos conversar sobre o que aconteceu. Apesar de estar desorientada, acho que consigo ultrapassar isto, dar pouca importância ao percalço, rir até encontrarmos a vontade de nos envolvermos. Mas ele não fala. Desliga a luz e regressa à cama, como se eu não tivesse dito nada, como se fôssemos um casal fatigado que está casado há um milhão de anos. E, assim sem mais nem menos, o Simon, o homem que pensei que podia ser o amor da minha vida, é novamente um desconhecido. Toda a ligação que havia entre nós acabou de ser despejada na sanita.

Ele sorri com desconforto.

— Já é tarde e eu tive uma semana infernal no trabalho. Podemos dormir?

Assinto, vestindo a roupa por cima da cabeça para proteger o meu corpo nu. Ele debruça-se e dá-me um beijo na testa.

— Estás bem? — pergunta, deixando bem claro que a única resposta aceitável é sim.

— Sim.

Satisfeito por ser um homem bom, que até se deu ao trabalho de perguntar se estou bem, tapa-se com o edredão ligeiramente fedorento e vira-se de lado.

— Boa noite — diz, já de costas para mim.

— Hum... boa noite.

Há um puxão no edredão, um gemido, um movimento, enquanto eu estou aqui a fitar o teto, deitada ao lado de um desconhecido. E a seguir o Simon faz o impensável.

Adormece.

Nem sequer estou por baixo do edredão quando a respiração dele se transforma num silvo ritmado e o corpo começa a ficar pesado. Inspiro profundamente e curvo-me com calma para pegar nas minhas cuecas,

que continuam no chão. Levo a camisola ao nariz e cheiro o fumo do tabaco e a transpiração do dia. Depois deito-me ao lado daquele homem, ali no quarto escuro, e chego a contemplar a possibilidade de dormir também. Gostava de dormir. Gostava de abandonar a realidade neste instante, de fazer de conta que esta merda não acabou de acontecer. Podia acordar de manhã, retemperada e a transbordar de energia e entusiasmo, desvalorizar com uma gargalhada o que aconteceu e dizer que não teve importância, para logo a seguir o seduzir e ter uma boa sessão de sexo que voltasse a colocar-nos nos eixos.

Talvez algumas raparigas achem que isto é possível?

Embora aposte que essas raparigas não se teriam comportado como uma frígida maluca logo para começar... Raparigas como a *Gretel*.

É este pensamento que desencadeia o acesso de choro. Algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto e mergulham na franha suja do Simon. Fungo e limpo o rosto, enquanto fito a escuridão do teto. O Simon mexe-se e fungo ainda mais alto, alimentando uma fantasia na minha cabeça. A fantasia de que ele acorda e percebe como estou triste, o que faz surgir uma torrente de amor da parte dele. Senta-se na cama, liga a luz e diz: «Então, então, o que se passa?» Eu respondo: «Desculpa, fiz com que isto fosse desconfortável.» Ele afasta-me o cabelo do rosto e replica: «Desculpa, eu também fiz com que isto fosse desconfortável.» Depois rimo-nos os dois do desconforto. A seguir ele afasta-me novamente o cabelo, porque, sejamos sinceras, este gesto nunca passa de moda, e diz: «Peço imensa desculpa, April, não queria passar-me. Fico tão feliz por confiares em mim e me contares o que aconteceu. Agora que já tive algum tempo para digerir, não tem importância. Eu gosto mesmo, mesmo de ti e estou tão entusiasmado por nos termos conhecido.» Não precisamos de mais palavras, de mais conversas. Deixamo-nos cair nos braços um do outro e os beijos transformam-se em sexo arrebatador — daquele que vai apagar por completo o incidente desagradável que acabámos de partilhar.

Esta fantasia acalma-me por instantes. Viro-me e observo o rosto sereno do Simon, banhado pela luz artificial alaranjada do candeeiro de rua, vejo o ondular da sua respiração. A minha fantasia

desencadeia uma profunda sensação de amor por ele. Por este homem que, na minha imaginação, é perfeito.

A sensação dura um minuto. Antes de a verdade se instalar à sua volta.

A verdade é que arruinei as minhas hipóteses com este homem e ele arruinou as suas hipóteses comigo. Que tipo de pessoa é capaz de adormecer quando a mulher em cujo corpo esteve ainda há pouco está claramente triste e perturbada? Fungo numa derradeira tentativa de o acordar, para ver se ele pode ser o homem que preciso que seja. Mas não adianta. Ele continua perfeitamente inconsciente. É neste momento que a raiva que lhe dirigi se vira contra mim, naquela que é a minha reação previsível ao trauma. A vergonha e culpa bombardeiam o meu corpo e encham-me de ódio.

Lixei tudo, lixei tudo, lixei tudo.

Como sempre, lixei tudo, como sempre, lixei tudo, como sempre, lixei tudo.

Porque estou demasiado lixada da cabeça, estou demasiado lixada da cabeça, estou demasiado lixada da cabeça.

As lágrimas ganham força. O meu peito sobe e desce violentamente com o esforço de controlar os soluços. A água salgada ensopa-me o cabelo, pinga-me do rosto. Até que os soluços acabam por se tornar demasiado grandes para serem abafados. Vou delicadamente em bicos dos pés até à casa de banho do Simon, para poder dedicar-me ao sério processo de desabar por completo. Inicialmente, tento agarrar-me à sanita para chorar, mas ele deixou manchas de fezes na porcelana e só de olhar para elas dá-me vontade de vomitar. Baixo a tampa e aninho-me no tapete da banheira.

Ele nem sequer se deu ao trabalho de limpar as manchas da sanita antes de eu vir cá a casa. É o quanto significas para os homens que significam alguma coisa para ti. Nem sequer vales o esforço de raspar as manchas de merda seca da sanita.

Acabo em posição fetal, com a testa apoiada no chão, os pulmões sacudidos por ondas de desespero puro. A certa altura, ouço o colega de casa do Simon a entrar. Mordo o lábio e gemo silenciosamente enquanto ouço os ruídos que faz para se preparar para ir para a cama.

Ouço-o fazer qualquer coisa na cozinha, ouço o som baixo da televisão, um programa tardio qualquer de humor com gargalhadas artificiais. Ouço o som da comida a ser raspada do prato. Imagino como o Simon vai contar àquele homem sem rosto o que aconteceu connosco. Imagino o choque dele. As palavras que vai usar. «Infelizmente, está demasiado traumatizada.» «Fico melhor longe dela.» «Há mais peixes no mar.» Ouço a televisão a desligar, o exaustor da cozinha a parar. O apartamento volta a mergulhar no silêncio.

Tenho plena consciência de como me sinto sozinha.

Todos os momentos mais solitários da minha vida envolvem um homem a dormir quando sabe que o mais provável é eu estar a chorar.

Só me restam duas opções: a) ser a maluca que fugiu durante a noite, ou b) ser a maluca que ainda lá estava de manhã. Escolho a opção b), porque uma parte estúpida de mim ainda está determinada a fazer com que isto resulte, sabe-se lá como. Não consigo aguentar a humilhação de estar tão errada a respeito dele. Podemos muito bem acordar sóbrios e conseguir falar sobre o que aconteceu. Certamente não imaginei a proximidade que havia entre nós... Não precisamos de conversar sobre o que aconteceu, eu não *quero* falar sobre isso — quero apenas falar, da forma descontraída e boa como falámos ao início da noite, pode voltar a pôr-nos no caminho certo.

Por volta das 3 da manhã, arrasto-me para a cama do Simon e tento perder a consciência. Recordo as minhas memórias favoritas de momentos que partilhámos até agora. O nosso primeiro encontro, o nosso primeiro beijo, o cheiro dele, o...

Acordo com um sobressalto.

Sinto a cabeça a latejar por ter bebido demasiado vinho e ter chorado demais. A minha boca está terrivelmente seca. O Simon está acordado, sentado na cama. Juro que ele faz uma careta quando se apercebe de que me mexi. Qualquer esperança que acalentasse morre de imediato com aquela careta. O meu instinto entra naquele modo familiar de separação iminente — sinto o estômago às voltas, o lábio superior a tremer, sinto a inevitabilidade resignada de tudo isto.

— Bom dia — digo.

— Bom dia.

— Dormiste bem?

— Dormi, e tu?

Assinto a minha mentira e reparo que ele não se debruça para me dar um beijo.

— Queres ir tomar o pequeno-almoço? — pergunta. — Há um café do outro lado da esquina. Fazem umas torradas com abacate muito boas. Gostas, não gostas?

Ele quer acabar com isto durante o pequeno-almoço para não se sentir tão mal consigo mesmo. Mas eu não posso ir por aí. Não posso permitir que alguém me atire uns piropos simpáticos enquanto comemos fatias de pão ázimo e me diz que nunca mais me quer ver pela frente. Não há neste mundo quantidade suficiente de torradas com abacate que possam aligeirar o ferrão da rejeição.

— Não é preciso. — Levanto a mão. — Não precisas de fazer isso.

— Mas vai ser agradável.

Abano a cabeça.

— Simon, podemos só falar do que aconteceu ontem à noite? Não precisas de me pagar o pequeno-almoço.

Mesmo no meio da minha angústia, há uma parte de mim que aprecia ver o tumulto interior de um homem a transparecer quando este se apercebe de que vai ter de falar das suas emoções. Os olhos do

Simon arregalam-se, como se fosse um vegetariano que trinca acidentalmente um pastel de carne. Deixo-o pensar no silêncio de que ele precisa e preparo-me para o impacto.

— Eu não tinha intenção de te magoar — diz ele, por fim, mas sem me olhar nos olhos. — Ainda nem sei muito bem o que aconteceu.

— Pois, porque não me perguntaste o que aconteceu, pois não? — saliento. — Não falaste comigo sobre nada. Limitaste-te a dormir.

Ele percebe a minha crítica, hesita e depois recupera.

— Sim, desculpa-me por isso. Estava em choque e, sabes, tenho andado tão stressado com o trabalho. Admito que podia ter lidado melhor com a situação.

Espero pelo «mas...». Componho o meu rosto em modo de batalha.

— Mas...

Cá está.

— O que se passa é que, neste momento, eu não estou à procura de uma relação séria. E...

— Não mintas — interrompo.

— Como?

— Estás à procura, sim. Só não queres uma relação séria comigo. Pelo menos admite-o, Simon.

Ele passa a mão pelo cabelo e é nesse momento que reparo na linha do cabelo dele, que já está a retroceder. Reparo no espaço amplo por cima da testa. Restam-lhe um ou dois anos, no máximo, antes que as entradas se unam no cimo da cabeça, obrigando-o a rapar o cabelo.

— Não entendo por que razão estás a ter esta atitude.

— Porque acho que temos ambos idade suficiente para lidar com a verdade. — Suspiro e abano a cabeça.

— Não somos propriamente velhos...

— Já temos mais de 30 anos.

— Isso não é ser *velho*. — Ele parece genuinamente ofendido por eu ter sugerido sequer a noção de idade. Abano a cabeça novamente e dou por mim a desejar que houvesse um sítio de apostas qualquer onde pudesse arriscar todas as minhas poupanças em como ele, no último ano, já se referiu orgulhosamente a si mesmo como sendo o *Peter Pan*.

— Olha, não importa, vamos só despachar isto. — É realmente incrível o facto de eu não estar a chorar. Na verdade, pareço muito descontraída, desligada e atrevida, tudo coisas que tenho a certeza de que iriam alimentar esta relação se as tivesse conseguido invocar na noite passada em vez de me deixar dominar pelos meus gatilhos. O Simon parece igualmente atordoado com a transformação do meu carácter. A dúvida instala-se no meio das suas sobrançelas. Mas vai despachar o assunto, porque continua sem conseguir olhar-me nos olhos.

— Eu gosto mesmo de ti — começa ele. É assim que começa sempre. — És bonita, inteligente, és engraçada e bondosa. — Assinto. É tudo verdade. Mas estas coisas não parecem fazer de mim uma pessoa digna de ser amada — sou demasiado quadrada e perturbada para isso. Espero pelo segundo «mas...». O «mas...» que tem sido a causa de toda a infelicidade da minha vida adulta. — Mas, para te dizer a verdade, eu não tenho sentido que... — a sua voz desaparece.

Fecho os olhos. Conto até três. Inspiro profundamente várias vezes. Deixo que a rejeição me inunde, mais uma vez.

Ele não consegue lidar com a dor que está a provocar-me. O Simon acha que é um tipo decente. E talvez até seja, para outras mulheres que não eu. Desesperado, já começou a procurar pelas atenuantes que o façam sentir-se melhor.

— Tu és espetacular, és tão espetacular. A noite de ontem foi só... bem... Mais uma vez, desculpa. Não sei o que se passou comigo.

Consigo erguer o olhar para o encarar.

— Oh, por amor de Deus, para de mentir.

Ele recua de supetão, com a postura a alterar-se de imediato para modo de defesa.

— Não estou a mentir!

— Estás sim, e é entediante. Diz a verdade e pronto. Céus!

— Olha, para de fazer de mim um vilão! Como disse, não tenho sentido que isto seja exatamente o que eu preciso, mas pensei que era o suficiente para ver o que podia acontecer entre nós. E, bem, ontem à noite... Não sei se sou o tipo indicado para entrar numa relação assim, está bem? Não sou um homem maldoso por querer ter uma vida

sexual normal e não uma...

A palavra «normal» atinge-me com mais força do que uma bala. Explode assim que me bate. Ele não acabou a frase, mas deixou bem claro: o problema sou eu, não ele. O Simon cruza os braços. Nem consegue olhar para mim. O lábio inferior comprime-se num beicinho. É uma atitude que diz «Olha o que me obrigaste a fazer».

Levanto-me. Não consigo, não consigo continuar aqui. Vou chorar, vou chorar, vou chorar, mas não vou dar ao Simon a satisfação de ver as minhas lágrimas.

— Adeus, Simon — digo, calçando as sandálias com toda a dignidade que consigo reunir.

— Ainda podemos ir tomar o pequeno-almoço — diz ele, com ar vazio, a olhar para o soalho.

Enquanto guardo as coisas na minha mala, quase consigo ouvi-lo a queixar-se ao colega de casa.

«Ela começou a agir como se eu fosse um parvalhão, mas eu até me ofereci para a levar a tomar o pequeno-almoço fora! Eu é que tentei ser adulto no meio desta história toda! Que pesadelo! Ela só está a transferir para mim aquilo que aconteceu com o outro tipo. Eu não sou um tipo mau. Estava apenas a ser honesto.»

Ou pior ainda, imagino-o a nem sequer falar de mim. Porque não signifiquei o suficiente.

Debruço-me e o meu coração parece que vai sair-me pela boca. Tenho sede, estou magoada, sinto-me humilhada e farta disto.

Ele não me segue até à porta. Deixa-se ficar sentado com o rosto nas mãos, certamente a congeminar uma forma de sair desta história toda como a vítima.

— Tem uma ótima vida! — grito por cima do ombro enquanto saio, e estremeço ao ouvir-me dizer isto, porque parece uma frase feita saída de um filme mesmo foleiro. Espero pelo elevador, mergulhando numa última fantasia desesperada. Imagino-o a perseguir-me até ao corredor, a travar as portas do elevador antes de elas se fecharem, a dizer-me que foi tudo um erro terrível, que fará o que for preciso para me ter de volta. Quero que ele me queira, apesar de saber que, se realmente me der tempo para pensar, eu não o quero. Não de verdade.

Não quero este verdadeiro Simon que mal tive tempo para conhecer.

As portas deslizam ao abrir. Entro no elevador. As portas fecham-se sem quaisquer perseguições e revelações dramáticas. Pego no telemóvel para ver se tenho uma mensagem do Simon a pedir-me para esperar.

Em vez disso, tenho cinco mensagens da Megan:

Megan: Não vieste para casa. SERÁ ESTA A NOITE?

Megan: O que é a vida sexual? Já me esqueci.

Megan: Comi as sobras da tua lasanha. Desculpa, mas não estou arrependida. Se não querias que as comesse, devias ter vindo para casa para me impedir. Sabes como eu sou.

Megan: Sim, estou a culpar a vítima, é verdade.

Megan: Também comi o teu pudim...

Nem ela consegue fazer-me sorrir. Pestanejo e volto a pestanejar. As portas do elevador abrem-se com um sinal sonoro e sou cuspidora para as ruas sujas e cheias de lixo de Londres numa manhã de sábado. Encosto-me à parede do prédio de construção recente do Simon, ao lado de um casal de pombos que está a debicar uma poça de vomitado, e fico a observar os autocarros a passarem, os corredores a correrem, os ciclistas a andarem de bicicleta, enquanto espero alguns instantes antes de responder à Megan. Estes são os meus últimos momentos em que posso mostrar ao mundo exterior que sou capaz de ter uma relação. Neste momento, só eu e o Simon sabemos que acabámos de nos desintegrar. Os meus amigos e colegas continuam a acreditar que a April pode ter a capacidade de conhecer um rapaz simpático e ir para lá do quinto encontro. As dúvidas que têm a meu respeito estão a desvanecer-se. Estão a pensar: *Mas que bom*. Assim que enviar a mensagem à Megan e lhe revelar o fim, esta capa de verniz estala. A narrativa vai voltar a concentrar-se na minha incapacidade. Vou ter de passar pelo humilhante processo de contar a toda a gente sobre o Simon e acrescentar que, não, infelizmente não resultou. Vou ter de suportar as explicações repetidas sobre o que se passou, as mentiras de «bem, ele também não te merecia», quando, na verdade, estão a pensar secretamente: «hum, questiono-me se haverá qualquer coisa de errado nesta rapariga», antes de voltarem aos seus

assuntos, às suas vidas e às suas relações que parecem achar tão, *tão* mais simples do que eu acho.

April: Estou a ir para casa. Acabou. Antes sequer de começar. Não estou bem.

Enquanto choro silenciosamente por toda a linha District e fito a escuridão com uma expressão vazia, ninguém me pergunta se estou bem. Dois turistas, armados com máquinas fotográficas e a tresandar a protetor solar, reparam nas minhas lágrimas e discutem a minha situação baixinho, numa língua que não entendo. Mas decidem não fazer nada.

Assim que tenho rede, o meu telemóvel vibra com as respostas da Megan.

Megan: Merda

Megan: Lamento muito, querida.

Megan: Estou aqui para ti. Só saí de casa para te ir comprar um pudim. Vários pudins.

Megan: Tu VAIS ultrapassar isto.

Trémula, respondo: «Adoro-te, beijinhos» e concentro-me, numa tentativa de me recompor. É só um homem. Um único homem. Sou capaz de lidar com isto. Já o fiz antes. Muitas, muitas vezes. Concentro-me na minha caixa torácica a expandir e a contrair, na minha respiração a entrar e a sair, mesmo que seja em curtos e agudos acessos de tristeza. A carruagem para com um solavanco na estação de South Kensington e sou a primeira a sair quando as portas se abrem. Não consigo lidar com as multidões de turistas molengões, hoje não. Salto para a plataforma e subo os degraus a correr, dando uma cotovelada a uma mãe stressada que empurra um carrinho em direção à saída do Museu de História Natural. Ela grita-me e eu dou por mim a resmungar: «Vai à merda», enquanto continuo a correr. Nem sequer me sinto culpada. Só consigo pensar que ela mereceu a cotovelada, ela que tem três filhos e a vida toda organizada, ela que se meteu à minha frente quando estou a desabar e quando provavelmente nunca vou conseguir ter aquilo que ela tem — por muito que me esforce.

Serpenteio pelas ruas secundárias até chegar às antigas cavaleriças onde se esconde o apartamento da Megan. Atrapalho-me com a chave, as lágrimas já a caírem-me copiosamente pelo rosto e, assim que abro a porta, a Megan está ali. Com os braços abertos e um pudim de chocolate em cada mão. Tem uma expressão tão triste quanto eu me sinto. Atiro-me para os braços dela e choro até ficar sem lágrimas.

Aqui estão os sinais de alerta que ignorei no caso do Simon porque estava tão desesperada por que ele representasse o fim deste inferno de encontros em que vivo: sim, ele respondia sempre às minhas mensagens, mas nunca me ligou. Sempre que combinámos um encontro, eu tinha de me adaptar às rotinas e compromissos diários dele, nunca ele aos meus. Os pais dele ainda estão juntos, mas no nosso terceiro encontro ele mencionou, depois de beber três martínis, «Acho mesmo que eles já não se amam, se é que alguma vez se amaram», o que tem certamente impacto naquilo que considera ser uma relação saudável. Ele raramente me fazia perguntas pessoais e parecia ficar entediado com as minhas respostas. Em certa ocasião, referiu-se à ex-namorada como sendo «um pouco louca». Fez um ar de desdém quando falei da minha amiga Chrissy e da sua batalha contra a depressão, dizendo que «é um mau hábito». Admitiu que só fez voluntariado no abrigo daquela vez para conhecer mulheres e que achou a ocasião divertida.

Mas o maior sinal de alerta de todos? Disse que estava à procura de «uma parceira no crime», o que toda a gente sabe que é uma metáfora para «uma mulher que não é real».

— Continuo sem entender — digo à Megan, já deitada no sofá. Estou exausta e cheia de manchas vermelhas na pele.

— Não há nada para entender. Ele é um parvalhão! — A Megan sentou-se com os pés enroscados por baixo do corpo e a luz dourada do sol está refletida no seu cabelo preto, transformando-o num tom cinzento.

— Mas será mesmo?

— Sim.

— Ele não fez nada de errado.

— Ele é um homem, é claro que fez alguma coisa de errado.

— Não, o problema sou eu. Há qualquer coisa de errado comigo. — A minha voz quebra-se, e a Megan debruça-se sobre mim para me acariciar suavemente a perna e murmurar o tipo de mentiras que se murmuram às pessoas que estão no meu estado.

— Pronto, querida. Ele não vale as tuas lágrimas. Podes arranjar muito melhor.

Endireito-me subitamente.

— Eu *não quero* arranjar melhor, o problema é esse! Estou preparada para me contentar com o que aparecer! Tenho 33 anos, caramba! Não estou à espera de que o cabrão... o cabrão do Gaston me venha bater à porta.

O rosto da Megan contorce-se com gargalhadas.

— Para com isso!

— Mas quem é que *alguma vez* ia querer sair com o Gaston?

— Sabes bem o que quis dizer. Estou tão confusa — digo, encolhendo as pernas, com a voz inexpressiva. — Pensei que estava tudo a correr tão bem. Eu sou doida, completamente doida. Deve haver mesmo algo de muito errado comigo.

— Não — responde a Megan com firmeza, continuando a dar-me palmadas ritmadas na perna. — Há algo de muito errado é com os *homens*. Os homens não merecem as mulheres. Quantas vezes tenho de

te dizer isto?

Pego numa das almofadas da Megan e enterro o rosto nela.

— Se pelo menos eu tivesse conseguido manter uma atitude mais descontraída.

— Queres dizer, se pelo menos tivesses feito sexo de uma forma que te deixa desconfortável, podias ter conseguido manter uma relação?

— Sim — resmungo, para a almofada *Laura Ashley*.

— E queres mesmo estar com alguém que não respeita as tuas fronteiras sexuais?

— Mas não é suficientemente justo que ele queira fazer sexo à canzana? Não admira que se tenha passado comigo. É uma coisa perfeitamente normal! Eu é que sou demasiado estranha e difícil e nunca nenhum homem me vai querer porque sou uma LOUCA varrida, que dá demasiado trabalho! — E as lágrimas voltam a cair.

A Megan estende o braço.

— Para a minha *Laura Ashley*, não — diz ela suavemente, o que me faz rir enquanto choro. — Escuta, o homem certo, e nem precisava de ser o homem certo, bastava ter o mínimo de decência, podia aceitar perfeitamente o facto de não queres ficar nessa posição logo da primeira vez que vão para a cama. É bastante extremo para uma primeira vez. Não és nada louca! Quero dizer, o que ele fez é, no mínimo, falta de educação.

— E eu *consigo* fazer sexo com o homem atrás de mim — digo. — Até consigo desfrutar. Só preciso de me sentir segura para o fazer. Não gosto que aconteça demasiado depressa.

— Exatamente. E considerando o que aconteceu, essa atitude é absolutamente saudável. O Simon é só um palerma insensível e egoísta. Se ele estivesse mesmo interessado em construir uma relação verdadeira contigo, o que implica que se goste da pessoa por aquilo que ela é, não se teria passado logo nem usado a tua hesitação como desculpa. Quero dizer, não acredito que lhe contaste sobre... tu sabes, e que ele *ignorou* completamente a questão.

— Eu não o culpo. Quem *me* dera conseguir ignorá-la também. — Limpo os olhos e uso as costas da mão para limpar o ranho do nariz.
— Continuo a torturar-me com uma mulher imaginária chamada

Gretel — digo, à medida que mais lágrimas me caem pelo rosto. — Baseia-se numa rapariga com quem trabalhei há alguns anos, logo depois de ter acabado a faculdade. Só nos cruzámos durante alguns meses, mas todos os homens do escritório andavam obcecados com ela. Era extremamente confiante, sexy e segura de si. Tinha uma franja muito radical e conseguia sempre arranjar bilhetes para ir ao festival de Glastonbury porque «conhecia alguém». — Abano a cabeça. — Todos os homens do escritório se apaixonaram por ela e ela parecia excitar-se com o poder que exercia sobre eles... Agora, sempre que me sinto insegura, comparo-me com esta versão inventada que interiorizei dela e sinto-me uma porcaria. A Gretel faz sexo por trás e adora. Ela é brilhante no sexo. Nada perturba a Gretel. Ela é descontraída e está sempre a rir-se, passa a vida a meter-se em aventuras. Não há homem que saia com ela que a consiga esquecer. Ela nunca é carente, insegura ou ciumenta, logo é recompensada com a nata da nata de todos os homens do universo.

A Megan cruza os braços.

— A mim parece-me uma parva do piorio.

— Oh, meu Deus, ela era mesmo a maior parva do mundo. E todas as mulheres do escritório a detestavam.

— Acresce o facto de NÃO SER UMA MULHER REAL — grita a Megan, debruçando-se na direção do meu cabelo. — Não há mulher absolutamente nenhuma no mundo que não tenha inseguranças acerca de *alguma coisa*. Se queres que seja sincera, a Gretel parece uma verdadeira sociopata. A Gretel real e a imaginária. Estes homens todos que se apaixonavam por ela iam acabar por perceber que ela estava tão lixada da cabeça como todas nós. — Estende o braço e pousa-me uma mão no ombro. — Não há nada de errado contigo, April — diz calmamente. — Nada. Quero dizer, tu não és perfeita, ninguém é, mas não podes torturar-te com esta ideia de que as outras mulheres são melhores do que tu, porque não são. E também, quem é que quer ter a nata da nata de todos os homens do mundo? Os homens são terríveis!

Abraço os joelhos.

— Mas há tantas mulheres que parecem ser felizes nas suas relações — protesto.

— *Parecem ser.* — A Megan gesticula como se fosse a assistente de um mágico. — Aí está. Sabe Deus as coisas que têm de aguentar e de ignorar para conseguirem fazer com que a relação com aquele homem estúpido a quem estão presas «funcione».

A Megan está na invejável situação de ter desistido completamente do amor romântico e, por isso, é provavelmente uma das pessoas mais felizes e satisfeitas que conheço. Quero dizer, o facto de os pais serem podres de ricos ajuda, até porque herdou um apartamento de dois quartos no bairro de Kensington, mas, como a própria diz, «o que herdei em dinheiro e propriedade imobiliária também herdei em dinâmicas familiares lixadas e traumas vários». Estende a mão e puxa a minha cabeça dos joelhos.

— Pensa em todas as mulheres casadas que conhecemos, depois olha para os maridos delas. Há algum, um único, que não aches um pouco parvalhão e não te questiones por que motivo ela o atura?

Faço uma pausa para percorrer mentalmente os amigos de todas as minhas amigas com «casamentos felizes». Há o Joel, o marido da Steph, que compra bilhetes de época para o Chelsea e que, por isso, nunca passou um fim de semana inteiro com ela, à exceção da lua de mel, que durou duas semanas. E mesmo na lua de mel, ela diz que ele passou o tempo a ver futebol na televisão do hotel. Depois há o Stu, o marido da Kim, que corrige a gramática dela em frente às outras pessoas. Até o marido da Katy, o Jimmy, é alguém de quem ela reclama constantemente. «É que ele não faz mesmo nadinha», queixa-se ela. «Às vezes é preciso esforçar-me tanto só para ele consertar a porcaria de uma prateleira sem ter de lhe pedir um milhão de vezes.»

— Então são estas as minhas escolhas? — pergunto, enumerando-as com os dedos: — a) Aceitar que todos os homens são uns cretinos problemáticos que não nos merecem, mas mesmo assim tentar encontrar um homem para amar. Que é o que tenho tentado fazer, mas os homens aparentemente não querem estar comigo porque eu não sou como a Gretel, não obstante as enormes cedências pessoais que faço para tentar amar os seus reais e patéticos traseiros. Ou b) desistir, viver a minha vida sem um homem, continuar a usar um vibrador e encontrar um dador de esperma se um dia me sentir mesmo

desesperada por ter filhos?

A Megan aponta orgulhosamente para si mesma.

— Repararás que escolhi a opção B. E olha como sou feliz. Como tenho um aspeto *jovem*. — Toca na pele lisa por baixo dos seus olhos.

— Eu quero que existam mais opções além destas. Tenho mais opções sobre como preparar a merda do meu café. Estou tão deprimida.

A Megan inclina a cabeça.

— Eu sei, querida. Isso magoa. E lamento muito.

— Mas será que há... Será que sou... — Nem consigo articular as palavras, a pontada que sinto no estômago faz-me sentir enjoada, inútil e desesperada. — Será que sou... impossível de amar?

A Megan puxa-me para ela e abraça-me com tanta força que consigo cheirar o seu *Coco Chanel Mademoiselle*. Só a Megan para usar perfume num sábado descontraído em casa.

— É claro que não és impossível de amar! É tão possível amar-te, *eu* amo-te!

— Tu tens de dizer isso porque és minha amiga.

— Não. Digo porque é verdade.

— Estou demasiado destroçada para o amor. O Ryan danificou-me para lá do que é possível reparar, e os homens conseguem sentir isso. Eles querem alguém perfeito; eles querem a Gretel.

— Toda a gente está destroçada, querida — assegura-me. — E os homens são os mais danificados de todos. Não tem nada que ver contigo. Tu sabes que é assim. No fundo, sabes que é assim. E quantas vezes vou ter de te dizer? A Gretel NÃO É REAL!

Ouçó as palavras da Megan e sei que são as palavras certas, mas mesmo assim não acredito nelas. Lembro-me da expressão no rosto do Simon quando revelei uma parte minúscula de mim que não é descontraída e fácil. É uma expressão que vi repetidamente, ao longo dos anos e dos desgostos amorosos. Tantos homens diferentes, tantas feições diferentes, temperamentos, cores de olhos e estruturas ósseas — no entanto, todos desenharam as sobrancelhas naquele ângulo específico, e fizeram aquele movimento descendente do queixo, a expressão que fazem quando se apercebem de que nós somos demais,

quando percebem que, afinal, não têm a certeza se nos querem (embora continuem dispostos a dormir connosco e esconder as suas verdadeiras motivações até os apanharmos).

Não consigo continuar a fazer isto.

Não consigo ver novamente esta expressão num homem. Principalmente porque todos aqueles homens não eram assim tão especiais. É cansativo sentirmo-nos permanentemente tão impotentes.

O que significa quando um homem por quem estamos dispostas a fazer cedências não está disposto a fazer cedências por nós?

— Estás bem? — A Megan debruça-se para a frente; no rosto, uma expressão de preocupação, amor e compreensão. É o tipo de expressão que seria maravilhoso encontrar no rosto de um namorado, um só. Se os homens conseguissem amar as mulheres da forma que as mulheres se amam umas às outras, tudo seria tão mais fácil.

— Eu sou uma heterossexual tão relutante — admito.

A Megan aperta-me o joelho.

— Eu sei, querida. Somos todas, não somos?

Coisas que já tentei fazer para ter bons resultados com os homens

Ser verdadeiramente autêntica, transparente e genuína

O resultado?

«Nunca tinha sido obrigado a ter tantas conversas sobre os meus sentimentos. Parece-me demasiado.»

Ser leve e descontraída

O resultado?

«Falta aqui qualquer coisa, não te parece?»

Permitir apenas que as coisas aconteçam naturalmente: «O tipo certo vai aparecer quando não andares à procura dele.»

O resultado?

Não fiz sexo com ninguém durante um ano e meio.

Ser «menos picuinhas»

O resultado?

Acabei por dar cabo da vida durante os dois anos em que estive com o Ryan, por todas as coisas que ele me fez.

Ser «mais picuinhas»

O resultado?

Não tive um único *match*. Nem um. Numa aplicação de encontros. Mas depois do Ryan fiquei tão traumatizada que só gostava de um homem em cada 200.

Optar por alguém mais velho e mais maduro

O resultado?

«Eu gosto de ti, April. Mas não sei se gosto o suficiente para te apresentar aos meus filhos.»

Optar por alguém mais novo e com menos bagagem

O resultado?

«Tu não és, tipo, uma daquelas mulheres doidas de 30 anos que andam desesperadas por ter filhos, pois não? Oh, meu Deus, és, não és?»

Ser transparente e corajosa, sem nunca perder a esperança: «Mostra-te ao

munáo, vá!»

O resultado?

O Simon.

Desperdiço o resto do meu sábado mergulhando numa espiral hedionda de ódio e insegurança. Odeio-me por estar a levar isto tão a peito. Odeio-me por eu própria achar que sou tão pouco normal. Portanto, tivemos seis encontros, e ele não gostou de mim, e é um verdadeiro pulha, e, afinal, não é ele *o tal*. E depois? Sei que era assim que devia estar a pensar. Devia ser capaz de abanar a anca como a Beyoncé e saber o valor que tenho. Devia sair e apanhar uma bebedeira para lhe mostrar o que ele está a perder e, ao fazer isso, não pensar nele uma única vez. Depois o Simon iria perceber inconscientemente que eu avancei com a minha vida e isso ia fazer com que percebesse o excelente partido que sou; sem querer acreditar que me perdeu, ia aparecer à minha porta e implorar que voltasse para ele. Mas ia ser tarde demais. Eu ia dizer-lhe para ir para casa. Ia estar completamente inundada por níveis altíssimos de autoestima, para me dar com um merdas como o Simon. Ele ia torturar-se todos os dias da sua vida por me ter deixado escapar. E eu nunca ia voltar a pensar nele.

Era isto que teria acontecido à Gretel.

Só que eu não sou a Gretel. Sou a April.

E a April vai voltar a ler todas as mensagens que trocámos, focando-se particularmente nas mais simpáticas, para alimentar ainda mais a desilusão que lhe invade o coração. A April perde o sábado inteiro no poço sem fundo que é o *Google*, a ler blogues sobre psicologia que descrevem os vários tipos de apego e cambaleando ocasionalmente até ao quarto da Megan, com o portátil na mão, sempre que descobre qualquer coisa útil.

— O Simon evita o apego — anuncio, com os olhos arregalados com a epifania, como se tivesse acabado de aprender a falar uma língua diferente. — Ele contou-me que os pais se mudaram muitas vezes durante os primeiros dois anos da sua vida. Olha! Olha aqui! É apenas o seu tipo de apego. Se o conseguir convencer a fazer psicoterapia

intensiva, dentro de cerca de dois anos, devemos ser perfeitos um para o outro.

A Megan nem sequer levanta os olhos do suplemento de moda do *Times*.

— Vou desligar o *router*.

— Continuo a ter 4G.

— Vou confiscar-te o telemóvel.

A minha mãe liga-me para o habitual telefonema de fim de semana, só para aprofundar um pouco mais a minha crise existencial.

— Como estão a correr as coisas com aquele rapaz? — pergunta, abrindo novamente a ferida e deitando um pouco de sal lá para dentro.

Nem sequer tenho de responder. — Oh, querida. Já? Outra vez? Gostava tanto que me desses ouvidos e que parasses de fazer isto a ti mesma. — Levanto a cabeça e foco com muita atenção a racha no teto do meu quarto, aquela que faz parecer que o teto é um ovo a eclodir. A minha mãe suspira do outro lado da linha. — O que aconteceu desta vez?

— Não sei.

— Pensei que estava a correr bem...

— TAMBÉM EU!

Grito tão alto que a Megan entra a correr no meu quarto para verificar se estou bem, ainda com pequenas ilhas de *Sudocrem* a decorar-lhe o rosto. Aponto para o telemóvel e articulo «a minha mãe»; ela entende, assente e vai-se embora.

— Não queria perturbar-te, querida, estava só a perguntar. — Está toda irritadiça e arrogante, como se a vítima fosse ela. Pois, é assim que se processam os telefonemas com a minha mãe. É como aqueles quadros em que pintamos por números, só que substituímos os números por emoções, como culpa, exasperação e vergonha.

— Eu sei, eu sei. Estou só um pouco aborrecida.

— Então, ele deixou-te?

— Bem, tecnicamente, não éramos namorados.

— Mas foste para a cama com ele?

— Mãe!

— Foste, não foste? Quantas vezes é que tenho de te dizer?

Fecho os olhos e tento fazer uma respiração de yoga.

— Mãe, por favor.

Ela não me está a ouvir, nunca me ouve. Em vez disso, volta a mergulhar nos velhos e conhecidos sermões disparatados que ouço desde a minha adolescência. Como não se pode confiar neles e como sou louca por tentar sequer. Como, se estou assim tão determinada a tentar, não devo ir para a cama com eles demasiado cedo. Como devia fazê-los esperar por isso. Como eles nunca se comprometem com alguém que já lhes deu aquilo que eles queriam. Como, de qualquer maneira, só devemos esperar o pior dos homens. Nunca lhe contei o que aconteceu com o Ryan, porque, honestamente, não consigo suportar o facto de a minha mãe poder sequer equacionar que mereci o que ele me fez, já que sou uma galdéria ingénua. Acho que a minha mãe nunca mais falou com homem nenhum sem ser o Jeremy (Jezzer), o carteiro, desde que o meu pai a deixou, quando eu tinha 3 anos. Preenche o vazio com o clube de bridge, com o clube de leitura e com o clube da igreja — vai nadar na piscina com outras mulheres divorciadas e amarguradas que nunca conseguiram recuperar da mágoa de serem abandonadas há 30 anos.

— Lamento, April — acaba por me dizer, depois de me explicar detalhadamente que não podemos confiar em homem nenhum: basta olhar para o que o meu pai fez. — Sei que tinhas depositado grandes esperanças neste rapaz.

— Sim, é verdade. E agora sinto-me muito estúpida.

— Não *te* sintas estúpida. Estúpido é *ele* que te deixou escapar. Tu és uma rapariga adorável. Tens tanto amor para dar.

— É uma pena que ninguém o queira.

— Eu quero o teu amor. A Megan também. E todos os teus amigos no trabalho.

Depois de regurgitar todos os limões que tem dentro de si, a minha mãe é sempre muito querida.

— Sim, está bem, eu sei, eu sei. — Reviro os olhos. — Continuo a sentir-me estúpida. Sabes? Por pensar que ele podia ser diferente, que podia ser *o tal*?

— Enquanto se está a viver as coisas, toda a gente acredita que encontrou o *tal* — diz a minha mãe. — Se não fosse assim, porque havíamos de nos dar ao trabalho? Temos de pensar que eles são diferentes dos outros para nos pormos nesse tipo de situações. Só quando saímos delas nos apercebemos de como fomos tontas por pensar isso.

A Megan regressa com uma chávena de chá. Entrega-ma e aproxima o rosto do meu telemóvel.

— Olá, Susan! — diz. — Está tudo bem?

— Oh, é a Megan! — exclama a minha mãe, entusiasmada. — Deixa-me falar com ela.

Mesmo no meio da minha tristeza, consigo sorrir quando a Megan pega no telemóvel para nos dar uma folga, a mim e à minha mãe.

— Olá, Susan, como vai o bridge? Bem, é uma leoa, mesmo! Sim, sim, estou bem. O trabalho vai bem. A minha nova gerente é um lixo, mas é o expetável quando se trabalha em RP. Oh, hoje à noite só vamos ver televisão. Não se preocupe. Eu tomo bem conta dela. Como diz? Oh, sim, o mais certo é voltarmos a ver *Dawson's Creek*, como sempre. Se as coisas estiverem mesmo, mesmo agrestes, vamos à primeira temporada do *The O. C.* Sim, aquele Sandy é cá um pedaço de homem, não é? As sobranceiras dele! — A Megan ri-se e ouço a gargalhada da minha mãe do outro lado da linha.

Ainda há amor, recordo-me. Há sempre amor por encontrar. Não aquele tipo de amor que eu quero muito, muito encontrar, mas, por hoje, neste dia terrível, tenho todo o amor de que preciso.

Apercebo-me então de que este é o tipo de pensamento que a Gretel teria.

Esta noite, pela primeira vez, deitada na cama, permito-me sentir realmente toda a dor por que os homens me fizeram passar. Esforcei-me muito, durante muito tempo, para não pensar nisto, mas agora parece que todas as recordações se abatem sobre mim. Consigo sentir o meu coração a fechar-se enquanto fito a escuridão que, na verdade, nunca é assim tão negra. Depois de todo este tempo, o meu coração está finalmente a desistir. Mantive-o aberto com determinação, todas as manhãs de todos os dias desde que decidi que ia tentar amar um homem. Apesar de todas as pancadas, todas as razões para não o fazer e todas as decepções esmagadoras, sempre consegui apanhá-lo do chão para onde tinha sido atirado, soprar o pó, admirar a sua nova cicatriz e voltar a guardá-lo carinhosamente no meu peito, onde voltava a abri-lo ao mundo. Sei que o oposto do amor é o medo. Que ele só funciona se acreditarmos nele.

Acho que já não acredito nele. Na verdade, acho que até já passei a fase de descrença. Acho que, finalmente, estou a permitir-me ficar lixada, furiosa com o amor.

É por isso que estou aqui, no meu corpo de 33 anos, que envelhece a cada dia que passa, a pensar nas coisas horríveis que os homens já me fizeram, a mim e a este meu coração de portas escancaradas.

Houve o Tommy, que, no 12.º ano, no dia a seguir a ter-me tirado a virgindade, contou a toda a gente que eu me limitei «a ficar deitada como se fosse um tijolo». Depois houve novamente o Tommy, que me traiu com a Jenny Cartwright, sendo que toda a gente na escola sabia menos eu. Lembro-me da gargalhada dele quando o confrontei. «Pensei que sabias!», limitou-se a dizer, como se a culpa fosse minha.

Seguiu-se o meu namorado na faculdade, que era uma hipercorreção do anterior, já que não podia ser mais querido e uma antítese mais gritante à masculinidade tóxica. Ele escrevia-me poemas e punha-os por baixo da porta do meu quarto, mas também precisava de ser amado de uma forma que nunca ninguém seria capaz de o amar. Ele

fundiou-se a mim, fez da minha vida a sua vida, os meus amigos os seus amigos, e sempre que lhe perguntava alguma coisa respondia «não me importo». Quando o deixei, no fim do curso, ele não conseguiu lidar com o facto de o seu «investimento não maturar» e trocou as cartas de amor por longos e-mails a dar conta da pessoa horrível que eu fui para ele.

Houve aquele rapaz com quem saí, que foi dar uma mijadela à casa de banho do bar onde estávamos e nunca mais regressou.

Depois, houve aquele tipo que me disse que não ia fazer-me sexo oral porque eu sabia a *chow mein*.

E houve o Ryan... que conheci 25 aos anos, numa altura em que me sentia insegura e assustada por ter estado tanto tempo sem ninguém. Durante seis meses, ele foi o namorado perfeito e fez-me acreditar que era eu quem lhe ia salvar a vida — mas quando percebeu que não podia ser eu a salvá-lo, não aguentou a pressão, ou a mim. Seguiram-se dois anos de discussões, sempre com a conclusão de que a culpa era minha; dois anos de ansiedade a latejar no meu estômago enquanto me questionava que Ryan ia apanhar naquele dia — o raro e espantoso Ryan, ou o homem que me dizia que eu falava demais, que a minha gargalhada era demasiado aguda e que cozinhava mal, o Ryan que nunca tinha vontade de me tocar. Até àquelas duas vezes em que ele me violou fria e cruelmente — demorei anos a chamar aquilo de violação, porque estava tão confusa e inundada de nojo por mim mesma que senti que o melhor era deixar que aquilo acontecesse e pronto.

Seguiram-se as repercussões da separação do Ryan, depois de ele ter avançado com a vida ao lado de uma pobre rapariga de 24 anos, que, segundo percebi nos meus momentos mais baixos em que não resisti a espíá-lo no *Instagram*, ele continua a chamar de *hashtag* Alma Gémea. Tentei ter um encontro de uma noite só, como faria qualquer pessoa aos 27 anos quando está de coração destroçado, mas não fui capaz de fazer sexo com ele e gritei com uma agonia dilacerante enquanto o empurrava de cima de mim.

Houve aquela consulta no hospital, com as minhas pernas em cima dos apoios da cadeira de exames, e o ano em que tive de usar gel

analgésico e dilatadores vaginais para tentar consertar o que ele tinha feito ao meu corpo, e em que estava demasiado assustada para sair de casa, quanto mais para pensar em sair com alguém.

Dois anos depois, veio o John, a quem contei o que se tinha passado com o Ryan e que depois usou a informação contra mim. Por menos de nada — e antes de me dar com os pés — disse-me que era claramente «demasiado cedo» para eu ter um relacionamento com alguém.

Depois disto seguiram-se todas as microagressões do inferno, vulgo encontros. O *ghosting*, aquele tipo que sai descontraidamente connosco durante dois meses, mas que quando pressionado acaba por admitir que «até tem uma espécie de namorada». Os estremecimentos que os novos encontros provocam quando dizemos alguma coisa que não encaixa na ideia que têm do que deve ser uma mulher. As desmarcações de última hora, as horas de vida que desperdicei à espera de homens que chegam atrasados, a verificar o telemóvel e a fazer de conta que não estou aborrecida quando eles finalmente chegam. Tanta rejeição, negação, arrogância, insistência, escárnio, manipulação, jogos de poder, mentiras compulsivas — passei por tudo, absolutamente tudo. E, de cada vez que isto aconteceu, não obstante o que os homens me fizeram, tirei algum tempo para recuperar, mas a seguir voltei a entrar no ringue, determinada a tentar mais uma vez. Não podemos perder a esperança, senão perdemos a oportunidade de passar a vida com outra pessoa. *Tens de continuar a tentar*, digo para mim mesma. *Desta vez vai ser diferente*, insisto. *Não se pode amar sem sentir medo*, insisto. *Deve haver alguém para ti*, insisto. *Não podem estar todos traumatizados*, insisto. *As outras pessoas conseguiram*, insisto.

Mas não posso continuar a dizer mentiras a mim mesma.

Estou deitada na minha cama. A fitar o teto no escuro. Não consigo ver as rachas, mas sei que estão ali. E sinto-me finalmente a endurecer. Não por causa do Simon (admito que sim, talvez esteja a exagerar toda esta situação do Simon. O Simon é só um homem. Mais um homem que não é suficientemente bom.). Sinto-me a endurecer porque percebi finalmente uma coisa.

A verdade é que não sou capaz, não tenho forças físicas, mentais e espirituais para continuar a fazer isto a mim mesma. Não posso voltar a pôr-me nesta situação. Não vale a pena. Porque qual é a recompensa? Um homem? Um homem que nunca me vai dar aquilo que eu quero, que nunca me vai confortar da forma que preciso de ser confortada, ou que nunca me vai foder da forma que preciso de ser fodida, que nunca me vai merecer de verdade, mas que acredita que *ele* merece uma medalha por ter ficado comigo; um homem que vai sempre dar prioridade ao desporto, que vai cheirar mal, que vai cagar, arrotar, peidar-se, mentir, enganar-me e tornar-se preguiçoso e complacente, mesmo que não fosse assim no início; um homem que com o tempo vai começar a revirar os olhos interiormente, que vai deixar que todo o esforço fique sobre os meus ombros se for suficientemente estúpida para ter filhos com ele.

Isto não é uma recompensa.

Isto é a forma de arruinar uma vida.

— Vou libertar-me disto — digo em voz alta para o meu teto merdoso. O meu coração fechou para balanço. E não daquela forma: quando-conhecer-o-tipo-certo-reabro-o-coração. Estou francamente farta disto.

Não estou só farta disto. Estou zangada.

Estou. Tão. Zangada.

Quero dizer, vocês não estão?

Eu odeio os homens.

Odeio o modo como ficam aborrecidos quando nos atrevemos a demonstrar alguma emoção negativa — normalmente, desencadeada por eles. Agem como se estivéssemos a deixar o mundo ficar mal com as nossas emoções patéticas, arruinando toda a diversão.

Como pensam secretamente que não devíamos ficar aborrecidas porque *eles* não ficariam. O juízo de valor que escorre como um odor corporal fétido sempre que confessamos a nossa ansiedade ou tristeza.

Odeio o modo como não acreditam em nós. Como, se formos suficientemente estúpidas para lhes contar alguma coisa que outro homem nos fez, eles procuram lacunas nos nossos traumas e vão ampliando a lacuna até nos fazerem duvidar se aquilo realmente aconteceu — às vezes, fazem-no sem dizer uma única palavra, basta uma expressão facial que nem reparam que estão a fazer. Como, por vezes, ignoram simplesmente as coisas que dizemos. Como as bloqueiam porque lhes vai dar cabo do dia o facto de nos termos atrevido a permitir uma violação por parte de um daqueles malucos que não são definitivamente eles ou alguém que eles conheçam, logo, por que diabo é que queremos falar disso agora?

Odeio o modo como, por vezes, nos fazem cócegas durante uma luta divertida e depois nos prendem debaixo deles só para demonstrarem a sua força superior — e como nós guinchamos porque é divertido, mas também porque a ameaça está presente.

Odeio os homens porque a ameaça está sempre, *sempre* presente.

Odeio os homens porque eles não sentem a *exaustão* que é estar constantemente em perigo. Eles andam com uma descontracção generalizada, como se tivessem ganhado o direito à leveza, em vez de pararem por um momento e examinarem a sorte que têm em não se sentirem aterrorizados de cada vez que saem de casa com a possibilidade de serem violados.

Odeio os homens porque eles só nos querem pela ideia que têm de

nós — por todas as coisas boas, sensuais, e nunca pelas coisas confusas, pelas partes de nós que estão traumatizadas. Partes traumatizadas POR CAUSA DOS HOMENS.

Odeio os homens porque eles fizeram com que me odiasse a mim mesma. Odeio os homens porque podia ser uma pessoa muito melhor, mais grandiosa, mais leve e confortável, se não fosse por eles. Odeio os homens por não me amarem, quando foram eles que me transformaram numa pessoa impossível de amar. Odeio os homens porque me fizeram odiar-me por querer que um deles me ame. Odeio os homens pelo tempo e pela energia que roubaram à minha vida enquanto andei à procura de um deles.

Odeio.

Odeio.

Odeio-os.

Não quero que mais nenhum deles me ame.

Quero que se sintam tão impotentes como eu sempre me senti.

Quero que paguem pelo que me fizeram.

Na manhã seguinte, saio e vou às compras assim que as lojas abrem. O ar condicionado da livraria é tão bem-vindo que só me apetece armar uma tenda e viver ali dentro. Apesar de concluir que, depois do olhar que o vendedor me dirige quando me entrega os livros que peço, me iria sentir demasiado envergonhada por ficar lá.

— Onde andaste? — pergunta a Megan, quando volto para casa toda transpirada. — Pareces mais feliz. — Ela está sentada numa espécie de ninho que fez no sofá — que é a coisa que mais gosta de fazer. Agarra em todos os cobertores das camas e enrola-os à sua volta como se fossem uma espiral de algodão doce enquanto vê episódios de *Dawson's Creek* e imita as expressões retorcidas da boca da Joey Potter.

— Estou mais feliz, muito obrigada. — Deixo cair o pesado saco das compras em cima da mesa, espreguiço-me com vontade e estremeço ao sentir o cheiro das minhas axilas. — Não está um pouco de calor a mais para estares no ninho?

— Eu preciso do ninho — diz ela. — A minha gerente acabou de me informar de que vou ter de organizar a porcaria do lançamento da nossa nova linha de joalharia, daqui a seis semanas. Porque, sabes, enviar e-mails aos teus colaboradores ao domingo de manhã, com indicações para projetos gigantescos, é uma coisa *perfeitamente normal*.

— Isso é espetacular, querida.

— É aterrorizante e stressante, isso sim.

— Então achaste que a melhor forma de atacar esse desafio era embrulhares-te no *meu* edredão e veres um episódio de *Dawson* que já viste oito triliões de vezes? — Sento-me na beira do sofá.

— Concedi-me este domingo sagrado para fazer de conta que isto não está a acontecer, para amanhã ter o esgotamento nervoso. — Olha para mim e dá uma palmadinha no espaço ao seu lado. — A Joey está prestes a cantar uma versão horrível da música *On My Own*, queres juntar-te a mim?

Quero. Já vi o episódio do concurso de beleza inúmeras vezes, mas deixo-me cair ao lado dela, embora não me tape com os cobertores. Estremecemos quando ela canta *Eponine*, e a Megan faz pausas de vez em quando para gritar:

— ARGH, O DAWSON É DO PIORIO!

Quando o episódio acaba, ela levanta-se e começa a remexer no meu saco de compras.

— Megan! Não!

— O que é que compraste? Tu nunca compras livros! Oh, meu Deus, April. — Tira um livro e segura-o como se estivesse contaminado. — Mas que diabo? Isto é uma piada de mau gosto?

Arranco-lhe o livro da mão.

— Não.

A Megan fica de boca aberta e volta a remexer no meu saco da Waterstones para retirar livros com títulos ainda piores do que o do primeiro. Tento impedi-la, mas não sou capaz. Ela tira os livros todos do saco e depois fica a olhar fixamente para mim.

— Foi isto que o Simon te fez? Não me apercebi de que era tão grave.

— Não! Está tudo bem. Não é nada. A sério, estou bem.

— Sim, e vê-se que estás claramente na posse de todo o teu juízo. Estes livros são um indicador de uma autoestima espetacular. — Começa a espetar o dedo nos livros. No chão estão seis livros com os seguintes títulos:

Porque os Homens Amam Mulheres Horríveis

Como o Conquistar

Encontrar a Sua Alma Gémea

As Leis do Amor

Faça com Que Todos os Homens a Desejem

Como Não Assustar a Sua Alma Gémea

Todos os livros apresentam grandes argumentos nas capas. Subtítulos como «Encontre o amor da sua vida em 30 dias», ou «Use a Lei da Atração para chamar a si um amor duradouro». Até a Oprah aconselhou um destes livros.

— Estou só a fazer uma experiência — digo à Megan. — Estou a fazer pesquisa.

— Pesquisa para o quê? — Pega no *Encontrar a Sua Alma Gémea* e segura-o por um canto, como se fosse um rato morto. — Vais entrar numa peça de teatro chamada *A Importância de Ser Básica*?

— Muito engraçada. É qualquer coisa assim.

— A sério, o que se passa?

Conto-lhe ou não?

Porque sei que aquilo que estou a planear é uma loucura. E é uma loucura tão louca que nem a minha melhor amiga vai conseguir fazer de conta que está tudo bem.

— Não se passa nada. Só estou interessada nestes temas, mais nada. Nestas coisas todas que nos dizem sobre como conhecer homens. Pensei que podia ajudar na parte de conselheira de relacionamentos, no meu trabalho.

— Então não tem nada que ver com o facto de teres levado com os pés ontem?

— Não! — Tem que ver com o facto de levar com os pés de forma consistente durante toda a minha vida. — Isto é tudo para o trabalho.

— Não acredito em ti, nem a pessoa mais crédula deste mundo crédulo acreditaria em ti.

Encolho os ombros e tiro-lhe o livro tão ofensivo da mão.

— Podemos esquecer este assunto?

Ela deve ver a expressão suplicante do meu rosto.

— Está bem — concede. — No que diz respeito a mecanismos de recuperação, ler sempre é melhor do que tomar drogas. Mas esses livros são só um monte de tretas, sabes disso, não sabes?

Assinto a minha mentira.

— Um monte de tretas, completamente.

A Megan olha para mim com os olhos muito abertos e um contorno preto muito marcado.

— Mas estás mesmo bem? Responde honestamente. Se não estivesses, dizias-me, não dizias?

— Estou mesmo bem, juro. — E é verdade. Debruço-me para pegar nas compras. — Na verdade, apesar de todos estes livros parecerem

apontar para o contrário, há muito tempo que não me sentia tão bem.

Fico em casa à medida que o sol continua a cozer a cidade, tornando-a mais quente e fedorenta; fico a folhear as páginas dos livros que me vão ajudar. As horas fundem-se umas nas outras, perdem-se numa neblina que me deixa a transpirar durante as páginas mais honestas, parando aqui e acolá para tirar notas, ou para ir buscar cubos de gelo ao congelador e espremê-los nas axilas.

— Que excelente ideia — diz a Megan, quando me vê na cozinha e se aproxima para me imitar. Solta um arquejo quando o gelo lhe toca na pele. — Tens a certeza de que não queres voltar para o ninho?

— Estou ótima. Estou só a descontraír no meu quarto.

Acabo por descobrir que já conhecia todos os conselhos que os livros dão. Por causa de todas as pesquisas que fui fazendo no *Google* ao longo dos anos, quando o pânico antes dos encontros tomava conta de mim. Isso e os meus 33 anos a viver na pele de uma mulher. Desde que saí do ventre da minha mãe, absorvi por osmose a teoria sobre como uma mulher se deve comportar se quiser que um homem a ature. Das princesas passivas que eram recompensadas com príncipes nos seus contos de fadas, às revistas que lia quando era adolescente e que me indicavam de que tipo de cabelo os rapazes gostavam, o que significava a sua linguagem corporal, se os nossos signos eram compatíveis ou não, e como devia falar com eles nas festas, até todos os filmes que alguma vez vi, nos quais as raparigas têm de se acalmar, de ser humildes e de desistir daquilo que realmente querem para conseguirem conquistar o coração dos rapazes. Quero dizer, se o *Grease* me ensinou alguma coisa, foi que temos de acertar perfeitamente no rácio entre Virgem e Galdéria antes de nos deixarmos subir às nuvens com um parolo qualquer que nos tente violar durante um encontro num parque de estacionamento. Todos os livros confirmam as minhas suspeitas: para poder ser amada por um homem heterossexual, não devemos precisar ou querer ser amadas por um homem heterossexual.

À medida que vou virando as páginas de cada um dos livros, sinto-me cada vez mais viva. É como se tivesse tomado finalmente um

comprimido vermelho e tivesse acordado numa cabina qualquer que me revelasse como tudo isto é ridículo. Se estes livros forem dignos de alguma confiança, então os homens são todos iguais e nenhum deles quer uma mulher que seja minimamente real. Não admira que tenha tido tão «pouca sorte» — tenho sido demasiado honesta, demasiado genuína, sem perceber que isto é um jogo que tenho de ganhar.

Começa a escurecer, mas o calor não abranda. A Megan põe os últimos cubos de gelo nas axilas por volta das 11 da noite e deseja-me boa-noite antes de ir para o quarto. A cidade que me rodeia fica silenciosa — os vizinhos estão calados ou a dormir, preparando-se para a semana que se aproxima. Mesmo com as janelas todas abertas para tentar refrescar o quarto, tudo está tranquilo. Sinto-me como se fosse a única pessoa acordada, o que é ridículo, porque estou em Londres e, se me levantasse, se me vestisse e saísse, ainda conseguia encontrar um bar qualquer aberto aqui perto, snifar um pouco de coca e entrar num jogo qualquer de futebol de rua, ou algo do género.

Pouso o último livro e tento preparar-me para a inalcançável ideia de ter uma boa noite de sono. Uma fantasia inunda a minha mente, tão clara como se tivesse sido desenhada com um lápis afiado. Estou sentada em frente a um homem sem rosto, num restaurante simpático, algures. Há velas em cima da mesa. Consigo sentir o nervosismo dele. Tem gotículas de suor na testa. As mãos dele estremecem quando corta a alcachofra com a faca e o garfo.

«Estás bem?», pergunto, serena, pacífica e a irradiar um brilho que não se consegue simplesmente fingir. «Estás a comportar-te de forma um pouco estranha.»

Ele ri-se, cheio de *nã, nada disso*.

«Estou? Desculpa, é só que... tenho... tenho uma coisa para te dizer.»

«O que é?» Olho para aquele homem, a debater-se para conseguir comer a alcachofra e tento facilitar-lhe o momento, tanto quanto possível. «Podes dizer-me», incentivo. «Seja lá o que for, sabes que podes falar comigo.»

O homem suspira e pousa o garfo. Estende o braço e pega-me na mão.

«Eu sei que sim. Desculpa. Não sei por que motivo estou tão nervoso. A verdade é que...» Olha-me nos olhos de forma ansiosa, aberta e vulnerável. «Eu... eu... eu amo-te, Gretel.» Consegue dizer as palavras. Aperta-me a mão com mais força. A sua voz está imbuída de emoção; os olhos, húmidos; a sua vulnerabilidade derrama-se pela mesa.

«Oh...»

«Ouve, não tens de o dizer também. Pode ser demasiado cedo para ti.»

Estendo o braço e pego-lhe na outra mão.

«Não é isso, é que...»

«O quê?», pergunta ele desesperado. «O quê? É o quê?»

Olho para aquele homem que representa todos os homens que já me magoaram. Aqueles que me disseram que eu não sou suficientemente boa nisto ou naquilo. Que me fizeram sentir anormal por querer amá-los, por querer alguma coisa dos homens em troca do meu corpo, da minha atenção, da minha energia e tempo. Ele vai levar por tabela em nome de todos os outros. Como Jesus Cristo — vamos chamá-lo o Jesus do *Tinder*. Solto-lhe a mão e inclino a cabeça. Digo o nome dele.

Ele está sentado na beira da cadeira, a alcachofra ficou esquecida. Está à espera de que lhe diga que também o amo, para a sua vida poder finalmente começar com esta mulher-unicórnio que encontrou.

«Sim?»

«Eu não me chamo Gretel.»

Depois levanto-me e deixo-o com a sua confusão, com o coração partido e a alcachofra a meio e nunca mais o volto a ver. Por uma vez, sinto-me tão poderosa.

Não vejo nenhum motivo que me impeça de começar já. Por isso, sento-me na cama com o lençol colado ao meu estômago. Debruço-me e pego no telemóvel que está a carregar no chão; semicerro os olhos quando a luz branca mos atinge. Diminuo o brilho do ecrã e volto a descarregar a aplicação de encontros que eliminei depois do terceiro encontro com o Simon. Mas desta vez uso um endereço de e-mail diferente e, quando me pergunta os detalhes, escrevo um nome diferente.

• ***Guia da Gretel para Conquistar Um Gajo***

Sentes-te perdida no amor? Encurralada num ciclo interminável de encontros? Desesperada por encontrar finalmente um homem que te diga «Amo-te»?

Olá, o meu nome é Gretel e estou aqui para te ajudar a cruzar finalmente a meta. Para isso, basta fazeres de conta que és outra pessoa... como eu faço.

Sabes, eu sou simplesmente uma Rapariga Normal, Maníaca Promíscua e Sonhadora sem Problemas, ou seja, exatamente aquilo que todos os homens desejam.

Sou uma mulher valiosa e independente que continua a precisar muito de um homem, mas só quando ele está com disposição para ser desejado, claro. Quando ele não está com disposição para ser desejado, não te preocupes, limito-me a pôr a mochila às costas e a fazer uma viagem por aí e, surpresa das surpresas, não é que ele fica com saudades minhas? Quem diria? Tenho uma personalidade muito forte, mas, nada temas, não demasiado forte. Inclui particularidades como ter uma gargalhada indecorosa e a iniciativa de defender os refugiados. Não entres em pânico, não defendo nada que o faça sentir sequer ligeiramente desconfortável, porque ele carrega um pouco de culpa por ser problemático em relação a estes assuntos. Não vou impor-lhe opiniões «fortes» sobre violência sexual, nem sobre a disparidade salarial entre géneros. Não, limito-me a causas como a malária, os sem-abrigo e coisas assim.

Todas as manhãs, ao acordar, sinto-me muito entusiasmada. Tenho uma vida fabulosa, plena de eventos entusiasmantes, porém, não ameaçadores, e ele sente-se afortunado por poder fazer parte dela. A minha expressão em repouso é serena. Eu brilho. Tudo em mim refulge.

Na verdade, não chateio a cabeça ao homem, porque não me deixo perturbar por coisas estúpidas. Ele nunca tem de se preocupar em deixar-me aborrecida, porque eu nunca sou insegura. No entanto, de vez em quando, muito raramente, choramingo no ombro dele, só para que se possa sentir másculo quando me envolve com os seus braços. Ele é tão bom a confortar-me em relação ao assunto sem importância que me perturba, que não se sente ameaçado nem impotente. Não vou sofrer de stress pós-traumático depois de uma violação ou de um distúrbio alimentar,

nem nada que se pareça — eu jamais seria violada, não é de todo a minha cena. E também não vou ter problemas de saúde mental sérios que requeiram paciência por parte do homem. Nem sequer tenho TPM porque tomo contraceptivos hormonais, para que assim ele nunca precise de usar preservativos. Que máximo.

É evidente que sou feminina. Não de uma forma óbvia e insegura, claro. Já determinámos que não sou uma pessoa insegura. Que repulsivo, uma mulher ser insegura. Eu não! Onde é que íamos? Oh, sim, sou feminina. Não te preocupes, nunca demoro demasiado tempo a preparar-me. Sou naturalmente bonita. É claro que não tenho consciência disto, seria muito egocêntrico da minha parte, mas também sou confiante em relação ao meu aspeto. Sou feminina, mas de um modo que não exige esforço. Sou capaz de vestir ocasionalmente um vestido às flores e transbordar feminilidade — tanto que as flores podem até descolar-se do meu vestido, flutuar no ar e seguir-me por todo o lado como se fosse o raio da Pocahontas.

Porém, também tenho uma certa irreverência. Sou capaz de alinhar completamente com os rapazes. Na verdade, ele adora que eu o acompanhe a ele e aos amigos nas saídas; gosta de observar como me dou bem com os seus amigos, como todos olham para mim e desejam que fosse a sua namorada. Tenho a capacidade de fazer piadas ordinárias perfeitas. Tenho um interesse no desporto entediante de morte que for o seu favorito. Não porque finjo ter — mas porque de facto me interessa. Sou uma daquelas pessoas que o acorda numa manhã qualquer e diz «Vamos partir à aventura!», com um brilho nos olhos e já com os passaportes na mão.

Não sou uma pessoa facilmente persuadível, é muito importante realçar isto. Não vou deixar que ele me pise. Conheço profunda e completamente o meu real valor e, se ele não me tratar com o respeito que mereço, vou dizer-lho na cara. Vou conseguir fazê-lo, de alguma forma, com uma atitude mágica que jamais será entendida como «resmungar».

O meu emprego porreiro permite-me ter dinheiro, por isso, nesse aspeto não preciso do homem. Mas não tenho uma quantia imbecil e intimidante de dinheiro. Talvez tenha o mesmo que ele, idealmente um pouco menos.

Cheiro sempre bem.

Danço como se vivesse dentro da música.

Não sou picuinhas com o local onde durmo.

Tenho um apetite voraz, mas nunca fico gorda.

Gosto de fazer sexo como ele gosta de fazer.

Basta-me a penetração para ter um orgasmo.

Nenhum homem consegue acreditar na sorte que teve em me conhecer.

Ah, já agora, eu não sou uma mulher real.

Amanhã chega, como acontece todos os dias. Acordo pegajosa e desidratada, emaranhada nos lençóis. Tomo um duche frio, mas, quando acabo de me vestir, já estou outra vez a transpirar.

A Megan está à mesa da cozinha a bater com a cabeça na madeira.

— Estás assim tão desejosa de ir trabalhar? — pergunto. A sua resposta é um gemido. — Tu, depois de lá estares, ficas sempre bem.

— Não fico nada. Não acredito que desperdicei o dia todo de ontem a ver o *Dawson's Creek*. — O cabelo cai-lhe em volta do rosto e tapa-o por completo. — E tu, como estás? — pergunta-me o seu cabelo.

Sorrio e descubro que o meu sorriso é absolutamente verdadeiro. Pego nos flocos de aveia e começo o trabalhoso processo de os cozer para fazer o pequeno-almoço mais aborrecido e insatisfatório de sempre, não importa a quantidade de xarope de agave que lhe deite por cima.

— Sinto-me morta por dentro — respondo. — Mas de uma maneira boa. De uma maneira útil. Sinto que estou na linha de partida de alguma coisa boa. Menos dramática.

A Megan endireita-se, afasta o cabelo com um movimento que a faz parecer uma sereia a sair da água. Analisa-me enquanto estou a mexer a minha papa saudável.

— Oh, meu Deus, tu estás a falar a sério. Desististe dos homens? Apesar de todos os livros horríveis que compraste ontem?

Assinto, enquanto mexo a aveia. Assentir assim transmite-me uma sensação agradável. Como se tivesse acabado de perder 120 quilos de tretas que acumulava na cabeça.

— Sim. Eu *disse-te* que os livros eram para uma investigação. Tu não tens fé nenhuma em mim. Mas, sim, acabou. Acabou essa vida toda. E sinto-me ótima!

A Megan levanta-se e puxa-me para um abraço.

— Oh, querida. Bem-vinda ao Clube da Felicidade!

— Tu acabaste agora mesmo de bater com a cabeça em cima da

mesa.

— Isso é verdade. Mas o stress do trabalho é muito mais fácil de suportar, agora que não tenho de lidar com o stress que um homem provoca. Vê bem o avanço que tive na minha carreira desde que parei de sair com homens.

Volto a assentir; é algo que não tem sequer discussão. Houve uma mudança bastante notória na Megan antes de mandar os homens com os porcos e a Megan depois de mandar os homens com os porcos. Foram tantas as vezes em que tive de a levantar do chão quando andávamos na faculdade e nos primeiros anos depois dos 20. Ela fez com que a minha reação a um coração partido parecesse que estava a competir nas Olimpíadas das Resistentes Desiludidas. Já a vi gritar em frente à casa de um ex-namorado em pelo menos duas ocasiões distintas, enquanto soluçava e exigia que a deixasse entrar. Os rumores de que ela não batia bem da cabeça corriam velozes nos círculos de amigos dos elegantes colégios internos que ele frequentou e ainda há poucos anos ela foi deliberadamente excluída da lista de convidados de dois casamentos chiquérrimos. Depois de todas as relações que correram mal, apanhei os seus pedaços do chão e devolvi-lhos, e quando a Megan gritou de volta que não os queria, voltei a pegar neles e acabei por a obrigar a reconstruir-se.

Depois passámos por alguns períodos *zen*, em que ela percebeu que o «Mikey da Linha Jubileu» ou que «o Irmão Mais Novo do Connor» não eram provavelmente, agora que pensava nisso, o amor da sua vida. Durante essas fases, ela ia ao ginásio todos os dias, meditava e começou a percorrer a escadaria profissional das relações públicas no mundo da joalheria. Até que conheceu o «Joe» e era só «uma cena», era «só sexo, até porque também não quero nenhuma relação», mas acabou por ir berrar para a janela do Joe, o que lhe valeu um processo disciplinar no trabalho.

Há três anos, a Megan decidiu simplesmente parar, pegou nos pedaços quebrados que lhe caíam do coração e reconstruiu-se sem precisar de incentivo. Começou a chegar cedo ao trabalho e a sair de lá tarde. Depois candidatou-se a uma função nova numa empresa de joalheria que era muito mais o seu estilo — tudo gráfico, colares

inovadores de plástico-mas-requintados que todas as celebridades e milionários que vivem em East London gostam de usar — e conseguiu o emprego. É incrivelmente stressante e já a vi bater assim com a cabeça na mesa em muitas manhãs, mas desde o dia em que começou a trabalhar naquela empresa que não a vejo chorar. Ela continuou a ser consistentemente «a Megan».

Deito as papas de aveia numa taça e junto-me a ela na nossa mesa, acrescento alguns mirtilos numa tentativa falhada de melhorar aquela mistela.

— Acho que hoje o dia não me vai correr bem no escritório — admito, mergulhando a colher sem grande entusiasmo. — Toda a gente me vai perguntar como correu a sexta-feira e vou ter de voltar a contar todo o infeliz episódio.

— Então, não contes.

— Sabes que não tenho essa capacidade. Eu não consigo guardar essas coisas para mim. Até falei dele à minha higienista dentária.

— Porquê?

A colher cheia de papas de aveia para a meio caminho da boca.

— Como assim?

— Quero dizer, porque é que contas tudo a toda a gente?

— Não sei. Conto e pronto.

A Megan levanta-se e espreguiça os braços por cima da cabeça, inclinando-se para a esquerda, soltando um pequeno gemido esforçado.

— Estava só a questionar-me o que ganhas com isso — diz ela —, comparado com o que as pessoas ganham com a tua partilha. Estes conselheiros todos. — Debruça-se para a frente e toca nos dedos dos pés. — Às vezes, preocupa-me que saias destas partilhas confusa e as outras pessoas muito mais satisfeitas com as suas próprias vidas.

As papas de aveia colam-se à minha garganta. Bebo um gole de chá para me obrigar a engoli-las.

— É um pouco cedo para a psicoterapia da Megan, não te parece?

Ela dá-me uma palmadinha na cabeça, pega num colar gigantesco com todas as cores do arco-íris e enfia-o desajeitadamente por cima da cabeça.

— Provavelmente. Só estou a usar-te para me distrair das merdas todas que tenho de aguentar no trabalho. Mas não sei. Tem cuidado durante o dia de hoje, April. No trabalho, quero dizer. Não caias na armadilha de ser aquela que está sempre de coração despedaçado, que inspira muita preocupação por parte dos outros, mas que também lhes proporciona a sensação de que controlam muito melhor as suas próprias vidas. Mesmo que não tenham intenção de o fazer, não deixes que te usem para se sentirem muito melhor consigo mesmos.

Depois de pegar na mala, de resmungar qualquer coisa sobre as reuniões consecutivas serem uma maçada e de soprar um beijo na minha direção, a Megan sai de casa — deixando-me ali, com o pequeno-almoço a meio e demasiados pensamentos para aquela hora da manhã.

A onda de calor continua e em Londres ninguém consegue acreditar na sua sorte. Esta manhã, a BBC News ameaçou que o calor pode durar o verão inteiro, mas as pessoas continuam a encará-lo mais como uma bênção do que como um aviso. Caminho pelas ruas de edifícios de tijolo vermelho a caminho da estação de metro, desviando-me de um grupo de raparigas de uniforme escolar azul-escuro que vão aos risinhos envoltas num aroma de protetor solar misturado com perfume de baunilha.

O metro está demasiado cheio para conseguir entrar. As portas abrem-se para revelar uma visão cómica de passageiros amontoados na carruagem, como naquele concurso de quantas pessoas cabem num carro. Não obstante, as pessoas continuam determinadas a forçar os corpos transpirados para dentro dos espaços impossivelmente cheios. Eu recuo e observo o espetáculo e, como num passe de mágica, quase toda a gente consegue arranjar espaço. As portas fecham-se e o metro avança ruidosamente, deixando-me a mim e a uns poucos passageiros para trás.

Será que as pessoas me usam mesmo para se sentirem melhor com as suas vidas?

Serei mesmo esse tipo de pessoa?

Quando o metro seguinte entra na estação, tem bastante espaço vazio e sinto-me fanfarrona com tal minúscula vitória contra Londres. Consigo arranjar um lugar sentada, mas ponho o casaco no banco para evitar que a minha pele toque no tecido nojento do assento. O fedor de um homem que vai à minha frente é tão putrefacto que podia ser usado como saís para recuperar os sentidos. O suor já lhe encharcou a camisa e ele está a comer uma barrita de cereais com tanta agressividade que as migalhas da aveia desidratada se propalam da sua boca como se esta fosse o espiráculo de uma baleia. Acaba de comer com um ruído e sacode os restos como um rinoceronte a marcar as águas de um rio com os seus próprios excrementos.

Odeio-te, penso enquanto olho para este homem.

Quando chego a Baker Street, decido oferecer-me um café; assim vou chegar ligeiramente atrasada ao trabalho e não vou ter de lidar com a pergunta «Como é que correu?» Estou no exterior da Pret e observo como as pessoas se movimentam apressadamente para os seus trabalhos, numa onda de tornados importantíssimos. Em certa ocasião, o Simon disse que o café da Pret era uma merda, mas a mim sabe-me tudo ao mesmo.

— Vai-te foder, Simon — digo em voz alta, enquanto bebo um grande gole. — É só café, meu grandessíssimo parvalhão.

Esta raiva é nova, a amargura acabadinha de chegar. Tenho sido muitas coisas na minha vida — frenética, desesperada, obsessiva, tonta, motivada —, mas nunca fui uma pessoa cínica. Nunca fui uma pessoa zangada. Agora parece que estive simplesmente a recalcar estas coisas, que as deixei criar bolsas de ódio dentro do meu corpo, como tumores escondidos, que estão a explodir e a espalhar rapidamente o cancro por toda a parte.

Acabo o meu café perfeitamente aceitável e vejo as horas no telemóvel. São 9h34. Deito o copo no caixote do lixo ao lado do sem-abrigo, mentindo quando digo que não tenho trocos, mas sentindo-me mesmo assim como uma boa pessoa porque ao menos não o ignorei. Subo a rua até ao nosso escritório, insiro o código para entrar e subo os degraus sombrios. Inspiro e fico do lado de fora da porta durante uns instantes, para me compor. É algo que nunca fiz. Fecho a cortina sobre a minha personalidade e entro para encontrar o som dos teclados e os sobrolhos franzidos, tão característicos de uma manhã de segunda-feira.

— Olá, April — diz o nosso diretor-geral, o Mike, ao ver-me passar e sentar-me à secretária, afastando todos os processos que deixei inacabados na sexta-feira à noite. O Matt e a Katy assentem para dizer olá e eu retribuo. Eu nunca retribuo apenas. Normalmente começo logo a falar, a relatar de forma dramática o meu último desaire ao mesmo tempo que tiro o casaco, permitindo que toda a gente tenha acesso à confusão hilariante que é a minha vida. Hoje, limito-me a assentir.

Ligo o computador, ponho os auscultadores e abro os meus e-mails. Há as habituais areias movediças para navegar, mensagens enviadas por pessoas que verificam as suas caixas de correio durante o fim de semana, para provar a toda a gente que trabalham mais do que os outros. Reviro os olhos e envio respostas rápidas. Estamos prestes a recrutar um novo conjunto de conselheiros voluntários, por isso perco uma hora a aprimorar o texto do anúncio.

Às 10h30, a Katy acena com a mão para me chamar a atenção. «Café», articula.

Abano a cabeça, apesar de estar desesperada por mais cafeína. Mas ela não está exatamente a falar de «café». O que ela quer é que fiquemos na cozinha enquanto partilhamos as novidades da nossa vida. Principalmente da minha vida, uma vez que, de um modo geral, quem tem mais dramas para partilhar sou eu. Estou a bater com demasiada força no teclado e a clicar nos botões do rato como se este tivesse desrespeitado a minha mãe. Sinto que tenho milhares de pequenos bicos de Bunsen nas minhas veias que lentamente fazem o sangue ferver e não sei de onde vem esta fúria, mas a verdade é que está a pedir para ser sentida.

Espero até a Katy voltar a sentar-se com a sua bebida antes de me levantar e ir buscar a minha. Fecho os olhos enquanto espero que a chaleira ferva, concentrando-me no meu estômago a subir e a descer a cada inspiração e expiração, para ver se isto ajuda a desalojar a raiva fétida que sinto.

— Feliz segunda-feira, April — diz o Matt, juntando-se a mim com uma chávena vazia na mão.

Pestanejo para abrir os olhos e sorrio com os lábios fechados.

— Bom dia, Matt.

— O fim de semana foi bom? — pergunta ele. — Mais importante ainda, o encontro foi bom? — A chaleira desliga-se e ele deita a água na sua chávena, apesar de eu ter chegado primeiro e ter ligado a chaleira.

Pestanejo durante um longo instante antes de abrir novamente os olhos.

— Não quero falar sobre isso — respondo, tirando-lhe a chaleira da

mão.

O Matt quase para em suspenso no ar. Acho que ele nunca me ouviu proferir esta combinação de palavras. E também não lhe ofereço mais nenhuma explicação. Sorrio-lhe de forma concisa e elegante, deito um pouco de leite no café, entrego-lhe o pacote e regresso ao meu lugar. Aparentemente é verdade, não temos mesmo de partilhar os dramas da nossa vida. Eu não tenho de desempenhar aquele papel da «pobre April, porque será que ela nunca consegue fazer com que as coisas resultem?». É possível preparar simplesmente um café e regressar à secretária, sem vomitar toda a nossa vulnerabilidade para fazer com que os outros gostem de nós.

Os olhares de soslaio do Matt e da Katy deixam-me cada vez mais zangada, consoante a manhã avança. Na verdade, tudo me deixa mais zangada. É como se tivesse acabado de descobrir esta emoção. Sempre achei que a raiva era algo que devia ser reprimido, esmagado e afastado, para termos paz. Acho que, de certa forma, sabia que, se alguma vez recorresse a este reservatório particular de raiva que existe dentro de mim, seria o meu fim. Porém, agora chegou a altura de a libertar.

— Estás bem, amiga? — A cabeça do Matt aparece por cima do monitor do meu computador, antes de o meu turno das 11 horas começar. É evidente que ele está a adotar a tática de fazer de conta que não estou a ser difícil. — Se precisares de mim, estou aqui.

— Estou bem, obrigada — respondo para o ecrã do computador, ainda a clicar aqui e acolá, introduzindo as várias palavras-passe e códigos de segurança de que preciso para aceder à caixa de entrada. Sinto, embora não veja, que a cabeça dele desce novamente e desaparece.

Tenho dez mensagens para rever neste turno, o que é bastante para esta altura do verão. Engulo um grande gole de café e abro a primeira mensagem, que leio em apneia.

Mensagem recebida: 23h07

Acabei de me mudar para Birmingham, para um trabalho novo, e sinto-me mesmo sozinha. Sou demasiado tímida para sair e fazer amigos, por isso passo o tempo a olhar pela janela do meu apartamento. Sou demasiado orgulhosa para contar às

peessoas quão difícil está a ser para mim. Como hei de fazer amigos?

Abro a pasta de respostas partilhada e vou buscar o modelo «Sinto-me sozinho». Personalizo a resposta para mais esta vítima da vida moderna. Envio-a e abro a mensagem seguinte.

Mensagem recebida: 01h23

Será que estou grávida? O meu período está atrasado.

Esta pergunta é típica, apesar de ser impossível determinar se a mulher está grávida ou não, a) sem um teste e b) através de um monitor de computador. Abro o modelo mais adequado, aconselhando-a a ir ao médico, enquanto lhe ofereço algum apoio emocional e a seguir envio a resposta.

Passo pelas mensagens seguintes. Alguém tem clamídia e está demasiado assustado para enviar mensagens aos seus anteriores parceiros. Alguém não tem a certeza se é gay ou não, porque gosta de ver pornografia gay, mas não quer fazer sexo com alguém do mesmo sexo na vida real.

Mas é a mensagem número seis que me faz estremecer.

Mensagem recebida: 11h32

Nunca usei este tipo de serviço e tenho receio de estar a ser tonta. Mas o meu namorado fez uma coisa estranha na outra noite e está realmente a perturbar-me, embora o mais certo é estar a ser estúpida. Saímos para beber um copo na associação de estudantes e a seguir viemos para a minha casa. Estávamos ambos completamente embriagados e a mim só me apetecia dormir, mas ele queria fazer sexo. Eu disse «não» e empurrei-o algumas vezes porque só queria mesmo dormir, mas ele segurou-me mais ou menos com o peso do corpo dele e acabámos por fazer sexo. Eu estava tão bêbeda que não consegui empurrá-lo mais e fiquei... tipo, imóvel. Depois adormecemos. Estou muito confusa. Isto é normal? Não quero estar a armar uma confusão por causa disto. Eu amo-o. Ele é o meu namorado...

Abano a cabeça e atiro-a para trás, ficando a olhar para o teto.

— Oh, por amor da santa — resmungo, enquanto o meu estômago se liquidifica por completo.

— Estás bem, April? — A cabeça do Matt reaparece.

— Sim.

— Essa mensagem acabou de chegar, senão tinha-te avisado. Lamento muito.

Tenho os dentes cerrados e sorrio assim mesmo, obrigando-me a olhar para ele.

— Não precisas de lamentar nada, já disse que está tudo bem. Mas o Matt não desiste.

— Dois turnos seguidos com esta questão, não é justo.

— Também não é assim tão invulgar.

— Vamos conversar como deve ser no parque, quando acabares... Insisto, vá lá. Todas as desculpas servem para irmos comer um gelado.

— Ele está a dar-me graxa, o que é em simultâneo querido e frustrante.

Assinto, levanto-me e passo demasiado tempo a fazer chichi na casa de banho antes de regressar e enviar a minha resposta. Isolo a minha raiva, já que não é uma emoção adequada para transmitir numa resposta e empurro a dor para as profundezas do meu estômago desfeito até que o corpo a volte a absorver. Vou buscar o modelo de resposta da pasta «favoritos», personalizo-a, verifico se está bem e envio-a. Quem me dera que isto parasse de acontecer.

Porque é que isto não para de acontecer?

— Estás pronto? — pergunto, um pouco mais tarde, quando acabo de responder à última mensagem da lista.

O Matt tira os auscultadores.

— Posso ir ter contigo ao parque? Ainda preciso de imprimir umas coisas.

Anuo, desesperada por sair do escritório.

— Encontramo-nos no banco.

Não me despeço da Katy quando pego na mala e saio. Ainda estou zangada com ela, depois do que a Megan me disse esta manhã. Ela parece um pouco magoada quando passo por ela sem dizer nada, mas está ocupada com uma folha de cálculo de voluntários, tentando organizar os turnos todos em redor das férias de verão que o pessoal vai tirar. Desço rapidamente as escadas, a minha respiração não é o suficiente para me encher os pulmões, e saio velozmente para a rua

caótica de Londres. O calor atinge-me como um verdadeiro murro e deixa-me a transpirar em segundos.

Só me apetece gritar.

Porque é que não há em toda a cidade de Londres um sítio onde se possa gritar? Certamente deve haver o raio de uma cabina de gritos *pop-up* algures! Estou a cinco minutos do Regent's Park e encaminho-me para lá aos tropeções, com demasiadas emoções dentro de mim que não têm para onde ir. O calor sobe dos passeios, coze-me a pele, faz com que o meu sangue ferva ainda mais. Ouço o telemóvel a tocar dentro da mala, mas ignoro-o. Chego à entrada do parque e passo pelos portões de ferro forjado. Aqui dentro, a cidade está mais silenciosa. O meu telemóvel volta a tocar. E eu volto a ignorá-lo. Não sei o que fazer com a minha raiva. Está a consumir-me. Está a devorar-me o estômago como um parasita esfomeado.

Deixo-me cair num banco dedicado a uma senhora chamada Gladys que sempre adorou este lugar. Tento deixar que os patos a grasnar no lago me distraiam de mim mesma. Eles andam por ali a cirandar, a debicar tudo o que encontram no chão, ou a mergulhar nas águas espessas e escuras do lago.

Pouco depois, o Matt aparece com dois *Cornettos* de morango.

— Depressa, estão quase derretidos. — Entrega-me o meu e senta-se ao meu lado.

— Obrigada.

Durante algum tempo, o único barulho que se ouve é o das nossas línguas a salvar os pingos de gelado que vão derretendo sobre os cones. O xarope doce entra-me no sangue e sinto-me rejuvenescer, sinto-me a regressar a mim.

— O que estiveste a imprimir? — pergunto, quando acabamos os gelados. Estendo a mão para aceitar o papel pegajoso do gelado dele.

— É uma coisa pirosa, mas achei que te ia animar.

— Logo tu, Matt, que não és nada piroso.

Os olhos dele riem-se por detrás dos óculos enquanto regresso do balde do lixo. Ele é do mais piroso e meloso, há que dizê-lo. Em certa ocasião, mostrou-me um postal do Dia dos Namorados, que lhe levou duas semanas a fazer, para dar ao namorado. Era um desenho à mão

de todas as suas coisas favoritas. Embora tivesse sido um pouco mais romântico se ele não tivesse incluído o *plug* anal.

O Matt tira um monte de folhas do bolso, desdobra-as e agita-as como o pivô de um noticiário.

— Pensei que, depois de mais um turno difícil, te soubesse bem ouvir algumas afirmações sobre a razão pela qual fazemos este trabalho.

Enquanto me sento, tossica e começa a ler uma das páginas.

— «Querido Estás Aí, muito obrigada pela resposta. Estava a sentir-me realmente perdida e assustada, mas agora sinto-me menos sozinha e sei o que devo fazer a seguir.»

Resisto ao impulso de revirar os olhos, porque isto é tudo tão... Disney, mas como não quero magoar os sentimentos do Matt, deixo-o avançar para a página seguinte. E é esta página que me afeta mesmo.

— «Obrigada, Estás Aí, o vosso serviço ajudou-me a perceber que, de facto, fui violada; o que ainda me custa escrever. Liguei para a Violação SOS, como sugeriram, e eles foram maravilhosos comigo, já tenho uma consulta de psicoterapia marcada para o mês que vem. Não sei o que teria acontecido se não tivesse encontrado a vossa associação. Agora sinto-me a voltar um pouco a mim mesma.»

A minha garganta comprime-se. Os contornos do meu coração derretem um pouco.

— Está bem, está bem — digo. — Já percebi a ideia, Oprah.

— Tens a certeza? É que tenho mais uma carrada de mensagens. Estou a meio da compilação da sondagem de satisfação dos nossos utentes, para ajudar à candidatura de angariação de fundos durante a campanha de Comic Relief.

— Já percebi o tom geral da coisa, obrigada. Eu estou bem.

— Diz ela, ainda com a veia a pulsar-lhe na testa.

Solto uma gargalhada e assusto alguns dos patos que tinham começado a aproximar-se dos nossos pés, na esperança de comerem migalhas dos nossos gelados.

— Estou mesmo bem, a sério.

— Eu sei que estás. Mas ajuda sempre recordarmos por que motivo aguentamos as partes mais difíceis deste trabalho.

Estendo a mão para pegar na folha e releio-a sob o brilho ofuscante do sol. Ter feedback das pessoas é muito raro no nosso trabalho, mas treinámos para lidar com essa situação. Como somos um serviço online, não temos muitas oportunidades de ver ou ouvir o impacto que exercemos na vida das pessoas. Em 90 por cento dos casos, damos os nossos conselhos e nunca mais voltamos a ter notícias. É uma pena, porque este feedback é o que me dá mais força para continuar. Costumava ler e reler estes comentários sempre que algum chegava, deixava que fossem como um bálsamo sobre as minhas feridas, mas agora já estão a perder um pouco o impacto. Percebo que o Matt só está a tentar ajudar, mas quando olho para baixo e vejo o que esta rapariga escreveu, não me sinto lisonjeada por a ter ajudado tanto, sinto-me ainda mais zangada por ela ter tido de passar por uma situação destas para começar.

Devolvo-lhe a folha.

— Eu odeio mesmo os homens — digo.

— Bolas, nem me digas nada.

— Como é evidente, tu não contas. — Tenho de admitir que o Matt não se encaixa nos parâmetros. Alguns homens conseguiram evoluir. São mais raros do que os orgasmos vaginais, ainda que a maior parte seja gay, mas mesmo assim há alguns muito bons.

Ele volta a sorrir com ar travesso.

— Lembra-te do que nos disseram durante a formação. Se trabalhasses numa associação que lidasse com vítimas de mordidas de cães, começavas a acreditar que todos os cães mordem. No entanto, a verdade é que, desde que nos sentámos neste banco, já passaram por nós pelo menos quatro cães e ainda nenhum deles nos mordeu.

— Está bem, está bem, como queiras.

— Não te esqueças de que posso sempre ficar com o teu turno. — Ele levanta os braços, espreguiça-se e revela as manchas de suor da camisa. — Preparada para regressar?

Está mesmo um calor insuportável na rua, no entanto quero ficar mais um pouco. Abano a cabeça.

— Vou ficar mais cinco minutos, se não te importares.

Ele encolhe os olhos.

— Eu não sou o teu chefe. — Damos um dá cá mais cinco antes de ele se ir embora e fico a observá-lo até o sol engolir a sua silhueta e eu deixar de o ver.

«Agora sinto-me a voltar um pouco a mim mesma.»

O meu rosto rasga-se num sorriso. Estou a ajudar, isto vale a pena porque estou a ajudar. Fico sentada de olhos fechados e, durante uns instantes, deixo-me chegar ao limite de calor que o meu corpo é capaz de suportar. Só consigo ouvir o grasnar suave dos patos no lago e o rugido distante, mas constante do trânsito à volta do parque. A paz instala-se sobre a minha pele, até a vibração do meu telemóvel me assustar.

Olho para baixo e vejo um peixe a contorcer-se na minha rede de pesca. Uma correspondência no novo perfil que criei ontem à noite. A aplicação relembra-me que só tenho um dia para responder. Digo que sim a 20 homens ao acaso, só para dar início a este jogo que estou a planear, seja ele qual for. Nem tenho grande certeza.

CaféÉAResposta: Olá, que tal vai a vida? Hoje está taaaaaanto sol!

Nem sequer abro o perfil dele antes de lhe enviar uma resposta da minha conta falsa.

ParceiraNoCrime: Porque estás numa aplicação de encontros a uma segunda-feira? Não tens um emprego remunerado que te ocupe?

Não estou à espera de uma resposta imediata, por isso estendo as pernas e preparo-me para regressar ao escritório. Não prevejo que o telemóvel volte a tocar.

— Não é possível — resmungo, mais com incredulidade do que com interesse enquanto volto a pegar no telemóvel.

CaféÉAResposta: Lol. Não te preocupes. Sou um cidadão cumpridor e pago os meus impostos. Hoje estou de folga porque ontem tive de trabalhar. Aproveita o sol! Porque é que TU estás numa aplicação de encontros a uma segunda-feira?

ParceiraNoCrime: Estou a fazer uma pausa, acabei de comer um *Cornetto*

no parque.

A resposta é imediata. Até parece que estamos a jogar pingue-pongue.

CaféÉAResposta: Lol. A sério? Quem me dera poder fazer isso quando estou a trabalhar. Que trabalho espantoso é o teu? Já agora, muito prazer em conhecer-te, parceira de aplicação. Chamo-me Joshua.

Não consigo deixar de me rir com o seu tom formal. Nunca ninguém se tinha apresentado numa aplicação. Bem, a não ser que enviar uma fotografia do pénis flácido conte como apresentação formal, o que, deixem-me dizer-vos, não imagino o Sr. Darcy a fazer, lá no seu tempo. Olho para o telemóvel e uma estranha sensação de calma abate-se sobre mim. Observo, quase com distanciamento, enquanto o meu polegar escreve a resposta.

ParceiraNoCrime: *vénia*Muito prazer em conhecer-te, Joshua. Eu sou a Gretel.

• O Primeiro Obstáculo — Guia da Gretel para a Etiqueta nas Aplicações de Encontros

Será provavelmente valioso salientar que as mulheres como eu, Gretel, não precisam de aplicações de encontros. Tenho uma tendência para conhecer os homens de forma natural, percebes? Tenho uma vida tão atarefada e interessante que essas coisas acontecem simplesmente, a chama acende-se de maneira espontânea; é incrível onde este trilho chamado vida nos pode levar. Assim, a minha presença na aplicação é meramente *íronica*, ou deve-se a uma das minhas muitas amigas me dizer para experimentar, ou porque sou uma daquelas mulheres que, de vez em quando, anseia verdadeiramente por sexo escaldante com um perfeito desconhecido, e não porque tenho algum problema subjacente de autoestima e use o sexo casual como mecanismo de validação.

Porém, se não fores uma mulher como eu e tiveres de usar estas aplicações, ó criatura patética e desesperada, então lembra-te de que esta é a parte *divertida* da vida. As aplicações de encontros são uma maneira ótima de conhecer o maior número de homens possível, para sentir que há muitos homens por aí, porque, não te esqueças, a única forma de não agirmos como umas malucas carentes é sentirmos sempre que há homens que nunca mais acabam. Apesar de a maior parte dos homens que conheces nas aplicações de encontros te darem vontade de vomitar, gritar, fugir, esconderes-te e perderes, em termos gerais, a vontade de viver... Bem, pelo menos há muitos homens por aí, querida! Não podemos deixá-los prender emocionalmente aos poucos milagres em forma de homem que não são psicopatas.

Quando se trata de criar o perfil, imagina que estás a fazer um anúncio. O que desejas é «vender» a ideia que eles têm de ti, e não a realidade daquilo que és. Quanto menos detalhes incluíres no teu perfil, menos razões dás aos psicopatas para te recusarem. Quero dizer, eles precisam de «fazer uma ideia» de quem tu és, claro, mas divulga apenas cerca de cinco por cento e deixa-os preencher as restantes lacunas sozinhos. Ou seja, se tiveres mesmo muita sorte, vais acabar com alguém que só ama inteiramente cerca de cinco por cento de ti. Por isso, exhibe apenas uma pequena parte de ti e torna-a interessante — *todos* gostamos de ir ao cinema e jantar com os amigos! —, mas não tão interessante que seja desencorajador. Se lhes deres demasiadas informações, eles não vão conseguir fazer as suas projeções adequadamente.

Talvez possas incluir uma pergunta mais atrevida ou um facto excêntrico sobre ti, para incentivar a conversa. Alguma vez recebeste um prémio num concurso de televisão? Alguma vez quebraste um recorde mundial? Qual é o teu álbum musical favorito neste momento? Preocupas-te constantemente com a hipótese de vir a morrer sozinha porque os namoros online são um veneno para a alma e, por isso, tratas os seres humanos como objetos sexuais que podes encontrar em qualquer loja, e preocupas-te com o facto de as únicas pessoas que restam aqui serem as que estão demasiado lixadas da cabeça, logo isso quer dizer que também estás demasiado lixada da cabeça e te encontras neste momento em negação? Espera, desconsidera esta última frase. Faça o que fizeres, *não escrevas* esta última frase no teu perfil.

Joshua: Tudo bem, Grets? Decidi chamar-te Grets, pode ser?

Gretel: É evidente que não.

Joshua: Merda, desculpa.

Joshua: Peço imensa desculpa.

Gretel: Não há problema. Estive o dia todo em reuniões.

Joshua: Oh, pensei que te tinha mesmo irritado. ;)

Gretel: É preciso mais do que isso.

— Estás a enviar mensagens a quem? — pergunta a Katy, na segunda-feira seguinte, afastando o teclado, um sinal de que quer conversar. — Ao Simon?

Sorrio com bonomia e percebo que o meu sorriso é autêntico. Justiça lhe seja feita, ela aguentou uma semana inteira até me perguntar o que aconteceu. O suspense deve estar prestes a matá-la.

— O Simon já não existe. — Encolho os ombros e percebo que não quero mesmo saber dele.

— Oh, merda, lamento. Não devia ter falado...

— Não te preocupes. Eu estou ótima. Estou a falar com alguém novo, o Joshua — aponto para o telemóvel.

A Katy ergue uma sobrancelha. O trejeito significa: «Outro rapaz? Já?» Mas a sua voz limita-se a guinchar:

— Oh, que entusiasmante! Como é que se conheceram?

— Não nos conhecemos. Só trocamos mensagens. — Levanto-me. — Queres café?

Ela assente.

— Sim, obrigada.

Aceno ao Matt para lhe chamar a atenção. Ele está a fazer o seu turno e tem os auscultadores nos ouvidos, para abafar o ruído do escritório.

— Café? — articulo com os lábios. Ele levanta os dois polegares no ar.

Eu e a Katy conversamos encostadas à bancada, enquanto

esperamos que a chaleira ferva.

— Bem, é maravilhoso que estejas a expor-te novamente ao mundo — diz ela, e tenho a certeza de que a sua intenção é a melhor. — A minha irmã teve, sei lá... dois milhões de encontros, antes de ter conhecido o Darren. Ela diz que o mundo de encontros atual é como atirar esparguete cozido à parede até esperar que algum fio fique colado.

— Pensei que se dizia atirar barro à parede.

Ela solta uma gargalhada.

— É mais ou menos a mesma coisa, não é?

— É.

Começamos a pôr colheres de açúcar nas chávenas.

— Então, fala-me mais do Joshua — incita ela, deitando a água na cafeteira.

— Não há muito para dizer. Só trocamos algumas mensagens.

— Tens uma fotografia?

Acedo ao perfil dele no telemóvel e mostro-lhe.

— Hum, tem bom aspeto. Um rosto bondoso... — Ela apodera-se do meu telemóvel e começa a ver as fotografias que ele tem no perfil. — Oh, subiu ao monte Kilimanjaro, que fixe. — Assinto. Acho que é fixe. — Ah, e aqui está bastante atraente. — Debruço-me e volto a assentir, sem me comprometer. Quase não vi as fotografias do Josh. A Abril do passado teria examinado minuciosamente todas as fotografias, à procura do mais pequeno indício de que ele pudesse ser a sua alma gémea. Iria psicanalisar cada átomo de cada fotografia, questionar o que subir o monte Kilimanjaro podia significar a respeito da sua infância e se o facto de exorcizar esses significados queria dizer que se encontrava preparado para ser um bom pai ou qualquer coisa do género. Mas agora, desde a minha epifania, consigo ver as fotografias com distanciamento. Olho para a fotografia do monte Kilimanjaro e aposto que ele mal consegue acreditar na sorte que tem em poder incluí-la no perfil de uma aplicação de encontros. Imagino como se sente extasiado de cada vez que uma das correspondências comenta: «O monte Kilimanjaro? Uau, que espetáculo!» A seguir ele conta-lhes como foi espantoso, como é importante tentarmos ultrapassar os

nossos limites. Se alguma vez amar um homem que subiu ao Kilimanjaro, será aquele homem que o fez, mas que nunca se gaba de o ter feito. A ninguém. Talvez mo diga calmamente no seu leito de morte. «É verdade, querida, esqueci-me de mencionar uma coisa. Em certa ocasião, subi ao monte Kilimanjaro. Sim, pela calada da noite. Não queria que ninguém me visse. Não. Nunca tirei fotografias. Foi muito engraçado, presumo, mas não me mudou enquanto pessoa. Estava simplesmente entediado naquele dia e calhou de estar no Kilimanjaro, por isso pensei que mais valia subi-lo.»

Esse homem. Com esse homem casava-me na hora.

Embora ele não se casasse comigo, porque não sou suficientemente Gretel.

A Katy vai vendo o resto das fotografias que o Josh escolheu para o perfil, para convencer as mulheres de que vale a pena passar com o dedo para a direita. Há uma fotografia dele a «rir-se com um grupo de amigos», outra «no café para demonstrar claramente que tem interesses» e aquela «tirada de um ângulo que faz com que as maçãs do seu rosto pareçam melhores do que são». Ela devolve-me o telemóvel e diz-me uma coisa que já me disse muitas vezes:

— Tenho um bom pressentimento em relação a este rapaz.

— Hum.

— Não, estou a falar a sério.

Acrescento leite ao café do Matt e disfarço um sorriso. As pessoas comprometidas têm uma espécie de otimismo determinado que gostam de impingir às pessoas solteiras sobre as suas probabilidades de encontrarem o amor. Eu costumava agarrar-me às palavras delas como se fossem uma espécie de oráculo sábio, acreditando quando diziam «É claro que há alguém para ti algures lá fora», e «Tu és tão merecedora de amor». Porém, agora penso que tudo isso são tretas. Quero dizer, há muitas provas em contrário que sugerem que, não, não sou merecedora de amor. De todos os homens com quem já saí, apenas um disse as palavras «eu amo-te» em voz alta, mas depois também me violou e atormentou-me emocionalmente, por isso parece-me que não conta. Enfim, a ideia de que talvez exista algo de fundamentalmente errado comigo já deve ter cruzado o pensamento

da Katy. Que, talvez, na verdade, *não há* por aí ninguém que consiga lidar com todas as minhas falhas de carácter? Seja como for, a Katy parece estar feliz por eu ter voltado a partilhar as minhas coisas com ela e é bom não ter aquele desconforto que senti ao excluí-la. É bom saber que continuo a poder dar-me com ela mesmo quando não estou no meu modo de «pobre e vulnerável April».

Entrego o café ao Matt e ele agradece em silêncio, ainda embrenhado no seu turno. Deixo-me cair na cadeira e penso que provavelmente devia verificar a caixa de entrada, para ver se ele não vai apanhar nada demasiado complicado. Certificar-me de que não há mensagens de dependentes. Há duas semanas, alguém nos escreveu a falar do pai alcoólico e o Matt esteve na casa de banho durante muito tempo. Insiro todos os códigos de segurança e acedo à lista de mensagens que chegaram durante a noite. Há alguém que quer saber se pode ficar grávida com o fluido libertado antes da ejaculação. Alguém que pensa que o seu pénis não é suficientemente grande. Há um rapaz universitário que está a sofrer verdadeiramente com a separação da sua namorada. Até agora, nada que seja um gatilho para nós. Mas, depois, abro a mensagem seguinte e só com a primeira linha chego lá:

Mensagem recebida: 11h02

O mais certo é estar a fazer uma tempestade num copo de água, mas estou um pouco confusa...

O gole de café amargo que tenho na boca intensifica-se. Demoro um instante a engolir. Fecho a mensagem e olho de relance para o Matt, que está de olhos fixos no ecrã, a escrever uma resposta, imperturbável. Sinto uma enorme onda de gratidão por ele, por ser ele que está a fazer este turno e não eu. Por ser ele a desembaraçar o inevitável novelo de dor de uma jovem rapariga, a sua confusão, enquanto bebe uma chávena de café não muito bom. Tento distrair-me do que o Matt tem para resolver e avanço na minha própria lista de e-mails. Recebi um e-mail a informar que o meu orçamento foi formalmente reduzido em duas mil libras, mas continuam a esperar que faça todas as coisas que devia fazer quando tinha mais dinheiro.

Recebi um e-mail acerca de outro e-mail, informando-me de que devo ignorar o e-mail anterior — que por acaso ainda não abri — e para me dizer que o e-mail correto virá brevemente noutra e-mail. Recebi também um e-mail acerca da reunião que vamos ter para discutir como a associação pode reduzir o número de e-mails que envia.

Quando me sobra um segundo, entro na minha conta pessoal e suspiro ao ver o assunto de um dos e-mails.

De: ChrissyHartley123@gmail.com

Para: AprilS1987@gmail.com

Assunto: Despedida de Solteira

April!!!! Tudo bem? Oh, meu Deus, é tão estranho tu já não teres *Facebook* nem nada disso. Faz-me perceber como conto com as redes sociais para comunicar com as pessoas. COMO VAI A VIDA? Percebi que NÃO FAÇO IDEIA porque também uso as redes sociais para me inteirar da vida dos meus amigos. É TERRÍVEL, não é? Devíamos encontrar-nos pessoalmente em breve para pormos a conversa em dia. Tenho saudades disso. Desculpa ter estado tão afastada. Planear o casamento tem sido uma roda-viva. Principalmente porque a Chrissy-Controladora quis planear tudo sozinha, claro. Oh, meu Deus, estou a falar de mim na terceira pessoa... Isso não é bom.

ADIANTE, tinha os detalhes da despedida de solteira todos num chat de grupo, mas depois apercebi-me de que tu não consegues aceder. Sei que disseste que estavas disponível nesse fim de semana, mas ainda não te dei os detalhes. Então cá vão: Bem, vamos para Brighton. Não é nada piroso, prometo! Acho que já somos demasiado velhas para palhinhas em forma de pénis e mordomos de rabo ao léu. Afinal, 33 não é o mesmo que 27! Reservei o piso de cima de um restaurante simpático para a noite toda, por isso podemos ficar lá e apanhar uma piela. TALVEZ acabemos num bar, se estivermos realmente bêbedas. Mas, para ser sincera, há pelo menos cinco de nós que ou estão grávidas ou a amamentar, por isso acho que o mais certo é voltarmos para o Airbnb para conversar enquanto bebemos chá. No dia seguinte vamos a um *brunch* e, quem sabe, passear pelo Lanes. Tudo muito calminho! O valor total são 150 libras, espero que seja aceitável para ti. Mais uma vez, desculpa. Estas informações estão todas no grupo e esqueci-me completamente de te pôr a par. Os dados da minha conta bancária são: 44-52-87 e 90827536. Depois envio-te outro e-mail com os horários dos comboios. ESTOU TÃO ANSIOSA POR TE VER! Não acredito que está quase. O QUE ACONTECEU? PARA ONDE FOI O TEMPO?

Montes de beijinhos e de abraços,

Chrissy

Quando vejo o valor no fim do e-mail, praguejo e faço freneticamente as contas de cabeça para juntar os bilhetes de comboio, as refeições e o «é claro que não vamos deixar a Chrissy pagar nada, é a sua despedida de solteira, por isso dividimos por todas».

A Katy acorda-me deste processo mental.

— Então? — pergunta, espreitando de lado do seu ecrã com um enorme sorriso no rosto. — Quando é que te vais encontrar com o Sr. Monte Kilimanjaro?

Bebo mais um gole de café.

— Não sei se alguma vez me vou encontrar com ele. Ele ainda não me convidou para sair.

— Então e o feminismo? — diz a Katy de forma estridente. — Sabias que podes perfeitamente convidá-lo para sair?

— Eu sei que posso. Mas não sei se quero. — Além disso, os livros dizem que não devemos. Toda a gente diz que não devemos. Os homens têm de nos caçar e conquistar. E a Gretel também ainda não tem a certeza. Está demasiado ocupada a fazer um *piercing* no nariz, ou algo do género.

— Oh, querida — suspira a Katy, com o rosto a assumir uma expressão de comiseração que não quero ver e de que não preciso neste momento. — Lamento muito que as coisas não tenham resultado com o Simon, mas acho que é importante que continues a mostrar-te ao mundo, entendes? Tens de manter a fé.

— Quem é que precisa de Jesus quando pode ter um homem que subiu ao Kilimanjaro?

Ela solta uma gargalhada.

— Sabes o que eu quis dizer. Tenho mesmo um bom pressentimento acerca deste rapaz. A sério, desde que pus os olhos na fotografia dele, senti alguma coisa. Eu às vezes tenho estes pressentimentos.

Olho de relance para os meus e-mails e uma janela de aviso aparece para me lembrar que esta tarde tenho uma consulta de supervisão clínica. — Tiveste um bom pressentimento quando conheceste o Jimmy? — pergunto, apenas parcialmente interessada na resposta.

— Para dizer a verdade, sim, tive. Lembro-me muito bem. Depois do

nosso primeiro encontro, fui para casa e escrevi no meu diário: «Sei que isto pode parecer dramático, mas acho que acabei de conhecer o homem com quem me vou casar.»

Sorrio e digo «Oh». Mas penso: *Todas, absolutamente todas as mulheres dizem isso depois de um bom primeiro encontro.* Se eu me casasse com todos os homens com quem achei que ia casar-me, seria uma espécie de Henrique VIII combinada com o líder de um culto de sexo, vezes o poder da Katie Price.

— Isso é querido — é o que digo.

— Eu sei. — Vejo-a recompensar-se com a recordação, a sua magia a fazer com que pense novamente no marido com carinho, pelo menos durante um instante ou dois.

— Bem, vamos ver. Ele ainda não me convidou para sair.

— Mas vai convidar.

— Pode ser que não.

— Vai, sim. E, como te disse, tenho um bom pressentimento.

— Não me digas que achas que talvez este seja diferente dos outros...

Está demasiado calor para ter de responder a este tipo de perguntas importantes.

— April, já pensou que pode estar na altura de considerar reformar-se desta função em particular?

A minha supervisora clínica é uma psicóloga chamada Carol. Sentou-se muito composta na sua cadeira, a fazer de conta que é muito sábia e conhecedora, não obstante o facto de estarem dez milhões de graus neste escritório e de eu conseguir ver o suor a brilhar no seu lábio de cima.

— Por que motivo havia eu de querer fazer isso? — Contorço-me na minha cadeira de plástico, limpo a transpiração da parte de baixo da coxa e cruzo as pernas.

— Bem, alguns temas começam a ser bastante recorrentes nesta consulta. Principalmente o modo como os turnos estão a alterar a sua visão geral dos homens.

Assinto. É verdade.

— Está quase a fazer dois anos desde que começou a trabalhar na linha da frente da associação. Estou correta, não estou?

Volto a assentir, sabendo aonde ela quer chegar com esta conversa. Os funcionários da linha da frente têm tendência para quebrar aquando da barreira dos dois anos, principalmente quando desempenham papéis de assistência a vítimas de violência sexual. O Mike avisou-me acerca disto quando aceitei esta função adicional. É quase esperado que nos demitamos antes de ficarmos demasiado amargos ou zangados.

— Mas eu não quero parar — antecipo-me. — Sei que de vez em quando desencadeia alguma raiva em mim, mas não quero deixar de fazer isto.

— Porque não?

Não lhe respondo. Evito o seu olhar e observo a sala de reuniões apinhada, abafada e confusa do nosso escritório. Uma folha enorme de

uma reunião recente onde fomos registando ideias para novas angariações de fundos pende abandonada numa parede, com as palavras «tornarmo-nos um santuário para macacos» rabiscadas por cima, como piada.

— April?

— Não sei.

— Já discutimos, noutra sessão, que isso pode estar relacionado com a sua própria experiência de violação.

Limpo a transpiração das pernas e volto a cruzá-las.

— Bem, é claro que tem um pouco que ver com isso.

— Costumava dizer que esta função a ajudava também a lidar com o que lhe aconteceu, mas acha que isso talvez esteja a mudar? Que talvez já tenha atingido o seu limite? Não há nada de errado consigo, se for esse o caso, sabe?

Mais uma vez, não lhe respondo. A minha pele parece que ficou coberta de espinhos, como um gato.

— Mas tenho de fazer alguma coisa — replico. — Tenho de sentir que de alguma forma estou a resistir.

— Para compensar o facto de não ter conseguido resistir quando foi atacada?

Porque não lhe disse para parar? Porque o deixei fazer-me aquilo? Se o «deixei», então certamente não foi violação? Não, não, não. Sabes bem que foi, sabes que foi.

Enterro uma unha no polegar, inspiro e volto a olhar para a minha supervisora transpirada.

— Provavelmente.

— Sente-se bem, April?

— Sim, estou ótima. Mas... — Puxo a pele em redor da unha. — Qual é a perspetiva psicológica acerca da vingança?

— Da vingança? — Repete ela, escrevendo a palavra no seu bloco de notas, provavelmente acompanhada pelo símbolo de uma bandeirinha vermelha de alarme.

— Pergunto hipoteticamente — acrescento, para o caso de ela dar com a língua nos dentes e contar ao Mike, apesar de estas sessões serem presumivelmente confidenciais. — Já se efetuaram alguns

estudos sobre a *utilidade* da vingança?

— A amargura é uma emoção comum no caso das vítimas — diz a Carol, evitando a pergunta. — Não é invulgar desejar que alguém que nos magoou seja também magoado.

— E se não estivermos zangados só com uma pessoa? — pergunto.
— E se for com um grupo de pessoas?

Ela volta a escrever qualquer coisa e pausa o bloco.

— April, passei muitas das suas sessões de supervisão a falar sobre como este trabalho, combinado com o que lhe aconteceu, lhe deu uma perspetiva bastante negativa dos homens. E, apesar dos meus esforços em trabalhar esta questão consigo, aparentemente está cada vez pior.

— Mas a culpa disso não é minha, é dos homens.

— Já discutimos muitas vezes sobre como os homens não são todos iguais, todos os seres humanos são diferentes. Algumas ovelhas negras não são representativas de metade da população humana. Na sua função, a April ajuda muitos alcoólicos e toxicodependentes, mas não aparece nestas sessões a afirmar que todas as pessoas têm problemas de adicção.

Resisto à vontade de revirar os olhos. Resisto à vontade de fazer uma série de coisas que me apetece fazer: gritar, dizer palavrões, obrigá-la a ler os e-mails que tenho de ler todos os dias e depois gritar-lhe: «Está a culpar-me? Já entende agora? Entende? ENTENDE?» Tenho vontade de a fazer quebrar. De a derrubar. De a obrigar a debruçar-se na sua cadeira suada e dizer: «Ouça, eu também sou mulher, eu entendo. Sim, os homens são horríveis, estão todos lixados e são horríveis, mas não lhe posso dizer isso, senão a April vai ficar cristalizada nessa forma de pensar, mas juro que, secretamente, concordo consigo...»

— Como disse, este tipo de sentimentos parece estar a piorar e não creio que tenham um impacto positivo na sua saúde mental. A sua empresa entende que é frequente este género de função ter uma data de validade. Não será despedida, nada disso, mas pode assumir outras funções. Algo que não seja tão violento para si.

Agora começo a ficar um pouco aflita. Não quero parar de fazer os meus turnos de apoio. Antes de vir trabalhar para a Estamos Aqui,

perdida, assustada e ainda a tentar recuperar do Ryan, só trabalhei como gerente de projeto. Mas, ao fim de um ano, depois de organizar a formação de tantos voluntários, perguntaram-me se estaria interessada em ter formação para a função de apoio. Foi a primeira coisa que me aligeirou um pouco a dor. Que me fez sentir válida e não um monte confuso de estilhaços.

— Vai denunciar-me ao Mike?

Ela sorri e abana a cabeça.

— Sabe bem que estas consultas são confidenciais. Estou aqui para apoiar, April, e apenas isso. Digo isto para seu bem, mas não a posso forçar a parar.

— É que acho que o que está a dizer-me não é muito justo. Que a minha reação é errada. Considerando tudo o que os homens fazem, odiá-los é uma resposta completamente normal. Eu não devia ter de «trabalhar os meus problemas» — e ao dizer isto simulo umas aspas com os dedos —, para não ficar perturbada quando os homens violam mulheres de forma rotineira.

Ela espeta o dedo para contrariar a minha tirada.

— Mas os homens não são todos iguais.

— São, sim!

Subitamente, estou de pé, aos gritos, com o suor a escorrer-me na parte de trás das pernas. Também estou a tremer e a tentar não chorar, a minha garganta parece que foi cosida e a Carol está com um ar preocupado, enquanto tenta fazer com que eu sente o meu traseiro quente na cadeira pegajosa.

O acesso demora uns instantes a passar até conseguir controlar isto que acabou de acontecer. Digo incessantemente que estou bem, estou ótima, o que não é muito convincente.

— April — recomeça ela, quando já estou sentada e a minha respiração é vagamente normal. — Seja bondosa consigo mesma. Pense pelo menos em fazer uma pausa nestes turnos de apoio online.

— Não posso.

— Pode, e isso não tem de significar nada de mais. É apenas uma pausa.

— Vou pensar nisso — respondo, mas sei que não vou pensar em

nada. Faço o meu papel de boa funcionária e permito que a sessão volte ao normal. Eu e a Carol revemos algumas das minhas respostas às mensagens que achei mais difíceis e reformulamos a resposta-padrão às questões da virgindade que não estava a funcionar muito bem.

E se a vingança for boa?

Alguma vez nos permitimos fazer esta pergunta? E se dar a outra face não for a resposta correta? Porque vou dizer-vos uma coisa. Vivi a minha vida inteira no corpo de uma rapariga e já dei a outra face tantas vezes que me surpreende o facto de ainda ter alguma pele no rosto. Porém, nunca me senti melhor por isso, nem uma única vez. Não como me sinto quando penso na Gretel.

— Pense, por favor, naquilo que lhe disse — diz a Carol, quando os nossos 50 minutos acabam.

— Penso, sim. — Levanto-me e regresso ao escritório. Através da parede de vidro, consigo ver o Matt à espera numa cadeira lá fora, com aquela expressão nervosa no rosto de «estou a tentar não parecer alguém que está prestes a entrar numa sessão de terapia». Empurro a porta de vidro e dou-lhe um dá cá mais cinco, como se fôssemos da mesma equipa de *wrestling*, ou algo do género.

— É a tua vez — digo. — Queres lenços de papel?

— És muito engraçadinha — resmunga ele, mas sorri ao entrar. Ouço a Carol dizer «Bem-vindo, Matt, sente-se», antes de a porta se fechar novamente.

Contorno um conjunto de secretárias até chegar à minha, onde a Katy deixou uma fatia de bolo com um bilhete a dizer «miminho pós-supervisão». Ela está numa reunião, por isso não lhe posso agradecer. Em vez disso, sento-me a ler e-mails e mais e-mails, até que o meu telemóvel vibra.

Joshua: Então, Gretel, que tal se fizermos aquela coisa de nos encontrarmos pessoalmente, para decidirmos educadamente se gostamos um do outro ou não?

É uma mensagem tão suave que quase dava para barrar numa torrada. Justiça lhe seja feita.

Espero um dia inteiro antes de lhe responder.

E nem sequer me esforço. Tenho reuniões umas a seguir às outras durante o resto da tarde. Quando o expediente termina, saio para beber um copo e depois encontro-me com a Kerry, uma amiga da associação onde trabalhei; vamos ao Teatro Soho, onde ficamos uma hora a assistir a uma peça razoável. No fim vamos beber um copo e ela queixa-se que, desde que foi promovido, o marido anda sempre tão ocupado e stressado.

Quando chego a casa, a Megan ainda está acordada a fazer quadros de inspiração para o evento de lançamento que lhe caiu no colo; há revistas recortadas espalhadas por todo o apartamento, por isso fico a ajudá-la e acabamos uma garrafa de vinho, enquanto comentamos, incrédulas, o facto de estarmos acordadas até tão tarde num dia de semana e a ressaca descomunal que vamos ter no dia seguinte. Caio na cama sem sequer me desmaquilhar e acordo com demasiada sede às 3h30, bebo quase meio litro de água e consigo voltar a adormecer, pontapeando os lençóis para trás por causa do calor abafado. De manhã, carrego três vezes na opção «repetir» do alarme, em vez das habituais duas, o que me desequilibra completamente a rotina matinal e tenho de fazer tudo à pressa, pondo várias camadas de desodorizante, porque este calor não dá tréguas. Corro para a rua até à estação de metro, os tijolos vermelhos dos apartamentos finos a passarem ao meu lado num borrão indistinto, ao mesmo tempo que penso como é atroz correr quando está tanto calor. Já no metro, colapso no banco e limpo o suor das partes do corpo que é aceitável limpar em público. A carruagem ruge dentro do túnel e é engolida pela escuridão; só neste instante é que penso no Joshua e no convite que me fez.

Releio a mensagem. Continua a fazer-me sorrir.

A Gretel carrega no botão «responder».

Gretel: Pode ser. Porque não?

O Joshua sugere que ele e a Gretel se encontrem na terça-feira, mas a Gretel não pode na terça, apesar de, na verdade, poder. Com efeito, a Gretel muda o encontro com a sua amiga da faculdade, a Vicky, para terça-feira, por isso agora nem sequer está a mentir quando diz que está ocupada, porque está realmente ocupada, já que é tão extraordinariamente boa a viver a vida. A Gretel sugere que se encontrem na quinta-feira, porque é importante mostrar ao Joshua que está interessada em encontrar-se com ele. Não o quer afugentar já, mas ele também tem de ter consciência de como ela é atarefada e fantástica. O Joshua sugere irem beber um cocktail a um sítio que ele conhece. A Gretel diz que tudo bem. Fica então para quinta-feira. Vão beber um cocktail. «Podemos marcar às 18h30 em vez de às 18h00, porque tenho uma coisa marcada?» Ela não tem nada marcado, mas precisa que ele saiba que ela é o tipo de rapariga que tem coisas marcadas.

• **Teste Número Um — Guia da Gretel para Primeiros Encontros**

Os primeiros encontros são sempre enervantes, por isso é completamente natural que te sintas nervosa. Só não podes é *mostrar* que estás nervosa. Isso vai desencorajá-los. Encontrem-se num sítio qualquer divertido para mostrar como és uma pessoa alegre, porque queres mesmo que ele veja que és alegre e divertida. Ir jantar é um pouco formal. Ir ao cinema também não é muito aceitável porque não podem conversar muito, e não terás oportunidade de o enfeitiçar com o teu pestanejar sedutor enquanto ocultas as partes mais negativas da tua personalidade. Talvez possam ir beber um copo. Mas a um sítio interessante. Na verdade, talvez até seja preferível que o deixes decidir onde vão. Não te esqueças: é o primeiro encontro, tens de manter uma atitude *descontraída*.

É claro que deves fazer um esforço no que diz respeito ao teu aspeto, mas não deixes que se torne óbvio que te esforçaste *demasiado*. Não te vistas de modo demasiado sexy, nem demasiado pudico. Uma dica: inspira-te na Caracolinhos de Ouro. Fica algures no meio do espetro da sensualidade. Fica sempre algures no meio de qualquer espetro. Esforça-te por ser tão descontraída quanto possível, para conseguires enganá-lo e fazê-lo desejar passar mais tempo contigo. Dito isto, num primeiro encontro é realmente muito importante que mantenhas a conversa leve, mas interessante. A questão importante a reter das conversas de primeiro encontro é que devem ser insípidas, mas ainda assim capazes de alguma ligação emocional. Evita a chamada, e detestada, conversa de circunstância e faz-lhe perguntas mais profundas, como, por exemplo, «Porquê?», que deves seguir com mais «Porquês?». Ele vai começar a abrir-se mais e a associar essa ligação emocional contigo. Se ele te fizer perguntas, é a tua oportunidade de lhe mostrares como é uma mulher moderna e ocupada, interessante e radical, porém sensível. Fala discretamente de como desejas viajar para África e que estás a pensar comprar os bilhetes em breve. Todos os homens querem estar com uma rapariga que queira ir a África. Não fales dos teus ex-namorados. Nunca. Quero dizer, *dah*. É claro que são ambos solteiros, já na casa dos 30, por isso é evidente, sem qualquer sombra de dúvida, que algures ao longo do vosso percurso de vida alguma coisa correu séria e dolorosamente mal, mas o primeiro encontro não é a melhor altura para falar do elefante na sala! Assim, mantém a conversa arejada e faz de conta que queres ir a África. Se quiseres de facto viajar para a África, melhor ainda! Lembra-te de que não deves dizer palavrões e afasta-te de temas de conversa polémicos, como a política, a arte ou as tuas respostas emocionais às dificuldades da vida. Mantém sempre um ambiente positivo!

Ah, e se forem comer alguma coisa, certifica-te de que não pedes uma salada. Os homens não querem passar o resto das suas tristes vidas com mulheres que pedem uma salada patética. Pede o que te apetecer mesmo comer, porque és uma mulher forte e independente e estás-te nas tintas para o que os outros pensam, só não peças uma salada, mesmo que te apeteça genuinamente comer salada, está bem?

Quando pedirem a conta, certifica-se de que te ofereces para pagar metade, porque, enfim, vivemos na era moderna. Por outro lado, se ele quiser pagar, deixa-o pagar, para ele não se sentir emasculado. Podes pagar no próximo encontro — mas não vale a pena pormos a carroça à frente dos bois. Ainda estamos a discutir o primeiro encontro. Ainda não estás no segundo, pois não, sua destrambelhada que precisa de ler conselhos sobre o que fazer em primeiros encontros?

Se o encontro correr bem e existir química sexual entre os dois, uma ligação emocional e se ainda não deste cabo da noite ao revelar algum dos teus traços de personalidade menos atraentes, então a grande questão é: beijam-se ou não? É claro que sexo está fora de questão, sua galdéria. Mas beijar não faz mal. Mais ou menos. Desde que sigas algumas dicas simples, desculpa, queria dizer regras simples: deixa que seja ele a beijar-te. Não tenhas a iniciativa. Mesmo que seja evidente que ele te quer beijar, não te inclines primeiro na direção dele. O ideal é não haver qualquer beijo até ao segundo ou terceiro encontros. Deixa que a expectativa aumente. Oh, e depois, espera que seja *ele* a voltar a entrar em contacto contigo. Não o faças primeiro, porque... são homens. De qualquer maneira, estás demasiado ocupada a ser extraordinária e valiosa, não precisas dele para nada e nem sequer te ocorre enviar-lhe uma mensagem, não é?

Isto só funciona se souberes que há muitos homens por aí com os quais podes criar faísca e jamais te preocupas com a eventualidade de vir a morrer sozinha. Não podes continuar a ir a encontros com receio de morrer sozinha. Quero dizer, esse é essencialmente o propósito dos encontros — encontrar alguém para não morrermos sozinhas —, mas não podes pensar nisso agora. Tens de encontrar o amor acidentalmente num dos encontros a que vais para tentares encontrar o amor da tua vida. Se não for esta a tua atitude, então não passas de uma mulher desesperada, e consigo sentir o cheiro do teu desespero à légua, credo!

Enquanto me preparo na casa de banho apertada do escritório, sinto-me estranhamente calma. Por muitos primeiros encontros que já tenha tido na vida (e foram mesmo muitos), nunca deixaram de ser profundamente perturbadores para mim. Nunca consegui ultrapassar muito bem o constrangimento que é sentar-me com um desconhecido, quando ambos estamos a tentar decidir se somos capazes de nos apaixonar pela pessoa ali à nossa frente. Os juízos de valor imediatos que se fazem, contando as mesmas histórias que sabemos que fazem sucesso, mas claramente não demasiado sucesso, senão não precisávamos de estar em mais um encontro. Não estou a usar a minha roupa habitual de primeiros encontros, mas sim o que a Gretel usaria.

Ele havia de querer que a Gretel tivesse um aspeto deslumbrante mas natural, o que, obviamente, requer um esforço enorme. Se a Gretel fosse real, ia diretamente do trabalho para o encontro e pronto, com o rosto luminoso e o cabelo apanhado no cimo da cabeça — com um ar tão extraordinariamente bonito como aquele que tem logo de manhã ao acordar ao lado dele, provavelmente antes de lhe fazer sexo oral ou algo do género. No mundo dos homens, a Gretel não demora mais de cinco minutos a preparar-se para ficar tão bonita. Só que a Gretel não é real.

Eu só estou a desempenhar o seu papel. Sou uma mulher suficientemente bonita. Já alguns homens me disseram, sem que precisasse de lhes perguntar, que sou objetivamente bonita (costumo designar estes elogios «erros espontâneos»). Mas não sou nenhuma manequim, por isso é necessário aplicar muita maquilhagem para atingir o desejado efeito Gretel.

No instante em que estou a aplicar máscara de pestanas, ouço uma batida na porta.

— Estás morta? — pergunta o Mike. — Seria uma pena terrível se estivesses, principalmente porque preciso de usar a casa de banho.

Sorrio.

— Desculpa, vou já sair. — Reúno o conteúdo da minha bolsa de maquilhagem e enfio tudo novamente lá dentro. Para atingir o efeito de beleza natural da Gretel, «só» tenho primário, base refletora, iluminador de olhos, rímel, um nadinha de contorno nos olhos, pó, iluminador e um batom vermelho. Desço as calças de ganga e descalço os *Converse* para as conseguir despir. Depois abano a blusa e o soutien, cheiro as axilas para ver se continuam a aguentar-se, e visto um vestido comprido com alças finas. Apoio-me na porta, porque só se consegue destrancar se fizermos peso no ângulo certo, e saio de repente para dar com as sobranceiras erguidas do Mike.

— Estás muito bonita — comenta ele, mas não de forma pervertida. Ele é um daqueles homens extraordinários que não transmite a menor vibração sexual desconfortável. Ficámos todos surpreendidos quando soubemos que a) ele é heterossexual, e b) é casado e tem filhos.

— Obrigada. Estás a trabalhar até que horas?

Ele aperta a cana do nariz, enquanto solta um pequeno suspiro exausto.

— Espero que não muitas mais. Embora já tenha perdido a hora de deitar os miúdos. Outra vez. De qualquer maneira, tem uma boa noite. Eu preciso mesmo de fazer chichi.

Regresso à secretária para pegar nas minhas coisas. Continuo sem sentir quaisquer nervos. Guardo na mala o que lá consigo enfiar e deixo a maior parte das tralhas por baixo da secretária para as levar para casa depois. Duvido que a Gretel seja o tipo de rapariga que arrasta uma mala atafalhada atrás de si. Todos os homens com quem já saí parecem encarar o facto de eu andar com uma série de coisas atrás como um insulto pessoal. «Porque é que esta mala é tão pesada? Precisas mesmo destas coisas todas? Não faz mal se saíres de casa sem trazeres as tralhas todas, sabias?» No entanto, o mais hilariante é que normalmente são eles quem acaba a vasculhar o interior da minha mala à procura de todos os objetos úteis que ali armazenei. «Posso beber um pouco da tua água? Tens algum paracetamol? Isso são pastilhas? Posso comer uma? Olha, posso guardar a carteira na tua mala?»

Quando me vou embora, o escritório está vazio; o Mike ainda está

na casa de banho a fazer sei lá que coisas nojentas os homens fazem nas casas de banho, que devem ser iguais às que as mulheres fazem, mas mais nojentas ainda.

Joshua: Olá, cheguei um pouco mais cedo. Estou na mesa do canto. Até já.

Quando estou prestes a entrar no metro, recebo outra mensagem.

Joshua: A não ser que me vás deixar pendurado. Se for esse o caso, espero que esta mensagem te faça sentir realmente culpada.

Sorrio ao ler a segunda mensagem. O Josh parece ser ligeiramente diferente dos outros, porque nem sequer tem medo de chegar antes da hora. No meu primeiro encontro com o Simon, ele fez-me esperar 20 minutos, com a desculpa de que ficou retido no trabalho. Pediu muita desculpa, mas chegou atrasado. Assim, informou-me logo à partida de que o tempo dele era mais valioso do que o meu — que se sentia confortável com a ideia de eu ficar à espera dele. Desta vez fiz de modo a chegar exatamente dez minutos atrasada ao encontro com o Josh. Só dez minutos, porque os homens são menos tolerantes quando as mulheres se atrasam do que o contrário. É o suficiente para o deixar alerta, mas também não o suficiente para o deixar aborrecido.

Gretel: Tínhamos encontro marcado para hoje?... Estou a brincar. Já vou a caminho. Estou uns minutinhos atrasada.

O metro já acalmou o suficiente desde a hora de ponta e quando chego à London Bridge já não vou transpirada nem influenciada pela má-disposição das outras pessoas. Subo as escadas, saio para a luz do dia e pego no telemóvel para descobrir onde fica o tal bar. Continuo sem me sentir nervosa. Estou um pouco preocupada com a possibilidade de ser uma psicopata por mentir acerca do meu nome, mas não estou nervosa por conhecer o Josh. Até tenho uma pontinha de pena dele.

Encontro a entrada numa pequena rua meio escondida e vejo a placa discreta por cima da porta preta. Já passei por aqui mil vezes e

nunca me apercebi de que era um bar. Não tenho a certeza se devo puxar o enorme batente de bronze ou se posso entrar. Afinal, acabei por não chegar assim tão atrasada. Planeei retirar alguns minutos à minha estratégia de atraso, para não abusar, e isso funcionou muito bem, porque só me atrasei cinco minutos. Fico ali parada durante uns instantes, sentindo-me mais ansiosa com este dilema do que devia. A Gretel fica temporariamente desorientada e eu, a April, e a minha incapacidade geral de por vezes funcionar como um ser humano, assumo a liderança, mas fico paralisada com a indecisão. Felizmente sou salva quando a porta se abre e um grupo de fumadores ébrios sai com cigarros nas mãos. Sorriem-me e seguram-me a porta para eu passar. Inspiro profundamente mais uma vez, volto a encontrar a minha Gretel interior e entro com um passo decidido, para conhecer o Joshua.

Lá está ele. O Joshua. Que nome forte. Está sentado no canto. Que escolha de mesa forte. Não está a mexer no telemóvel para compensar o facto de estar sozinho. Que carácter forte. Até que me vê, bem, vê a Gretel. Deve reconhecer-me pela fotografia. Levanta-se e, numa questão de milésimos de segundo, ambos tomamos um trilião de microdecisões acerca do outro apenas com base na linguagem corporal, no nosso cheiro e usando o filtro das nossas experiências passadas. Afinal, ele está num primeiro encontro, também ainda não deve ter desistido do amor.

— Olá, Gretel, muito prazer em conhecer-te. — Ela caminha com passos largos até mim e, um pouco constrangidos, cumprimentamos com um beijo no rosto.

— Muito prazer em conhecer-te também. — O facto de ele ter acabado de me chamar *Gretel* é uma loucura. O que é que eu estou a fazer? Mas que porra estou eu a fazer? Perdi completamente o juízo, pronto. A minha voz sai-me um pouco esganiçada demais e tento baixar uma oitava. — Desculpa, estou um bocadinho atrasada. Não conseguia encontrar o bar.

Ele conduz-me para a mesa e, pelo caminho, dá um encontrão a outro rapaz.

— Então, pá?

— Ei, desculpa, foi sem querer — diz o Joshua, antes de praguejar por entre dentes quando nos afastamos. Apanho uma centelha do seu nervosismo. Normalmente estou tão consumida pelos meus próprios nervos que o rapaz pode estar a sangrar dos olhos e eu não dou por nada, mas hoje consigo sentir a ansiedade dele a ferver. Sou sobressaltada pelo poder que sinto. Mais uma vez, é uma experiência completamente nova num primeiro encontro. — Senta-te, senta-te — diz ele, fazendo sinal para a cadeira. — Não pedi uma bebida para ti porque não faço ideia do que gostas de beber. Mas posso olhar já para a empregada, para a chamar.

— Hum, uma vez que estamos no primeiro encontro, a mulher para a qual devias olhar não sou eu? — Instalo-me na cadeira, apreciando a forma como o olhar dele regista subtilmente a minha aparência. — Não quero entrar numa competição com a empregada de mesa. — Ambos nos rimos ao mesmo tempo, embora eu consiga perceber que a piada o deixou algo inseguro. Por isso, debruço-me e olho para ele por entre as minhas pestanas. — Uma cerveja seria ótimo para começar, obrigada — digo. — E eu sou péssima a chamar a atenção dos empregados de mesa, por isso, se puderes fazer as honras...

Os ombros do Joshua descontractam, agora que o seu ego foi afagado. Chama a senhora com grande orgulho e pede-me uma *Corona* com lima, apesar de a April nem sequer gostar muito de cerveja.

A minha bebida chega quando eu e o Joshua estamos a acabar de contar os emocionantes detalhes das nossas viagens até aqui.

— Oh, sim, a linha Jubileu é mesmo estranhamente entusiasmante e adulta, não é?

— Oh, então podes vir a pé de Blackfriars? Que útil.

— Uma *Corona*. — A empregada debruça-se e pousa a cerveja na mesa, no meio dos dois.

— Saúde. — Pego na cerveja e bebo um gole, tentando não fazer uma careta. — Desculpa, não é nem um pouco digno pedir uma cerveja num primeiro encontro, pois não? — Volto a pousar a garrafa. — Mas hoje está tanto calor. Prometo que mais tarde serei sofisticada e pedirei vinho tinto.

O Josh volta a dar uma gargalhada.

— És uma daquelas pessoas que percebe de vinhos?

Tens sempre de o fazer sentir-se à vontade, murmura a voz da Gretel, para eles associarem a sensação de conforto à tua presença.

Abano a cabeça.

— Não. Tu és?

Ele também abana a cabeça.

Mas não te entregues numa bandeja; faz com que ele se sinta moderadamente desconfortável, para que saiba que ainda não te tem na mão.

— Ainda bem — respondo. — Porque se fores uma daquelas pessoas que sabe realmente o que fazer quando, nos restaurantes, nos dão um gole de vinho para provar, então acho que isto entre nós não vai funcionar.

Mais uma gargalhada sonora. Nunca consegui fazer com que um homem se risse tão depressa num primeiro encontro.

Faz-lhes muitas perguntas abertas sobre si mesmos.

Engulo mais um gole de cerveja.

— Com que então, o monte Kilimanjaro?

Não preciso de dizer mais nada. Nem sequer tenho de explicar por que motivo estou a puxar o assunto, ou recordá-lo de que tem uma fotografia da expedição no seu perfil. O rosto dele ilumina-se com a oportunidade de falar sobre o assunto.

— Sim, foi completamente espetacular. Ainda estou a sentir a emoção, juro, apesar de já ter sido há mais de seis meses... Então, acampámos num lugar lindo chamado... foi a coisa mais desafiadora que alguma vez fiz na vida, uma pessoa aprende tanto sobre si mesma... ficou cá o bichinho, já estou a planear a próxima aventura... a coisa mais importante é ir treinando, não se pode descurar o treino... a doença da altitude é o pior, claro.

Incentivo o seu monólogo com ocasionais «Uau» e «Porquê?» para estabelecermos uma ligação emocional profunda, mas, basicamente, uso este tempo todo para avaliar a aparência do Joshua. Nem é muito bonito, nem pouco bonito, determino. Tem um aspeto neutro, como a Suíça. Parece apenas «um homem». Tem definitivamente um daqueles rostos que exigem primeiro uma ligeira ligação emocional antes de

termos vontade de lhe rasgar a roupa. Depois, mal todas as problemáticas hormonas da ligação emocional ocorram, consigo imaginar que o sinal junto ao seu lábio seja mágico, e os olhos, verdes, são suficientemente invulgares para os acharmos deslumbrantes e querermos atracar-nos a ele enquanto figura de apego, colmatando assim todas as nossas necessidades de infância que ficaram por suprir.

— Pois, então, três picos depois... como *amuse-bouche*... Ah! Ah! Ah! — Ele esforçou-se por se apresentar bem. A camisa cinzenta fica-lhe bem e realça-lhe a cor dos olhos. Imagino que tenha sido uma namorada antiga a dar-lhe a dica e que ele se agarrou a ela desde então. A camisa ajusta-se bem ao corpo; um corpo normal, suficientemente tonificado para suportar a faceta de montanhista, mas não é decididamente um adepto de ginásio — se fosse, a esta hora já teria falado de proteínas. Mantém um nível aceitável de higiene. O meu palpite é que já teve dois relacionamentos sérios e que o último o magoou o suficiente para afogar as mágoas a subir o monte Kilimanjaro. Talvez a rapariga que lhe disse que o cinzento lhe fica bem tenha sido a mesma que o fez subir a montanha... Bem vistas as coisas, se não o estivesse a usar numa experiência social, ele até podia ser uma boa aposta. Principalmente na minha idade. Tenho muita sorte por ter conseguido um encontro com alguém como o Joshua. O melhor é não dar cabo de tudo sendo eu mesma...

— Por isso, sim, o Evereste é o sonho, mas são 30 mil, porra! Ups, acabei de dizer um palavrão. Desculpa, não te importas com palavrões, importas?

Abano a cabeça e sorrio. A Gretel não se importa com nada, é exatamente essa a ideia.

— Ufa! — exclama ele, enquanto faz de conta que limpa o suor da testa, como se fosse um comediante dos anos 80 a fazer uma piada sobre a sogra. Rio-me. Ele toma consciência de si e de quanto já falou. Pega na bebida e gesticula na minha direção. A forma como engole revela que ainda está nervoso. E eu acabo por sentir uma inesperada ponta de pena dele. Céus, as coisas que nos obrigamos a fazer para tentarmos encontrar alguém. — Enfim, então e tu? Também gostas de uma aventura ou outra?

Assinto, porque sei que tenho de fazer de conta que gosto de aventuras. Deus não permita que a minha ideia de risco seja, num certo dia, pedir um café ligeiramente diferente para me arrepender imediatamente.

— Oh, sim — respondo, forçando-me a beber mais um gole de cerveja. — É claro que adoro aventura. Quem não adora? — *Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu.* — Na verdade, estou a ponderar ir a África.

Esta frase tem o efeito desejado. Ele parece impressionado.

— Uau.

— Acho que deve ser simplesmente espetacular, sabes?

— Oh, sim, claro. Eu também adoraria voltar um dia. Quando lá estive não vi o suficiente, isso é certo. Para que parte de África gostarias de ir?

— Oh, um pouco para todo o lado. Quero ver tudo, sabes? É um lugar tão fascinante. — Apercebo-me então de que, à semelhança do que acontece quando dizemos que estamos a escrever um romance, ou que vamos correr a maratona, dizer que estamos a planear ir a África torna-nos instantaneamente tão atraentes que nem nos damos ao trabalho de elaborar a questão. — Então e tu, o que fazes da vida? — pergunto, alimentando a conversa.

O Joshua, seja porque ainda está nervoso, porque é a sua personalidade ou porque os homens pensam mesmo que a melhor coisa que pode acontecer em qualquer instante é terem uma mulher disposta a ouvi-los, preenche alegremente o silêncio até acabarmos as nossas bebidas e decidirmos partilhar uma garrafa de vinho tinto.

— Eu trabalho em informática. Porquê? Porque sempre adorei computadores. Comecei a fazer programação ainda antes de as pessoas saberem que a área existia. Porquê? Bem, porque tem uma beleza muito própria, é a sua própria linguagem. A programação é muito mais criativa do que as pessoas julgam. É uma forma de resolver problemas, de construir mundos a partir do nada... Oh, sim, a empresa onde trabalho é ótima. É uma *startup* que oferece boas condições de trabalho. O ambiente no escritório é descontraído. Todos paramos de trabalhar às 16h30 de sexta-feira. Eu sei, é ótimo, não é? Principalmente no verão...

Ouçoo a falar, a falar e a falar. Assinto uma e outra vez e concordo com tudo. De vez em quando faço uma observação inteligente e engraçada, para lhe mostrar que não sou completamente insípida, que estou muito interessada no que ele está a dizer. É tão relaxante não ser eu neste momento. Bebo o meu vinho tinto e continuo a ouvir.

— Esse horário de sexta-feira é ótimo — comento. — Uau, não sei absolutamente nada de programação. Que interessante.

Quando a garrafa de vinho acaba e o bar já está mais cheio, faço uma estimativa de que o Joshua passou talvez 80 por cento do tempo a falar, e eu 20 por cento. E, a avaliar pela forma adoradora como olha para mim, com os olhos ligeiramente ébrios inundados de esperança, diria que, senhoras e senhores, acabei de encontrar a proporção dourada.

— És bonita — declara ele. Atira a frase com a confiança que o álcool lhe confere. — Gosto dos teus olhos.

Aceito o elogio porque isso demonstra bons níveis de autoestima.

— Obrigada — digo. — Fi-los sozinha.

— Ah! Ah! Ah! — Ele ri-se tanto que quase cospe o vinho. — Isso é muito engraçado — diz. — Ah! Ah! Ah! Uau, nunca uma rapariga me tinha feito rir com tanta vontade.

Ergo as sobrancelhas e absorvo a microagressão, porque a Gretel é descontraída neste tipo de situações. São quase 10 da noite e estou a começar a quebrar. É muito cansativo ouvir alguém falar constantemente e compor o rosto numa expressão neutra de quem está a escutar com atenção. E também, até agora a Gretel tem sido um pouco fácil demais. Está na hora de desequilibrar a balança do poder. Pressentindo esta alteração, o Joshua debruça-se na minha direção e toca na garrafa vazia.

— Mandamos vir outra? — pergunta. — Eu não conto a ninguém se tu não contares.

Sorrio com uma expressão calorosa e nada ameaçadora.

— Adoraria. Mas é melhor não. Tenho uma reunião importantíssima amanhã logo de manhã. — A expressão do Joshua desfalece um pouco, a rejeição espalha-se pelo seu corpo. Por isso debruço-me e pouso a mão em cima da mão dele, e dou início à interminável rotina

de usar toda a minha energia para acalmar o seu ego. — Mas diverti-me muito.

Ele olha para a nossa pele em contacto. Sente o que eu sinto. Porque, e atenção que isto é profundamente irritante, não obstante todas as condicionantes, o contacto entre a nossa pele está a enviar choques elétricos pelo meu braço acima. Ondas de eletricidade despertam por todo o meu corpo.

— Eu também — diz ele. — A reunião é sobre o quê? É tão fixe trabalhares numa associação. É, tipo, o certificado de que és uma boa pessoa.

— Sim. Já trabalhei o suficiente para me poupar três anos ao purgatório... — *Certifica-te de que demonstras inteligência, mas não demasiada, não queres ser intimidante.* — A reunião é sobre financiamento, mas vai incluir tantos números e valores que preciso de estar no meu melhor. — Tiro a mão. — Por isso, é melhor ir andando.

O Joshua levanta-se quando eu me levanto.

— Está bem, eu acompanho-te até ao metro.

Pego na mala. Um grupo de homens de negócios mais velhos passam bruscamente por nós para ficarem com a nossa mesa antes de eu conseguir sair. «Desculpe, desculpe», dizem eles com as mãos no ar, mas sem intenção absolutamente nenhuma porque continuam a empurrar-me. Quantos pedidos de desculpa aceito de homens que continuam a fazer as mesmas coisas, apesar das palavras que proferem?

Quando saímos para as ruas animadas, o sol ainda não se pôs por completo. Um trilião de ciclistas passa por nós, os passeios estão apinhados de gente que já não cabe nos bares. O calor ergue-se dos passeios de betão e mistura-se com o fumo dos autocarros que sibilam à nossa volta. O ar parece que não tem oxigénio suficiente. Agora que já não estamos sob a luz difusa do bar, os nervos do Joshua regressaram. Caminhamos lado a lado, mas nunca perto de nos tocarmos. Ajo como se este constrangimento não me estivesse a perturbar nem um pouco, balançando os braços e cantarolado baixinho. Sempre me debati para preencher o silêncio quando tropeço

nele. É nos momentos de silêncio que concedo a maior parte do meu poder. Mas a Gretel nem sequer se sente constrangida. Está demasiado ocupada a planear uma música qualquer para tocar no seu *ukelele* quando chegar a casa, ou a debater interiormente se o novo *piercing* que fez no nariz é um caso accidental de apropriação cultural.

— Amanhã tens um dia em grande? — pergunto, quando já se passou tempo suficiente para ele pensar que me sinto confortável com o silêncio e a pausa na conversa. — Vais programar qualquer coisa espetacular?

Ele volta a rir-se.

— Oh, vou pois — alimenta-se da energia que eu criei. — A programação nem vai saber o que a atingiu. Vou programar como se não houvesse amanhã.

— Um dia tens de me ensinar como isso se faz.

O Josh aceita a sugestão. Para de repente no passeio e vira-se para olhar para mim.

— Gostava muito — diz ele. Estende os braços e pega nas minhas mãos, enquanto olha diretamente para os meus olhos. Fico um pouco afetada porque não estava à espera de nada disto. Ainda não tenho a certeza se a Gretel beija num primeiro encontro ou não, mas há decididamente a possibilidade de um beijo no horizonte poluído e sufocante. Levanto os olhos para este homem estranho que está a segurar as minhas mãos. Penso em como normalmente toco nas pessoas que conheço, como o toque da pele é algo que surge com o tempo. Como os amigos vão construindo a capacidade de se abraçarem uns aos outros. E, no entanto, num contexto de encontros, damos a pessoas desconhecidas o privilégio e a intimidade de nos tocarem depois de meia dúzia de mensagens e uma garrafa de vinho tinto. Os homens já não têm de conquistar o direito de tocar nas mulheres. E, mesmo que tenham de o fazer, o mais frequente é debruçarem-se na nossa direção e fazerem-no seja como for. Sinto um frémito a percorrer a minha pele.

Olho para os olhos verdes do Joshua, depois para as nossas mãos, e tento impedir que a raiva da April se imiscua na Gretel. Mas devo ter deixado escapar qualquer coisa, porque o Joshua me dirige um sorriso

atrevido antes de me largar as mãos.

— Muito bem, então. Vamos lá levar-te para casa, Menina Amanhã Tenho Uma Reunião Importante.

— Muito importante — corrijo, caminhando um pouco mais perto dele, para ele saber que a Gretel continua interessada. — Quero dizer, por vezes, quando me ponho a pensar em quão importante sou, sinto-me de tal forma assoberbada que nem consigo sair da minha cadeira do escritório.

Ele volta a soltar uma gargalhada. Na verdade, eu devia ser um pouco mais simpática com ele. Sim, ele é um homem, tenho quase a certeza de que são todos pavorosos e merecem ser castigados apenas por existirem, mas o Joshua não se debruçou propriamente na minha direção e não abusou. Ele percebeu a minha vibração enquanto April e não beijou a Gretel. Justiça lhe seja feita. Embora também seja verdade que muitos homens parecem muito queridos ao início...

Chegamos às escadas da minha estação de metro. Ainda está inundada de pessoas que se movimentam nesta noite de verão, mas todas ignoram o homem de microfone na mão e coluna portátil que nos grita que devemos aceitar Deus nas nossas vidas. O Joshua conduz-nos para uma alcova ao lado da entrada do Mercado Borough para podemos parar e despedir-nos desajeitadamente sem termos o constrangimento das outras pessoas a tentarem passar por nós enquanto nos reprovam com estalidos com a língua.

— Então — diz ele, novamente com ar de quem gostaria de me beijar.

— Muito obrigada pelo vinho — digo. — E por não seres um psicopata assustador. Nestas aplicações de encontros, nunca se sabe.

Mais uma gargalhada genuína.

— Não tens de quê.

Não lhe digo que me diverti muito, porque a Gretel não é o tipo de pessoa que distribui elogios com facilidade. Os homens têm de merecer os seus elogios; têm de chamar a sua atenção, de a desviar da aventura incrível que ela estiver a viver no momento, ou do devaneio em que estiver mergulhada. Sinto que aquele abraço desconfortável com a palmadinha nas costas, característico de tantos encontros, se

aproxima, por isso dou-lhe um beijo ao de leve no rosto e digo apenas:

— Agora vai para casa em segurança. — Depois viro-lhes as costas e vou-me embora. Desço para as profundezas do metro de Londres sem sequer olhar para trás.

Pego no meu cartão e passo pelas barreiras; sorrio ao artista de rua enquanto deslizo pelas escadas rolantes e passo pelos cartazes dos musicais do West End cujos bilhetes nunca posso comprar porque vivo em Londres. Deixo-me cair no banco cheio de germes com um baque surdo e o metro serpenteia por entre a escuridão, levando-me para casa. Adoro andar de metro a esta hora da noite, quando toda a gente está tocada pelo álcool e ou vão para casa depois de terem bebido um copo a mais, ou vão sair para terem uma noite ainda mais divertida. Uma ansiedade ébria inunda o metro e o tipo de atmosfera é tão descontraído que, se alguém comesse a cantar a *Bohemian Rhapsody*, toda a gente na carruagem se juntaria ao coro. Mudo para a linha District, sorrindo quando me desvio de um grupo de turistas que seguem alguém com um guarda-chuva levantado a servir de guia. Entro no segundo metro e sinto uma pontada que já é frequente. A sensação de que tenho muita sorte por viver em Londres, quando penso nos turistas que andaram a poupar o seu dinheiro para virem até aqui admirar tudo aquilo para que todos os dias olho de forma quase indiferente. Abro a agenda e anoto algumas ideias para a reunião de amanhã. Planeio para que horas tenho de pôr o despertador e ligo-o no telemóvel. Depois planeio o que vou comer ao pequeno-almoço, percorrendo mentalmente os ingredientes que sei que tenho no frigorífico. Se me levantar dez minutos mais cedo, consigo fazer ovos mexidos. Enquanto caminho para casa, sorrio com a possibilidade. Já estou à espera de que a manhã chegue só para poder tomar o pequeno-almoço.

Só quando chego ao fim da minha viagem me apercebo.

Fiz a viagem inteira sem pensar uma única vez no encontro com o Joshua.

Ele abandonou o meu pensamento assim que me afastei dele. Nem sequer me questioneei se ele ficou a observar-me enquanto me afastava, que é uma coisa que normalmente me ocupa o pensamento.

Não analisei o meu comportamento à procura do que disse e fiz de errado, nem me torturei com todos os fragmentos de imperfeição que desenterro com uma rapidez estonteante. Não examinei cada uma das palavras dele, procurando provas dos seus problemas em assumir uma relação séria, perturbações de ordem pessoal, o desejo de ter filhos e/ou ex-namoradas que ainda podem estar apaixonadas por ele. Não fiquei obcecada com o momento em que ele me pegou nas mãos, ou no momento em que quase me beijou, não ralhei comigo mesma por não ter deixado que me beijasse, porque isso o pode ter desencorajado, apesar de, na verdade, não ter grande vontade de ser beijada. Não verifiquei constantemente o meu telemóvel assim que saí do metro para ver se ele me tinha enviado uma mensagem, nem deixei que o resultado ditasse o que sinto sobre mim ou sobre a minha vida. Não liguei de imediato à Megan para lhe fazer o relatório de todos estes aspetos e pedir a sua opinião, já que não confio nos meus próprios instintos porque, enfim, já viram o meu currículo?

Isto nunca me aconteceu.

Paro no meio do passeio e digo em voz alta «Hum».

Depois, claro, o meu telemóvel vibra e o nome dele aparece.

Joshua: Olá, Gretel, diverti-me mesmo muito esta noite. Seria ótimo se pudéssemos repetir em breve. Beijo

É a mensagem perfeita para depois de um encontro. A mensagem que todas esperamos receber. E tão depressa. Gostei do tempo que passámos juntos. *Boom!* Sem jogos nem engodos. Gostava de te ver outra vez. Oh, isto foi realmente um sucesso. Um beijo no fim. Já. Só um. Mas um chega. Qualquer outro número de beijos seria demasiado estranho. No geral, é como digo, a mensagem perfeita. Diz: «Gostei de ti e não vou ser um idiota ao dizê-lo claramente ou a jogar jogos desnecessários, mas mesmo assim sou um ser humano que não vai apostar todas as minhas fichas em ti.»

É assim mesmo, Josh, penso. Não pondero como devo responder. Nem sequer solto um gritinho de felicidade. Só penso *Espero que a Megan não me tenha comido a porcaria dos ovos*. E depois vou rapidamente para casa, para verificar o frigorífico.

• **Leve, Fresca e Fofa — Guia da Gretel para Mensagens entre Encontros**

A coisa mais importante a ter em mente acerca das mensagens entre encontros é que nenhuma delas tem o menor significado. São apenas uma diversão, está bem? O seu único propósito real é a) tratar dos detalhes administrativos e b) seduzir e entreter.

Certamente nenhuma mulher que tenha valor vai interpretar o que quer que seja através destas mensagens, ficar obcecada com o seu conteúdo e respostas, dar saltos e fazer a roda como um gato assustado sempre que recebe uma nova mensagem. Quem é que faz uma coisa dessas, por amor de Deus? Não a Gretel, de certeza.

Não podes, de maneira nenhuma, responder sempre assim que recebes uma mensagem. É a forma mais rápida de ele perder a tesão. O tempo de espera mínimo para respostas é de uma hora. Não porque ligaste o temporizador no telemóvel, mas porque estás ocupada a ser espantosa e fabulosa e Gretel, para teres tempo para responder mais cedo.

Certifica-te de que cada mensagem que envias o faz sorrir de alguma forma. Que anima o seu dia. Que anima a sua vida! Mas não com demasiada frequência. Não queremos que ele se passe com a tua disponibilidade. Tens de conseguir alcançar o equilíbrio ideal entre o reforçar da ideia de que estás a pensar nele enquanto lhe demonstras também que não estás *sempre* a pensar nele.

Tens de ter a noção de que é provável que ele também troque mensagens com outras raparigas. Não faz mal. Tu não te importas com isso. Não há problema absolutamente nenhum, POIS NÃO? Quero dizer, tu também trocas mensagens com outros rapazes. E por «mensagens» quero dizer fotografias inusitadas de pénis flácidos e cheios de pilosidades; perguntas constantes sobre o tamanho do teu soutien; mensagens de ódio daquele psicopata com quem saíste há três meses a chamar-te «vadia» porque não quiseste ir para a cama com ele e lhe disseste de forma simpática que não querias voltar a encontrar-te com ele; inúmeras mensagens de pessoas que não sabem escrever sem dar erros ortográficos; incontáveis mensagens que dizem apenas «olá», e que se repetem *ad aeternum* até que se despedem novamente com um «vadia» na ausência da tua resposta. Olhas

regularmente para o teu telemóvel e questionas-te como é que as pessoas ainda conseguem conhecer alguém quando é evidente que os homens estão todos avariados; por isso, não consegues acreditar que encontraste um, apenas um, com quem te deste vagamente bem, logo estás a depositar toda a esperança que te resta neste homem e nem consegues acreditar que já se passaram duas horas e ele não respondeu — e não fazes ideia se ele te vai convidar novamente para sair e és até capaz de chorar se ele não o fizer... Pois, mas ele não precisa de saber tudo isto. A única coisa que ele precisa de saber é que tu também estás em campo. Neste campo demasiado arado e chamuscado repleto dos cadáveres em decomposição de todas as tuas esperanças passadas... Assim sendo, uma mensagem realmente boa para lhe enviar é aquela de tom descontraído que lhe transmitirá como és uma pessoa muito ocupada, divertida e espontânea. Qualquer coisa como: «Saí para vir ao sítio X para jogar minigolfe temático, num campo que brilha no escuro — devias juntar-te a mim!» Ou então: «OMD, sabias que podes comprar *Viennetta* de menta e chocolate por uma libra?»

Gretel: Sabias que podes comprar *Viennetta* de menta e chocolate por uma libra?

Joshua: Não pode ser! Adoro *Viennetta*! Onde é que há disso? Além dos meus sonhos?

Gretel: Na Islândia. Eu sei, sou uma rapariga cheia de classe.

Joshua: Não posso falar agora. Vou a caminho da Islândia.

Joshua: *Envia fotografia de *Viennetta* de menta e chocolate.*

Gretel: Não acredito que compraste mesmo isso!

Joshua: Queres que te mande um vídeo a cortar uma fatia?

Gretel: É um pouco cedo para mandarmos pornografia um ao outro, não é?

Gretel: Pornografia culinária, quero dizer.

Joshua: Ainda bem que tenho este *Viennetta* para comer, preciso de refrescar.

Joshua: Gostava de te ver novamente.

Gretel: Gostavas?

Joshua: Estás livre esta noite?

Gretel: Que pena, vou sair com a minha colega de casa, a Megan. Mas talvez noutro dia desta semana?

Estou ligeiramente preocupada por a Megan estar prestes a descarrilar quanto eu assumo esta minha nova atitude.

— Estou demasiado stressada — anunciou ela, na quinta-feira, novamente com a cabeça em cima da mesa. Nesta última semana já a vi fazer isto tantas vezes que até me admira a mesa não ter já uma pequena marca com a forma da sua testa. — Podemos sair amanhã?

Preciso de encontrar uma pila.

As minhas sobrancelhas erguem-se.

— Uma *pila*? Que raio de linguagem é essa?

— É a minha, quando ando exausta e excitada.

— E isso faz-te falar assim?

— Oh, por amor de Deus! Sais comigo ou não? Prometo que não me vou ligar emocionalmente à pila que encontrar.

— Por favor, para de dizer *pila*.

— Vai ser só sexo. Levanta a cabeça da mesa. — Ando tão stressada com o trabalho, April, tenho a merda deste lançamento estúpido para fazer, mas deram-me um orçamento ridiculamente baixo. E depois a cabra psicótica da minha gerente anda tão em cima de mim, tão em cima, que não consigo fazer nada de jeito. Depois ela queixa-se de que estamos atrasados e eu fico, tipo, OLÁ!, isso é porque tenho de responder a todos os teus e-mails psicóticos, sua cabra!

— Porque será que há tantos gerentes maus por aí? — pergunto, decidindo que é uma boa ideia abrir uma garrafa de vinho. Para as duas. Quando a Megan está assim, o seu stress é extremamente contagioso.

— Porque a merda sobe do fundo até chegar cá acima, não é? — Choramanga, antes de voltar a pousar a cabeça na mesa.

— Megs, eu adoro-te, sabes que te adoro, mas tens a certeza de que isto é uma boa ideia?

— O que é que é boa ideia?

— Ires caçar pilas?

— Não há problema nenhum! Vamos a um sítio super-horrível, para eu encontrar alguém super-horrível por quem não corro o menor risco de me apaixonar. É só para aliviar o stress, April, juro! Sou uma mulher moderna.

— Como queiras.

Vinte e quatro horas depois, já estou toda embonecada para a caça à pila da Megan, à espera numa fila numa parte de Londres onde nunca vou e a sentir-me demasiado velha para estas merdas.

— A última vez que vim ao Calculus tinha 25 anos — murmuro, enquanto avançamos lentamente. — E já nessa altura era um sítio terrível.

— Tu passas perfeitamente por uma rapariga de 25 anos — diz a Megan, estendendo a mão para me apertar o braço.

— Não é disso que estou a falar.

— Devias aceitá-lo como um elogio. Na nossa idade, nunca se sabe quando, ou se, o vais voltar a ouvir. — Sorri e passa os dedos pelo cabelo, para o levantar. — E obrigada por vires comigo. Aqui é mais fácil enganar alguém. A ideia do Calculus é mesmo essa, o engate.

— Será fácil se estiverem à procura de uma mulher mais velha. Os rapazes aqui são tão novos que parecem miúdos a vestir os fatos foleiros do *Bugsy Malone*.

A Megan solta uma gargalhada. Mas parecem mesmo. Estamos ensanduichadas entre camadas espessas de rapazes de rostos imberbes, acabados de sair da faculdade, metidos em esquemas de capitalização de empréstimos estudantis, vestidos com o primeiro fato que mandaram fazer — miúdos que quase nem precisam de fazer a barba, mas que andam a brincar aos homens crescidos.

A fila avança e nós damos mais um passo em frente, ligeiramente empurradas por um grupo de raparigas igualmente frescas e acabadas de sair da faculdade que se riem atrás de nós.

O Calculus numa sexta-feira à noite é aquele sítio onde a humanidade vai vomitar antes de morrer. Um clube em Bank que foi criado com um único propósito — para os banqueiros engatarem raparigas que só lá foram para enganar banqueiros.

— Porquê banqueiros, outra vez? — pergunto à Megan, ficando

silenciosamente maravilhada com as pernas tonificadas das raparigas e desejando ainda ter uma idade que me permitisse comer todas as porcarias que me apetece sem que o corpo se ressentisse.

— Porque os odeio.

— É uma razão muito saudável para tentares ir para a cama com um deles, então.

— Não estás a entender! É precisamente por isso que é saudável! Não há a menor possibilidade de me ligar psicologicamente a nenhum deles. E sabes bem o quanto adoro ligar-me psicologicamente aos homens.

— *Adoras? A sério? Ai, não me batas.*

Vamos avançando centímetro a centímetro até à boca daquele inferno, enquanto tento calcular se algumas daquelas pessoas já podiam ser meus filhos. Talvez ainda esteja a um ou dois anos de distância, mas, mesmo assim, aquele grupo de miúdas não está a fazer bem nenhum à minha autoestima. Viro-me para trás para as espiar, e a sua juventude sai-lhes por todos os poros. Sinto o aroma da ingenuidade, do otimismo e dos muitos óvulos ainda viáveis que carregam nos ovários. Estão a conduzir uma espécie de orquestra verbal complicada — cada uma delas a interromper as outras quase sem se ouvirem —, enquanto psicanalisam o comportamento de um ex-namorado.

— E depois eu disse: «Olha, na tua idade, é normal queres catalogar as coisas.» Mas ele fez-me sentir que era maluca...

— Eles fazem isso. Eles fazem isso. Há quanto tempo é que vocês andam?

— Há seis meses...

— E mesmo assim ele não quer dizer que és namorada dele?

— Disse que dar um nome às coisas as arruína e que pensou que eu era mais desconfiada nessas coisas.

— Estou tão confusa.

— Também eu.

— O Tim era assim, lembras-te? Até à porra do funeral da avó dele eu fui e mesmo assim ele recusava-se a oficializar a relação.

— Que se lixe o Tim.

- Que se lixem todos.
- Esta noite não lhe podes enviar uma mensagem, estás a ouvir?
- Não vou enviar.
- Vais, sim. Por isso, se beberes mais de cinco *Jägers*, vou tirar-te o telemóvel...
- Não é preciso, eu fico bem...

A Megan também ouve a conversa e revira os olhos para mim, antes de levar a mão à mala para procurar um gancho. Volto a virar-me para a frente, exausta só de as ouvir. Lembro-me destas conversas. Lembro-me de me encontrar com as minhas amigas, independentemente de quão excitantes eram as nossas vidas, só para conversarmos sobre um rapaz qualquer. «Porque é que ele fez isso?», «O que quer isso dizer?», «Não, acho que ele me ama de verdade, mas com este tipo de comportamento não está, de todo, a deixar que isso transpareça.» Lembro-me de que já na altura ficava exausta, enquanto nos esgotávamos coletivamente para tentarmos convencer-nos de que os homens gostavam mesmo de nós, não obstante todas as provas em contrário. Naquela altura havia tantas desculpas extravagantes às quais nos podíamos agarrar. Que éramos jovens e, *claro*, que os homens não estão preparados para assentar naquela idade. Quase podíamos dar-lhes o benefício da dúvida, apesar de nos magoarem e de nos preocuparmos com a possibilidade de eles ainda não estarem preparados quando precisássemos deles. Lembro-me de desejar, de ansiar verdadeiramente, ter a idade que tenho agora, quando achava que os homens acabariam por ligar todas as suas luzes, como se fossem táxis que estão finalmente preparados por nos levar para casa. Imaginei que, quando fôssemos mais velhos, seríamos capazes de ultrapassar as dificuldades passadas, porque já somos crescidos e já não há tempo para andar a fugir com o rabo à seringa. Mas nada mudou. Ninguém evoluiu. Nem por isso. Até as minhas amigas que conseguiram caçar um marido com as suas determinadas redes de borboletas se queixam dos homens. Os seus casamentos são mais parecidos com charadas elaboradas, compostas para encobrir o facto de que estão basicamente a tomar conta de um Homem-Criança ressentido:

«Na outra noite trouxe para casa os amigos todos. Vinham podres de bêbedos. Então, acharam que seria hilariante despirem as calças. Acordaram-me, a mim e ao Charlie. O que para eles ainda foi mais hilariante. Pensei, com toda a franqueza, que ele já tinha crescido... É o trabalho dele. É uma má influência. Se ele pudesse mudar de empresa, acho que ia ficar tudo muito melhor.»

«Oh, April, provavelmente nem te devia dizer isto. Estou bêbeda. É que... acho que parti do princípio de que, já que somos casados, íamos começar a construir a nossa família, mas ele diz que não está preparado, e tudo bem, só que eu já tenho 33 anos e quero uma família grande, por isso não tenho a certeza se é sensato esperar, mas ele diz que é egoísta da minha parte estar a pressioná-lo.»

Damos mais um passo em frente. Já conseguimos avistar os porteiros, ali de pé sob a luz direta do sol, com os seus uniformes pretos e fazerem lembrar cobertura de bolo derretida. O sol continua alto e escaldante no céu. Acho que nunca mais vai voltar a chover, ou que esta raiva nova que sinto nunca se vai desvanecer.

Num acesso de eficiência, passamos subitamente pelos porteiros e entramos na escuridão pulsante do Calculus. À medida que as portas se fecham atrás de nós, o sol de verão transforma-se de imediato numa memória. O espaço está coberto de alcatifa vermelha, para os homens ricos poderem sentir que as coisas são exatamente como deviam ser. Há ornamentos dourados por todo o lado, para agradar aos já mencionados homens ricos.

— Isto vai ser terrível — anuncia a Megan, com um sorriso selvagem no rosto. — Deus, tu és mesmo uma boa amiga por vires comigo.

— Não te importas de engatar alguém depressa para eu poder ir para casa ver a *Dawson's Creek*?

A Megan faz beicinho.

— Querida, por favor, estás a lidar com uma profissional. Embora... Céus, usar soutien é tão desconfortável. Como é que tu fazes isto todos os dias?

Vamos avançando pela alcatifa vermelha em direção à verificação de malas no cimo das escadas, onde a música pirosa ecoa das colunas

e as luzes se espalham nas paredes. Depois de uma breve discussão com o segurança sobre o motivo de não poder entrar com o meu pedaço de queijo de emergência e a minha sanduíche de aipo, descemos para o bar, mas sem a minha sanduíche.

Bastou atravessar uma escadaria para que passássemos da rua ainda iluminada com o sol das 7 da tarde e 27 graus, para um espaço onde parece que já são 3 da manhã e onde a noite pode continuar eternamente. É um lugar escuro, apinhado e toda a gente parece já estar completamente embriagada. A fila do bar tem cinco pessoas de largura. Estão todas bronzeadas, de olhos turvos e a tropeçar umas nas outras, depois agarram-se quando pedem desculpa e aproveitam o facto de já estarem agarradas para começarem a beijar-se. Os casais já se esfregam na pista de dança terrivelmente mal-iluminada. Mulheres jovens debruçam-se para a frente e esfregam os traseiros nas virilhas de homens mais velhos com fatos caros.

— Vamos beber qualquer coisa — digo, empurrando a Megan dali.
— Vamos tentar ver quem aqui está. — Abrimos caminho por entre os grupos de pessoas obliteradas e juntamo-nos à multidão que espera para pedir *Jägerbombs* de oito libras. A Megan já está a avaliar os arredores, muito direita com os ombros para trás, os seios empinados e o cabelo entalado atrás da orelha. Uma luz verde incide no rosto dela e, por um instante, tenho medo de admitir que ela aparenta a idade que tem. Há rugas à volta dos seus olhos, rugas que não existem nos olhos de muitas raparigas que nos rodeiam. A base que usa pode ser cara, mas continua a afundar-se nos poros, que são mais largos. A roupa dela, assim como a minha, é um pouco mais conservadora do que a de toda a gente aqui presente. De súbito, começo a sentir-me tão patética por estar sequer neste bar que mal posso acreditar que a minha vida chegou a este ponto, quando pensava mesmo, de verdade, que as minhas sextas-feiras à noite seriam passadas a deitar o bebé. Que eu e o meu marido imaginário encomendávamos comida, enquanto nos ríamos por sermos tão velhos e recordávamos como era merdoso «no nosso tempo» sair em Londres numa sexta-feira à noite... Porém, depois a luz verde volta a girar e a Megan volta a ser só a Megan. Pestanejo para afastar a dor da ausência de uma vida que

pensei que já teria.

— Vamos beber uns shots? — pergunto.

— Começamos com três cada uma.

Ainda bem que estou bêbeda, penso ao contemplar a carnificina à minha volta. O meu telemóvel diz-me que, não sei bem como, são apenas 20h30. Estou sempre a olhar para o telemóvel para não ser tão evidente que estou sozinha à espera enquanto a Megan conversa com o Potencial Pila Número Um. Uma rapariga já está na casa de banho a vomitar, a chorar pelo estado em que está a sua vida enquanto as amigas a consolam com vozes arrastadas: «Ele não vale a pena, querida. Consegues arranjar muito melhor.» Não há lugar para me sentar. O vapor ergue-se da pista de dança em grandes nuvens que me rodeiam e estou a ficar com fome porque não pude comer a minha sandes de emergência.

Mas estou bêbeda, completamente bêbeda, por isso nem me importo muito.

A Megan está a falar, a gesticular loucamente com as mãos enquanto se debruça para o Sr. Potencial Pila. Fragmentos da conversa dos dois flutuam até mim por entre a música foleira do bar.

— Não pode ser! Também foste interna em Glenalmond? A minha irmã andou lá antes de a família se mudar para Londres.

O Sr. Potencial Pila inclina-se mais e pousa a mão no fundo das costas dela.

— A sério? Que idade tem ela? Talvez tenhamos lá andado ao mesmo tempo. Ela fazia parte da equipa de lacrosse?

A voz afetada da Megan já subiu de intensidade, agora que encontrou alguém da sua própria espécie. Pode ter sido a música a distorcer os sons, mas era capaz de jurar que ela acabou de dizer «iá» em vez de «sim». É hilariante, mas nada surpreendente que ela tenha encontrado o banqueiro mais beto deste bar. As pessoas da classe alta têm uma capacidade extraordinária de se encontrarem seja qual for a situação social em que estejam inseridas. Parece que emitem uma espécie de sinal de sonar se as famílias forem caçar no dia a seguir ao Natal.

— Sim. Não. Eu normalmente não venho aqui. Vim só com uma amiga, é o lugar favorito dela. — A Megan gesticula na minha direção e o Sr. Potencial Pila sorri. Está vestido da mesma forma que todos os tipos ricos que trabalham na banca se vestem — fato azul-marinho que lhe custou provavelmente duas mil libras, gravata vermelha, lenço de bolso, sapatos de verniz bicudos — e exhibe o mesmo sorriso emproado e satisfeito.

Sorrio de volta e regresso ao meu telemóvel. Céus, que seca ter de esperar que as pessoas copulem. Com sorte, ela fecha o acordo em breve e depois posso ir para casa, ficar com o apartamento todo só para mim, despir-me até ficar só de cuecas e apontar a ventoinha ao meu corpo enquanto vejo o Joshua Jackson. Acabei de receber o ordenado, por isso até sou capaz de ir de Uber para casa. Depois, às 11 da noite já vou estar sóbria e amanhã não estarei de ressaca, posso ir ao yoga de manhã ou fazer outra coisa qualquer — não que eu faça yoga, mas posso sempre começar.

Pelo menos começa a dar a *Come On Eileen*. Isto é tão entusiasmante que me esqueço do meu propósito e me catapulto para a Megan a gritar:

— ESTA É A MINHA MÚSICA FAVORITA. — Acho que nem é verdade, mas neste momento parece. Arrasto-os aos dois até à pista de dança apinhada de gente e começo realmente a dançar como uma louca.

Estou a ter uma percepção muito verdadeira de que quando a *Come On Eileen* começa a abrandar e depois volta a acelerar é absolutamente impossível sentir outra coisa que não euforia.

— *Come on, Eileeeeeeeeeen YEAH!* — grito ao ouvido do Sr. Potencial Pila. Ele fica com um ar ligeiramente assustado e está a arruinar a minha onda, por isso viro-lhe as costas e atiro-me para um círculo de pessoas que estão tão entusiasmadas quanto eu com a parte musical da canção. Subitamente estou no meio deles, a dançar como se estivesse a cavalgar, não sei bem porquê. Os jovens rodeiam-me e aplaudem. Sinto uma ligeira tristeza quando me apercebo de que me tornei a velha no bar que toda a gente diz que é uma «lenda», embora secretamente acalente a esperança de nunca vir a ser como ela.

Porém, a bateria está prestes a começar e o coro a baixar da forma mais fantástica de sempre, por isso deixo de me preocupar com o que os outros possam pensar e salto e danço e deixo que este grupo de jovens me idolatre, deixo-me perder na Eileen e nas suas notas musicais. A canção funde-se com *Cha Cha Slide* e fico chocada ao perceber que toda a gente sabe a coreografia.

— Mas COMO?! — grito para o brinco de uma rapariga que mais parece um lustre. — Vocês deviam ser uns... uns... FETOS quando esta música saiu.

Não me consigo lembrar dos passos — talvez a minha memória esteja a desaparecer com a idade — e de repente deixo de saber o que fazer com este grupo de crianças vestidas com fatos caros e que provavelmente gastaram mais dinheiro em shots só esta noite do que aquilo que eu ganho numa semana. Estão a dançar e a deslizar, mas isto já não é divertido e agora sinto-me sozinha.

Viro-me para a Megan e sinto-me imediatamente mais sozinha ainda. Ela está encostada a uma parede, aos beijos com o Sr. Potencial Pila; as mãos de ambos a percorrerem o corpo do outro. E, apesar de ele não parecer ser o melhor dos beijadores — o Sr. Potencial Pila parece beijar como os meninos queques beijam, como se estivessem a tentar arrotar o Hugh Grant —, a Megan continua a ter alguém para beijar e eu não. Estou sozinha numa discoteca. Aos 33 anos. A situação é tão lamentável que me atinge como um peso de uma tonelada. Não posso ficar aqui. Arrasto os pés pelas escadas acima para ir buscar a minha mala e saio, a pestanejar, para a luz difusa da noite de verão.

Percebo que tenho de dizer à Megan que me vou embora, procuro o meu telemóvel e vejo que tenho uma mensagem à minha espera.

Joshua: Olá, Gretts. Como está a correr a tua noite de sexta-feira?

São só 21h02. Ainda é muito cedo para esta mensagem ser uma proposta de sexo, por isso, que diabo é isto? Uma mensagem genuína? Porque ele gosta de mim e quer saber como está a correr a minha noite?

Sorrio com ar travesso e percebo que posso finalmente responder com uma daquelas mensagens sedutoras que devemos enviar aos homens nas fases iniciais da relação. A mensagem a dar conta de que estamos a divertir-nos à grande e a convidá-los de forma espontânea e leve a juntarem-se a nós. Normalmente, à sexta-feira estou na cama, a ler *Uma Casa na Pradaria* e a questionar-me se é problemático gostar do Pa, ao mesmo tempo que fico muito satisfeita por na manhã seguinte não ter uma ressaca. Mas esta noite transformei-me na Gretel. E a Gretel está completamente acordada e na rua às 9 da noite, pode perfeitamente responder a mensagens. De qualquer maneira, o Josh não vai poder vir ter comigo. Londres é demasiado grande e toda a gente está sempre a pelo menos 50 minutos de toda a gente, por isso é a ocasião ideal. Posso apanhar o metro para casa e ser uma eremita. Estou ansiosa por ser eremita, mas sem ele perceber que o sou. Isto é perfeito!

Escrevo uma mensagem enquanto pestanejo e cambaleio pelas ruas, esforçando-me para ajustar os olhos ao sol que ainda brilha no céu; a estranha quinta dimensão das catacumbas ébrias do Calculus começa a desvanecer-se.

Gretel: Estou no Bank. Isto é horrível! Devias vir cá ter.

Quando ele me responde, estou perdida numa rua lateral. Não leio logo a mensagem porque estou a meio de tentar decifrar o pequeno mapa numa das estações de bicicletas para alugar.

— Onde diabo fica a estação do metro? — pergunto, como se aquilo fosse uma pessoa, tracejando o caminho com o dedo antes de ver a resposta atrevida dele. — Oh, chiça, raios me partam, caraças!

Joshua: Não acredito! Eu também estou no Bank. Estarão as estrelas a alinhar-se, Gretel? Estás onde? Vou ter contigo só para dizer olá.

— Não! — exclamo, porque não sou a Gretel, logo isto *não* está nada bem, não gosto nada destas mudanças de planos espontâneas. — Não, não, não, não, não, não, não. — Fico presa num momento de completa indecisão. Neste instante, não consigo interiorizar que o

Joshua está perto e que posso ter de me encontrar com ele. Estou cansada, estou embriagada, menti-lhe sobre quem sou. O mapa começa a ficar desfocado à medida que a minha cabeça avalia as opções. A mais óbvia é: *Acaba já com esta loucura, April. Não lhe respondes e pronto. Deixa a Gretel morrer. Só saíram uma vez. Tu fizeste de conta que eras outra pessoa num encontro apenas. Isso é retorcido e preocupante, é verdade, mas estás a passar por um momento difícil. Encara o que aconteceu como uma piada e pronto. Ninguém precisa de saber. Mas não respondas. A Gretel pode desaparecer sem mais nem menos. Não há outra forma de interpretar esta situação a não ser como uma loucura, por isso, por amor de Deus, April, acaba com isto, vai para casa e tem uma boa noite de sono.*

Gretel: Olha que coincidência estranha! Eu acabei de sair de uma discoteca e estou a ir para oeste, mas posso passar onde estiveres e bebemos um copo.

Joshua: Estou no Forge. Sabes onde é? Mas aviso-te já que estou um pouco fedorento na minha roupa de trabalho.

Gretel: Vemo-nos daqui a dez minutos. E não stresses, o cheiro almiscarado natural agrada-me muito. Beijo

Apoio-me por instantes no mapa das bicicletas, maravilhada com a minha própria classe. Normalmente não teria conseguido enviar uma mensagem destas. Envio também uma mensagem à Megan para lhe dizer que me vou embora. Depois permito-me um momento para me recompor nesta noite estranha com tantas camadas. O sol está finalmente a descer no céu, oferecendo à cidade uma brisa e algum descanso do calor. Os edifícios altos cheios de pessoas que se julgam muito importantes por fazerem um trabalho questionável projetam as suas longas sombras por entre a luz dourada do pôr do sol. A tranquilidade instala-se dentro de mim. Ouço o barulho das pessoas a divertirem-se, das memórias a formarem-se, e esta noite também faço parte disto. Esta cidade é tantas vezes aquele sítio onde nos sentimos um estranho a espreitar para o interior, com as mãos em conchinha na montra, a ver que toda a gente está a fazer melhor do que nós, tem mais amigos do que nós, conhece os sítios onde deve ir e domina completamente o espaço. Nós respiramos todos o mesmo ar poluído e,

no entanto, nunca nos sentimos mais solitários. Porém, de vez em quando, como agora, derrubamos esse muro e conseguimos entrar por baixo da pele de Londres, sentir o seu coração a bater, a sua pulsação...

Estes são pensamentos muito grandiosos para se ter, vindos de alguém que ainda há menos de meia hora estava a dançar *Come On Eileen* como uma tresloucada. Rio-me de mim mesma. Em voz alta, para o sol que se põe. A minha gargalhada é alta e descontraída e — céus! — às vezes acho que sou capaz de ser um pouco como a Gretel...

Gretel.

Merda!

Que raios estou a fazer? Tenho de ir ter com o Joshua daqui a, sei lá, cinco minutos e ainda estou bêbeda! Não posso ser a Gretel neste estado.

Merda, merda, merda.

Pego no meu espelho compacto para ver o estado do meu rosto e, verdade seja dita, não está lá grande coisa. A maior parte da maquilhagem já saiu com a transpiração. A maquilhagem dos olhos, principalmente, escorreu até quase ao meio das bochechas e o rímel colou-se nas maiores remelas pretas que alguma vez se viu, parece que um rato deixou uma caganita em cada canto dos meus olhos. O cabelo está húmido e sem volume, no entanto ainda conseguiu assumir um ar «frisado». Não pareço a Rapariga Normal, Maníaca Promíscua e Sonhadora sem Problemas.

Pareço a April, uma mulher de 30 e poucos anos que perdeu completamente o juízo, se libertou e apanhou uma bebedeira numa discoteca que existe para ser frequentada por pessoas com menos dez anos do que ela.

Quanto iluminador tenho de aplicar para disfarçar isto?

Dedico-me sem demoras à tarefa. Monto uma pequena estação de trabalho no cesto de uma das bicicletas. Tiro as remelas com a unha e limpo-a à parte de trás do vestido. Encontro um cotonete sujo nas profundezas da minha mala, tiro a camada superficial de algodão até revelar uma parte vagamente branca, depois passo-a por baixo dos olhos para retirar a maquilhagem derretida. Quando a maior parte já

foi retirada, aplico mais maquilhagem (mas subtil) para uniformizar a pele. Depois — milagrosamente — consigo fazer uma trança francesa com a parte da frente do cabelo, para afastar as madeixas húmidas do rosto. Nunca costumo conseguir fazer uma trança francesa, mas o álcool parece ter-me conferido esta estranha capacidade, da mesma forma que às vezes também nos torna inexplicavelmente bons a jogar bilhar.

Verifico novamente o aspeto geral.

Pronto. Já está.

Uso o telemóvel para ver onde é o Forge. Vou chegar dez minutos atrasada, mas é só porque tenho de me despedir de muita gente antes de me ir embora. Desculpa. Sabes como é quando tentas sair de algum sítio. Bolas, hoje está calor, não está? Espero estar com um aspeto decente. Tem sido sempre a andar desde que acordei, juro que o meu rosto deve parecer um boneco de neve derretido. Oh, estou com um aspeto perfeito, dizes tu? Não pode ser! Estás a brincar comigo. Que Deus te guarde.

Começo a entrar na personagem enquanto me desvio de grupos barulhentos de empregados de escritório que se espalham pelos passeios, com copos de cervejas rosadas aromatizadas na mão, a adiar o momento em que terão de voltar para os seus tristes apartamentos partilhados. Sorrio a toda a gente por quem passo e recebo muitos sorrisos de volta. Chego ao exterior do Forge, que está rodeado de uma densa faixa de amantes do sol já embriagados. Há semanas que não chove, ainda assim as pessoas continuam determinadas a aproveitar o sol ao máximo. A minha confiança vacila quando percebo que não conheço ninguém e que estou prestes a conhecer não apenas o Josh, que é basicamente um desconhecido, mas também os seus colegas de trabalho. Demoro um instante a sacudir a April e a recuperar a Gretel, que nem sequer está a pensar no que significa conhecer os colegas de trabalho do rapaz com quem vai encontrar-se pela segunda vez — não, ela está apenas a apreciar esta pequena aventura que todos partilhamos chamada Vida, com V grande, sim.

A Gretel é cá uma parvalhona! Juro-vos.

— Gretel!

Há um ligeiro hiato entre o momento em que o Josh chama o meu nome e eu perceber que está a falar para mim.

Ele tenta novamente.

— Gretel!

Desta vez já o ouço, viro-me na direção da sua voz com um sorriso divertido já colado no meu rosto. Vejo-o no meio de um oceano de gravatas frouxas e levanto a mão para lhe acenar. Ele está com um grupo de homens, quase todos com os copos de cerveja vazios. À medida que me aproximo, serpenteando por entre a multidão e mantendo o sorriso no rosto, sinto os olhos deles sobre mim. Estendo o braço para o Josh e, sem hesitar, debruço-me para o cumprimentar com um leve beijo no rosto.

— Que coincidência estranha encontrar-te aqui — digo, fingindo entusiasmo perante a probabilidade de isto acontecer. — Ainda bem que me enviaste a mensagem, estava prestes a entrar no metro.

Percebo pela doçura do seu hálito e pela forma como me agarra um pouco intimamente demais para um segundo encontro que o Josh está embriagado.

Aceno para o grupo de informáticos.

— Olá, sou a Gretel — cumprimento, imaginando o meu rasto de flores ondulantes, como as da Pocahontas. — Quem quer uma bebida? — Aponto para os copos quase vazios e, espantados pela minha chegada súbita, eles assentem.

Merda. Lá se vai o dinheiro que recebi esta semana!

— Ótimo! Mais uma rodada? — Viro-me para o Josh, que continua a sorrir para mim com aquele rosto ligeiramente queimado do sol, excitado e embriagado. — E tu, queres?

— Sim, seria ótimo. Obrigado.

Mais uma nota de cinco.

— Ótimo!

O interior do bar está escuro, mais fresco e decorado com flores falsas inexplicavelmente penduradas no teto. Estão algumas pessoas junto ao bar. Percebo que, do outro lado do balcão, os funcionários já estão cansados, debruçam-se quando alguém grita instruções e assentem enquanto avaliam o tamanho da fila para ver quando é que

vão poder descansar. Um deles alinha uma série de Magners, deitando cada garrafa para copos altos cheios de gelo; o seu rosto tem uma camada brilhante de suor que o faz parecer um *donut* com calda. Olho para a fila para determinar qual é o melhor ponto de entrada e faço as contas à saída dos clientes para ver onde serei servida mais depressa. Escolho um lado, empurro um pouco e, estou prestes a estabelecer contacto com a empregada do bar quando sinto a presença do Josh atrás de mim. Componho o rosto com um sorriso e viro-me. O rosto dele já tem um sorriso gigante.

— Olha, que surpresa encontrar-te aqui — digo eu, pestanejando mais do que o normal.

O sorriso dele aumenta. Está demasiado bêbedo para conseguir esconder como está feliz por me ver.

— Pensei que devia vir até aqui e pagar a tua rodada — explica. — É muito simpático da tua parte ofereceres, mas não acho correto gastares 50 libras a comprar cerveja para os meus colegas de trabalho.

A amabilidade dele quase me faz tropeçar. Isso e o alívio financeiro que sinto por não ter de gastar tanto dinheiro a comprar seis garrafas de cerveja artesanal *London Pale Ale*.

— Obrigada — digo-lhe, no instante em que consigo captar a atenção da empregada do bar. Debruço-me para ela e grito o meu pedido, depois viro-me novamente para o Josh e ficamos à espera. — É mesmo muito generoso da tua parte, obrigada.

— É o mais correto — balbucia ele, corando com a minha gratidão.

— Bem, agora já não tenho de fazer uma segunda hipoteca à minha casa para pagar esta rodada.

Ele solta uma gargalhada.

— Pois não, agora quem tem de fazer uma segunda hipoteca sou eu.

— E passar a viver num copo de cerveja vazio.

— Bem, pelo menos o copo tem um decalque com a marca desta cerveja superfixe que é feita artesanalmente *in loco*.

— Daqui a um ano, todos os *hipsters* vão viver em copos de cerveja. Tu só vais estar muito à frente na tendência.

Ele solta outra gargalhada sonora e pousa a mão nas minhas costas para reiterar como me acha engraçada. O contacto físico parece

despertar novamente todos estes compostos químicos irritantes que dançam em redor do ponto em que a nossa pele se toca.

— É muito bom ver-te novamente — diz ele.

— Igualmente.

Ficamos a olhar um para o outro e os olhos verdes dele são realmente muito bonitos. Acho que é impossível para qualquer mulher da minha faixa etária não achar que olhos verdes têm um pouco o efeito da *kryptonite*. A cena do desenho no *Titanic* surgiu num momento determinante do nosso desenvolvimento sexual.

— Seis cervejas artesanais e um rum com cola — anuncia a empregada do bar, gesticulando para o conjunto de copos à sua frente. — São libras e 42 libras e 90 cêntimos, por favor.

Enquanto mantém a mão nas minhas costas, o Joshua dá um passo em frente e entrega o cartão à senhora. Está tão perto de mim que quase todo o seu lado esquerdo toca em quase todo o meu lado direito. Começo a pegar nas bebidas para me distrair do contacto entre os corpos. Não tenho a menor hipótese de continuar a minha experiência se me perder nela e me deixar envolver quimicamente, apesar de não saber ao certo que «experiência» é esta. Além de ser talvez um episódio psicótico extremamente significativo. Isso ou eu estar a viver dentro de um filme de fantasia de vingança intensa de outra pessoa qualquer.

Serpenteamos até junto dos colegas dele, que estão praticamente bêbedos e soltam vivas à nossa chegada. Entrego-lhes as bebidas e eles agradecem-me, sem perceberem que não fui eu quem as pagou. Depois regressam à sua bolha e à conversa entediante de mexericos de escritório.

— Pois, por isso, se não lançarmos até outubro, o Michael vai demitir-se, sem sombra de dúvida...

— O problema com o sistema operativo é que pode ser facilmente pirateado, não sei como eles não conseguem ver isso...

— Quando achas que vão anunciar se temos licença anual extra para ir passar o Natal a Nova Iorque? Não sei se hei de marcar férias em setembro ou não...

Agarro o meu copo com força e tento assentir nos momentos certos,

mas não tenho literalmente a menor oportunidade de me juntar às conversas de um escritório onde não trabalho. Nem a Gretel tem esse superpoder. Felizmente, depois de dez minutos de conversa sobre a iminente reunião para discutirem as pensões, o Josh salva-me, virando-me de costas para o grupo.

— Desculpa — diz ele, com um sorriso. — Não queria arrastar-te da tua noite de diversão para estares agora a ouvir esta conversa enfadonha sobre sistemas operativos.

— Mas isto é a concretização de um dos meus objetivos de vida.

— Afinal, por onde andaste esta noite?

Depressa recordo onde estava há uma hora. A abanar-me como uma velha gaiteira num bar merdoso e moralmente questionável no meio de um bando de miúdos.

— Andei por aí. Mas como a minha colega de casa, a Megan, conheceu uma pessoa, achei que era melhor ir para casa.

— Então tens uma colega de casa? — pergunta ele.

Assinto. Pode não ser a coisa mais aspiracional para se ter aos 33 anos, mas a Gretel vive em Londres e não tem pais ricos que a podem ajudar a viver num local gentrificado qualquer, como Brixton, por exemplo. Não posso fingir uma coisa dessas.

— Sim, a Megan. O apartamento é dela e já somos amigas desde a faculdade. E tu?

Ele abana a cabeça.

— Não. Eu vivo sozinho. Tenho medo de companheiros de casa. Depois de ter saído da casa da minha ex-namorada, acabei por ir viver com um tipo aterrorizador chamado Donny, que encontrei no SpareRoom. Ele era tão racista que acho que devia participar numa espécie de olimpíadas. Ele tinha uma capacidade extraordinária para transformar literalmente todas as conversas em conversas racistas. Dizia-lhe: «Bom dia, Donny, está uma manhã mesmo bonita, não está?», e a resposta dele seria qualquer coisa como: «Está, dizem que hoje vão estar 23 graus. Os pretos é que vão adorar o calor, não achas?» E juro que não estou a brincar.

Quase cuspo a bebida.

— Eu sei! Fiquei preso a ele pelo estúpido do contrato de

arrendamento até que chegou a altura da renovação. E durante este tempo ele tentou afincadamente que fosse com ele a uma manifestação de Orgulho Britânico.

A menção da ex-namorada não me passou despercebida no meio das outras partes chocantes da sua história. O cérebro da April entra em ação: *Será que ele ainda a ama? Uau, se viveram juntos, isso quer dizer que era uma relação séria. Isto significa que ele é capaz de manter relações a longo prazo. Bem, será mesmo? Porque é que já não são namorados? O que terá acontecido?* Abano a cabeça para afastar estes pensamentos.

— Parece que te escapaste de boa — diz a Gretel.

— Estás a falar da minha ex-namorada ou do louco do companheiro de casa?

— Só tu sabes a resposta a essa pergunta — diz a Gretel, porque ela nunca se sente ameaçada pela menção a ex-namoradas. Ela compreende que toda a gente tem um passado. A vida é mesmo assim, não é?

— Ainda estou a tentar encontrar a resposta para isso — murmura o Josh para o copo de cerveja.

Ergo as sobrancelhas. Oh-oh. Tem assuntos por resolver. Aqui estão eles. Conseguimos chegar quase ao segundo encontro sem que viessem ao de cima. Percebo que quanto mais avançados nos 33 estamos, mais cedo surge a troca de experiências que justificam «porque-estou-tão-lixado-da-cabeça».

— Desculpa — diz ele, sorrindo novamente. — Arrasto-te da tua noite para falar de sistemas operativos e a seguir afasto-te deles para te falar dos meus problemas.

Sorrio como se isto não me incomodasse de todo.

— Não faz mal. Devias transformá-los num clube noturno temático.

— Estaria na boca de toda a gente em Londres. — Entreolhamo-nos e rimos por cima dos rebordos dos nossos copos. É evidente que a atração mútua se está a desenvolver. Os colegas de trabalho do Joshua voltaram a formar o grupo, de costas para nós, como pinguins que se aninham deixando-nos no nosso *flirt*.

— Então, não tens esqueletos no teu armário, Gretel?

Espeto um dedo.

— Então, isto é apenas o encontro 1,5. Certamente ainda é cedo para ter a conversa dos esqueletos.

O Joshua bebe outro gole de cerveja enquanto olha mais uma vez para o meu corpo de forma avaliadora.

— Só não entendo como uma mulher como tu é solteira.

A Gretel sorri com serenidade.

— É porque sou picuinhas, mais nada. Se vou dar esse passo importante e mudar a minha vida, tem de ser por uma pessoa realmente especial. — Devolvo-lhe o olhar, para insinuar que talvez, só talvez, ele possa ser alguém especial. Enquanto o faço, até tenho vontade de vomitar para dentro de mim mesma.

— Isso é uma atitude sensata — responde ele. — Muito sensata.

Deixo que o silêncio se instale para ele poder falar, porque os homens adoram falar. Estou à espera de que ele se atire num monólogo, como fez no nosso primeiro encontro, mas ele surpreende-me quando começa a fazer mais perguntas a meu respeito e a agir com interesse genuíno às minhas respostas.

— Então, Gretel, é um nome interessante. Qual é a origem do teu nome?

Eu já tinha ensaiado esta resposta.

— A minha mãe sempre adorou contos de fadas — respondo. — Líamos muitos quando era pequena. Acho que deve ter vindo daí.

— Mas porquê Gretel? Porque não Cinderela ou, sei lá...

— Rumpelstiltskin?

Ele solta uma gargalhada franca.

— Precisamente, porque é que a tua mãe não te chamou isso?

— Oh, pelo motivo óbvio. Porque, nesse caso, seria acusada de maus-tratos infantis.

— Bem, Gretel é um nome fantástico. Parabéns.

A Gretel faz uma vénia, só para terem uma ideia de como ela é querida.

— Diz-me, gostas do teu trabalho? — pergunto, para a conversa não se centrar toda em mim.

— *Alguém* gosta do seu trabalho?

— Eu gosto do meu.

— Trabalhas para uma associação, não é?

Assinto.

— Sim, e é maravilhoso. Adoro mesmo o que faço. — É uma sensação muito boa deixar que uma parte da April se misture com a Gretel. O meu trabalho faz isso. — Tipo, raramente fico triste ao domingo à noite porque na maior parte dos dias gosto mesmo de ir trabalhar. Não todos os dias, claro, mas na maior parte deles. Parece que estou numa entrevista de emprego, mas honestamente, trabalhar na associação é muito recompensador.

— Isso é fantástico — diz ele. — Mesmo fantástico.

Lançamo-nos numa conversa um tanto embriagada e tornamo-nos um daqueles casais bêbedos às portas dos bares ao sábado à noite, inclinados um pouco demais um para o outro, para se conseguirem ouvir. Ele pergunta-me quais são os meus planos para o verão e eu digo que estou a poupar dinheiro para ir a África. Ele vai ao festival Green Man com os amigos da faculdade, uma coisa que fazem todos os anos. Menos aqueles amigos que já têm filhos, claro. Tropeçamos na política e ficamos aliviados ao constatar que ambos votamos à esquerda. O meu entusiasmo diminui um pouco, porque agora o Josh decidiu explicar-me o panorama político, como já era previsível. Regurgita factos que leu no site do *Guardian*, reclamando-os para si e desvalorizando inconscientemente o facto de que acabei de lhe dizer que também leio o *Guardian*, logo que provavelmente também li alguns dos artigos, conheço alguns dos factos e sei exactamente onde ele os foi buscar.

No entanto, a Gretel está tão grata por ele lhe ensinar um pouco mais sobre política.

— Oh, sim, tens razão — diz ela, pousando a mão na dele, só por um instante. — Nunca tinha pensado nisso sob essa perspetiva. — Ela é cuidadosa ao contribuir com uma observação aqui, outra ali, só para assegurar ao Josh que está *suficientemente* informada, mas não tanto quanto ele. — Sim, li sobre isso. É tão triste para Jerusalém — comenta. Ele parece ficar momentaneamente surpreendido, depois um pouco aliviado, depois um pouco encantado e a seguir um pouco ameaçado. Conta-me mais factos sobre Jerusalém, que leu no

Guardian, claro. Os colegas de trabalho ficam completamente esquecidos. O sol pôs-se finalmente. Alguns colegas aproximam-se para se despedirem e interrompemos a conversa com relutância para o Joshua dizer «Vemo-nos na segunda» e para eu dizer «Muito prazer em conhecer-te». Voltamos a inclinar-nos um para o outro antes mesmo de os colegas se irem embora. Partilhamos histórias de quando éramos mais novos, ambos crescemos em vilas suburbanas aborrecidas, e falamos das coisas estranhas que fazíamos para passar o tempo quando éramos adolescentes.

— Lembras-te de quando tinhas, sei lá, 11 anos, beber montes de *Cola* de marca branca para ficares «mocado»? — pergunto.

— Oh, meu Deus, mocado! Esqueci-me das coisas que fazia para ficar mocado! Nós fazíamos a mesma coisa, mas adicionávamos pacotes de açúcar à *Cola* para ficar extra forte!

— Bolas. Que radical, e logo aos anos. Devias ser mesmo um rebelde.

Ele pega-me na mão e aperta-a. É irritante como o gesto me sabe bem.

— Oh, Gretel — diz ele —, eu trabalho em informática, não fazes ideia de quanto tempo esperei até que alguém usasse a palavra «rebelde» para me descrever.

— Rebelde.

— Por favor, não pares.

— Oh, meu Deus, Joshua, tu és tão rebelde.

— Este é o melhor dia da minha vida.

Inclino a cabeça para o lado.

— O que posso dizer, rebelde? Estou aqui para tornar todos os teus sonhos realidade.

E logo a seguir ele beija-me, assim sem mais nem menos. No meio do passeio, com aqueles humanos bêbedos fanfarrões à nossa volta. Não pensei que ele me beijasse, mas alinhio, tenho a cabeça zonga com tantos tipos de álcool diferentes. O Joshua é demasiado sôfrego com a língua e tenho de me concentrar para respirar pelo nariz. Questiono-me como é que ele chegou a esta idade e ainda pensa que isto é uma quantidade aceitável de língua para um beijo. Depois lembro-me de

um facto que li num dos livros de autoajuda sobre como os homens usam a língua para podermos provar as suas feromonas. Ele solta um pequeno gemido e beija-me ainda mais profundamente, puxando-me para perto de si e entornando um pouco de cerveja nas costas do meu vestido. Deixo que a Gretel ignore isto, já que ela está presumivelmente embrenhada neste beijo. Mais uma vez, apesar de o beijo do Joshua não ser assim tão bom, a verdade é que o meu corpo está a ter todas as reacções a ele. Consigo sentir a nossa compatibilidade. Consigo sentir o meu coração a bater com força por baixo do tecido fino do vestido. Sinto os sentimentos a despontar, o desejo a desenrolar-se, a vontade de estar com ele, de o conquistar, de ficar com ele para mim e de criar pequenos Joshuas no meu ventre. O sexo é uma armadilha e tanto. Esqueço-me sempre de como nos puxa para si, como nos consome, como nos faz perder a razão e ignorar aquilo de que necessitamos verdadeiramente — em vez das necessidades ativadas pelos mecanismos biológicos e pela falta de desenvolvimento atempado dos vários estados durante a nossa infância. Mas recuso-me a ser apanhada. Por mim já chega. Chega! Consigo ultrapassar isto. Tenho de ultrapassar. Deixo-o beijar-me durante mais um pouco, depois interrompo o beijo. Encosto a testa à dele.

— Bem, não estava à espera de que isto acontecesse — murmuro, o que por acaso até é verdade.

— Eu gosto mesmo de ti — diz ele, antes de me puxar para mais um beijo, apesar do meu sinal claro para parar. Tento não revirar os olhos enquanto deixo que a necessidade dele em beijar-me se sobreponha ao meu desejo de não ser beijada. Tenho muita prática neste tipo de situações. Deixar que os homens ultrapassem os meus limites é tão fácil como atar os cordões dos sapatos. É mais fácil do que espirrar. Afasto-me tão rapidamente quanto possível.

— Com que então gostas de mim?

— Acho que é óbvio que gosto.

— Faz com que os encontros sejam muito mais fáceis, não é? Quando se gosta de alguém? — Tenho o cuidado de não dizer que também gosto dele. Não é a hora certa para essa cartada. Ele precisa

de se preocupar, de andar a matutar se gosto dele ou não.

O Joshua solta uma gargalhada.

— Sim. Muito mais fácil. Então, posso voltar a ver-te?

Faço de conta que estou a pensar.

— Acho que sim.

— E isso será o segundo ou o terceiro encontro?

— Acho amoroso que estejas a contá-los.

— Porquê, tu não estás?

Dou um toque no nariz e ele parece achar isto tão atraente que temos de nos beijar mais uma vez, e agora com maior urgência. Ele está bêbedo e excitado, sei que, se quisesse, esta noite podia facilmente ir para a cama com ele. Não que queira, mas permito-me uma momentânea sensação de poder.

Volto a afastar-me quando o meu telemóvel vibra.

— Espera, tenho de ver o que é.

Megan: Estou no táxi a caminho da casa dele. Estou bem. Estou a consentir plenamente. Esta mensagem é só para dizer que acho que esta noite não vou acabar morta numa valeta. Beijinhos

Estou a escrever a resposta quando o telemóvel vibra novamente.

Megan: E SE ME ESQUECI DE COMO SE FAZ SEXO? JÁ LÁ VAI TANTO TEMPO! AINDA É IGUAL?

— Qual é a piada? — pergunta o Joshua ao meu pescoço, enquanto o beija.

— Oh, é só uma mensagem da minha companheira de casa. Tenho de ir ter com ela agora. — A mentira sai-me da boca sem qualquer esforço. — Tenho mesmo de ir. Mas isto foi muito bom. — Desvio o pescoço para fugir dele, dou-lhe um beijo leve nos lábios e a seguir pego na mala que deixei caída em cima do passeio.

— Vais mesmo embora? — Ele ainda está de boca semiaberta.

— Vou, sim.

— Mas vamos ter o terceiro encontro, não vamos?

— Só se me trouxeres um *Viennetta* de menta e chocolate.

Megan: NÃO ME ESQUECI DE COMO SE FAZ SEXO! CONTINUA IGUAL.

Joshua: Olá, Gretel, foi muito bom encontrar-te esta noite. Beijo

April: É como andar de bicicleta, não é? Ah! Ah! Ah! Parabéns por teres tido sexo. Tomamos *brunch* amanhã para me contares os detalhes?

Gretel: Também me diverti muito. Boa noite!

April: Estás morta? Ele assassinou-te?

Megan: Não estou morta. Só estava a dar uma. Só volto para casa amanhã.

Megan: Ou na segunda-feira.

Megan: Estou ÓTIMA. Ele é mesmo querido!

April: Megan...

April: Estás a ter uma recaída? Estás limpa há dois anos.

*

Joshua: Olá, Gretel, o fim de semana está a ser bom? Quando é que volta a chover? Já me esqueci de como é a chuva. De qualquer maneira, queres fazer um piquenique no parque esta semana? Eu cozinho* e levo o gelado que querias. Beijo

*vou comprar coisas à M&S

Gretel: Olá, o fim de semana está a ser bom, obrigada. Tenho uma semana muito cheia, mas talvez na quarta-feira?

Gretel: PS: Compor as coisas que vêm em frascos conta definitivamente como cozinhar.

Joshua: Então fica para quarta-feira. Beijo

Joshua: Estou ansioso por te ver, Gretel. Beijo

*

April: Só para verificar se ainda estás viva. Já é segunda de manhã. SEGUNDA-FEIRA. Para o caso de te teres esquecido.

Megan: Ainda estou viva. Acho que volto amanhã.

April: Não estás a apaixonar-te por esse tipo, pois não?

Megan: Talvez...

April: Megan...

Megan: ESTÁ TUDO BEM!

*

Mensagem recebida: 08h02

Olá, nunca escrevi para uma plataforma destas antes. Peço desculpa se estou a ser estúpida. Desculpem. Mas estou um pouco confusa com uma coisa que aconteceu com o meu namorado. Estávamos a fazer sexo e ele começou a fazer sexo anal comigo sem me perguntar se eu queria. Doe-me mesmo muito, mas não lhe disse para parar porque fiquei muito confusa e acho que congelei. Ele diz que me ama. E eu amo-o muito. Acham que foi um acidente? Desculpem. É provável que esteja a ser só dramática. Obrigada desde já pela vossa resposta.

*

De: Matthew@EstamosAqui.com

Para: April@EstamosAqui.com

Assunto: Estás bem?

Acabei de ver que hoje há umas quantas que podem ser difíceis.

De: April@EstamosAqui.com

Para: Matthew@EstamosAqui.com

Assunto: RE: Estás bem?

Estou bem, amigo. Não te preocupes comigo. A. Beijo

*

Joshua: Como vai o trabalho? Hoje de manhã, quando cheguei, os meus amigos comentaram todos que és muito simpática.

Gretel: O trabalho está ótimo! A alegria das segundas-feiras. Oh, que queridos os teus colegas. Como vai o mundo louco da programação?

Joshua: Vai bem. Todos os dias posso fazer de conta que estou a piratear a Matrix.

Gretel: A colher não existe.

*

Joshua: Ainda estás a trabalhar? Qual é a tua opinião sobre sanduíches de frango e abacate?

Gretel: Olá, desculpa ter demorado tanto tempo a responder. Foi um dia de loucos. Como é que sabias que frango e abacate são os meus únicos vícios na vida?

April: Megan, ANDA PARA CASA. Há quatro dias que não falo com um ser humano fora do trabalho.

Megan: Desculpa, April. Vou para casa esta noite.

Megan: April, acho que o amo.

April: Anda imediatamente para casa!

*

Joshua: Diverti-me tanto esta noite, Gretel. Mas acho que devíamos pedir desculpa aos pelicanos pelos nossos beijos descarados e nojentos. Beijo

Gretel: Os pelicanos adoraram. Até acho que lhes devíamos ter cobrado bilhete.

Joshua: Estás livre para a semana?

Gretel: Devo estar. Só preciso de remarcar algumas coisas.

Joshua: Queres procurar animais diferentes para enojarmos com as nossas beijocas?

Gretel: Acabaste de usar a palavra beijoca, Joshua?

Joshua: Sim. E não tenho vergonha disso.

Joshua: Isso é um sim?

Gretel: Olá, desculpa, adormeci. Sim, vamos repetir para a semana. Beijo

*

April: Vais ficar na casa do Malcolm esta noite? Pensei que as noites de sexta-feira eram nossas.

Megan: Adoro quando me envias mensagens e estamos as duas em casa. Vou, desculpa! Volto no domingo. Viste as minhas cuecas de renda cor-de-rosa? Arghh! Ficar na casa de um homem é tão stressante!

April: Desculpa. Estou na casa de banho. Porque é que não é ele a vir para cá?

Megan: Queres que o traga aqui a casa? Estás a brincar comigo? Não posso trazê-lo para aqui.

April: Porque não?

Megan: Porque ele vai ver como eu vivo!

April: Que mal tem como tu vives? PS: Precisamos de papel higiénico.

Megan: É um apartamento. Não quero que ele saiba que vivo num apartamento. Ele vive numa casa. Numa casa como deve ser. Com a sua própria porta, April. A sua própria porta! Em Dulwich. Tem jardim. Uma porta da frente e um jardim.

April: Nós também temos uma porta da frente...

Megan: Está bem, mas temos de a PARTILHAR com o resto das pessoas. Não posso deixar que ele saiba que partilho uma porta da frente. Ele pode ser o amor da minha vida. Se souber que partilho uma porta da frente, pode ir tudo com os porcos.

Megan: Nunca senti isto por ninguém...

*

Mensagem recebida: 13h17

Olá, o meu amigo Steve acompanhou-me a casa na outra noite porque eu estava demasiado bêbeda e ele disse que queria ter a certeza de que eu chegava bem a casa, mas depois ele entrou na minha casa e forçou-me a fazer sexo com ele e depois na manhã seguinte agiu como se não tivesse acontecido nada e eu tive de ir tomar a pílula do dia seguinte. Estou muito confusa. Ajudem-me, pf.

*

Mensagem recebida: 12h04

O meu motorista da Uber violou-me ontem à noite. O que devo fazer?

*

Joshua: Mais um encontro ótimo, Gretel. Tu és muito boa nisto, não és?

Gretel: O que posso dizer? Tu trazes o melhor de mim à tona.

Joshua: Podia dizer a mesma coisa de ti.

Gretel: Isto é querido demais, sou capaz de vomitar.

Joshua: 🤩

Gretel: Tu acabaste de mandar um emoji com corações nos olhos?

Joshua: 🤩 🤩 🤩 🤩

Gretel: Já ouviste falar em ir com calma, Joshua?

Joshua: Já ouviste falar em ser meiga com um rapaz, Gretel?

Gretel: 🤩

Joshua: O equivalente moderno a um soneto.

*

Megan: Olá, querida. OK, isto vai parecer uma loucura, mas fui investigar a ex-namorada dele. Achas que ela é mais bonita do que eu?

Megan: Olha esta foto. Gosto do vestido dela, mas parece um pouco velha, não parece?

Megan: E olha esta. Nesta até está melhor. Eu sou mais bonita, não sou?

Megan: Não sou?

Megan: Desculpa. Vou parar com esta loucura. Já apaguei o *Facebook* do meu telemóvel e vou trabalhar arduamente nesta festa de lançamento. Estou ótima! Desculpa! Ignora-me. Foi só um momento tonto.

Megan: E esta foto?

Megan: Voltei a instalar o *Facebook*.

Megan: Desculpa. Acabou-se a maluqueira. Ufa! Vou concentrar-me na minha CARREIRA e neste lançamento que tenho de organizar e vou parar de me preocupar com uma cabra estúpida qualquer chamada Regina que parece que tem uma perturbação de mastigar e cuspir.

Megan: OK. Mas naquela última foto. Tinha botox, não tinha?

*

Joshua: Bom dia, Gretel! Feliz quinta-feira! Amanhã começa o fim de semana. Viva! Estava a pensar, e se retirássemos os animais do nosso mapa de encontros e acrescentássemos um teto? Queres vir a minha casa amanhã? Desta vez vou cozinhar mesmo, em vez de tirar as coisas dos frascos e assim.

Gretel: Parece-me ótimo. Posso levar alguma coisa?

Joshua: Só a tua linda e maravilhosa pessoa. Às 19?

Gretel: Mal posso esperar. Beijo

No nosso terceiro encontro, o Joshua esforçou-se muito para o piquenique. Trouxe uma manta dobrada, uma garrafa fresca de *Prosecco* e um sortido imenso de petiscos frios da M&S, assim como um gelado *Viennetta* derretido numa caixa ensopada, o que me fez rir. Beijou-me, com língua, assim que subi vinda da estação de St. James Park, só para confirmar que já tínhamos passado esta fronteira sexual e que continuaríamos a fazê-lo. A conversa fluiu tão facilmente como o álcool. Ele é um homem engraçado. É fácil falar com ele. É descontraído, alegre e fica sempre muito feliz por poder falar de si, coisa que a Gretel o deixa fazer, naturalmente. Beijámo-nos em frente aos pelicanos. Eu deixei-o beijar-me e ficar a olhar fixamente para mim com a esperança e deslumbramento que só se tem nos primeiros dias, quando ainda não sabemos nada sobre a pessoa.

«Talvez seja desta vez; talvez ela seja diferente», consigo ouvi-lo a pensar.

Ele beija melhor quando está menos bêbedo. Menos língua. Não foi desagradável. Eu gosto do rapaz. Posso admitir isso. Gosto do rapaz.

Mas ao mesmo tempo já não me resta coração para lhe entregar e, mesmo que entregasse, não é por isso que estou a fazer esta experiência. Falámos um pouco mais do trabalho dele e de como ele se sente frustrado com a atual estrutura da gerência. Falámos dos pais dele e de como usam gorros a condizer para os seus passeios mesmo muito longos, e como nunca saem de Norwich. Ele voltou a falar brevemente da ex-namorada quando lhe disse que a despedida de solteira da Chrissy está quase a chegar — deixando isso escapar acidentalmente no meio da conversa.

— A Fiona estava obcecada com a ideia de se casar — murmurou ele, antes de pedir desculpa.

Questiono-me o que ele lhe terá feito ao longo da relação para a deixar suficientemente insegura para ficar obcecada com casar. Ou o que ele não fez. Pobre rapariga.

— Os casamentos são ridículos, não são? — perguntou a Gretel, estendendo os braços para o sol. — São acontecimentos tão exagerados e acho que as pessoas se casam pelas razões erradas.

Ele sorriu-me amplamente.

— É exatamente o que eu penso.

Ri-me interiormente ao pensar no tempo que passei desde que era criança a planear o meu casamento. As flores, o vestido — e de como ele se adapta ao longo do tempo consoante a moda atual —, a comida, a música, o local, as leituras na igreja. Depois considere todo o tempo que passei a fazer de conta perante os homens que eu *não* queria nada daquilo, para eles pensarem que eu era alguém que não sou e me poderem amar ainda mais e quererem casar-se comigo.

Voltámos a beijar-nos. Dessa vez fui eu que comecei, para mudar de assunto. Beijámo-nos e não comemos quase nada. Beijámo-nos e alguém nos gritou para arranjarmos um quarto. Enquanto nos encaminhávamos para o metro, beijámo-nos a cada 20 passos e, depois de chegarmos, beijámo-nos mais.

No encontro seguinte fomos ao Zoo de Londres, a um dos seus eventos noturnos. Foi o Joshua que pagou e ainda bem, porque os bilhetes são caríssimos. Caminhámos abraçados enquanto nos desviávamos de grupos de miúdos de 20 e poucos anos, embriagados e excitados por estarem a ver leões a dormir com este calor que teima em não nos deixar.

— Olha para a lontra — disse o Joshua, inclinando o queixo para a minha cabeça enquanto apontava. — Ela acha que é melhor do que as outras lontras todas só porque tem uma pedra nas mãos.

— Acho que é um macho e se chama *Jarvis* — respondi.

— *Jarvis*, a lontra fanfarrona. Era um bom título para um programa infantil.

Perdemos alguns minutos das nossas vidas a imaginar como seria o dia a dia do *Jarvis*. Arranjámo-lhe um passado e uma narrativa rebuscada, depois, finalmente, o regresso à redenção. Até que o *Jarvis* ofereceu a sua pedra a uma das outras lontras e ambos gritámos animadíssimos, porque a nossa história se tornara realidade. Isto exigiu um beijo de celebração tão intenso que alguém nos atirou uma

garrafa vazia e nós avançámos aos risinhos, como se fôssemos dois adolescentes.

— Então, é bastante frustrante que tu não sejas muito fácil de perseguir online — comentou ele, enquanto caminhávamos de mãos dadas e a comer um gelado demasiado caro e sensaborão. — Não te consegui encontrar literalmente em rede social nenhuma.

Sorri com ar travesso ao imaginá-lo a escrever a palavra «Gretel».

— Eu não estou em rede social nenhuma — respondi. — Porquê? Tu estás? Não te fazem sentir infeliz?

Ocorreu-me então que, à semelhança do que ele fez, eu também já teria ido à procura dele. Se tivesse tido um período morto no trabalho, ou uma altura mais parada em casa, teria pesquisado o nome dele nos mais variados sites, sentindo um desconforto e culpa no fundo do estômago, como se ele pudesse pressentir o que eu estava a fazer. Ia sentir-me ainda pior se encontrasse um álbum de fotografias aberto, com as imagens das férias de 2009 com a namorada da faculdade porque nessa altura as pessoas não estabeleciam definições de privacidade. Ficaria a questionar-me se ela tinha sido o melhor sexo que ele já teve. Ia saber que ele já tinha ido à Croácia, mas quando ele mencionasse o país mais tarde no meio da conversa, iria fazer-me de surpreendida por lá ter ido, em vez de dizer «Sim, eu sei, foste com a tua ex-namorada, não foi? Diz-me, ainda estás apaixonado por ela e só saís comigo porque ela te deu com os pés, mas deixavas-me num piscar de olhos se ela voltasse? Fizeram o 69 juntos? E consegues lembrar-te do champô que ela usava? É que o cabelo dela é mesmo muito bonito!»

— Sim, estou, para mal dos meus pecados. — O Joshua lambeu o gelado de baunilha do cone, enquanto eu refleti sobre o facto de ele ser o tipo de pessoa que diz «para mal dos meus pecados» em voz alta. — Presumi sempre que era algo que todas as pessoas faziam, mesmo que não gostassem muito de redes sociais. Nunca me ocorreu que havia opção.

— Há sempre opção. Não tens de fazer tudo o que o mundo espera que faças.

Oh, que coisa tão Gretel de se dizer, e ele interiorizou que foi uma

beleza. Parou-me ao lado de um cartaz que explicava como funciona a desflorestação e beijou-me, com o gelado a escorrer-nos pelas mãos.

— Estás inteiramente certa — murmurou ele. — Pronto, é agora. Vou apagar o *Facebook* do telemóvel para poder ser livre e descontraído como tu.

Quase me engasguei com o gelado. Nunca na vida me tinham chamado descontraída, por muito que tentasse esconder a minha ansiedade. O adjetivo que a maior parte das pessoas usa para me classificar, e quando digo «pessoas» quero referir-me aos homens que estão no processo de me dar com os pés, é «intensa».

Não, estes encontros não podiam estar a correr melhor. O Joshua surpreendeu-me até pela sua falta de reserva — de como parece estar feliz por isto se encaminhar rapidamente para o território de um relacionamento. Por revelar facetas vulneráveis, como o facto de me ter procurado online, em vez de fazer de conta que não se interessava. Já tive um pensamento ou outro traiçoeiro de que talvez ele seja mesmo boa pessoa, mas na verdade isso deve-se ao maravilhoso efeito Gretel e à facilidade que um homem tem em entregar o seu coração a um unicórnio. De qualquer maneira, sinto que estou a flutuar a dez centímetros do passeio por ter este poder todo, por estar a vê-lo apaixonar-se por mim, por saber que é tudo falso e que desta vez não sou eu quem se vai magoar.

Mas quando vejo a última mensagem, fico assustada, pela primeira vez.

Porque...

Porque...

Só consigo manter este jogo até determinado ponto. Vamos para o encontro número cinco. Ele tem sido paciente. Se não formos para a cama em breve, ele vai preocupar-se com a possibilidade de algo não estar bem, e não há nada de errado com a Gretel quanto a esse departamento, muito obrigada.

A Gretel tem de ir para a cama com o Joshua, o que significa que eu tenho de ir para a cama com ele.

• ***Foder Sem Foder Tudo — Guia da Gretel para Sexo Escaldante***

A primeira vez que fazemos sexo com alguém é sempre enervante, por isso é natural ficar apreensiva, o que, lamento, não é nada sexy. O que o homem deseja é confiança. Uma mulher que ame o seu corpo, que ame o corpo dele, que não tenha complexos e que esteja totalmente disposta a tudo. Certifica-te de que preparas as coisas «lá em baixo» e esta é a altura indicada para ires buscar aquela lingerie muito sexy à gaveta. Vai deixá-lo à beira da loucura. O mais importante é descontraíiiiiir e apreciar o momento, estar disposta a tudo e talvez quando lhe fores fazer um b... blá-blá-blá...

O sexo depois de uma violação é um assunto complicado. Antes de mais, vale a pena esclarecer que uma violação nunca é sexo. Não tem nada que ver com sexo. Sim, implica os componentes do sexo — um corpo a invadir outro corpo —, porém violar não é fazer sexo, violar é praticar violência e violar é exercer poder. Uma violação é o direito que alguém acha que tem sobre o corpo de outra pessoa, sem olhar às consequências que o seu ato terá na alma que habita esse corpo, que terá de passar todos os instantes da sua vida com a noção de que o seu corpo não é tão importante como o direito que a outra pessoa demonstrou em relação a ele. E como o sexo é tão diferente de violação, o que a maior parte das pessoas não entende é que uma pessoa pode ter sido violada e ainda assim desejar muito ter uma vida sexual. Uma pessoa pode ter sido violada e continuar a sentir desejo sexual. Uma pessoa pode ter sido violada e ainda assim desejar ter sexo furioso, escaldante, brusco. Uma pessoa pode ter sido violada e ser capaz de tomar a iniciativa. Uma pessoa pode ter sido violada e mesmo assim ter comportamentos sexuais agressivos. Na verdade, se pensarmos em todas as coisas estranhas e maravilhosas que os humanos desejam dentro do gigantesco espectro da sexualidade — os fetiches, as fantasias, os brinquedos —, uma vítima de violação pode desejar todas essas coisas e isso não tem nada que ver com a violação. Continuamos a desejar as coisas que desejamos, continuamos a ansiar pelas coisas que ansiamos. Porque a sexualidade e a violação não têm relação absolutamente nenhuma entre si.

O que é estranho acerca da nossa sexualidade depois de uma violação é que tudo muda e, no entanto, tudo fica na mesma.

O sexo nunca será como antes, não exatamente. Porque quando o ato de violência é perpetrado dentro de nós, é quase impossível deixar que se imiscua no sexo. A um nível intelectual sabemos que é uma coisa diferente — carinhosa, consensual; caramba, estamos por cima e fomos nós quem teve a iniciativa. Mas, emocionalmente, o nosso

corpo lembra-se, questiona-se sempre se vai voltar a acontecer. E apesar de a violação não ter nada que ver com sexo, ela continua a roubar-nos a sexualidade. Tira-a das nossas mãos. Na nossa cabeça, por muito que não queiramos admiti-lo, somos agora uma vítima de violação. Bem, pensamos que somos. Nunca sabemos ao certo se temos o direito de usar este rótulo. Não em nós, não na nossa violação. Não quando há tantos homens e mulheres que são violados de formas muito piores. Isto mexe connosco a tantos níveis. Como podemos ser vítimas de violação quando esta aconteceu calmamente, levada a cabo por alguém que conhecemos — talvez estejamos apenas a exagerar? Como podemos ser vítimas de violação se não fomos arrastadas para um beco escuro? Como podemos ser vítimas de violação se continuamos a querer fazer sexo? Certamente, isto diminui o direito ao rótulo? Certamente, estamos a roubar este rótulo a alguém que é mais merecedor dele.

Mas nós *fomos* violadas. Sabemos que fomos. O nosso corpo e a nossa alma sabem-no.

Nos dias maus, enroscamo-nos numa bola e choramos descontroladamente por sabermos que isto nos aconteceu. Ou sabemos que fomos, mas não sabemos lidar com isso e nunca abrimos essa gaveta, muito obrigada, porque estamos aterrorizadas e sabemos que, quando a abrirmos, o seu conteúdo nos vai destruir, por isso fechamos tudo muito bem fechado, abafamos o assunto e avançamos na tortuosa tarefa de viver, acalentando a esperança de que um dia o gigantesco borrão de vergonha, confusão e dor se desvaneça, que deixe de andar a pairar em cima de nós, ocasionalmente a dar-nos palmadinhas no ombro, como quem diz «Estou aqui porque foste violada e lamento muito, mas não te posso abandonar». Nós afugentamo-lo, sacudimo-lo e bebemos demasiado, fodemos com demasiados homens só para provarmos que conseguimos fazê-lo, apesar de o borrão de emoções estar ali, meio inerte, a um canto.

Ou então, aprendemos a usar o rótulo, a falar sobre ele, a levantarmo-nos de manhã e dizer «Eu sou uma vítima e isto aconteceu-me», e umas outras pessoas dizem que somos corajosas e outras dizem que estamos a inventar tudo. Dizemos aos homens que

queremos fazer sexo com eles e desejamos mais do que tudo que o que nos aconteceu não mude a forma como eles nos veem, como têm sexo connosco, no entanto, ao mesmo tempo, desejamos que pudessem ser um pouco mais meigos, mais compreensivos, que gostassem realmente de nós e não vissem o rótulo, que não deixassem que ele alterasse a forma como fazem sexo connosco. Sabemos que é uma tarefa impossível e ponderamos se será melhor não contar a ninguém, porque somos muito mais do que apenas uma vítima de violação, mas continuamos a ser uma vítima de violação. Somos ambas as coisas, e é impossível escapar-lhes.

Todos os dias desejamos que nunca nos tivessem violado.

Sentimo-nos doentes de inveja em relação a outras mulheres que nunca foram violadas. Fantasiamos sobre como as suas vidas sexuais devem ser fantásticas sem toda a «tralha de violação» em que nos movimentamos constantemente, por entre a qual tentamos fazer amor; detestamos as outras mulheres por terem uma vida tão fácil. Depois começamos a conversar com outras mulheres e percebemos que são muito poucas as que *nunca* foram violadas. As estatísticas dizem que uma em cada cinco mulheres foi violada, mas eu digo que isso é uma treta, o número mais provável é quatro em cada cinco.

Porém, as pessoas ficam desconfortáveis quando dizemos este tipo de coisas.

Ser uma vítima de violação é uma fonte de desconforto constante. Para nós e para os outros. Há tantos homens que fazem sexo com mulheres que foram violadas e nunca chegam a saber o que lhes aconteceu. Porque as mulheres não lhes contam, porque o que se passa é o seguinte: é tão difícil admitir isto, mas ser violada é a coisa menos sexy que há neste mundo.

Não tem nada que ver com sexo e, no entanto, tem tudo que ver com sexo.

É demasiado complicado e doloroso e não há sítio algum para onde a vergonha possa ir, por isso enterramos cada vez mais o que nos aconteceu e tentamos ser como as outras mulheres. As outras mulheres que não carregam atrás de si este borrão de raiva e vergonha, que conseguem abrir as pernas e gemer e gritar. Fazemos de

conta que somos como elas. Por vezes, conseguimos enganar-nos, e aos homens. Outras vezes, só conseguimos enganá-los a eles. Guardamos o nosso trauma sexual bem guardado e tornamo-nos mais sensuais para a espécie que nos roubou a sexualidade.

Há tantas como nós, porém talvez não haja. E nós não queremos ser aquela que ficou destruída. Principalmente porque não tivemos culpa do que nos aconteceu, embora por vezes nos questionemos se não foi *realmente* culpa nossa, claro.

Por isso fazemos de conta que estamos bem, fazemo-lo a toda a hora. Fazemos de conta que somos iguais às outras raparigas. Mas... talvez estejamos a fazer de conta que somos uma mulher que todas fazem de conta que são também?

Tiro a manhã de folga.

Depilo as pernas. Tomo um banho de imersão e faço-o como deve ser, com espuma depilatória e tudo. Tenho uma lâmina nova, apesar de custarem uma fortuna. Levanto um braço acima das bolhas de sabão e rapo os pelos que, entretanto, cresceram nas minhas axilas. Demoro algum tempo a decidir o que devo fazer com os pelos púbicos. Acabo por decidir que a Gretel perfeita teria uma quantidade perfeita de pelos. O suficiente para não parecer uma criança, porque os homens podem sentir-se culpados por isso, apesar de a pornografia os ter ensinado a desejar a ausência de pelos. Mas não demasiados, porque a Gretel é uma mulher adulta. Está tanto calor que quase não preciso de uma toalha para me secar. Mesmo assim, enrolo-me numa, pareço um folhado de salsicha, e passo vários minutos sentada ao sol que se derrama em mim através da janela. Penso muito naquilo que planeio fazer, e como sei que é um ato de violência para comigo mesma, mas vou fazê-lo mesmo assim.

Fico enrolada na toalha a fixar a parede. Mesmo depois de tirar a manhã, sou capaz de chegar atrasada ao emprego.

— Despacha-te — digo em voz alta. — Levanta-te, April, tens de te despachar.

Não me levanto.

— Não — respondo a mim mesma. — Não quero ir.

— Mas tens de ir trabalhar.

— Viver a vida e ser adulto é uma coisa terrível. Porque é que nunca ninguém nos diz quão terrível é?

— April, deixa de ser tonta e despacha-te.

— **ESTÁ BEM**, vou despachar-me, **ENTÃO**.

Passo creme hidratante aromatizado no corpo e deito-me nua na cama à espera de que penetre na pele; fito a racha no teto e questiono-me se alguém faria alguma coisa se eu desatasse a gritar. Provavelmente, devia usar o meu dilatador para preparar a área. Em

todos os manuais de conselhos sexuais, «preparar» costuma referir-se a aparar os pelos púbicos com uma tesoura do IKEA, ou algo do género, mas, no meu caso, envolve esticar os músculos da minha vagina traumatizada. Rebolo na cama e abro a gaveta por baixo. Procuro por entre as coisas que ali guardo: o meu vibrador, gel lubrificante e preservativos que raramente tenho oportunidade de usar. Na parte de trás da gaveta encontro o saco cor-de-rosa hediondo com o equipamento que o SNS me deu há dois anos. Quando pego nele, o meu estômago contorce-se — só o tom horrível de cor-de-rosa é o suficiente para ativar algumas memórias dolorosas associadas ao saco e ao que está no seu interior. Tiro da cómoda o espelho de mão e uma cotonete, depois vou à minha mala e tiro o frasco de gel analgésico de lidocaína. Examino os meus genitais durante um momento. É sempre um choque ver a minha vulva ao espelho. Apesar de toda a prática que fui acumulando ao longo destes anos em que tive de usar o dilatador. Acho-a sempre vagamente grotesca e questiono-me se está diferente e errada. O que, considerando que preciso de usar um dilatador vaginal, até é verdade. Ponho um pouco de lidocaína na cotonete, depois, com a ajuda do espelho, aplico-a em redor da entrada da vagina, como me ensinaram a fazer no hospital. Arde, como sempre. Sou assaltada por uma recordação da minha primeira consulta. As minhas pernas nos apoios da cadeira de exames. A gritar quando me testaram, porque doía tanto. «Já nem consigo usar tampões», chorei, queixando-me. «O que é que me aconteceu?» Eles olham para mim com um ar empático. Dizem-me que é normal em sobreviventes de violação. Asseguram-me que o dilatador vai ajudar, mas também me dizem: «Há a possibilidade de nunca mais poder ter sexo com penetração.»

Agora, no meu quarto, uma lágrima desliza-me pelo rosto, mas faço de conta que ela não cai, apesar de estremecer à medida que a cotonete toca em cada glândula. Pego no conjunto de dilatadores e espero que o gel faça efeito. Eles deslizam uns de dentro dos outros como pequenas matrioskas de plástico em forma de *dildo*. Pego no mais pequeno, do tamanho de um tampão míni, e seguro-o entre o polegar e o indicador. Recosto-me nas almofadas, abro as pernas e

inspiro profundamente três vezes para relaxar os músculos, conforme me ensinaram. Na última inspiração, insiro o plástico no meu corpo. Desliza na perfeição sem me fazer sequer estremecer. Sinto-me invadida por uma onda de alívio. O sucesso deste primeiro passo deixa-me suficientemente relaxada para tentar um tamanho acima e repetir o processo. Também entra sem problemas. Subo mais um tamanho, depois outro, tornando-me maior a cada passo. «É um pouco como conduzir um carro», disseram-me. «Avançamos sempre para a mudança a seguir, nunca começamos com o dilatador maior.» Cinco minutos depois, estou preparada para o Sr. Grande, como lhe chamo afetuosamente. Tiro do saco cor-de-rosa a gigantesca réplica de plástico branco de um pênis, esfrego um pouco de lubrificante na ponta, depois inspiro profundamente e empurro-o devagar para dentro de mim. Uma vez que é feito de plástico rígido é um pouco desconfortável, mas vai entrando e entrando. Estou deitada nas minhas almofadas, as pernas completamente afastadas, e deixo-o ficar ali durante um quarto de hora, conforme me ensinaram a fazer. E estou a sorrir.

Ainda consigo fazer isto. Ainda consigo deixar que entrem coisas no meu corpo. Afinal, não me retiraste essa capacidade, por muito que tentasses, seu cabrão imundo. Não te vou deixar ganhar. Nunca te vou deixar ganhar.

Quando os 15 minutos terminam, tiro o alargador, reúno-os a todos e lavo-os bem no lavatório. A seguir seco-os com uma toalha lavada antes de voltar a guardar tudo no saco cor-de-rosa. Quando abro a primeira gaveta e procuro um bom conjunto de lingerie, sinto-me triunfante. Pego num soutien de renda preta e cuecas a condizer e enfio-os na mala. Hoje ainda vai estar muito calor e prefiro vesti-los frescos, depois do trabalho. É claro que sei que o que estou a planear fazer é potencialmente estúpido. Muito estúpido. Entregar-me a uma pessoa que nem sequer sabe o meu nome — e para quê? Por um jogo qualquer de vingança? Mas acho que não é só por isso, enquanto visto um vestido-camisa de manga curta. De cada vez que faço sexo com alguém, uma parte de mim sente que está a compensar um pouco o que o Ryan me fez. Como se estivesse a provar-lhe que ele não me

venceu.

Até que estou pronta para sair de casa. Saio para a rua e é como se tivesse levado uma bofetada de calor. Não corre uma aragem para aliviar o calor. As pessoas caminham devagar nos passeios, o suor escorre-lhes pela testa, os fatos completamente arruinados ainda antes da hora do almoço. Os duches frios da manhã parecem estar a anos-luz de distância.

Dizem que é capaz de chover mais tarde. Finalmente, a chuva.

— Olá a todos — cumprimento, quando chego ao escritório pouco depois das 13 horas.

Algumas pessoas levantam a cabeça dos teclados num gesto de reconhecimento vago da minha chegada, mas a maior parte continua de olhos colados aos ecrãs. A vibração da sexta-feira ainda não chegou aqui. Artigo em silêncio um «olá» ao Matt e à Katy, sento-me no meu canto e ligo o computador, preparando-me para fazer o turno.

Mensagem recebida: 08h43

É provável que esteja a exagerar, mas tenho pensado muito numa coisa que me aconteceu há alguns anos. O meu namorado tinha 18 anos e eu tinha 15; numa noite em que estava em casa dele, ele fez sexo comigo sem falar sobre isso, sem me perguntar nada. Os pais dele tinham saído e eu fui ter com ele, à espera de que alguma coisa acontecesse, mas não sexo, porque não namorávamos assim há tanto tempo. Mas ele fê-lo simplesmente, e eu fiquei tão atordoada que alinhei. Não sabia como dizer que não. Achei que era óbvio que eu ainda não estava preparada, mas claramente não era o caso, porque ele fê-lo mesmo assim. Depois disto namorámos durante um ano e tivemos sexo consensual durante toda a nossa relação. Mas agora não consigo tirar da cabeça aquela primeira vez. E desde essa altura que tenho dificuldade em manter um relacionamento. Sou estranha?

Mensagem recebida: 12h37

Na outra noite estava a beijar um tipo na discoteca e ele enfiou a mão sem mais nem menos por baixo da minha saia e dentro da minha vagina. Eu empurrei-o e ele começou a rir-se; quando cheguei a casa, desatei a chorar. Não sei bem por que motivo estou a escrever isto. Mas sinto-me um pouco estranha em relação ao que aconteceu.

— Estou bem — digo com brusquidão para o Matt, que está parado atrás da minha cadeira.

— Tens a certeza...

— JÁ DISSE QUE ESTOU BEM, ESTÁ BEM?

Ele e a Katy entreolham-se, mas ninguém diz mais nada e deixam-me regressar ao trabalho.

Estou a ajudar. Isto vale a pena porque estou a ajudar alguém.

A tarde passa-se. O céu compõe-se em tons de cinzento, ruge suavemente de vez em quando como se fosse um estômago à espera do almoço. O ar está tão húmido que podemos deitar a língua de fora e beber dele. Todos temos as janelas fechadas, o que não vale de nada, e já começaram as discussões sobre quem tem a melhor ventoinha. Às 3 da tarde, numa tentativa de espalhar o espírito de sexta-feira e de modo jovial, o Mike vai ao Tesco Express e regressa com gelados já meio derretidos.

— Festa do gelado na cozinha — anuncia, mais entusiasmado do que o apresentador de um programa infantil ao pequeno-almoço.

Toda a gente se levanta como zombies e se amontoa junto à chaleira, para tentarem chegar a um dos gelados. O Matt liga as colunas e põe uma das suas listas do *Spotify* e somos obrigados a conviver, a fazer conversas de circunstância e a criar laços no escritório.

«Que planos tens para o fim de semana?», perguntam-me isto uma dúzia de vezes: os tipos da informática, o pessoal da angariação de fundos e a única senhora de RH para a qual temos dinheiro.

Vou obrigar-me a fazer sexo potencialmente perigoso em termos emocionais, para concretizar uma vingança estranha contra um homem que estou a ludibriar, penso. Mas respondo:

— Oh, nada de especial. É difícil fazer o que quer que seja com este calor. E tu?

Por entre lambidelas nas partes vermelhas dos gelados e os dedos pegajosos dos pingos, lá me vão falando dos planos para um churrasco, para nadar no Lady's Pond. A Katy acaba por vir para junto de mim e entrega-me uma toalhita húmida sem eu lhe pedir.

— Obrigada — agradeço, aceitando a toalhita e limpando o gelado pegajoso das mãos.

— Estás bem? — pergunta, novamente. — O teu turno esta tarde...

— Já te disse que estou bem.

— Eu sei, eu sei, só estava a confirmar.

Tenho vontade de me passar com ela, mas em vez disso obrigo-me a

sorrir.

— Obrigada, mas estou mesmo bem.

— Tens a certeza de que não estás como o Ross dos *Friends*: «I'm fiiiine»? — Faz uma imitação tão perfeita que me sai uma gargalhada inesperada.

— Juro. Mesmo. Mas acho que vou voltar agora e fazer mais umas coisas antes que o Mike nos queira mandar para casa mais cedo, como sempre.

— Ele é tão querido.

Pego noutro gelado e volto para o computador, tentando trabalhar por entre a tagarelice alegre, a música alta e tentando não pensar muito no fim da tarde.

O Joshua quer que eu esteja em casa dele às 19 horas. Por isso, a Gretel aparece às 9h15. Questiono-me se ele vai querer fazer sexo antes ou depois do jantar. Eu preferia antes, se querem que seja sincera. Continuo sem entender como é que alguém consegue ter vontade com o estômago cheio e inchado, ocupado a digerir um naco de carne de vaca ou o que ele estiver a cozinhar para me impressionar. Estou a apertar o rato com tanta força que a minha mão transpira e as gotículas acumulam-se no tapete do rato. Fito a mão como se não fosse minha, depois, não sei como, mas são h e o Mike manda-nos a todos para casa mais cedo, porque está calor e vem aí uma tempestade e FELIZ SEXTA-FEIRA!

Eu sou uma daquelas mártires que não se vão embora. À medida que o Matt e a Katy arrumam as suas coisas à minha volta, seguro no rato e fito o computador. As pessoas devem pensar que estou a trabalhar. Se segurarmos no rato e fitarmos o ecrã, é tão fácil fingir que estamos a trabalhar.

— Vais ficar? — pergunta o Matt.

Assinto.

— Vou. Tirei a manhã, não vou sair mais cedo.

— Tens a certeza de que...

— Por favor. A Katy já verificou três vezes. Estou bem.

Ele ergue as sobrancelhas. Não acredita em mim.

— Se tens a certeza — diz ele, apertando a fivela do capacete de

ciclismo com um estalido sonoro.

— Certeza, certezinha!

A Katy assente para confirmar a minha sanidade mental, enquanto arruma a mala.

— Ela está melhor do que o Ross dos *Friends* — riposta ela. — Muito bem, vou-me embora para poder aproveitar ter o apartamento só para mim antes de o Jimmy chegar. Bom fim de semana, pessoal. — Põe o saco de palhinha ao ombro e vai-se embora com a maior parte do pessoal do escritório. O Mike só fica mais meia hora antes de, também ele, se levantar e começar a arrumar as suas coisas.

— Não fiques até muito tarde. — Está de pé junto à minha secretária, onde tenho uma folha de cálculo aberta com os nomes dos voluntários, apesar de não ter feito nada com elas nas últimas duas horas. — É sexta-feira.

— Não fico.

De qualquer maneira não posso ficar. Tenho de ir fazer sexo com alguém. Questiono-me como será a sensação de ser uma rapariga que anseia fazer sexo com alguém diferente. Que aguarda o momento com alegria porque não tem traumas nenhuns em relação a isso.

Odeio essa rapariga.

— Não te importas de desligar as ventoinhas antes de saíres, April?

— Claro, sem problema.

Fico sozinha. São só da tarde. Tenho exatamente uma hora e 27 minutos até ter de sair. É evidente que a Gretel não estaria a olhar insistentemente para o relógio. Ela estaria demasiado ocupada a trabalhar no duro, a sair depois do trabalho para copos e gargalhadas de cabeça atirada para trás, boca aberta e os dentes brancos e direitos e limpos.

«Ah! Ah! Ah!», gargalha a Gretel. O mais provável é ela ainda nem ter decidido se vai fazer sexo esta noite ou não. Ela é o tipo de pessoa que «vai ver onde a noite a leva». O facto de o seu corpo estar depilado, hidratado e de usar uma lingerie sexy é mera coincidência. «Calhou mesmo bem, não calhou?», dirá alegremente depois, apontando para os pelos púbicos perfeitamente aparados, plena de confiança no seu corpo despido.

Entretanto, eu passo o tempo com a cabeça apoiada na secretária, o pescoço torcido para um dos lados, a fitar as lâminas da ventoinha a girar.

Não há problema nenhum, digo para mim mesma. É só sexo, deixa de ser esquisita, April. Deixa de ser tão estranha, caramba! És mesmo uma confusão atabalhoada. Deixa-te disso.

Vou para a casa de banho minúscula que não tem luz natural suficiente e começo a maquilhar-me para ficar com um ar adequado ao momento pré-sexo. Lavo os dentes com tanta força que quando cuspo para o lavatório vejo uma pinta de sangue. Uso papel higiénico como toalha e lavo as axilas, limpando o odor do dia. Depois, acedo ao Citymapper para perceber como chegar a casa do Joshua. Enquanto estou a planear a rota, o meu telemóvel vibra.

Joshua: Acabei de chegar e a minha cozinha vai tornar-se o olho de um furacão. Espero que gostes de comida mexicana! Beijo

Joshua: PS: A minha campainha é um pouco confusa. Prime o botão que diz «7» e certifica-te de que já estás a empurrar a porta quando eu abrir. Se tiveres algum problema em entrar, eu desço para a abrir. Beijo

Quem me dera que ele não fosse tão simpático. Deixa-me nervosa. Deixa rastros de culpa brilhante a correr-me no sangue. Recordo-me de que ele só está a ser simpático porque tem saído com uma mulher ilusória e não com uma mulher real. Se eu fosse simplesmente eu — cansada, com demasiado calor, sem estar pronta para fazer sexo e com uma grande probabilidade de desatar a chorar a qualquer instante —, bem... ele não seria tão simpático, pois não?

Arrumo a mala e verifico se tenho tudo o que preciso. Desligo as ventoinhas, uma da cada vez, até o ar do escritório ficar tão parado e abafado que podia cortá-lo em fatias. A seguir saio e dirijo-me para a casa dele.

Ele recebe-me com uma enorme taça de vegetais cortados na mão.

— Gretel! Conseguiu entender-te com a campainha. Parabéns! Isso faz de ti infinitamente mais inteligente do que a maior parte dos meus amigos.

O meu rosto resplandece com sorrisos, não há a menor insegurança dentro deste meu corpo. A Gretel está aqui, é sexta-feira e a vida é uma aventura maravilhosa. Mostro-lhe uma garrafa de tequila.

— Disseste que o jantar era comida mexicana?

Ele debruça-se para me dar um beijo no rosto. A taça fica entalada entre nós.

— Tequila! Tu és um espetáculo. Beija-me novamente, desta feita na boca e com um bocadinho de língua. — Obrigado. Entra, entra! Bem-vinda ao meu apartamento!

Ele aceita a garrafa com uma mão e vai para a cozinha com a taça na outra. Tiro as sandálias e vou atrás dele, descalça, tentando olhar em redor enquanto o sigo. Não há a menor indicação de toque feminino no apartamento. O sofá é preto e feito do couro mais barato. A arte é indeterminada — linhas masculinas em molduras básicas. Os aparelhos eletrónicos, porém, são todos topo de gama, demonstrando a sua inclinação para a informática e a tecnologia. A televisão é gigantesca, com toda a espécie possível e imaginável de colunas sem fios e outros acessórios. Num canto há uma secretária com um computador e dois monitores, outros equipamentos e um portátil. Na cozinha, vejo ainda mais aparelhos espalhados por todo o lado. Termómetros de cozinha e uma máquina de café muito elegante. Aparelhos com peças pequenas e manuais de instruções que eu teria de ler atentamente para os pôr a funcionar.

— Margarita? — pergunta o Joshua, segurando um liquidificador topo de gama.

— Oh, sim, por favor!

— É para já.

Debruça-se para me dar outro beijo antes de ligar a máquina e triturar o gelo. Tira dois copos de margarita do armário e serve o líquido esverdeado. Até passou os rebordos em sal e tudo, e não consigo deixar de ficar um pouco sensibilizada com o esforço que ele está a fazer, embora não seja para mim e sim para a Gretel. Brindamos e bebemos um gole, mantendo sempre o contacto visual enquanto o fazemos. Ergo uma sobancelha, para lhe dizer que sei o que ele está a planear e que estou completamente à vontade com isso; sem dizermos uma única palavra, a tensão sobe neste apartamento de um quarto numa zona da moda. O Joshua engole com dificuldade.

— Então, gostas de *fajitas*?

— Gosto muito de *fajitas*. O que posso fazer para ajudar?

— Nada. Senta-se só e delicia-me com a tua companhia, Gretel.

Empoleiro-me num banco de couro sintético e fico a observar o Joshua a cozinhar. Bebo a margarita e ele serve-me outra, roçando deliberadamente na minha mão quando me devolve o copo.

— Tu fazes umas margaritas fantásticas — digo-lhe.

— O que posso dizer? Sou um homem de muitos talentos.

— Aposto que és.

Mais uma explosão de tensão sexual. Esta é menos assustadora, porque já tenho a tequila a bombar na minha corrente sanguínea. Na verdade, quase aprecio o momento. Bebo pequenos goles, fito o Joshua por cima do rebordo do copo e ele é o primeiro a desviar os olhos, corado. Volta a mexer a carne que ferve na frigideira; o apartamento inteiro cheira aos temperos, porque o exaustor dele não funciona muito bem.

Depois de bebermos o segundo cocktail, ele puxa uma cadeira de debaixo da mesa de jantar de vidro redonda.

— Guardei a cadeira que não abana para ti, sua sortuda.

— Uau. Sabes mesmo como tratar bem uma senhora.

Ele pousa taças com guacamole caseiro, molho e natas ácidas. Traz as terceiras margaritas e pousa os copos em cima de bases. Depois, com um entusiasmado «*voilà*», traz a frigideira com a carne e os vegetais a frigar e pousa-a entre nós, em cima de uma tábua de cortar de madeira.

— Isto está com um aspeto fantástico.

— Obrigado. Vamos comer.

Empilhamos ingredientes e mais ingredientes e envolvemo-los nas tortilhas, depois ambos temos dificuldade em trincá-los com elegância. A ponta da *fajita* do Joshua abre-se e pinga o conteúdo para o prato.

— Oh, diabo — diz ele, com os dedos cobertos de uma espécie híbrida de molhos mexicanos. — Estou a safar-me mesmo bem, não te parece?

Faz sempre com que eles se sintam seguros e confortáveis. Acaricia-lhes o ego. Fá-los sentirem-se amados por serem exatamente como são.

Trinco a minha *fajita* vigorosamente e acontece-me a mesma coisa.

— Não te preocupes, acabei de te igualar. — Rimo-nos e os nossos olhares cruzam-se.

— E como foi o teu dia? — pergunta ele.

Lembro-me da hora que passei com a cabeça pousada em cima da mesa.

— Oh, foi *ótimo*! Hoje à tarde, o nosso CEO foi comprar gelados para toda a gente e fizemos uma festa no escritório.

— Que homem fantástico. Este calor é mesmo qualquer coisa, não é? Mas dizem que já vai chover.

Pouso a minha *fajita*.

— *Até que enfim*. Adoro chuva. Às vezes gosto de ir para a rua e ficar só a apanhar chuva, como naquela cena final d’*Os Condenados de Shawshank*.

Assim que digo isto sinto-me desconfortável. Foi uma coisa um tanto estranha de se dizer, devo estar mais bêbada do que pensei. Espero pela reprovação do Joshua, mas não sei bem porquê ele está a rir-se.

— Adoro esse filme — diz ele. — E adoro a voz do Freeman. Se tivesse todo o dinheiro do mundo, usava-o para lhe pagar para me ler histórias antes de dormir. Consegues imaginar a maravilha?

A April também começa a rir-se ao imaginar o Joshua muito aconchegado no seu pijama, com o Morgan Freeman sentado na beira da cama a ler-lhe o *Boa noite, Lua*.

— Por acaso, até consigo fazer uma imitação bastante boa dele —

comento. — Se quiseres a concretização do sonho a preço de promoção... — Tusso para anunciar a minha atuação e baixo o queixo. — Das duas uma, podes ocupar-te a viver ou ocupar-te a morrer — profiro, com uma voz profunda.

O rosto do Joshua fica em choque antes de ele desatar a rir-se e a aplaudir.

— Isso é assustadoramente parecido! Oh, meu Deus.

— Obrigada. É um dom que eu tenho. Sempre fui estranhamente boa a imitar pronúncias. Salvou-me muitas vezes em conversas aborrecidas em festas.

O rosto dele está corado e sorridente.

— Como é que não sabia isso sobre ti? Ah, espera... — Antes de dar por ele, já se levantou e foi até ao quarto. Bebo a minha bebida, a tequila a misturar-se com a outra que já está no estômago. Sinto-me feliz e um tanto ébria por ter mostrado um pouco da April e ele aparentemente ter gostado. O Joshua regressa com um livro na mão. Os olhos estão tão vermelhos como o seu rosto e ligeiramente desfocados. — Muito bem, este é o livro que estou a ler atualmente — diz, mostrando-me um thriller. — Vá lá, Morgan, lê para mim.

Aceito o livro e não consigo evitar um sorriso.

— Bem, se queres que te conte uma história para adormecer como mandam os preceitos, primeiro tens de te deitar — instruo.

O Joshua pega-me na mão e leva-me para a zona de estar do apartamento, antes de se deixar cair no sofá. Cruza os braços por trás da cabeça para fazer de almofada.

— Estou pronto para o Freeman.

— Isto é estranho? — pergunto. — Sinto que as coisas estão a ficar estranhas.

— É definitivamente estranho, mas vamos continuar.

— Está bem. — Sento-me aos pés dele e abafa uma gargalhada. Abro uma página ao acaso, volto a pigarrear e começo a ler em voz alta na minha melhor voz de Morgan Freeman. É realmente muito boa; era o meu truque nas festas da faculdade. Às vezes, enquanto estudávamos, a Megan obrigava-me a ler os apontamentos das aulas com esta voz.

O Joshua está a vibrar de riso. Avanço o melhor que posso pela página, mas também já me estou a rir. Consigo ler mais algumas frases, mas depois perco o controlo e estamos os dois a rir-nos histericamente. Passam-se uns 30 segundos disto até que o Joshua estende o braço e me puxa para cima dele; o livro cai para o chão. Rimo-nos para a boca um do outro enquanto nos beijamos. É um estranho momento de completa e absoluta felicidade. Durante dois segundos, estou a rir-me enquanto beijo um homem realmente simpático que parece gostar de mim e entender a minha estranheza. E isto é o suficiente. Pelo menos para mim. É um dos momentos brilhantes que a vida tem para oferecer — aquele tipo de momentos que gostávamos de suspender para a seguir mergulharmos neles. Estou perdida nesta ligação pulsante entre dois seres humanos. Mas depois o Joshua geme para a minha boca. As mãos dele deslizam pelas costas do meu vestido. O ambiente muda. Sinto que ele está excitado. Uma onda de pânico sobe-me pela garganta. Subitamente, a única coisa que consigo cheirar é o aroma ácido das *fajitas* que já nem devia estar no nosso pensamento. Sinto-me uma presa... como se o Joshua tivesse desaparecido. Os pedaços de si que fazem dele um homem razoável e digno de confiança desapareceram com o poder do seu desejo. Um bando de mil pássaros minúsculos levanta voo dentro do meu estômago, batem as asas ao longo dos meus membros e o Joshua volta a gemer.

Mas a Gretel não se sentiria assim, ela iria na onda e pronto. Estaria a beijá-lo de volta. *Fajitas? Que fajitas?* Ela está só completamente perdida no momento. Ela é muito assim com os momentos e perde-se neles. Aprecia o impacto que tem nos homens. Fá-la sentir-se forte e não vulnerável.

Como agora sou a Gretel, afasto a sensação de pânico e beijo o Joshua também. Entrelaço as mãos atrás da cabeça dele, descontraindo o corpo contra o seu. Se pudéssemos beijar-nos assim durante tempo suficiente, é provável que até a April apreciasse o momento. Se ao menos ele pudesse acariciar-me o rosto como se me amasse, se pudesse demorar-se nas carícias, se olhasse para mim de forma adoradora e me beijasse o pescoço durante pelo menos um

quarto de hora enquanto se assegurava de que estou completamente confortável e relaxada e preparada, então podíamos fazer... Oh, esperem, ele está a arrastar-me do sofá para o quarto.

Vamos aos tropeções pela sala, enquanto tentamos encontrar o caminho para a cama de casal dele — ainda presos pelas nossas bocas que gemem. Abro os olhos, desejosa de ver como é o quarto dele. Há um quadro curioso de Paris pendurado na parede da cabeceira da cama.

— Tu és tão sexy — murmura o Joshua.

— Eu sei. — Parece-me ser o tipo de coisa confiante que a Gretel diria. E funciona, porque ele volta a gemer e caímos na cama acabada de fazer com lençóis lavados. Ele aterra em cima de mim, prendendo-me contra o colchão, a língua espessa e pesada a mergulhar na minha boca. Viro a cabeça para ele me beijar o pescoço; ele entende a dica e fica por ali durante algum tempo. Consigo reencontrar a paz neste momento, sinto como os lábios dele provocam sensações agradáveis na minha pele. Fecho os olhos para me concentrar nesta sensação deliciosa. Se tivesse muito dinheiro, e se não fosse estranho, contratava alguém só para me beijar o pescoço durante dez minutos por dia. Pronto, na verdade, isto é muito estranho. Mas sabe tão bem. Solto um suspiro e não sei dizer se foi a April ou a Gretel a suspirar, mas isto reativa o Joshua e, tipicamente, em vez de pensar *Ela está a suspirar porque isto é mesmo muito agradável, por isso faz sentido continuar a fazer o que tenho estado a fazer*, ele pensa *Hum, este suspiro excita-me muito, deixa-me agir sobre a excitação e voltar ao que realmente me interessa nestes preliminares*. Por isso, ele para de me beijar o pescoço e começa a atarefar-se com o meu vestido. Inspiro profundamente no instante em que o tecido me passa pela cabeça, para conseguir sorrir para o Joshua quando a minha cabeça reaparece. Ele retribui-me um sorriso rasgado enquanto os olhos se demoram sobre o meu corpo, bebendo sofregamente o que vê. Depois beija-me com renovado vigor, pega-me na mão e guia-a em direção à ereção por dentro das calças.

As roupas saem.

As bocas emitem gemidos.

A pele encontra a pele.

Nem sequer sei qual é a cor favorita deste homem e, no entanto, ali está ele a desenrolar um preservativo. Enquanto ele se ocupa de o colocar, o cheiro do plástico chega-me ao nariz e faz-me cócegas. Baixo a cabeça e inspiro profundamente mais algumas vezes para relaxar os músculos lá de baixo. É provável que a Gretel tomasse a iniciativa de colocar o preservativo com a boca ou algo do género, mas antes de vir para cá esqueci-me de ir ver ao *Google* como é que isso se faz.

Ele sorri.

Ele beija-me.

Ele deita-me na cama.

Ele entra em mim.

Estamos a fazer sexo.

Eu e este homem que nem sabe o meu nome. E eu estou bem.

Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem.

É claro que a Gretel está a adorar isto. Está a emitir gemidos estranhos e profundos, apesar de ele não me tocar no clítoris há pelo menos dez minutos. Tenho o cuidado de emitir gemidos com o tom e volume certos — o suficiente para ele saber que estou a gostar e que é muito bom no sexo e, uau, agora pode ficar com o ego lá em cima, mas não demasiado que o faça pensar que sou uma galdéria histérica qualquer com inclinações porno. Parece que consegui atingir um bom equilíbrio. O Josh também está a gemer. Estamos na posição de missionário, o que por acaso até é bom. É a minha posição favorita, embora não devamos admitir isto, já que é uma posição aborrecida. A questão é que o tédio da intimidade me faz sentir segura. Encosto o rosto ao pescoço dele e cheiro-o. É um momento em que tenho de ser a April, preciso de fazer isto. Sei que o tempo que tenho para apreciar esta posição é limitado. É provável que a Gretel queira ficar por cima e o Joshua é um homem que cresceu a ver pornografia, por isso é apenas uma questão de minutos até tentar pôr-nos de quatro. Mas, neste momento, enterro o nariz mesmo por baixo da orelha dele e fecho as pernas à volta do seu corpo, puxando-o ainda mais para mim. Tento parar o tempo e ficar para sempre neste momento, neste preciso

instante em que tudo me parece tão íntimo e ligado e amoroso, exatamente como sempre desejei que o sexo pudesse ser. Faço de conta que ele me ama e que me vai amar eternamente. É a única coisa com que nunca vou ter de me preocupar. Que ele me respeita, mas que também se sente atraído por mim. Que gosta de mim, embora também saiba que posso cuidar de mim sozinha. Que ele é suficientemente forte para aceitar isso e trabalhar nas suas fraquezas pessoais. Que ele me vai abraçar quando eu chorar sem nunca pensar que os meus motivos são idiotas. Que ele me vai adorar, mas nunca de forma dependente ou sufocante. E, estranhamente, perdida neste estranho transe de fantasia, a sonhar com o amor que o Joshua podia ter por mim, descubro que estou a gostar muito do sexo. Estou a arquejar e a agarrar as costas dele enquanto sinto o meu corpo a encaminhar-se para o orgasmo, que nunca, mas nunca, me acontece durante o sexo com penetração. É este o segredo que ninguém partilhou connosco? Fantasiem enquanto se encaminham para o orgasmo? Substituam o homem que vos está a penetrar de facto por um protagonista de uma comédia romântica qualquer, tipo o Colin Firth? Nenhuma das *Cosmo* que li quando era miúda me falou desta estratégia.

Estou a gostar disto. Estou a gostar disto, nem sequer preciso de fingir, estou a gostar tanto disto. Por isso, como é óbvio, o Josh sai.

Sorri para baixo ao olhar para mim, como se não tivesse acabado de fazer a coisa mais irritante de todo o universo. A Gretel retribui o sorriso. Damos algumas voltas, misturamos posições. Ele ainda tenta acariciar-me sem grande convicção quando estou em cima dele, mas ao fim de 20 segundos perde-se nas sensações boas que está a ter e deixa de me tocar — provavelmente continua a considerar-se uma boa queca, porque pelo menos deu-se ao trabalho de tentar. A Gretel adora. Não consegue acreditar na sua sorte por ter este sexo ótimo, mas que *não-é-tão-bom-como-há-um-instante*. Por baixo de mim, o rosto do Joshua parece o de alguém que acabou de ganhar a lotaria, mas eu não estou habituada a estar tão nua, confiante e exposta.

— Tu és tão boa — o Joshua levanta-se e murmura-me ao ouvido.

E assim, sem qualquer aviso, sempre sem aviso, o passado é

regurgitado de dentro de mim.

«Tu és uma puta gorda», murmura o Ryan ao meu ouvido. A dor e a vergonha, assim como a confusão, são tão imensas que não consigo fazer mais nada e fico petrificada.

O Josh está por baixo de mim, está com ar de quem está a adorar, mas... mas...

Eu já não estou aqui.

Estou lá. A fitar a parede branca.

A parede branca.

A

parede

branca.

Consigo ver todos os padrões do papel de parede com relevos. Estou demasiado chocada para conseguir mexer-me. Estou magoada. Estou tão > magoada. O meu corpo grita de dor, apesar de continuar em silêncio e completamente imóvel, uma parte primitiva do meu ser diz-me que esta é a forma mais segura — a mais rápida — de acabar com a dor. Ai, dói-me tanto, mas limito-me a fitar a parede. Concentro toda a dor na parede. Uma parte indistinta de mim, a minúscula parte que não está completamente entorpecida e que me mantém em segurança, está ciente, muito ciente, de que isto me faz mal. Ele está a ferir-me.

A ferir-me, ferir-me, ferir-me.

Ele está a ferir-me.

Estou ferida.

Não valho nada, estou destruída e dói-me tanto, mas não mereço mais do que isto. Céus, como me dói. Porque é que ele não para? Não consigo encontrar as palavras para o fazer parar. A minha garganta está bloqueada. As cordas vocais rasgadas gritam em silêncio para o buraco oco que é a minha garganta. Ele continua a magoar-me. Ainda não parou. Eu só preciso que isto acabe. Acaba com isto, por favor.

Por favor,

Acaba

Com

Isto.

Mas ele não acaba. Parece continuar eternamente, e o tempo é tão

lento à medida que a dor me queima e magoa cada vez mais. Todo o meu corpo está em chamas. As mãos na minha cintura. A puxar-me para a frente e para trás com brutalidade enquanto eu me deixo ficar tão inerte quanto possível, a choramingar. Porque não consigo abrir a boca? Porque não consigo gritar? Porque não o consigo empurrar e fugir daqui? Porque estou imóvel?

Limito-me a fitar.

A parede branca, a parede branca, a parede branca.

Não, não, não, não. Volta, volta, volta. Já acabou, já acabou, está no passado, está no passado e já não te pode fazer mal. Os meus pulmões são pequenos, tão pequenos. As lágrimas ardem-me nos olhos. Tenho dificuldade em respirar. *Mas volta. Volta.* Não consigo, não consigo... estou novamente lá. Tão assustada. Tão magoada. Tão indefesa. A fitar a parede. Não, não, não. *April! Volta! Volta!*

Encosto a unha do segundo dedo à cabeça do polegar e cravo-a com toda a minha força. Pressiono e pressiono até quase fazer sangue...

Estou aqui. No quarto do Joshua. O quadro de Paris. O Joshua a apertar-me a mão e a abrandar.

— Ei? — diz ele. — Está tudo bem?

O seu rosto tem uma expressão preocupada. *Merda. Perdi a Gretel. Perdi a Gretel e perdi-me a mim, estou a dar cabo de tudo.*

— Estou ótima. Porque é que paraste?

— Pensei que não estavas bem. Parece que te ausentaste. Está tudo bem?

Não, não, não. Ele não pode ver esta parte. Disfarça, faz qualquer coisa que lhe dê prazer, continua. Continua.

A Gretel recompõe-se. A Gretel estende os braços para ele e puxa-o para si, deixando claro que ele a interpretou mal.

— Não pares — diz ela. — Por favor, não pares.

E a verdade é que ele não precisa de mais incentivo. Sorri, aliviado por eu não ser uma daquelas mulheres destruídas de quem ele já ouviu falar tanto. Não, não, não, não quero uma mulher dessas, tu queres? Elas não são nada sexy, as mulheres destruídas. Não nos podemos vir na cara delas sem que se sintam levemente ofendidas com o ato, e quem quer dar cabo de um orgasmo com a culpa?

Felizmente, ele não faz nada demasiado arriscado, mas ainda estou a lutar contra o meu gatilho e a perder a batalha. Preciso de me controlar. Não estou a conseguir controlar-me. Preciso de o distrair até ele acabar. A Gretel investe mais. Não consegue acreditar como as investidas dele são espantosas. Pede-lhe para ir mais fundo, diz-lhe como ele é grande, como é grande e duro. Previsivelmente, isto leva-o até ao limite com grande rapidez. Liberta um gemido gutural e desfaz-se dentro de mim. Só preciso de me controlar, controla-te. *Espera, espera, espera. Em breve já podes desabar, prometo. Mas ainda não, ainda não.*

O Joshua continua dentro de mim e fica algum tempo com a cabeça enterrada no meu pescoço. Viro a cabeça para o lado para deixar que a gravidade me faça cair uma lágrima pelo rosto. Consigo sentir fisicamente o pénis dele a diminuir de tamanho dentro de mim, como um balão de hélio no fim de uma festa. O meu trauma está a vir à superfície, está a queimar-me a pele.

O Joshua levanta finalmente a cabeça e olha para o rosto da Gretel, que já não tem lágrimas. Sorri quando os seus olhos se encontram naquele abraço pós-coito. O rosto dele irrompe num sorriso rasgado e tem a graciosidade e bons modos de me dar um beijo nos lábios antes de segurar a parte de trás do pénis para se certificar de que o preservativo está no sítio enquanto ele desliza do meu corpo.

— Olá — murmura ele, deixando-se cair ao meu lado e dando-me mais um beijo.

— Olá — respondo.

Tenho vontade de gritar tão alto que assustaria todos os pombos de Londres.

Observo-o a tentar lutar contra o sono durante — hum, sei lá, uns segundos inteirinhos. Estende o braço e dá-me uma palmadinha nas costas nuas, como quem diz «pronto, pronto, já passou». Estendo o braço e acaricio-lhe as costas, confortando-o até à inconsciência, para poder ficar a sós. O braço dele cai rapidamente enquanto o corpo mergulha no sono, prendendo-me contra a cama.

Concentro-me na minha respiração, no subir e descer do meu peito. Tenho de esperar; tenho de me certificar de que ele adormeceu

realmente antes de me levantar. Não o quero acordar. Neste momento, preciso tanto de estar sozinha que se pudesse o matava, só para ter paz, só para ter a certeza de que ele não acordava.

Inspirar, expirar, inspirar, expirar.

Às vezes, é mesmo difícil respirar, não é?

A Gretel não está aqui.

Sou só eu, a April.

Neste apartamento desconhecido, com um homem desconhecido que nem sequer sabe quem eu sou. Verifico novamente a sua expressão adormecida. Apagou por completo. O preservativo usado está pendurado na outra mão como se fosse uma lesma morta. Desvio-me delicadamente do braço dele, rebolo até me levantar e fico ali despida a olhar para ele.

Ele continua a dormir.

Estou sozinha neste apartamento. A minha garganta lateja com gritos que precisam de ser libertados até ficar sem voz, mas isso iria acordá-lo. Encontro o meu vestido caído no piso de madeira e seguro-o contra o rosto com as mãos trémulas. Depois saio do quarto descalça, fechando suavemente a porta atrás de mim.

A sala continua como a deixámos. O cenário da sedução. O gelo das nossas margaritas não derreteu por completo. A refeição que ficou a meio — as taças com molhos caseiros ainda à espera de serem comidos. Os ponteiros do relógio de parede marcam o compasso. Ainda nem são 20h30. Agarro o vestido com mais força contra o corpo e vou para a casa de banho do Joshua. No ar paira o aroma de produtos de limpeza. Imagino-o a esfregar a casa de banho momentos antes de eu chegar. O calor entra pela pequena janela aberta por cima do lavatório. Consigo ouvir as gargalhadas da sexta-feira à noite que vêm lá de fora. Fecho a janela. Puxo o fio do extrator de vapor e o burburinho do motor dá-me o ruído branco de que preciso para abafar os arquejos que se escapam da minha boca.

Fecho a porta à chave.

Caio, despida, sobre o tapete.

Razões pelas quais já chorei em casas de banho

- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.
- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.
- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.
- Ocasionalmente, por preocupações do trabalho.
- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.
- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.
- Ocasionalmente, por TPM.
- Porque não quero que o homem saiba que estou a chorar.

Depois de desabar, ninguém saberia quão fundo caí. A minha respiração volta ao normal. O meu rosto não está inchado. Os meus ombros não estão caídos. Consegui tirar até a expressão vazia dos meus olhos.

A parede branca, a parede branca, a parede branca.

Não.

Quando volto a entrar na cama, ainda nua, porque era o que a Gretel faria, o Joshua está a dormir. Componho num sonho acordado o cenário daquilo que ela esteve a fazer nos últimos 45 minutos. Ela também teria adormecido, deixando-se mergulhar na alegria pós-orgásmica, que teria sido real e não fingida. Depois teria feito qualquer coisa divertida!

Oh, eu sei, iria querer mais cocktails. Volto a sair da cama e pego nas margaritas derretidas; pouso-as com cuidado na mesa de cabeceira do Joshua antes de me deitar novamente por baixo dos lençóis.

Os meus movimentos acordam-no. Entreabre um olho.

— Oh, olá. — Estende o braço e puxa a minha cabeça para o seu peito.

— Trouxe as margaritas.

— Tu és maravilhosa. — Dá-me um beijo no cabelo. — Desculpa ter adormecido, não era minha intenção. — Dá-me mais um beijo.

— Deixaste-me tão cansado.

Viro-me nos braços dele para olhar para cima. Para um homem que ainda nem chegou aos 35, ele tem bastantes pelos no nariz.

— Tu também me deixaste cansada. — Debruço-me para ir buscar as bebidas. Ele suspira, exausto, e senta-se na cama enquanto me agradece. Ficamos sentados a beber, e a conversa fica temporariamente suspensa. Sei que devia estar leve e luminosa, como a Gretel estaria, mas usei a maior parte da minha energia a escalar do inferno fundo em que me deixei cair na casa de banho do Joshua.

— Nem acabámos de jantar — diz o Joshua.

— Mas é bom que acabemos. Estou esfomeada.

Ele dá-me uma palmada na coxa.

— Ainda bem que a minha comida não te desencorajou.

— O que posso dizer? O homem sabe cozinhar... — bebo um gole doce e salgado. — Entre outras coisas...

As minhas palavras deixam-no visivelmente relaxado e vejo o seu corpo descontraír contra a almofada.

— Ah... — diz ele, com os cantos da boca a virarem-se para cima.

— Então, tu...?

Assinto vigorosamente.

— Ah, sim! Não deu para perceber?

— Sim, quero dizer, não. Fiquei na dúvida. Mas conseguiste? Claro. Desculpa. Isso é fantástico. Ótimo.

Debruço-me e obrigo-me a beijá-lo. Questiono-me sempre por que motivo os homens se preocupam tanto se as mulheres se vêm ou não quando, durante o sexo, fazem regularmente coisas que estão documentadas no conhecimento científico básico que não conduzem ao orgasmo feminino. O beijo leve transforma-se em algo mais longo e consigo sentir o edredão a mexer-se com os indícios da segunda ereção do Joshua. Sei que não vou conseguir evitar ter de fazer sexo com ele outra vez esta noite, mas por enquanto não consigo pensar nisso. Principalmente porque da segunda vez é sempre mais demorado. Interrompo o beijo.

— Hum, estou esfomeada — diz a Gretel, com leveza. — E ainda não experimentei o teu guacamole. — Levanto-me, completamente nua e regresso para a mesa de jantar. — Vens? — chamo, quando me sento. Só lhe falta correr atrás de mim.

— Acho que a comida já está fria — diz ele.

— Não faz mal. Estou com demasiada fome para me preocupar com isso. — Pego no garfo e espeto-o nos restos de *fajita*. Sinto uma vontade de comer e comer sem parar até vomitar. — Hum — diz a Gretel. — Nota máxima para o guacamole.

— Sabes, nunca comi *fajitas* nu.

— Como é que conseguiste lidar com a tua vida até me conheceres?

E a verdade é que, por instantes, ele parece estar mesmo a pensar na

resposta.

— Honestamente, Gretel, não faço ideia.

Comemos. Namoriscamos. Limpamos a mesa juntos. Conversamos sobre todas as coisas que ainda nos falta aprender um sobre o outro. Já passámos pelo básico — onde ele cresceu (em Norwich), onde andou na faculdade (em Leeds) e estamos a entrar em assuntos um pouco mais detalhados. Chegamos finalmente às cores favoritas. A dele é azul. A da Gretel é cor de laranja. A minha é verde.

Escurece, mas a chuva prometida teima em não cair. A tempestade não chega. Lá fora, o céu está com o aspeto de alguém que comeu demasiado, mas que ainda não está a ponto de vomitar. O céu é uma longa e desconfortável indigestão. Quero tanto que chova.

Instalamo-nos no sofá dele, entrelaçados, a agir como o casal que ainda não somos. Pela forma como o Joshua anseia tanto o contacto físico, consigo perceber que está sozinho há muito tempo. Está sempre a pousar a mão nas minhas costas e os seus abraços duram alguns segundos a mais do que seria normal.

— Então, além do Morgan Freeman, sabes fazer mais alguma imitação?

Além de imitar uma mulher descontraída que não existe e que consegue atingir o orgasmo sem estimulação praticamente nenhuma do clítoris na primeira vez que vai para a cama com alguém? Penso para com os meus botões.

— Diz-me uma pronúncia, que eu faço.

— Muito bem, diz qualquer coisa em inglês americano.

— Qualquer coisa em inglês americano — repito, mas com uma pronúncia americana perfeita.

— Muito bem. Então agora mais difícil. Escocês.

— Olá, Joshua, tu és um moço muito sexy, não és?

Ele solta uma gargalhada enquanto sorri amplamente com o elogio.

— Gosto deste jogo — declara. — Sabes fazer mais algum famoso além do Morgan?

— Por acaso, sei imitar o Ronan Keating.

— Não é tão conhecido, mas vamos lá a ouvir isso.

Canto um verso de uma música e o Joshua desata a rir-se novamente.

Abrimos as janelas para deixar entrar a brisa inexistente. Pergunto-lhe sobre a imagem de Paris que está no quarto.

— Oh, aquilo? Comprei-o quando fiz uma viagem pela Europa, no verão em que acabei o curso. — A conversa desvia-se para viagens de mochilas às costas, uma atividade que sempre achei que só existia para as pessoas chatas da classe média se sentirem bem consigo mesmas e terem alguma coisa sobre o que falar nas suas festas chatas de classe média. Não tens personalidade? Não faz mal — basta falar da viagem à *Índia*! Mas a Gretel fica extasiada — ela adora, adora viajar! —, e tenho de aguentar que ele me conte outra vez a mesma história que já me contou sobre o monte Kilimanjaro.

Começamos a beijar-nos novamente. Os beijos aumentam de intensidade e acabamos por fazer sexo no sofá. É melhor do que da primeira vez. Quando o Joshua acaba de tirar o segundo preservativo da noite e colapsa em cima de mim num emaranhado transpirado, tento certificar-me de que tenho a minha mistura de Virgem e Galdéria no ponto.

— Isto foi espantoso — digo, apesar de não ter sido. Foi só bom.

Ele sorri e beija-me os dedos. Consigo cheirar-me no hálito dele.

— Eu normalmente não vou para a cama com ninguém assim tão depressa — admite a Gretel.

O Joshua apoia-se nos cotovelos.

— A sério?

Ela assente timidamente.

— Eu pensei que... quero dizer, tu és uma mulher tão confiante. Presumi que...

— O quê?

Ele é suficientemente inteligente para recuar e fugir desta pergunta com rasteira.

— Deixa lá, não é nada.

A Gretel deixa passar; como se alguma rapariga normal pudesse deixar passar um «presumi que» uma única vez em toda a história da sua vida.

— Pois, mas não costumo fazer isto.

O Joshua fica quieto durante uns instantes, claramente a pensar. Depois abraça-me de repente, com muita força, e quase me sufoca, por isso é um milagre não lhe dar um estalo.

Um instante depois, dou-lhe uma palmadinha nas costas.

— Podemos dormir agora?

Ele entala uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha e olha para mim como se estivesse a apaixonar-se.

— Vamos dormir.

Fico deitada, acordada a fitar o teto, e só consigo dormir durante mais ou menos uma hora até a alvorada chegar pelas frinchas das cortinas e os pássaros que gostavam de viver num sítio melhor do que Londres trincarem o anúncio da manhã e me acordarem. Só me apetece arrancar a pele do meu corpo. Quero chorar durante mil anos. Quero pegar num homem, em qualquer homem, e fazê-lo sentir o que é o medo puro e verdadeiro. Quero violência. Quero vê-lo a esvair-se em sangue. Quero que o branco dos olhos dele fique cada vez maior com o terror. Quero que ele fique incapaz de se mexer por puro instinto de sobrevivência e depois torturá-lo para o resto da vida por não ter dado luta. Quero que ele se culpe por isso. Quero que ele grite e que...

O Joshua vira-se na cama. Abre os olhos. Está a sorrir.

— Bom dia! — chilreio.

— Se estou a acordar ao teu lado, é um bom dia com certeza.

— Ai que piroso, Joshua.

Ele puxa-me para si (*anda cá sentir a minha ereção matinal na tua coxa, minha querida*) e acabamos por nos entregar à inevitabilidade do sexo matutino misturado com o hálito matutino, enquanto ambos fazemos de conta que eu não estou um pouco seca demais para ele, sendo que é de manhã e que o Joshua não investiu um único segundo em preliminares. Nem a Gretel consegue fingir lubrificação. Porém, o Joshua não parece importar-se com isto, ou reparar sequer. Quando acaba, sai de cima de mim e atira-se de cabeça para a almofada, enquanto me dá palmadinhas nas costas e balbucia elogios.

— Preciso de ir à casa de banho. — Levanto-me, faço chichi, tomo

um duche e visto-me. Agora ainda tenho mais comichão na pele. Esta última ronda de sexo foi demasiado. Estou a ficar sem tempo. O trauma está a fechar-se sobre mim. As minhas costelas apertam-me os pulmões.

A parede branca.

A

parede

branca.

Ele aparece na cozinha quando a chaleira começa a ferver, vestido com uma simples t-shirt branca.

— Chá? Café? — pergunto, com uma voz de assistente de bordo.

— Café, mas deixa que eu faço. És minha hóspede. — Ele põe-se por trás de mim, aperta-me as laterais do corpo para me afastar e eu tenho de me socorrer de todas as forças que me restam para não estremecer quando ele me toca.

Sento-me à mesa e observo-o a fazer um café de verdade com as suas maquinas. Ele é muito metódico. Científico. Usa a colher medidora para se certificar de que está a pôr a quantidade exata de café. Tira a chaleira do lume no instante imediatamente antes de ela começar a ferver, para não queimar os grãos. Até se agacha ligeiramente quando deita a água para ver se está a pôr a medida certa. É como observar um aluno entusiasmado numa aula de Química do secundário, e é quase amoroso. Quando me entrega a chávena, o café sabe maravilhosamente.

— Obrigada. Uau, tu sabes mesmo fazer café.

Ele aproxima a cadeira dele e usa as pernas para prender uma das minhas.

— É ao mesmo tempo o meu maior superpoder e a minha maior fraqueza — comenta. — Sou muito esquisito quando tenho de beber café feito por outras pessoas. É uma coisa que me causa verdadeiro stress. — Debruça-se e entala-me novamente o cabelo atrás da orelha. — Ficas adorável assim sem maquilhagem — comenta.

Estou a usar corretor de olheiras, rímel, um pouco de cor no rosto e um batom leve.

— Obrigada. — Continuo a beber o café e não consigo olhar para

ele. O impulso urgente de sair daqui percorre todo o meu corpo. E, antes de conseguir ver o fundo à chávena, já não aguento mais. Levanto-me e recorro a tudo o que tenho em mim para continuar a sorrir.

— Ei, para onde vais?

— Tenho de me ir embora, desculpa.

A desilusão que se espalha pelo rosto dele é quase palpável.

— Porquê?

— Pois, tenho coisas marcadas.

— Coisas?

Sorri, sorri, sorri. Leve, leve, leve. Mente, mente, mente.

— Sim, vou fazer um turno extra esta manhã e depois tenho um churrasco em casa de uns amigos.

— Oh, está bem. — O Joshua olha para o café.

Nunca estive com um homem tão abertamente carente e não consigo perceber se é o efeito Gretel ou se o Joshua é mesmo assim.

— Mas diverti-me muito.

— Sim, eu também.

— Desculpa, mas eu não tinha percebido que querias que passássemos o dia juntos também. — É tão *estranho* estar do outro lado da conversa do dia seguinte. Normalmente sou eu quem presume que vamos passar o fim de semana juntos, cancelando outros planos só por precaução e depois agindo como se estivesse tudo bem quando a outra pessoa revela que nem sequer ponderou na possibilidade de passar um fim de semana inteiro comigo.

— Não, eu é que peço desculpa. Não devia ter presumido que não tinhas outras coisas para fazer.

Estendo o braço e aperto-lhe a mão para lhe dizer que não precisa de se preocupar.

— Mas eu diverti-me mesmo muito esta noite.

Os olhos dele encontram os meus.

— Divertiste?

Assinto.

— Devíamos fazê-lo novamente.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Agora? Tenho quase a certeza de que me esgotaste por completo.
Finjo uma gargalhada.

— Não é isso. Bem, isso também. Mas, sabes, encontrarmo-nos.
Conversar. Partilhar o mesmo oxigénio. Devíamos fazer isso outra vez.

— Na segunda-feira?

Uau, Joshua, aguenta aí os cavalos.

— Na segunda-feira está ótimo para mim.

Vou buscar a minha mala. Reúno as minhas coisas. Resisto ao impulso de estremecer novamente quando o Joshua me beija o pescoço. Combinamos o jantar. Agradeço-lhe por uma noite tão agradável. Dou-lhe um beijo de despedida à porta. Suspiro de alívio quando a porta se fecha atrás de mim. Ajo com surpresa e felicidade quando o Joshua segura as portas do elevador para me beijar outra vez. Aceno e continuo a sorrir. Vou para a rua. Questiono-me como vou conseguir ultrapassar um dia tão quente como este, quando me sinto neste estado. Entro no metro abafado, mas praticamente vazio. Olho para as minhas mãos. Vejo que estão a tremer. Lembro-me da parede branca. Digo a mim mesma «Agora, não». Em breve, mas primeiro tenho de chegar a casa. Chego à minha saída do metro. Saio. Passo pelas barreiras. Recebo uma mensagem do Joshua mal tenho rede. Não a leio. Não consigo. Agora não. Arrasto-me pelas ruas de Londres, sem conseguir lidar com os outros humanos que se atrevem a caminhar no mesmo passeio que eu. O vapor ergue-se do betão. Não sou capaz de tirar o rosto dele da minha cabeça. O rosto dele no fim. Não o do Joshua. O do Ryan. Como ele dormiu profundamente e eu fiquei a observá-lo a dormir sem entender como conseguia dormir depois do que me tinha feito. Se ele conseguia dormir tão profundamente no fim, teria aquilo realmente acontecido? Tanto que me doeu. Fiquei dorida. A arder. E ele dormiu a noite toda. Quando a manhã chegou, disse a mim mesma que tinha imaginado aquilo. Mas o meu corpo não se esqueceu. Não era capaz. O meu corpo fechou-se por completo. Isolou-se. Tenho de chegar ao fundo da rua. Estou quase lá. A minha pele arde-me tanto que quero arrancá-la do corpo. Custa-me tanto respirar. Os meus pulmões estão mais pequenos. Arquejo mais do que inspiro. A chave não entra na fechadura. Tento novamente. Não. *Por favor, entra na fechadura, porque é que isto está a ser tão difícil?* Pronto. Já está. Entro no apartamento. Está vazio. É todo meu. Estou sozinha. Finalmente sozinha. Posso deitar tudo cá

para fora. O soluço que estou a suster desde que ouvi a voz do Ryan na minha cabeça. Estou preparada para chorar. Deito-me no sofá. Quero deitar tudo cá para fora. No entanto, agora que estou aqui, agora que posso chorar, as lágrimas não vêm. Não sinto nada. Estou vazia. Dormente. Deito-me de lado com os joelhos encolhidos. Fito a parede. Esta parede é rosa-pálido. Foi a mãe da Megan que escolheu a cor. A outra parede era branca. Com papel de parede com relevos.

Não consigo respirar.

Ele está aqui. Está a magoar-me. Não sei como lhe dizer para parar. Porque é que está a fazer isto? As lágrimas chegaram. Caem copiosamente. A dormência desapareceu, mas desejo-a porque agora isto magoa demais. Tenho demasiados sentimentos. Demasiado fortes. Como é que vou viver a minha vida com estes sentimentos que nunca se desvanecem, por muito tempo que passe?

Odeio-te.

Odeio-te.

ODEIO-TE.

ODEIO-TE, RYAN, FILHO DA PUTA, ODEIO-TE, CABRÃO DE MERDA. ODEIO-TE POR TERES ARRUINADO A MINHA VIDA E POR NÃO TE TER ACONTECIDO NADA COMO PAGA. A MINHA VIDA ESTÁ DESTRUÍDA E NUNCA MAIS VOU VOLTAR A SER EU, MAS TU CONTINUAS A VIVER A MERDA DA TUA VIDA, SEU CABRÃO FILHO DA PUTA. ÉS FEITO DE MERDA E EU ODEIO-TE. CÉUS, COMO TE ODEIO. ODEIO-TE TANTO QUE SE TE PUDESSE MATAR, MATAVA-TE. E IA FAZER COM QUE FOSSE UMA MORTE TÃO DOLOROSA. PROVOCAVA-TE TANTA DOR COMO TU ME PROVOCASTE A MIM. VAI-TE FODER!

VAI-TE

FODER

VAI-TE FODER

COMO É QUE HEI DE AVANÇAR COM ALGUMA PARTE DA MINHA VIDA?

Estou a chorar tanto que nem vejo através das lágrimas. Esta raiva. Esta raiva é excessiva. É sempre excessiva. Agarro numa almofada ao acaso. Bato com ela contra o sofá. Estou a gritar.

— ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE, ODEIO-TE. — Não consigo parar de gritar esta palavra. Odeio-te, odeio-te. *Murro, murro, murro* na almofada. Porque é que esta almofada não é a tua cara? Porque é que não pode ser a puta da tua cara? Acho que não consigo parar. — Odeio-te, odeio-te, odeio-te. ODEIO-TEEEEE.

Murro no sofá. *Boom!* Não quero saber se os vizinhos me ouvem. Ninguém vai fazer nada. Nunca ninguém faz porra nenhuma. *Murro, murro, murro.* Vejo o teu rosto a pulsar no sofá. Imagino que é de betão. O teu nariz a partir-se. Há sangue por todo o lado. Porque me fizeste isto? Porque tomaste uma coisa que não era tua? Tu devias amar-me. Dou o maior grito da minha vida. Nem sequer é um grito, mas um grunhido primitivo de dor. As minhas cordas vocais rasgam-se na garganta com o esforço que lhes exijo. Não sei como parar de fazer este barulho. Depois a almofada explode. Há penas por todo o lado. Caem como flocos de neve. Continuo a esmurrá-la até sair a última pena. Ainda estou a gritar «odeio-te». Até que fico apenas com uma pele seca na mão, do que antes era uma almofada. É um pouco como me sinto neste momento, um invólucro de pele vazio que dantes era uma pessoa. Uma pessoa que confiou no amor e não pensou vir a ser uma das azaradas a quem as coisas más acontecem, que pensava sempre o melhor das pessoas e que nunca imaginou sequer que o amor podia doer tanto quanto dói agora. Estou irrecuperavelmente magoada.

A pele da almofada cai ao chão.

Pequenos soluços e gemidos assustados.

Deixo-me cair de lado.

Enrosco as pernas e transformo-me numa bola. As lágrimas caem tão grossas e pesadas. Solto um ligeiro miado de dor.

Quem me dera que a minha vida não fosse assim.

Choro até o meu corpo ficar sem água. É a única maneira de as fazer parar de cair, quando isto acontece.

A seguir adormeço.

Durmo como se estivesse com gripe.

• ***Doente de Amor — Guia da Gretel para Cuidares de Ti Mesma nos Encontros***

É tão fácil perdermo-nos durante a entusiasmada enxurrada de hormonas que nos invade quando começamos a sair com alguém.

Não faças isso.

Lembra-te de que tens de manter a tua independência, o teu extraordinário valor e todas essas coisas boas que fizeram com que ele se apaixonasse. Sim, o teu corpo sente-se basicamente como se andasse a snifar 12 linhas de coca a cada 12 minutos, mas sobrepõe-te a esses impulsos humanos naturais. É o que eu faço.

Embora seja fácil deixarmo-nos levar, certifica-te de que dedicas algum tempo a cuidar de ti. Sair com um homem pode ser cansativo, mesmo que esteja a correr bem, por isso adquire prática no poderoso ato de cuidar de ti mesma. Toma um banho de imersão, faz uma máscara facial, acende uma vela, mima-te com um bonito bloco de notas com capa de cachemira e faz listas de todas as coisas pelas quais te sentes grata. Tu mereces. Quero dizer, não há trauma significativo que tenha resultado em verdadeiras questões de saúde mental que não se consiga resolver com uma máscara facial e o momento em que se toma nota de que «ainda bem que hoje esteve um lindo dia de sol», com uma caligrafia bonita, claro.

No domingo, durmo até às 11 da manhã e mesmo a essa hora só acordo por causa do calor sufocante. Tenho de ir à casa de banho e de beber toda a água que existe no mundo, mas a ideia de me levantar da cama é insuportável. Estou deitada de lado, ainda com a roupa de ontem, e murmuro para mim mesma «levanta-te, levanta-te, levanta-te» pelo menos durante cinco minutos até me levantar. Obrigo-me a tomar um duche. Cheiro o Joshua por todo o meu corpo e faço uma exfoliação, esfregando-o da minha pele, enquanto me questiono se alguma vez existirá uma parte da minha vida onde existir não seja tão difícil.

Joshua: Como correu o teu turno esta manhã? Eu saí para correr. Com este calor! Estás impressionada?

Joshua: Bom domingo. O que queres fazer amanhã? Oh, Gretel, Gretel, onde estás tu, Gretel?

Fito o telemóvel e as reconfortantes mensagens pós-sexo com as quais nem sequer me preocupei se ia receber ou não. Na verdade, *eu* sou a estúpida que não respondeu. Enfio a escova dos dentes na boca e escrevo a resposta enquanto a esfrego, sonolenta, sobre os dentes.

Gretel: Fiquei sem bateria! Como é que consegues não estar morto depois da corrida? Estou impressionada, mas também assustada pela hipótese de andares metido no *doping*. Andas metido no *doping*, Joshua?

Ele responde antes de eu ter tempo para cuspir a pasta dos dentes.

Joshua: Às vezes peço um café duplo. Isso conta?

Gretel: É a maior versão de *doping* num informático que alguma vez existiu.

Gretel: Amanhã podíamos ir ao cinema em vez de jantar? Preciso de ar condicionado na minha vida.

Ficámos de nos encontrar em Leicester Square às 19 horas. Vamos ver aquele sucesso de bilheteiras de verão com todos os efeitos

especiais. E depois vamos voltar para casa do Joshua para fazermos mais sexo. Embora esta última parte seja mais presumida, e não adicionada à agenda formal da noite. Com tudo isto organizado, a Gretel desaparece do meu corpo e deixo-me cair no sofá, onde fico até a Megan chegar a casa.

— Porque é que cheira tão mal aqui dentro? — É como anuncia a sua chegada. — E porque é que há penas por todo o lado, porra? — Para e olha para mim, deitada de lado, com os olhos vidrados a fitar *Dawson's Creek*, a passar sem som. A Megan percebe imediatamente. — Oh, meu Deus, querida.

— Está tudo bem — digo à testa gorda e larga do Dawson. — Desculpa pela almofada. Eu vou limpar tudo. E vou comprar-te uma almofada nova.

Ela deixa cair o gigantesco saco de fim de semana no chão e senta-se ao pé da minha cabeça, estendendo o braço para me acariciar com a mão. A bondade deste gesto faz-me chorar.

— Desculpa — repito. — Peço imensa desculpa.

— Não me peças desculpa! Não te preocupes com a almofada. O que se passa? Oh, querida. Levanta-me pelos ombros e quase me arrasta para um abraço. Choro no ombro da Megan, as lágrimas correm soltas, os meus músculos estão demasiado pesados para me conseguir mexer sozinha. Sou como um dos gatos altamente maleáveis da Taylor Swift. A Megan faz-me festas no cabelo. — Oh, querida — murmura para o meu cabelo. — Pronto, pronto, vai ficar tudo bem. Está tudo no passado, lembras-te? Já não te pode magoar.

— Estou a ser estúpida — consigo dizer. — Vai passar. Desculpa. Acho que o Dawson me levou ao limite.

Ela solta uma gargalhada.

— Ele tem esse impacto nas pessoas. Certo, vamos lá. Açúcar, precisas de açúcar. — Faz-me uma última carícia no cabelo e depois levanta-se para ir à cozinha; volta com o *Dairy Milk* que é suficientemente inteligente para manter no frigorífico. Parte um pedaço de oito quadrados gordos. — Come — ordena, empurrando o chocolate para a minha boca. É difícil morder o chocolate sem partir um dente, mas obedeço e mastigo. O chocolate começa a derreter e a

ficar mais espesso, uma massa cremosa que se escapa por entre os meus dentes. Sabe muito bem. Engulo e abro a boca como um pássaro bebé. A Megan ri-se, parte outra fila de quadrados e dá-ma à boca, antes de comer um pedaço também. Poucos minutos depois, o chocolate já fez o que tinha a fazer e sinto-me ligeiramente melhor, mais capaz de voltar a sustentar os meus próprios músculos. Contorço-me até me conseguir sentar direita.

— Desculpa — repito.

— Para de pedir desculpa.

— Desculpa.

— Eu bato-te...!

— Porque é que o Dawson é tão chato?

— Na verdade, é o pior. Em que episódio vais? — Senta-se ao meu lado, premimos o botão *play* e vemos o resto do episódio. É aquele em que o Dawson e a Joey se beijam finalmente, e enquanto o fazem a Megan solta um suspiro.

— Não acredito que eles nem repararam que está a chover — digo. É o que digo sempre quando vejo este episódio.

— Podes crer. Até a Andie MacDowell reparou que estava a chover quando beijou o Hugh Grant. E é bem mais fácil uma pessoa esquecer-se de mundo ao beijar o Hugh Grant do que o Dawson.

Vemos os dois adolescentes a trocarem saliva e voltamos à nossa previsível discussão sobre a razão pela qual o Percy é muito melhor. Quando o genérico começa e o Dawson fica livre para ser condescendente noutra freguesia, eu e a Megan viramo-nos uma para a outra.

— O que desencadeou isto? — pergunta ela.

— Eu adoro-te, mas não quero mesmo falar disto. Por favor, podemos falar de outra coisa qualquer?

— Eu também te adoro. — Desliga a série e a televisão fica com o ecrã preto. — E estou um bocadinho preocupada para deixar o assunto por aqui. Quero dizer, tu esventraste uma almofada *Laura Ashley*.

— Já te disse que vou limpar tudo!

— Está bem, está bem, não é por isso que estou preocupada. É só que detesto ver-te assim.

— Para ser franca, foi só um momento mais trémulo. Ainda devo estar de ressaca, lamento.

— Eu também lamento.

— De qualquer maneira, o que é que se passa *contigo*? Ultimamente, já quase nem te vejo. Está tudo bem?

A Megan assente, depois abana a cabeça e volta a assentir.

— Acho que estou a apaixonar-me pelo Malcolm — admite, com o cabelo a tapar-lhe o rosto.

Mudo de posição no sofá, grata pela distração. O calor move-se em volta da minha pele e descolo-me do sofá pegajoso.

— A sério?

— É um desastre, eu sei. Mas tenho esperanças de que seja um desastre dos bons.

— Um desastre dos bons. É o derradeiro chavão do amor.

Ela sorri.

— É tão enervante desenvolver sentimentos por alguém. Eu ando a enlouquecer um bocadinho. Não sei se já reparaste.

— Nem um pouco.

— Mentirosa.

— Quero dizer, todas as tuas noções sobre portas partilhadas são tão racionais.

Ela atira a cabeça para trás e mergulha numa das almofadas fofas que eu não destruí; as almofadas libertam um arquejo que condiz com o suspiro da Megan.

— Eu não queria que isto acontecesse. Honestamente. Só queria uma aventura de uma noite. Mas ele apanhou-me completamente de surpresa, porque temos tanta coisa em comum, ele é um cavalheiro. Damo-nos tão bem que sinto que o conheço desde sempre, e o sexo é mesmo muito bom, é como se estivéssemos viciados um no outro e não consigo parar de pensar nele...

— E então?

— E então?

Dou-lhe um pequeno pontapé.

— Então, qual é o problema?

— O problema é que passei de ser uma mulher organizada, livre e

focada na carreira, que está sempre no seu melhor, feliz e calma, sem nunca precisar sequer de praticar *mindfulness* ou o diabo que o valha, para me transformar numa parolista distraída, sobressaltada, insegura e ciumenta que não consegue estar cinco minutos sem verificar o telemóvel para ver se ele me respondeu à última mensagem.

— Cinco minutos? Aposto que são cinco segundos.

É a vez de a Megan me dar um pontapé.

— Então, sou um pesadelo. Já estabelecemos isso.

— O que vais fazer acerca do assunto?

A Megan abana a cabeça lentamente.

— Não sei ao certo. Há aquela imensa inevitabilidade, não há, quando nos apaixonamos por um homem? Nunca é outra coisa que não uma gigantesca armadilha que nos conduzirá a uma enorme onda de danos autoinfligidos. Eu dei disso. Estou suficientemente alerta em relação a mim mesma para saber que é assim, sei como as coisas se desenrolaram no passado e quão infelizes me fizeram, e, no entanto... estou a encaminhar-me para a mesmíssima armadilha. Estou literalmente a olhar para o mecanismo e a experimentá-lo com a ponta do pé. Depois, vou gritar e questionar-me por que motivo ele se fechou e porque me dói tanto. Mas, April, e se desta vez for diferente? E se o Malcolm for diferente?

Ele não vai ser diferente, penso. Eles nunca são diferentes.

— E se ele for diferente? — pergunto, obviamente sem pinga de sinceridade, mas ela levanta a cabeça e pensa que a minha pergunta é genuína.

— Achas mesmo que pode ser? — Nem tenho tempo para responder. — Ahhh! — Levanta-se num movimento fluido, com os braços no ar. — Eu preciso de manter a sanidade mental. Preciso de ter a minha cabeça organizada. Não trabalhei nem um segundo durante o fim de semana e o lançamento está quase aí, tenho tantas decisões para tomar e, mesmo assim, não consigo pensar em mais nada a não ser se os nossos filhos vão herdar a estrutura óssea dele ou não.

— Bem, então dedica-te ao trabalho e faz alguma coisa.

— Vou fazer.

— Então faz.

— Vou fazer agora mesmo.

Damos uma gargalhada em conjunto. É a primeira gargalhada verdadeira que dou em muitos dias. A Megan estende o braço e pega-me na mão.

— Estás mesmo bem?

— Juro que estou — minto. Olho para os montes de penas espalhadas pelo chão e questiono-me novamente se alguma vez voltarei a sentir-me bem.

As penas estão finalmente apanhadas. O chão está limpo. Eu e a Megan ficámos a pé até tarde, ela ajudou-me a apanhar as penas e eu ajudei-a a pensar em ideias para o lançamento.

Hoje de manhã, ela estava à mesa da cozinha a organizar uma folha de trabalho enorme com várias notas adesivas coloridas.

— Estou a canalizar para o trabalho a energia que a minha ansiedade nervosa em relação ao Malcolm me provoca.

— Quantas vezes já verificaste o teu telemóvel esta manhã?

— Hum... 212.

— Isso quer dizer que a tua estratégia está a funcionar?

— Cala-te, vá.

Sou capaz de sorrir e de entrar no metro, embora esteja apinhado e tão quente — mas quando é que começa a chover? Entro no escritório e desejo alegremente a todos um bom-dia. Faço uma chávena de café. Bebo-o. Vejo os meus e-mails.

O Matt chega atrasado porque a linha Central está a ser a linha Central.

— Tenho tanto calor que acho que até a minha alma transpira — diz ele, em vez de «olá».

— Tu tens alma? — Estão a ver? Uma piada! Sou capaz de fazer piadas.

Fazemos uma reunião de segunda-feira de manhã para pôr a conversa em dia. É a reunião favorita de todos. Os angariadores de fundos fazem de conta que tudo vai correr bem, embora na semana passada tenhamos perdido uma contribuição importante. A equipa de informática resolveu o problema que o nosso sistema CMS tinha, mas, enquanto o resolvia, encontrou outro problema. A equipa de divulgação encontrou alguém que participou no *Love Island* que talvez queira ser nosso embaixador, mas está a pedir dinheiro para o fazer. Eu faço a atualização dos números de voluntários que tenho para a próxima grande ação de formação que vamos fazer no outono. Não

são tantos quantos gostaria, mas isso é porque não temos orçamento para anunciar as candidaturas. Acabamos a reunião e bebo outro café.

— Estás bem para fazer o teu turno? — pergunta o Matt. — Tenho outra porcaria de reunião agora, mas se precisares de falar, estou livre ao almoço.

— Estou bem — respondo. E talvez até seja verdade.

Não é verdade.

Às 11h30 bebo a minha terceira chávena de café, o que provavelmente é um erro, porque assim como assim já estou cheia de tremeliques. Ponho os auscultadores grandes, para ninguém me incomodar, e abro a caixa de entrada de mensagens. Tenho 12 mensagens por responder. Não é assim tão mau. Trato rapidamente das primeiras, são todas perguntas e dúvidas bastante comuns.

Mensagem recebida: 04h42

Estou apaixonado pela minha melhor amiga. Devo dizer-lhe?

Mensagem recebida: 08h57

Estarei grávida? Fiz um teste de gravidez e o resultado foi negativo, mas onde diabo anda o meu período?

Mensagem recebida: 11h07

De vez em quando vejo pornografia gay, mas acho que não sou gay. Ou talvez seja? Não quero fazer sexo com um homem, mas será que o meu gosto por pornografia quer dizer alguma coisa? Ajudem-me, pf.

Vou buscar as respostas-padrão. Respondo que ele devia pesar a mágoa que vai sentir ao guardar os seus sentimentos para si *versus* a mágoa que uma possível rejeição pode provocar, além da eventual quebra da amizade. Respondo que os períodos se podem atrasar por inúmeros motivos, mas se está mesmo preocupada, deve consultar o seu médico de família. Asseguro que muitos homens heterossexuais veem pornografia gay e que não devia sentir-se pressionado a definir a sua sexualidade. Estou embalada, estou a sair-me bem. Está tudo a correr muito bem. O trabalho está bem. Na verdade, é uma ótima distração. Fico contente por...

Mensagem recebida: 12h02

Isto é mesmo muito estranho, mas a minha namorada está um bocado chateada comigo porque na outra manhã quando acordou eu estava a fazer sexo com ela. Pensei que era uma maneira sexy de a acordar, mas ela disse que a fez sentir-se estranha. Eu pedi desculpa, porque a minha intenção não era aborrecê-la, mas também acho que ela está a exagerar um pouco. Eu não me importava que ela me acordasse com um broche, pois não? Como posso fazê-la entender que isto não é nada de especial?

O meu estômago é o primeiro a ceder. É como se alguém atasse um peso de uma tonelada ao estômago e a seguir o atirasse de um penhasco. Depois as minhas mãos começam a tremer. Sinto que me estão a puxar o tapete de debaixo dos pés, levando com ele toda a minha capacidade racional. Uma raiva cega começa a entrar no meu sangue. A cada batida do meu coração descompassado, a raiva pulsa com mais força, cada vez com mais força enquanto escrevo. Sinto uma raiva pura, pútrida. A raiva inunda-me desde a ponta dos dedos dos pés. Não aguento mais. Não aguento mais. Porque é que eles não param de fazer isto? Não é justo. Como se atreve? COMO SE ATREVE? Estou a escrever sem pensar, sem raciocinar e sem esperar um tempo para me acalmar. Já chega, estou farta. Não estamos todas fartas? Não estás farta? Porque eu estou.

Tu és um canalha vergonhoso. VIOLASTE alguém que dizes amar e agora atreves-te a estar chateado por ela estar chateada com o que fizeste? Porque é que vocês são todos uns pulhas? Que diabo se passa convosco? QUE MERDA SE PASSA CONVOSCO? Espero que morras. Espero que morras, cabrão. Porque se morresses, o mundo ficava um pouco melhor, pelo menos era menos um pulha como tu, a lixar a vida às mulheres e a seguir a tomar a dor delas como vossa. Vai morrer longe, por favor, sua patética imitação de ser humano. Tenho muita pena da tua mãe.

Levanto-me. O Matt ainda está na reunião.

Carrego no botão enviar.

Paciência. Ups! Que desastrada!

Começo a rir-me sozinha.

— Vou só comer qualquer coisa. — Sorrio para a Katy como se não se tivesse passado nada de especial. — Queres que te traga alguma

coisa?

Ela levanta os olhos, vê o meu sorriso e sorri-me também.

— Oh, vais onde?

— Provavelmente só ao café da esquina.

— Se me trouxeres um *Twister* vou amar-te eternamente. — Estende o braço para pegar na carteira que está na mala.

— Deixa lá isso. Um *Twister* a caminho.

— Obrigada, April, és um amor.

Levanto os dois polegares no ar.

Quando saio para o sol implacável e ofuscante, sinto-me leve. Solto uma gargalhada e assusto a fila de turistas que está à espera para entrar no museu Sherlock Holmes.

O mais certo é ser despedida, penso, enquanto olho para o céu, mas nem quero saber. Se for, valeu a pena.

Não almoço. Nem compro um *Twister* no café da esquina. Limito-me a caminhar em volta do parque, sorrindo a toda a gente.

— Está um dia mesmo bonito, não está? — pergunto a uma mulher que está com os filhos a dar de comer aos patos. Ela não sabe bem como responder a esta invulgar demonstração de simpatia londrina e ignora-me. Mas eu sinto-me melhor por ser mais simpática, se as outras pessoas não conseguem retribuir, que vão todas à merda. Continuo a caminhar.

Está um calor medonho. Nem sequer as lágrimas que agora me caem dos olhos são capazes de me arrefecer. Continuam a cair. Escorrem-me pelo rosto, caem-me no vestido. É um feito e tanto, chorar e caminhar ao mesmo tempo — requer uma enorme determinação —, mas estou a safar-me lindamente. As sandálias fazem-me doer os pés, o calor deixa-os inchados e as tiras apertam; não consigo acreditar no que acabei de fazer...

Mas que diabo acabei eu de fazer?

Vou ser tão despedida.

Vou ser completamente despedida.

Sento-me no banco dedicado à Gladys, que está desocupado. Ponho a cabeça entre os joelhos. Não tenho vergonha do que fiz. Imagino o rapaz a ler a minha resposta e sinto-me bem por saber que ele vai ler

aquilo que escrevi. Apesar de não ser nada ético e blá-blá-blá. Ele precisa de ler aquelas palavras. Ele precisa de saber. Toda a gente precisa de saber. Penso na pobre rapariga e na forma como acordou, como se deve sentir confusa agora, como vai sentir-se confusa para sempre porque ele fez o que fez. Acabei de detonar a minha vida com uma mina terrestre, mas valeu a pena. Apesar de o meu trabalho ser a única coisa que me faz sentir bem com a minha vida. Foi onde decidi aplicar todo o meu valor e autoestima, todo o meu sentido de identidade. Foi o que me reconstruiu depois do Ryan, foi a forma como consegui sentir que tinha algum controlo, a forma como consegui encontrar algum sentido em tudo o que aconteceu. E agora dei cabo de tudo, mas estou feliz por ter dito o que disse. Ao mesmo tempo, não queria ter dado cabo de tudo...

O Matt encontra-me pouco tempo depois. Senta-se ao meu lado.

— Oh, April... — É tudo o que me diz.

— Eu não lamento o que fiz.

— A tua resposta não chegou ao utilizador. Eu vi-a e cancelei-a antes que ele conseguisse abri-la. Em vez disso, enviei a resposta-padrão do agressor.

Todo o meu corpo se retesa. Enterro as unhas na madeira macia do banco da Gladys.

— Não devias ter feito isso.

— Acho que, com o tempo, vais ficar feliz por o ter feito.

Limpo os olhos. Não me ocorre nada para dizer. Não consigo pensar no que devo sentir ou como.

— O que é que está a acontecer, April? — Encolho os ombros. — Fala comigo.

— Não há nada para dizer.

— Este tipo de mensagens aparece com frequência e tu nunca reagiste assim. O que se passa? Podes contar-me. Eu sou teu companheiro, em todas as aceções da palavra.

Volto a limpar os olhos. Julgo que vale a pena salientar que a mensagem de hoje não é, de facto, assim tão extraordinária. Durante a formação, dedicamos meio dia só a falar dos agressores que nos

contactam apenas para aliviarem a sensação de culpa que sentem. É uma questão ética complicada. Alguns só querem que alguém lhes diga que o que fizeram não foi errado, apesar de saberem perfeitamente que foi. Outros sentem-se excitados só pelo simples facto de contarem aos serviços de apoio o que fizeram. Alguns nem sequer fizeram nada, mas ficam excitados a fazer de conta que fizeram. Além disso, algumas destas mensagens podem vir da parte das vítimas, que usam a história para fazer um «teste» antes de se sentirem com coragem para contactar o nosso serviço. Recebi formação para saber como identificar rapidamente estas questões. Recebi formação para tratar toda a gente como utilizadores genuínos que precisam de ajuda, porque não temos como saber que não o são. Recebi formação para saber lidar com as emoções difíceis que estas mensagens evocam. Quando aparecem, nunca são fáceis. Normalmente encaminho-as para o Matt e preciso de dar um longo passeio, de respirar profundamente. Mas hoje não, nunca mais.

— Não consigo fazer isto.

— Fazer o quê? O teu trabalho?

Abano a cabeça e limpo uma lágrima fugitiva com o dedo.

— Nada disto. Acordar simplesmente e viver a minha vida, quando tudo nela é demasiado e sem o menor propósito.

O Matt deixa descair a cabeça, em silêncio. Eu também não preencho o silêncio. Ficamos sentados a olhar para a relva queimada que se assemelha a pedaços de *Weetabix*. Já nem me lembro do verde que a relva costumava ter.

Até que o Matt diz:

— Tive de falar com o Mike. Sabes disso, não sabes?

— Não importa.

— Abril, sabes que tinha de o fazer.

— Não te preocupes com isso.

Ele parece estar prestes a estender o braço e pegar-me na mão, mas não o faz. Em vez disso, levanta o rosto e olha diretamente para mim.

— Escuta, eu sei que somos só colegas de trabalho, mas também acho que o tipo de tarefas que temos faz com que sejamos mais do que colegas. Se precisares de falar sobre alguma coisa, eu estou aqui. Sou

teu amigo.

Olho para os olhos dele por detrás dos óculos grossos e fico feliz por existir pelo menos um homem no universo em quem posso confiar, que é boa pessoa. É claro que tinha de ser gay, mas já é um começo.

— Obrigada. Não sei bem o que se passa comigo.

— Estás em *burnout*?

— Sim, é capaz de ser uma boa forma de o descrever. — Levanto os olhos, o sol faz com que se reduzam a brechas finas. — Acho que não consigo voltar para o escritório, Matt — digo. — Vão estar todos a falar de mim.

— Não vão nada. Eu só falei com o Mike.

— Mas vai acabar por se saber. E depois vão todos achar que sou maluca. — Quero dizer, eu sou maluca. Depois de tantos anos a bloquear isto e a fazer de conta que não estou doida, só agora começo a aperceber-me de *quão* maluca sou. Só desde que me transformei na Gretel e que comecei a conter tanto as minhas emoções é que percebi a verdadeira extensão de tudo o que me vai na alma e o quanto vou deixando escapar de mim, como se fosse um motor de rega com defeito de funcionamento.

— Toda a gente que trabalha em associações de solidariedade social é um bocadinho maluca, é uma exigência que está na lei. — Consigo esboçar um sorriso. — Eu não conto a ninguém, April. Prometo.

Voltamos a entreolhar-nos.

— Tu és um amigo bastante bom, sabes disso, não sabes?

— Igualmente.

— Podes ir ao escritório buscar as minhas coisas? Dizes a toda a gente que não estou a sentir-me bem?

— É claro que sim. O Mike disse para tirares o resto do dia. Mas ele marcou uma consulta com a Carol. Ela vem amanhã.

O meu sorriso desaparece.

— O quê?

— April, tu és espantosa e eu gosto muito de ti, mas não podes chamar violador a um utilizador e não ser chamada para uma consulta de supervisão extra.

— Mas ele é um violador!

— Abril...

— Obrigada por ires buscar as minhas coisas — interrompo-o, porque preciso de me ver livre dele para chorar novas lágrimas. — Se não te importares, espero aqui. Pode ser?

Ele quer dizer mais, mas não diz.

— Sem problema. Volto daqui a dez minutos.

Fico sozinha até o Matt regressar. Não chego a chorar, fico só a fitar o céu, a tentar lembrar-me de como é um céu nublado, da sensação de precisar de um casaco de malha, de como é ter alguma sanidade mental.

Quando ele regressa, abraçamo-nos. Volto a agradecer-lhe. Depois arrasto os pés até ao metro e volto para o apartamento de onde saí não há muito tempo, deito-me na cama e fico a olhar para o teto.

Está na hora de me preparar para sair com o Joshua. Despi a roupa de trabalho assim que entrei em casa, por isso apanho-a do chão e volto a vesti-la. Verifico o telemóvel. Tenho um e-mail da Chrissy a recordar-me da iminente despedida de solteira.

— Podes ir já à merda, sua fedelha mimada e convencida — ouço-me a dizer em voz alta, e começo a rir-me histericamente.

Respondo ao e-mail. «Mal posso esperar!»

*

Já estou de regresso ao metro. Pratico um sorriso, como se tivesse mesmo vontade de sorrir. Imagino que este dia foi completamente diferente e questiono-me o que a Gretel teria feito. «Este tempo é o máximo, não é?», era o que ela teria perguntado. «Almocei no parque. Foi espantoso.» Saio em Leicester Square e avanço com dificuldade por entre as multidões de turistas transpirados que não sabem para onde vão ou o caminho para lá chegar; serpenteio pelo meio das pessoas com a arrogância característica de uma londrina. Passo em frente a uma loja M&M's e questiono-me porque será que a) é tão popular e b) tão famosa. Vejo o Joshua à minha espera no exterior do cinema e por instantes gosto de o ver ali, parado e quieto. Um rosto

anónimo no meio de uma cidade demasiado cheia de rostos anónimos. Ele levanta os olhos e localiza o meu rosto. Um sorriso rasga-lhe o rosto em dois. Está genuinamente feliz por me ver. Nem sequer o consegue disfarçar. Eu avanço, também a sorrir. Encontramo-nos. Beijamo-nos. Ele põe um braço sobre o meu ombro e dirige-me até à entrada.

— Andei todo o dia a sonhar com isto... — começa ele por dizer, debruçando-se para me beijar o pescoço. — Com o ar condicionado, quero dizer.

— És hilariante.

— Sabes que não é a única razão.

Beijamo-nos novamente e é claro que provocamos um ligeiro engarrafamento no passeio. Empurro-o como se não estivesse realmente ansiosa por o empurrar.

— Ar condicionado. Agora.

— Como queiras, ó Exigente.

— Não sou exigente. Só tenho calor.

Ele dá-me um beijo no rosto.

— Então, o trabalho correu bem? — pergunta, enquanto entramos pelas portas duplas do cinema e sentimos o corpo a cobrir-se de pele de galinha.

— Hoje? — pergunto. — Oh, sim, correu lindamente. Almocei no parque. Foi espantoso.

As Cinco Mentiras Mais Comuns Que Já contei a Um Homem

- 1) Estou ótima.
- 2) Não me importo.
- 3) Tudo bem.
- 4) Oh, nem tinha pensado nisso.
- 5) Sim, é claro que atingi.

A Carol hoje tem a sua voz especial. A voz suave como penas, doce como mel. A voz de «pode contar-me qualquer coisa». A voz de «estou aqui para si». É bastante difícil ouvir o que ela diz por cima do barulho das ventoinhas a girar à nossa volta e a combaterem, sem sucesso, o calor.

— Como disse?

— Perguntei como se sente hoje, April.

Cruzo os braços.

— Acho que ambas sabemos que não me sinto muito bem. Esta consulta de supervisão não estava programada, pois não? — Não é meu hábito ser tão resmungona. Mas já não tenho muito a certeza de quem sou. Não há muito tempo, era uma pessoa otimista e cheia de esperança, um pouco dramática, mas de uma forma engraçada e alegre. Agora, parece que sou uma mentirosa compulsiva psicótica que não consegue parar de chorar.

— Quer falar sobre o que aconteceu ontem?

Encolho os ombros e sinto o ar das ventoinhas.

— Não consegui aguentar mais.

— Aguentar o quê?

A sério, é mesmo como se ela tivesse metido as cordas vocais na máquina de lavar com amaciador extraforte. Faz-me sentir frágil como vidro fino. Como se fosse preciso usar umas luvas especiais para lidar comigo.

— Estou tão cansada de fazer de conta — digo. — Como é que alguma de nós consegue chegar ao fim de cada dia sem gritar? Não acha que isso é um milagre? Nunca lhe apetece gritar e gritar até ficar sem voz?

Ela toma nota.

— Parece que neste momento está a lidar com algumas emoções muito fortes.

— A Carol não está? — Fito-a diretamente.

Ela não morde o isco.

— April — diz o meu nome com bondade. — Na sua última sessão, falámos sobre a capacidade mental para aguentar este trabalho e eu sugeri que o esforço que ele lhe exige pode ser demais. Depois da imprudência de ontem, o que pensa sobre esta questão?

— Eu sei que me vai tirar do turno — respondo. — Não vamos fazer de conta que eu tenho alguma autonomia.

Ela inclina-se para a frente.

— April, eu não estou aqui para decidir o que vai acontecer ao seu papel na empresa. Isso é entre a April e o seu diretor. Estou aqui para ver se está bem, porque, a avaliar pelos últimos acontecimentos, não parece estar.

Começo a rir-me com uma gargalhada de bruxa até a minha garganta se fechar. Depois, uma onda de tristeza abate-se sobre mim. Magoa-me tanto falar.

— Acho que estou a enlouquecer — consigo dizer. — E não é só por causa do trabalho. Tenho saído com um homem e, quando estou com ele, faço de conta que sou uma pessoa inteiramente diferente. Finjo que o meu nome é Gretel. Isto está completamente descontrolado, é uma perfeita loucura e mesmo assim continuo a fazê-lo. Não sei porquê. — E assim, sob a brisa de meia dúzia de ventoinhas, deito cá para fora todas as coisas que ando a fazer. Desde a troca de mensagens com o Joshua, ao nosso primeiro encontro, ao dia em que fizemos sexo e os gigantescos *flashbacks* que me provocou, até à noite de ontem em que fiz de conta que estava tudo bem e fui ao cinema e voltei a ir para a cama com ele, apesar de a minha vida inteira se estar a desintegrar. A Carol vai assentindo com a sua expressão de ouvinte, mas dá para perceber que está entusiasmada com tudo o que acabei de lhe contar.

» Sinto que, neste momento, nenhuma parte da minha vida me pertence, não sei se isto faz sentido — concluo. — Por isso, não importa se ando a mentir a um tipo qualquer sobre quem sou de verdade, ou se ando a denunciar violadores no trabalho. Nada me parece real.

A Carol pousa a caneta e olha para mim com uma expressão de

pena genuína. Coisa de que eu não estava nada à espera. Esperava mais um sermão, por ser uma mentirosa enganadora e psicótica e como isso não é apropriado.

— Quando foi agredida — diz ela —, uma parte de si foi-lhe roubada, inteiramente sem a sua permissão. — Fungo e tento desajeitadamente empurrar com as costas da mão uma lágrima que teima em cair. — É de esperar um certo nível de dissociação, principalmente se não fez muita terapia. Acha que conseguiu mesmo processar como deve ser tudo o que lhe aconteceu, April?

— São coisas que estão no passado, agora não as posso alterar — respondo. — Não há nada que possa fazer. Só quero avançar com a minha vida e ser feliz.

Como é que se processa uma coisa destas quando tal *nos* acontece? Será sequer possível? Eu mudei no dia em que o Ryan me fez aquilo e não consigo regressar ao instante anterior. Deixei-o, escrevi no meu diário sobre o que tinha acontecido e ensinei ao meu corpo como voltar a funcionar, para nunca o deixar ganhar e blá-blá-blá. Recupera, recupera, recupera, luta, luta, luta, sobrevive, sobrevive, sobrevive, não deixes que isto te defina, aceita a tua cicatriz, usa-a para te tornares mais forte, masturba-te, masturba-te e masturba-te mais ainda. É evidente que preferia nunca ter sido violada pelo meu namorado abusador, muito obrigadinha.

A Carol passa-me os lenços, porque não paro de fungar.

— Sinto estas emoções todas constantemente — digo-lhe com a garganta comprimida. — Acordo e elas estão lá, como uma enorme bola de energia a rir-se na minha cara, e não sei o que fazer com isto, por isso tento afastá-las. Não é que esteja em negação em relação ao que aconteceu, mas não posso andar a chorar todo o dia, todos os dias, apesar de ser exatamente isso que me apetece fazer. Não é realista. Não sei como fazer com que estas emoções todas se vão embora...

Segue-se um breve interlúdio, porque estou a esforçar-me por respirar. Entro em pânico à medida que o oxigénio velho me fica preso no peito. A Carol agacha-se à minha frente a repetir:

— Respire, April, vá lá, respire. Inspire durante cinco segundos,

expire durante cinco segundos, vá...

Hoje de manhã, o Joshua e a Gretel foram tão queridos. Levantaram-se e dançaram ao som de The Boo Radleys, ele a fazer a Gretel rodopiar por baixo do seu braço. O que ia ele pensar se a visse agora? Que ela está irreparavelmente destruída. Que não passa de um monte de destroços. Uma bola de emoções feias. Não me ia achar tão engraçada como no momento em que me viu a dançar o *Wake Up Boo*, disso tenho a certeza,

— Já pensou em praticar boxe? — pergunta a Carol, quando as minhas funções humanas regressam. Volta a sentar-se na cadeira e cruza as pernas.

— *Boxe?*

Ela assente.

— Há uma academia, acho que é em East London. É só para mulheres e têm aulas especiais para sobreviventes.

— Há uma aula de aeróbica *pop-up* para vítimas de violação? Uau. O pessoal de East London pensa realmente em tudo.

Ela ignora a minha piada, o que é muito aborrecido porque eu fiquei muito satisfeita comigo mesma por conseguir ser sarcástica numa altura como esta.

— Há muitas sobreviventes que consideram o boxe um escape excelente. Pode ser uma das formas de extravasar essas emoções todas de que tem estado a falar.

Não obstante o meu cinismo, não posso negar que a ideia de praticar violência me agradou imediatamente. Para bater em coisas. Para destruir. Para magoar. Arquivo a sua sugestão, e tomo nota para investigar a tal academia. Depois concentro-me novamente numa preocupação mais urgente.

— Será... normal? — pergunto. — Fazer de conta que sou outra pessoa, que sou alguém chamado Gretel?

— Sabe perfeitamente que «normal» não é uma palavra útil neste tipo de sessões.

— Pestaneje uma vez para sim, duas para não.

O sorriso dela surge, mas é contido.

— Acho que vale a pena perguntar-lhe o que acha que este

comportamento vai ajudá-la a atingir.

A resposta escapa-se da minha boca.

— Poder — digo.

— *Poder?*

Assinto. As ventoinhas levantam-me o cabelo junto aos ombros.

— Ser a Gretel faz com que, pela primeira vez desde que comecei a namorar, aos 16 anos, sinta que tenho alguma espécie de poder.

— O que quer dizer com isso?

Encolho os ombros e os meus olhos arregalam-se.

— Exatamente o que disse. Eu nunca, nunca senti que tivesse algum poder em relação aos homens. Sempre me senti em desvantagem, porque quero sempre o amor com demasiada intensidade, e eles sempre me fizeram sentir que desejar tanto o amor é uma coisa estranha. Que é errado. Que é um sinal de carência. Mesmo quando andei com homens que, inicialmente, achava que estavam um pouco abaixo de mim. À medida que as relações se desenvolvem, eles acabam sempre por me rejeitar. Faz ideia de como isso me faz sentir impotente? Baixar os meus padrões para tentar amar alguém e mesmo assim ninguém querer o meu amor? Mas quando sou a Gretel... — Consigo ouvi-la a cantar com a brisa das ventoinhas, a rir-se como se nunca tivesse de se preocupar com nada nesta maldita vida. — Sinto-me poderosa. Como se estivesse a controlar tudo. Como se, por fim, eu fosse a pessoa que está menos interessada na relação. Como se fosse ele quem tivesse de me convencer, *a mim*. E, mais importante ainda, desta vez não vou ser *eu* a sair magoada da história. Até me sinto culpada por isso! — Solto uma gargalhada de Gretel. — Nunca me senti culpada. Nunca em toda a minha vida. A culpa é um luxo dos poderosos.

A Carol anota qualquer coisa rápida no seu caderno antes de erguer o olhar.

— Tente mesmo ir à tal aula de boxe — aconselha. — Esta sensação de impotência pode ser canalizada através de formas... hum... bem, menos destrutivas.

— Eu vou. — E vou mesmo. Quando se está no fundo do poço e só temos uma picareta para escavar ainda mais fundo, estamos dispostas

a tentar qualquer coisa. — No entanto, esta sensação de impotência é anterior ao que o Ryan me fez — digo-lhe. Abro o coração e afluor a verdade, apesar de me queimar. — Sempre me senti em desvantagem, como se andasse a perseguir um arco-íris que não mereço encontrar, como se não merecesse nada. — A minha garganta comprime-se. As mãos começam a tremer mais. — Na verdade, quando ele me fez aquilo — digo, quase sem conseguir pronunciar as palavras —, nem sequer foi um choque para mim. — Faço uma nova pausa. — Foi mais uma confirmação do inevitável.

Segue-se um enorme bloco de silêncio.

E depois:

— Vá à aula de boxe — repete a Carol.

Mandam-me para casa durante o resto da semana e tiram-me indefinidamente da escala de apoio, apesar de não poderem dispensar-me para sempre. Quando saio do escritório às 11 da manhã, recebo olhares solidários dos meus colegas.

— Espero que te sintas melhor depressa — diz o Matt.

— Desculpa deixar-te no meio da confusão.

— Não te preocupes com isso agora.

Choro durante toda a viagem até casa.

Joshua: Como está a correr o trabalho? Não consigo parar de pensar na noite de ontem.

Gretel: Nem eu. O ar condicionado foi mesmo poderoso.

Joshua: És hilariante.

Gretel: Só gostava que houvesse ar condicionado no teu apartamento, com tudo o que se passou a seguir.

Joshua: Estas mensagens são muito duras de receber quando estou preso na reunião mais chata do mundo.

Gretel: Mas não são a única coisa dura, pois não?

Joshua: Para. De. Me. Matar.

Joshua: O que fazes esta noite? Comprei uma ventoinha. Adorava encontrar-me contigo.

Gretel: Sabes mesmo como tentar uma rapariga, Joshua.

Gretel: Mas, infelizmente, hoje trabalho até tarde.

Joshua: Deixa lá. O convite também já foi tardio. E na sexta? Estás por cá? Vou encontrar-me com uns amigos e vamos comer caril.

Gretel: Com este calor?

Joshua: Sim. O meu amigo Neil encontrou uma promoção mesmo boa no Dishoom. Apetece-te? Comigo e com os meus amigos da faculdade? Eles são gente boa, muito fortes na partilha dos *poppadoms*.

Duas horas depois...

Joshua: É só um caril. Sem pressão. Podemos ir lá noutra altura qualquer. Só gostava que eles conhecessem a miúda de quem não consigo parar de falar :):)

Joshua: A sério, sem dramas.

Gretel: Descontrai, Joshua. ADORARIA ir comer caril. Estava só ocupada com o trabalho. A que horas têm mesa marcada? Beijinho

Joshua: Às 20h. Parece-te bem?

Gretel: Parece-me melhor do que bem.

• Então, Ninguém Nos Disse Que o Amor Ia Ser Assim — Guia da Gretel para Conhecer os Amigos

Conhecer os amigos é um momento muito mais importante do que qualquer um dos dois quer admitir. Convidamos casualmente o outro a comparecer algures e ele responde descontraidamente que vai, como é óbvio — mas nenhum refere o elefante gigante que está na sala e que tem no dorso uma faixa com a mensagem «MOMENTO IMPORTANTE, TESTE IMPORTANTE». Porque se nos apresentam aos amigos, isso implica que lhes expliquem quem somos e por que motivo fazemos parte da sua vida. E uma pessoa não tem tendência para fazer isto a não ser que sinta esperança de que não precisará de explicar aos amigos, num próximo encontro, porque é que nunca mais nos vamos ver.

É um verdadeiro campo de minas.

Tens de ir bonita, mas é claro que não pode parecer que te esforçaste. Basicamente, tens de te assemelhar a um eunuco que é bonito naturalmente. Porque não podes emitir vibração sexual absolutamente nenhuma. Não há espaço para malícia — não confiamos em mulheres assim. No máximo podes parecer uma apresentadora de programas infantis, mas sexy. Pensa na Konnie Huq. Todos os homens adorariam apresentar a maldita da Konnie Huq aos seus amigos.

No que toca à conversa, lembra-te de que não precisas de dizer nada e que tudo o que disseres pode ser usado contra ti. Este encontro é apenas uma primeira impressão. A aprovação dos amigos é importante. Se eles não acharem que és uma «excelente escolha como namorada», tornas-te menos apelativa aos olhos dele. Como sempre, ser branda é um bom ponto de partida. Não te esqueças de que é mais fácil acrescentar do que retirar — à semelhança do que acontece com a maquilhagem e os olhos esfumados. Começa por ser trivial e vai construindo a partir daí. Lentamente. O que quer que faças, não comentes assunto de política, religião, sexo, saúde mental, relações passadas ou comediantes de que gostas.

Diz apenas coisas simpáticas sobre o teu parceiro. Não o provoques, nem te rias dele. Os amigos ainda não estão prontos para serem teus conspiradores. E acima de qualquer outra coisa, não lhes peças conselhos sobre o vosso relacionamento. Não recorras a eles para esmagarem a tua carência, para te dizerem que és muito mais simpática/bonita/magra do que a última rapariga que ele lhes apresentou. Na verdade, parte do jogo de «ignorar o elefante na sala» é fazer de conta que *nunca*

houve outra antes de ti. Que eles nunca lhe sorriram com educação, que nunca a cumprimentaram com um aperto de mão e nunca lhe disseram «muito prazer em conhecer-te». Talvez os amigos até tenham ido em férias curtas com ela. Talvez ainda mantenham o contacto. Talvez alguns deles ainda tenham esperança de que eles se possam reconciliar e que tu sejas apenas uma fase.

Ignora tudo. Afasta tudo da mente. Vamos ser simpáticas e agir como se fôssemos a tal, a única, e como se eles não a estivessem a comparar com a antecessora.

Não. Namorisques. Com. Os. Amigos. Nunca namorisques com um amigo. Lembra-te: neste contexto, és um ser assexuado desprovido de quaisquer impulsos físicos. Sim, é claro que os amigos homens se vão questionar brevemente como será ir para a cama contigo, mas não, não, não — vamos todos fazer de conta que isso não é verdade.

Tens de ser alegre.

Tens de ser leve.

Irradia felicidade, não esgotes a paciência a ninguém.

Diz «por favor» e «obrigada».

Mostra interesse pelas profissões deles.

Tece comentários sobre o tempo ou outros assuntos, mas não sejas demasiado aborrecida.

E se os amigos dele te assustarem, não te preocupes, as amigas são muito mais aterrorizadoras — muito mais difíceis de conquistar. Elas não vão gostar do facto de tu agora fazeres parte do seu território. Mesmo que nunca o tenham desejado dessa forma, querem que ele as tenha desejado a elas. Elogia a roupa; pergunta onde a compraram. Não reveles as tuas inseguranças. Oferece-a em sacrifício enquanto comentas os sapatos ou os penteados delas.

Nunca fales sobre o futuro. Se deres cabo disto, nem sequer vai haver futuro, certo? Por isso, não comeces a sugerir já férias em conjunto, nem sequer um encontro no próximo fim de semana. Só vais fazer com que toda a gente se sinta constrangida, sua cabra desesperada e patética!

Antes de me atirar ao conventículo de leões dos amigos da faculdade do Joshua, dou por mim a vestir calças de fato de treino pela primeira vez em muitos anos com o propósito de ir realmente treinar. Inscrevi-me no clube de boxe sugerido pela Carol em busca de uma cura moderna para o meu trauma e com a esperança de que me ajude a dispersar a culpa que sinto por estar prestes a espalhar a mentira da Gretel a um número mais abrangente de pessoas.

Já me tinha esquecido de que as calças de fato de treino são para fazer exercício, e não a roupa que se veste assim que chegamos a casa do trabalho. Vou morrer assada, de certeza, mas não me quero comprometer a comprar calções até ver se esta aula é mesmo tão útil como a Carol afirma. Vou buscar o soutien de desporto que ainda tem a etiqueta do preço. Vesti uma t-shirt larga e dei-lhe um nó. Quando me olho ao espelho antes de sair de casa, percebo que podia perfeitamente passar por alguém que entende como o exercício físico funciona.

O céu está tingido de um suave tom cinzento, a gorgolejar com uma ameaça de tempestade que ninguém acredita de facto que vai chegar. Já todo o país desistiu coletivamente da ideia de que vai chover. Na televisão dizem-nos para só puxarmos o autoclismo depois de fazermos o número 2. Os banhos de imersão são o inimigo. As mangueiras de jardim são objetos banidos.

Num saco, arrumei tudo aquilo de que vou precisar para me encontrar com os amigos dele, porque tenho de ir diretamente da aula para lá. Consegui evitá-lo durante a semana toda com mentiras sobre como precisava de ficar a trabalhar até tarde ou que ia beber cocktails com amigos que nem vi. A Gretel tem andado muito ocupada, enquanto a April tem andado preocupada, deitada na cama, a transpirar para os lençóis e a fitar a velha e confiável racha no teto.

Demorei uma eternidade a ir das arborizadas pracetas de tijolos vermelhos de West London até à selva caótica de betão e cheiro a

caixotes do lixo de East London. Nunca senti que pertencia a esta parte da cidade. Aqui, o cheiro a modernidade é tão inebriante que só me dá vontade de puxar todas as pessoas por quem passo para o lado e tentar convencê-las de que beber café pressionado a frio é muito bom. Levo o telemóvel numa mão e uso a aplicação de mapas para me orientar por entre as paredes decoradas com pinturas do Banksy, com pessoas sem-abrigo e outras sem dentes que pedem esmola à porta dos prédios de apartamentos que custam 800 mil libras. A poluição que sobe das estradas congestionadas só faz com que pareça estar ainda mais calor. Tusso e viro à esquerda, antes de me aperceber de que virei cedo demais e agora tenho de retroceder e passar por uma fila de pessoas que estão à espera para entrar num café onde se pode beber chá com gás rodeados por gatos.

Encontro o local da aula cinco minutos antes de esta começar. Fica numa casa um pouco delapidada, junto a um minúsculo jardim que quase passaria despercebido se fôssemos a caminho de coisas mais na moda. O placard no exterior anuncia uma série de atividades diferentes. Há uma aula de Pernas, Rabos e Mamãs, um círculo de tricô Corte & Costura, um grupo de ajuda para vítimas de narcisismo, e, todos os domingos, uma cerimónia religiosa livre de religião.

— Isto pode ajudar-me — digo em voz alta, cruzando os dedos como se fosse uma criança a desejar um pónei. — Isto pode ajudar-me, isto pode ajudar-me.

Empurro a porta e entro para um vestíbulo vazio que cheira a chulé e a suor rançoso. A parede está cheia de ganchos atafalhados de malas e sacos. Prendo a minha mala num gancho com um autocolante de uma girafa a rir-se e ouço o burburinho que sai da primeira sala através da porta de vidro.

— Isto pode ajudar-me — volto a murmurar, antes de me obrigar a entrar na sala, com as minhas sapatilhas a guinchar no piso.

— Olá, vens para a aula? — Uma mulher vestida de licra de tom amarelo-canário sorri-me amplamente. — Acho que nunca te vi aqui.

Assinto com nervosismo.

— Bem-vinda! Estamos só a alongar, começamos dentro de alguns minutos.

À minha volta há cerca de 20 mulheres reunidas em pequenos grupos, todas de rabo de cavalo e a fazer uma série de poses flexíveis. Duas dúzias de sacos de boxe estão penduradas nas vigas do teto baixo e duas ventoinhas gigantescas giram à máxima velocidade em cada um dos cantos. Quando pesquisei a aula online, percebi que se tratava de uma aula de artes marciais só para mulheres. Só nas letras pequenas no fundo da página dizia «Esta aula é destinada a sobreviventes de traumas». Agora, olho em redor e penso que deve ter havido um engano qualquer. Todas as mulheres que aqui estão têm um ar confiante e funcional... sem vestígios de trauma. Estão a rir-se com as amigas, ou a segurar as barrigas das pernas contra os glúteos enquanto se mantêm perfeitamente equilibradas. A maior parte está a sorrir. Vamos lá ver, a instrutora está toda vestida de amarelo... Encontro um lugar no canto perto de uma ventoinha e faço de conta que também estou a alongar. Enquanto me estico para a frente, questiono-me se para quem vê de fora também pareço tão não-traumatizada como as outras mulheres.

A Canário bate as palmas.

— Muito bem, pessoal, estão prontas? Escolham um saco de boxe.

As mulheres, todas com ar de que nunca nada de mau lhes aconteceu, dispersam. Eu serpenteio até ao lugar mais discreto no fundo da sala.

— Ora, vamos então começar com o aquecimento. Um soco com o braço esquerdo, depois dois socos rápidos e curtos com o direito. Zás, zás-zás, zás, zás-zás. — Ela ataca o seu saco com força, mas com graciosidade na demonstração, com a trança francesa a rodopiar em volta da cabeça. Depois encaminha-se para a frente da sala e liga o telemóvel a umas colunas. A música das Little Mix começa a ecoar pela sala de piso de madeira polida. — Vamos lá! — Grita por cima da música. — Zás, zás-zás.

Quando atiro as mãos para o saco gordo e pesado à minha frente sinto-me um pouco tonta. Ele mal se mexe. Toda a gente à minha volta ataca o seu saco com muito mais vigor. Talvez pudesse tentar bater com mais força? Endireito os ombros, cerro os punhos com mais força e atiro o meu braço contra o saco.

Uff. Uff-uff. O saco abana. *Uff. Uff-uff.* Para dizer a verdade, isto sabe muito bem. Bato com mais força e depois com mais força ainda. Não importa com que força lhe bata, o saco pendurado do teto aguenta, é como se estivesse a ingerir toda a minha dor. Começo a transferir toda a força do meu peso a cada soco que desfiro. O barulho que o meu punho faz de cada vez que esmurra o saco é estranhamente agradável, mais ou menos como a sensação que temos ao ouvir duas bolas de bilhar a bater uma na outra.

Bong, bong-bong.

Eu consigo fazer isto. Será que posso bater com mais força?

As Little Mix cantam sobre como têm o poder e como vão fazer chover. Normalmente não ouço música *pop*, mas as vozes delas acendem qualquer coisa em mim, dão-me vontade de bater com mais força ainda, de lutar mais.

— Agora vamos adicionar alguns pontapés — trina a instrutora por cima do refrão. — Oito socos seguidos por quatro pontapés. Assim. — Ataca com o pé, arqueando o corpo de lado para bater com a canela em cheio no saco. Tento imitá-la, mas sou um pouco desastrada e preciso de várias tentativas até conseguir acertar no equilíbrio certo para o meu corpo. Quando *Fighter* da Christina Aguilera começa a troar através das colunas, já lhe apanhei o jeito.

A minha perna enterra-se no saco, *bam-bam*. Os braços também não desistem da luta. É como se não conseguisse bater no saco com a força que ele merece. Começo a imaginar a cara do Ryan nele e os meus socos e pontapés a acertarem-lhe em cheio. *Vai-te foder*, penso enquanto o esmurro repetidamente. *Vai-te foder, vai-te foder, vai-te foder*. A sensação é espantosa. Poderosa. Imagino o nariz dele a partir-se. O sangue a jorrar copiosamente como se estivesse num filme do Tarantino, a ensopar a estúpida da t-shirt azul que ele usava. «Para», imagino-o a implorar com os braços levantados para proteger aquela cara parva. «Por favor». Mas eu não paro. Porque hei de parar se ele não parou? Esmurro-lhe a cara oito vezes e dou-lhe quatro pontapés. A cara dele transforma-se em papa e mesmo assim continuo a atacá-lo.

«É esta a sensação quando alguém não para de te fazer mal», digo-lhe. «Não gostas, pois não? Não gostas disto nem um pouco, seu monte

de esterco patético!»

Ele cai ao chão e eu encho-o de mais pontapés, com o suor a escorrer por todo o meu corpo. As palavras da Christina Aguilera entram-me na cabeça e incentivam-me ainda mais. Ela canta sobre como nunca vai esquecer, e eu também não. Lembro-me de tudo. Por isso é que às vezes a minha vida é tão intolerável. Pela absoluta incapacidade de esquecer. Pela forma implacável como a memória me assombra. Perco a noção de todas as pessoas que estão à minha volta. Esqueço-me de me sentir embaraçada pelo meu suor ou pela potência da minha raiva. Estou submersa na sensação de que, finalmente, sou eu quem está ao comando. Que é de *mim* que devem ter medo. Quem decide se vai parar ou não sou *eu*. Há tantos homens defensivos que levantam as mãos sempre que as mulheres se atrevem a falar disto. «Não somos todos iguais», dizem eles. «Os homens não são todos iguais», dizem eles. «Como te atreves a sugerir uma coisa dessas?», dizem eles. «Na verdade, isso é bastante ofensivo», dizem eles.

Sim, sim, sim, sim, sim, penso. Pobres desgraçadinhos. A ficarem tão perturbados. Não querem sentir-se como meninos maus, quando são tão bonzinhos. Que injusto que é pôr os pobrezinhos todos no mesmo saco. Deve magoá-los mesmo muito. Quero dizer, não dói nem uma milésima parte quando comparada com a dor de se ser sexualmente violada, mas continuamos a pôr os sentimentos dos pobres homens à frente dos sentimentos das mulheres violentadas.

Os meus pontapés tornam-se mais violentos. Estou a usar todos os músculos do meu corpo — que já me dói por inteiro da forma mais brilhante de sempre. Soco, Soco, pontapé.

Imagino o sangue.

Céus, sinto-me poderosa.

É assim que os homens se sentem sempre?

Se pelo menos me ouvissem em vez de me chamarem histérica, eu gritaria: «SIM, SEI QUE NEM TODOS VOCÊS O FAZEM, MAS TODOS O PODEM FAZER. E O PROBLEMA É ESSE, É EXATAMENTE ESSE O PROBLEMA!»

O medo está sempre presente. A ameaça está sempre presente. Porque, na verdade, a não ser que sejamos uma campeã de *kickboxing*

ou algo semelhante, se estivermos sozinhas com um homem e ele decidir que nos quer violar, tem capacidade para o fazer. Ele consegue segurar os nossos dois braços agitados com um dos dele. Consegue imobilizar-nos de costas só com o peso do seu corpo. Quando fechamos a porta e ficamos sozinhas com um homem, ele tem sempre a possibilidade de fazer isso. Entramos num táxi com ele e ele pode sempre fazer isso. Deixamos que nos acompanhe a casa e ele pode sempre fazer isso. Nem todos os homens o fazem, mas todos têm a *capacidade* de o fazer. Se eles pudessem viver, nem que fosse um dia, tão assustados como nós vivemos sempre. Por favor, deixem-nos viver assim durante um dia. Um dia sem que o poder esteja do lado deles, mas do nosso. Sinto que é algo que me daria uma libertação tão grande. Porém, nunca vai acontecer, não durante o meu tempo de vida, por isso preciso de continuar a esmurrar este saco de boxe e a fazer de conta que tenho algum poder.

Os meus pés estão encharcados com o sangue dele. As minhas roupas estão encharcadas com o meu suor. Neste momento não tenho preocupações na minha cabeça. Não me sinto menos do que ninguém, mais louca do que ninguém, mais tonta por causa de alguém, nem tenho pena de ninguém. Sinto-me simplesmente bem.

Aniquilo o meu saco de pancada até a instrutora nos dizer para parar. Liberta do feitiço que me encantou, pestanejo enquanto olho em redor e a realidade começa a ganhar contornos. As outras mulheres estão tão transpiradas como eu e têm sorrisos rasgados no rosto. Cruzo o olhar com uma rapariga baixinha com o cabelo curto louro oxigenado. Sorrimos uma para a outra.

— Muito bem, pessoal, muito bem mesmo. Bom trabalho por conseguirem bater tanto com este calor. — A Canário aplaude. — Certo. Agora vamos fazer uma ronda de pugilismo. Os kits estão no canto.

O meu triunfo esmorece um pouco no instante em que percebo que a parte seguinte da sessão envolve trabalho em pares. Sinto-me instantaneamente transportada para as aulas de Educação Física na escola, quando nunca me escolhiam para fazer parte da equipa. Mas a Miúda Oxigenada aproxima-se.

— Queres fazer par comigo? — pergunta. — És nova aqui, não és?

— É assim tão óbvio?

Ela solta uma gargalhada.

— Não, não te preocupes. É só que já nos conhecemos todas. — Ela gesticula para a caixa que está a um canto e encaminhamo-nos para lá, com o resto das mulheres. — Isto é fantástico, não é?

— É brilhante — digo. — Não estava à espera de me sentir tão bem assim que comecei. Sinto-me uma super-heroína ou algo do género.

Ela volta a rir-se com vontade, revelando um *piercing* na língua. Os buracos nas orelhas alinham-se como soldadinhos de chumbo — fantasmas dos múltiplos *piercings* que já ali viveram.

— A primeira aula é sempre uma onda de adrenalina brutal.

A instrutora saltou para dentro da caixa e está a atirar pares de luvas e almofadas espessas para um mar de mãos estendidas. A Miúda Oxigenada recolhe os nossos equipamentos e depois recuamos para dar lugar a outras mulheres.

— Muito bem, tens alguma experiência de pugilismo? — pergunta.

— Na verdade, nem sei muito bem o que isso significa.

— Significa que vamos bater uma na outra, mas de uma forma muito simpática e construtiva.

Enfio a mão numa luva de boxe que liberta um cheiro a suor antigo. Enfio a outra e olho maravilhada para as mãos que mais parecem pertencer a um desenho animado. A instrutora diz-nos para nos afastarmos e praticarmos os golpes.

— Lembrem-se: não batam com demasiada força. Consultem a vossa parceira e certifiquem-se de que ela se sente confortável com a vossa força. Aqui não é lugar para medir pilas, por favor. — Todas abafamos as gargalhadas. Ela explica como devemos esmurrar corretamente as almofadas, como as segurar de maneira que nos protejam. — E não se esqueçam da lição mais importante de todas: divirtam-se. Deitem tudo cá para fora.

— Queres começar tu a dar-me socos? — pergunta a Miúda Oxigenada.

— Sinto que primeiro preciso de saber o teu nome.

— Chamo-me Charlotte. E tu?

Hesito ligeiramente antes de responder:

— Abril.

— Tens um nome muito bonito.

— Obrigada.

Pressentindo o meu embaraço de novata, a Charlotte leva-me para um dos cantos. A sala enche-se de grunhidos dos socos e do baque surdo das luvas a baterem nas almofadas.

— Muito bem, vou segurar as almofadas assim, cá em cima, está bem? Fazemos 12 repetições em cada posição. E depois trocamos. Não te preocupes, como é a tua primeira vez, vou ser meiguinha contigo.

— Assinto, e ela segura as almofadas ao nível do peito. — Certo, vamos lá!

Desfiro um soco débil, seguido por um segundo bastante melhor. É difícil ultrapassar o desconforto inicial de estar a esmurrar alguém, não importa quem, apesar de ela nos estar a encorajar.

— Vá lá, consegues fazer melhor do que isso. Estas almofadas absorvem completamente o impacto.

Ataco-a com pouca força mais algumas repetições até ganhar confiança suficiente para bater com mais força. Incentivada pelo entusiasmo dela, aumento cada vez mais a minha força até a Charlotte ter de fazer força com as pernas para absorver os meus socos, a sorrir como se eu fosse a filha dela que acabou de ganhar um prémio na escola, ou algo semelhante. Os punhos entram em contacto com as almofadas. O pé fletido entra em contacto com um bloco. O meu sorriso entra em contacto com o sorriso de uma desconhecida. Bato com força e ataco até não me restar oxigénio nos pulmões e depois trocamos de posição. Quando a Charlotte ataca, consigo perceber que não está a fazer toda a sua força, mas a sensação é agradável na mesma.

Quando já estamos as duas cansadas e transpiradas, a instrutora dá por encerrado o exercício. Devolvemos o equipamento à caixa no canto; toda a gente está a sorrir, a transpirar, todas com uma postura amistosa.

— Muito bem, meninas — diz ela, batendo com uma mão na outra. — Hora do jogo.

— Vais adorar isto — murmura a Charlotte. — É a melhor parte.

— Vá lá, toda a gente sentada em círculo. Para as meninas novas, isto vai ser desconfortável durante dois minutos, mas depois vai ser superdivertido. É só um exercício de cardio simples para libertar algum excesso de energia nervosa que ainda possam ter; vai preparar-vos para enfrentar novamente o universo.

Todas nos sentamos em círculo, de pernas cruzadas, como se fôssemos jogar ao telefone avariado.

— Então, este jogo baseia-se no «Peixes no Mar», um jogo que são capazes de ter jogado quando eram crianças. Mas mudámos um pouco os nomes, para vocês poderem reclamar qualquer rótulo negativo que já vos tenham atribuído no passado. — Começa a caminhar à nossa volta e a tocar na cabeça de cada uma. — Carente, louca, chata, desesperada. — Distribui as palavras como se estivesse a formar equipas num jogo escolar. — Carente, louca, chata, desesperada. Carente, louca... — Ela toca suavemente na minha cabeça enquanto me atribui «louca» e é a primeira vez na vida em que não tenho uma vontade instantânea de chorar por me chamarem isso. Na verdade, ouço uma risada e apercebo-me de que é minha. Quando cada uma de nós já recebeu a sua palavra, a instrutora explica as regras. Sempre que o nosso rótulo for chamado, temos de nos levantar e começar a correr por fora do círculo. De vez em quando a instrutora diz «os tempos estão a mudar» e temos de começar a correr na direção oposta. Depois ela pode começar a gritar «quando eles são baixos», e nós começamos a correr em bicos dos pés enquanto gritamos «nós somos mais altas». Também pode dizer «o progresso faz-se um passo de cada vez» e nós temos de correr de marcha-atrás. Por fim, sempre que ela disser «o patriarcado vem aí», temos de correr de volta para o nosso lugar original e a última a chegar fica fora do jogo.

É todo um novo mundo de loucura para mim. Viro o pescoço para tentar estabelecer contacto visual com a Charlotte e fazer-lhe aquela cara de «que maluquice», mas ela está a assentir, a sorrir como se tudo fosse absolutamente normal. Todas estão.

— Muito bem, vamos começar. CHATA!

Um quarto da sala que anteriormente estava cheia de mulheres de

aspecto normal levanta-se subitamente e começa a correr em volta do círculo.

Cinco minutos depois, entendo perfeita e completamente o jogo.

— LOUCA! — Levanto-me e desato a correr, com o coração em sobressalto, a tentar acompanhar o ritmo das outras loucas.

— QUANDO ELES SÃO BAIXOS! — Apoio-me em bicos dos pés e todas nos rimos com a dificuldade de correr assim.

— OS TEMPOS ESTÃO A MUDAR! — Quase faço uma entorse no tornozelo ao mudar de direção.

— CARENTE! — Mais um quarto da sala de pé e a correr connosco. Todas estamos a sorrir daquela forma livre que faz doer as bochechas. As minhas sapatilhas fazem um ruído seco ao bater na madeira. Os braços balançam ao lado do corpo.

— O PATRIARCADO VEM AÍ! — Começamos a gritar e a correr para os nossos lugares. Eu empurro-me para a frente, cruzo as pernas, sento o rabo pesadamente no chão. A Charlotte, Carente, chega em último lugar. Ela sorri quando se senta de costas para o interior do círculo, a encolher os ombros, despreocupada, o rosto corado da corrida. Sorrio para ela quando a instrutora grita «DESESPERADA!» e os pés ecoam outra vez à minha volta.

— LOUCA! — Oh, sou eu outra vez. Todas nos rimos, reconhecendo que não tivemos descanso desde a última ronda. A nossa respiração é difícil e pesada. É difícil correr depressa quando estamos a rir à gargalhada. Corremos para trás, arrastamo-nos para os nossos lugares, trocamos de direção. CARENTE, DESESPERADA, LOUCA DESESPERADA, CHATA, CARENTE, CHATA, LOUCA... Nunca me tinha rido por ouvir tais palavras. São vocábulos que não sou capaz de encarar com grande sentido de humor. Porque são sempre demasiado carregados de significado. Mesmo quando um homem a seguir levanta as mãos e diz «Oh, vá lá, estava só a brincar», não somos capazes de rir, não exatamente, porque essas palavras nunca são uma piada, são sempre só e apenas um método de controlo. Mas hoje os tempos estão a mudar. Corro e continuo a correr enquanto encaro estes rótulos idiotas como os rótulos idiotas que são. Regresso a uma memória do Ryan sobre mim quando eu estava caída num canto a chorar porque

ele me tinha dito que era demasiado gorda e que por causa disso ele não conseguia ter uma ereção. «Deus do céu, porque é que estás a chorar OUTRA VEZ? És louca.» E agora vejo a loucura no uso desta palavra quando, na verdade, o meu comportamento era a reação mais natural ao que ele acabara de me dizer. «Eu não era louca», murmuro enquanto corro, *bam, bam, bam*, sobre o chão. «Tu é que me punhas louca!»

Nunca tinha acreditado nisto, por muitas vezes que a Megan mo explicasse por entre protestos. Mas com as endorfinas a pulsarem no meu sangue e com as outras mulheres a correrem comigo e a rirem-se comigo desta palavra, a mensagem começa a instalar-se dentro de mim. Enrosca-se na minha alma, faz lá o seu ninho, e uma parte de mim liberta um minúsculo fragmento da tensão que aprisiono cá dentro há tantos anos.

Ninguém fica demasiado tempo fora do jogo. A instrutora está sempre a dizer «Ah, não te preocupes, entra novamente» para podermos continuar todas a jogar. O ar está inundado de um ambiente leve e alegre. Batemos com os pés no chão em uníssono. Os cabelos ondulam loucamente de um lado para o outro. Pedimos desculpa quando uma de nós se entusiasma demasiado e atropela acidentalmente a outra.

— QUANDO ELES SÃO BAIXOS!

— LOUCA, DESESPERADA!

— O PATRIARCADO VEM AÍ!

Na nossa última ronda, a Canário diz: «ESTAMOS TODAS JUNTAS NISTO», que é o sinal de que devemos levantar-nos todas e correr em círculo. Torna-se mais uma fila de conga do que um círculo — somos demasiadas para conseguirmos correr como deve ser. Seguramos os ombros pegajosos da companheira da frente, misturamos o suor dos ombros com o suor das nossas mãos, empurramo-nos mutuamente por entre o cansaço, esgotando as nossas forças até à última gota de energia. Nunca na vida senti o rosto tão vermelho. Estou a transpirar por todos os poros do meu corpo. Estamos todas. Feias e ofegantes, mas poderosas e a sorrir.

— Muito bem, acabou o jogo! Vamos dançar para acabar a sessão!

— As colunas começam novamente a dar música, *I'm Just a Girl* dos No Doubt troa na sala. Todas saltamos como se estivéssemos numa discoteca. Eu abano-me como fazia quando era adolescente e toda a gente está a fazer o mesmo. Ninguém está a dançar para parecer bonita ou fazer boa figura. Metade de nós vai gritando a letra. Eu salto e salpico suor por todos os lados. Nunca na minha vida me senti tão feliz como neste momento. A Charlotte está ao meu lado, a gritar ainda mais alto. Os seus braços transpirados estão à minha volta. Saltamos para cima e para baixo. Sinto-me embriagada de felicidade. Perdida no meio do que quer que esteja a acontecer aqui. Estamos todas. Gritamos as palavras finais, damos socos no ar e balançamos alguns dos sacos de boxe. Depois a música acaba e o silêncio instala-se novamente. Transformamo-nos em duas dúzias de mulheres desconhecidas, encharcadas em suor, abraçadas umas às outras numa sala pequena e em mau estado.

— Muito bem, meninas. Foi mais uma ótima sessão. Oh, meu Deus, está um *calor* aqui. Felizmente o chuveiro está a funcionar mais ou menos.

Soltamos as nossas companheiras, mas o elo que formámos não parece ser quebrado. A Charlotte está a olhar para mim com as bochechas erguidas num sorriso.

— Então, o que achaste?

— Foi a melhor coisa estranha que fiz nos últimos tempos.

— É bom, não é? É a combinação do *kickboxing* com festa de aniversário infantil mais recuperação de trauma mais festa com baile.

— Caminhamos até aos nossos cabides e paramos junto do da Charlotte, que é uma lontra. — Algumas de nós vão beber um copo no fim, queres vir? Há um chuveiro minúsculo e temos de tomar banho à vez, ou então podes ir para casa tomar banho.

Tiro o meu saco do cabide da girafa. Uma mala apetrechada com as coisas da Gretel para esta noite. Uma roupa bonita mas simples para conhecer os amigos do Josh, para não parecer que me esforcei demasiado. E tenho também aquilo de que preciso para passar a noite na casa dele. Levo a mão à mala e pego no telemóvel.

Joshua: A contagem decrescente para os *poppadoms* começou! Vemo-nos às 20h. Beijo

O meu telemóvel diz que são 18h30 e a viagem até ao restaurante demora pelo menos meia hora.

— Eu tenho de ir ter com umas pessoas, mas acho que posso chegar um pouco atrasada.

— Ótimo. O bar fica muito perto daqui. Anda, deixa-me mostrar-te o terrível chuveiro.

O chuveiro é um fio débil de água numa casa de banho cinzenta de aspeto nojento que já deve ter tido um dia azulejos brancos. Deixo que a água me encha as mãos em concha e espalho-a sobre o corpo. A pressão é demasiado fraca para lavar o cabelo, por isso molho apenas a parte da frente para diluir o suor e acho que nem vai ficar muito mal. Mesmo que fique, neste momento estou a marimbar-me para isso.

Quando acabo e saio da casa de banho, tenho cinco mulheres à minha espera, incluindo a Charlotte.

— Então, meninas, esta é a April — diz ela, dizendo-me os nomes delas, que esqueço imediatamente. Todas me acenam com simpatia. Perguntam-me como encontrei a aula. Riem-se quando falo entusiasmada sobre ter gostado tanto. Despedimo-nos da instrutora, perguntamos se quer ajuda com os sacos de boxe, ela diz que não. As ventoinhas foram desligadas e a sala está sinistramente silenciosa. Consigo saborear o sal do suor com a língua e, quando saímos à rua, o ar não está muito melhor. Está pesado e implacável, coberto por uma camada de nuvens cinzento-pálidas.

Enquanto nos dirigimos ao bar, fico na parte de trás do grupo, sinto-me nervosa por ser nova e limito-me a ouvir as conversas delas.

— Como correu a apresentação?

— Estiveste com a Jane no fim de semana? Ela está bem? Oh, meu Deus. Uma moradia com três quartos? É por isso que tenho de sair de Londres.

O bar que elas escolhem está demasiado cheio com o público de sexta-feira. Mal se consegue chegar à porta com tanto pessoal dos escritórios que se aglomera na rua a rir alto e a gesticular. Porém, o interior do bar está vazio, à exceção da multidão que se reúne em

frente ao bar.

— Vamos ficar sentadas cá dentro, em vez de termos de ficar de pé na rua? — pergunta a Charlotte. — As minhas pernas estão a matar-me.

— Sim, pode ser. — Uma mulher com o cabelo preto comprido começa a dar passos largos para reclamar uma mesa aninhada num canto.

A Charlotte aponta para a mesa.

— Vinho? Branco? Duas garrafas?

Toda a gente diz que sim.

— Leva algum dinheiro — digo eu, procurando a carteira.

— Não sejas tonta.

— Queres que te ajude a trazer alguma coisa?

— Não. Guarda-me só um lugar.

Fico com o resto do grupo e sorrio-lhes. O poder que senti na sala está a desvanecer aqui fora, no mundo real, sem a companhia da Gwen Stefani e de um saco de boxe gigante. Mas a mulher do cabelo preto vira-se para mim e salva-me dos meus sentimentos de inaptidão social.

— O teu nome é April, não é?

— Sim — assinto. — E o teu?

— Anya. — Estende a mão e depois apresenta-me novamente as outras, dando-me assim mais uma oportunidade para memorizar os seus nomes. — Esta é a Hazel, a Steph e a Jenny. — Todas me acenam e eu retribuo, embora um pouco constrangida.

— Como é que vocês descobriram esta aula? — pergunto.

A Anya é a primeira a responder.

— No meu caso foi o médico de família que ma recomendou, depois de o SNS não poder continuar a oferecer-me terapia — diz ela. — Eles continuavam a recusar reconhecer o complexo PSPT como uma questão séria.

A Steph assente com ar conhecedor.

— Sem dúvida! Já todas passámos por isso...

— Complexo PSPT?

— É basicamente a mesma coisa do que perturbação de stress pós-

traumático — responde a Hazel —, mas é causado por uma exposição a longo prazo ao trauma, em vez de ter origem numa ocasião única. — Revira os olhos. — No meu caso foi o cabrão abusador do meu ex-namorado.

A Charlotte chega, esforçando-se por equilibrar um tabuleiro com as duas garrafas e vários copos, mesmo a tempo de ouvir a resposta dela.

— Bolas, as minhas pernas! — exclama, quando se agacha para pousar o tabuleiro. Dá um dá cá mais cinco à Hazel enquanto a mesa inteira se ri e elas começam a distribuir copos e a servir vinho como se fossem uma linha de montagem.

A Charlotte deita uma quantidade generosa de vinho no meu copo, piscando-me o olho como se nos conheçêssemos desde sempre.

— Estás bem? — pergunta.

— Acho que estou só um pouco surpreendida com o que vocês disseram ainda agora — admito, bebendo um gole fresco de vinho, já a acolher a inevitável dor de cabeça que ele me provocaria depois de ter transpirado tanto.

— Oh... desculpa! Nós aqui não somos muito boas a reprimir emoções — diz, com um sorriso. — Sentimo-nos tão seguras umas com as outras que as coisas saem simplesmente.

— Não! Não peças desculpa. Eu não fiquei perturbada, é só que... não sei... nunca ouvi ninguém falar assim tão diretamente destas coisas.

— É uma das coisas maravilhosas neste grupo — diz-me a rapariga chamada Jenny. — Não há necessidade de esconder nada, nem de fazer de conta que está tudo bem quando não está. O grande objetivo da aula, e destas conversas que temos depois, é exatamente deixar sair tudo cá para fora.

— É melhor deitar cá para fora do que guardar. — A Charlotte levanta o copo no ar e toda a gente a imita enquanto brindamos. A mesa separa-se em várias conversas diferentes e eu escuto com atenção, tentando conhecer melhor cada uma delas. A Charlotte trabalha numa *startup* em East London. A Anya, de cabelo preto, trabalha em finanças. A Hazel tem dois filhos e teve de voltar para casa dos pais depois de deixar o ex-marido. A Steph acabou o curso

em Oxford há um mês e ainda não sabe o que vai fazer da vida. Elas atualizam-se mutuamente acerca dos dramas semanais, comparam notas sobre as suas técnicas de luta. A Hazel brinca e diz que está finalmente a perder o peso que ganhou com as gravidezes, embora essa tenha sido a última razão que a trouxe até à aula. No ar paira uma descontração e leveza. Não há a menor centelha de competição feminina — só companheirismo. Bebo-o da mesma forma que bebo o vinho, questionando-me como alguma destas mulheres pode ter passado por traumas quando parecem estar todas tão bem. Até que ouço a Jenny a dizer à Hazel:

— Céus, na quarta-feira tive o pior *flashback* de sempre. No dia a seguir não consegui, literalmente, sair da cama o dia todo. Tive de ligar para o trabalho e dizer que estava doente. Eu. Uma professora.

— Que merda, querida. Lamento muito. O que o desencadeou? — A Hazel puxa-a para um abraço rápido.

— A merda de uma reunião na escola. Tivemos lá um tipo que foi falar com as meninas sobre defesa pessoal e aquilo deixou-me de rastos. Comecei a tremer, a chorar. A reviver tudo. Foi horrível! E eram só 9h30! Tive de me controlar durante o dia inteiro. Pus os alunos em frente ao *Osmosis Jones*, até os do 11.º ano, e chorei no fundo da sala, no escuro.

— Lamento muito — digo eu, e depois fico com receio de me ter intrometido na conversa.

Porém, a Jenny levanta os olhos e acolhe-me.

— Obrigada — sorri.

— Eu tive um *flashback* muito mau no outro dia. — Não sei ao certo por que razão estou a partilhar isto, mas continuo. — São os piores momentos. No trabalho mandaram-me tirar a semana toda.

— Isso é terrível. Lamento muito que tenhas de passar por isso. — E, apesar de não nos conhecermos, a Jenny estende o braço e aperta-me a mão. — O que te trouxe à aula? Se não te importas que pergunte, claro.

— Não me importo nada — digo. — Tive uma relação abusiva com um tipo durante dois anos. Ele... ele violou-me. — A sensação de dizer isto é a mesma de tirar um par de sapatos demasiado apertados, ao

fim do dia. Foram muito poucas as vezes em que o fiz. Só contei à Megan, à Carol, ao Matt e à Katy, e a um ou outro par romântico mal escolhido. Nem à minha mãe contei. Torço as mãos no colo. — Mas ele só o fez duas vezes.

A Jenny abana a cabeça com pesar.

— Ah, então pronto, só foste violada duas vezes. Isso não é nada.

Rio-me perante o ridículo do que acabei de dizer.

— Sabes o que quero dizer.

— Infelizmente, sei mesmo. Nós somos muito boas a diminuir o que eles nos fazem, não somos? E não devíamos fazê-lo.

— Lamento muito que isso te tenha acontecido — diz a Hazel, enquanto eu limpo os olhos. — Vir para esta aula foi a escolha acertada. Eu também fui violada... se é que ainda não tinhas percebido.

— De certa forma todas nós fomos violadas, essencialmente — diz a Charlotte, passando a mão pelo cabelo curto. — É o que nos une.

— É uma coisa que une muitas mulheres — acrescenta a Hazel, pegando no copo de vinho e bebendo um grande gole. — Quando comecei a vir a esta aula e a falar sobre o assunto, percebi que é mais difícil encontrar alguém suficientemente bafejada pela sorte para *não* ter sido violada do que o contrário.

— Apoiado! — diz a Charlotte, fazendo um brinde no ar.

Nunca na minha vida me senti mais bem compreendida e menos sozinha do que neste preciso instante. O mundo tornou-se mais cristalino, como se tivesse finalmente recebido uns óculos com a graduação certa para o ver. Este bar tem uma intensidade feliz. As cores são luminosas, as vozes sonoras, mas o meu coração está mais calmo aqui.

— Vou num instante à casa de banho — digo. — Não se importam de me olhar pelo saco? — Esgueiro-me por trás da mesa e abro caminho até à casa de banho, onde já não há papel. Não importa, de qualquer maneira não preciso de fazer chichi. Inclino-me e agarro o lavatório com as duas mãos.

Para lá da porta desta divisão, há uma mesa cheia de mulheres que parecem normais, falam de forma normal, mas que passam os dias a

aplicar a mesma camada de normalidade por cima da luta imensa com que se debatem para ultrapassar uma coisa que nunca lhes devia ter acontecido, exatamente como eu faço. As endorfinas do exercício físico ainda me correm nas veias. Misturam-se com esta nova sensação de... pertença. Sorrio enquanto me endireito e olho para o meu reflexo ao espelho. O meu rosto ainda está corado do exercício excessivo, mas está luminoso.

Eu exsudo Gretel.

Aceno-lhe e ela acena-me também.

— Vamos chegar atrasadas ao encontro com o Joshua — digo-lhe.

E ela encolhe-me os ombros, do outro lado do espelho.

Quando me arrasto pela rua depois de sair do bar, o céu rosna com um troar furioso.

— Eu vou estar na aula da semana que vem, vou *mesmo*, obrigada, obrigada.

Estou a mexer no telemóvel, agora cheio de números de telefone novos, e a sorrir quando o ruído me interrompe. Levanto os olhos e vejo o céu de Londres coberto com um espesso manto cinzento-escuro. O ar tem aquele cheiro acre do chumbo que costuma vir com a chuva — mas nem me atrevo a ter esperanças.

A Gretel está atrasada, mas já lhes disse que vai a caminho e ela pediu desculpa pelo atraso. O Josh manda uma fotografia do menu para eles irem pedindo.

Joshua: Já bebi metade da tua cerveja. Beijinhos

É uma mensagem ligeiramente passiva-agressiva, mas é adequada ao meu atraso. Felizmente, estou com um brilho tão maravilhoso por causa da alegria que me inundou depois da aula que acho que vou conseguir conquistá-los na mesma. Saio do metro abafado e subo as escadas de Kings Cross, apanho o atalho secreto que só os londrinos conhecem. Caminho rapidamente até Granary Square. O céu está ainda mais negro agora, praticamente preto. Mais uma trovoadas ecoa no céu a pedir a atenção de todos, e as pessoas param na rua para olharem para cima; é como se estivéssemos num filme sobre o apocalipse. Há uma fila enorme para entrar no restaurante e eu passo à frente, toda convencida. Ouço as pessoas perguntarem umas para as outras «Achas que vai chover?» enquanto olham para o céu.

— Pode dizer-me qual é a mesa do Niel? — pergunto na receção, depois de verificar no meu telemóvel que tenho o nome da reserva certo.

— No piso de cima à esquerda. — O funcionário indica a direção e

eu deslizo escadas acima, observando o interior do restaurante, tão instagramável. O piso é elegante com um padrão axadrezado, e as mesas são de mogno. As ventoinhas do teto agitam o ar parado inutilmente, mas ainda assim de modo muito fotogénico. Avisto a parte de trás da cabeça do Joshua e o meu estômago contorce-se num nó de afeto que não me ajuda muito. Está sentado a uma mesa com três homens e duas mulheres e anda não me viu. Vai falando com as mãos, coisa que já percebi que faz muito. Ponho um sorriso amistoso no rosto e aproximo-me.

— Sim, ela trabalha para uma associação que presta ajuda sobre sexualidade e relacionamentos chamada Estamos Aqui, e é mesmo espantosa, apesar de o sistema de monitorização deles parecer ser um pesadelo... — Vira o pescoço para trás e vejo que tem um enorme sorriso nos lábios. — E cá está ela! Gretel, apesento-te o pessoal. Pessoal, apresento-vos a Gretel.

Aceno para todos à mesa, fazendo por manter contacto visual com cada um deles.

— Muito prazer em conhecer-vos — digo. — Desculpem chegar tão atrasada. Fui a uma aula de boxe que acabou por se arrastar um pouco.

— Uma aula de boxe? — O homem que está sentado à direita do Joshua é claramente o macho alfa do grupo. Consigo perceber pela forma como ele está sentado, de pernas abertas. É alto, tem os braços cruzados; tipicamente atraente. Deve ser o Neil.

— Sim, é em East London, por isso a viagem de metro até aqui é uma seca. De qualquer maneira, olá, sou a Gretel.

Eles levantam-se, um por um, para me cumprimentarem com apertos de mão, beijinhos no rosto e um abraço constrangido dado por um rapaz um pouco rechonchudo que se encontra à cabeceira da mesa. Se o meu palpite estiver certo, este deve ser o Luke, o colega de quarto da faculdade que nunca teve uma namorada, embora nenhum deles saiba bem porquê. Parece ser o mais simpático de todos.

— É maravilhoso conhecer-te — diz ele, a meio do abraço e um pouco alto demais para o meu ouvido. — Já ouvi falar tanto de ti.

Ergo as sobrancelhas para o Joshua por cima do ombro do Luke.

— Não me digas?

— Só coisas boas, só coisas boas — assegura o Josh, quando me sento ao lado dele. Ele aperta-me a mão por baixo da mesa e pisca-me o olho, dando-me a confiança de que não preciso. — Estás bem? — murmura.

Não consigo fazer de conta que não me sinto tocada pelo cuidado dele.

— Estou ótima. — Beijo o lado da testa dele. — Mais uma vez, desculpa chegar atrasada. Ei, isso é a minha cerveja?

Ele entrega-me e olha diretamente nos meus olhos. Aponto para o copo meio vazio.

— Ainda está meio cheio — digo.

— Eu sabia que eras uma pessoa de copo meio cheio.

Bebo um gole e preparo-me para ligar o charme da Gretel no máximo. Inclino-me para o macho alfa porque sei que é a ele que devo impressionar. A pessoa de quem gostamos menos é sempre a mais importante de impressionar.

— Então, conta-me tudo o que preciso de saber sobre o Josh — digo. — Vocês conheceram-se na faculdade, não foi?

O Neil assente e inclina-se para a frente, para mostrar melhor os seus bíceps.

— Sim, conhecemo-nos na Semana do Caloiro e vivíamos no mesmo dormitório.

— Então quem estudou em Leeds?

Ele aponta:

— Eu, a Lucy e o Luke. — Agora que os seus nomes foram mencionados, a mesa toda escuta a conversa.

— E os restantes conheceram-se como? — pergunta a Gretel, muito, *muito* interessada.

— Eu sou o marido da Lucy — diz um homem alto que está sentado ao lado dela e se chama George.

— E eu sou a Julia, a mulher do Neil — diz a outra mulher, e que está demasiado arranjada para comer caril. Tem pestanas falsas e o cabelo perfeitamente ondulado. Aperta o braço do Neil e ele afasta-a discretamente enquanto sorri.

— E como era o Joshua na faculdade? — Pego num dos *poppadom* da pilha e parto-o ao meio, ponho uma parte no meu prato do pão.

— Era exatamente como sou agora — responde o Joshua, tirando metade do meu *poppadom*. — Tão fixe que chego a ser intimidante.

— Hum, pois está bem, amigo — o Neil assente. — Muito fixe mesmo... À exceção daquela vez em que tentaste fundar um Clube de Programação e não apareceu ninguém, isto sem esquecer a cena dos cartões de visita feitos de caixas de cereais.

Toda a mesa desata a rir-se enquanto o Joshua cora ligeiramente.

— Cartões de visita? — pergunto.

O Joshua dispara um olhar de «obrigadinho, amigo» ao Neil antes de me explicar:

— Então, na minha primeira noite da Semana do Caloiro, sou capaz de ter cortado uma caixa de *cornflakes* da *Kellogg's* em pequenos quadrados, onde escrevi o meu nome e endereço de e-mail, que entreguei às pessoas que queria conhecer.

Toda a gente se ri e as migalhas de *poppadom* saem a voar das bocas para aterram na toalha da mesa, enquanto eu faço o papel de rapariga surpreendida, mas deliciada com a graça desta sua estratégia.

— Bem, nem sei por onde começar — digo. — Quero dizer, porquê cartões de visita? E porquê uma caixa de *Kellogg's*? Porquê o endereço de e-mail? Porque não fizeste simplesmente amigos da forma tradicional?

O Luke aponta para o ar.

— São tudo questões muito válidas, Joshua.

O Joshua fica ainda mais corado e esconde o rosto no meu ombro, à procura de apoio. Consigo cheirar o aroma da cerveja em excesso no seu hálito.

— Na minha cabeça, ter cartões de visita ia fazer com que eu parecesse mesmo cheio de estilo — justifica-se ele. — Mas não, pelo menos não feitos de caixas de cereais. Juro que agora sou mesmo, mesmo muito fixe — protesta.

— Quero dizer, as pessoas fixas dizem-te sempre quão fixas são — diz a Lucy, enquanto nos rimos outra vez do Joshua.

— Bem, pois eu acho que a tua estratégia foi adorável — declaro,

dando-lhe uma palmadinha na cabeça ao mesmo tempo que os amigos se riem ainda mais.

— Ótimo. Adorável. Os homens adoram que lhes chamem adoráveis — o Joshua pausa a cara na mesa.

— Mas *é* adorável! — Puxo-o e dou-lhe um beijo rápido no rosto. Ele volta a apertar o meu joelho, e oferece-me o sorriso mais maravilhoso. A Gretel está a sair-se bem. Estou a integrar-me perfeitamente. Como não podia deixar de ser.

— *Tu* és adorável — murmura ele, puxando-me para mais um beijo rápido.

E eu questiono-me se ele continuaria a pensar assim se tivesse estado sentado no bar um pouco antes, enquanto eu partilhava a minha história com as raparigas.

Devoramos os *poppadoms*. Barramo-los com vários tipos de *chutney*, polvilhamos com cebolinho picado e comemo-los espalhando migalhas na toalha branca.

— Oh, meu Deus, Josh, lembras-te daquela vez no terceiro ano? Estavas tão determinado a que fôssemos a Alton Towers antes de acabarmos o curso. Mas acabámos por ir na noite a seguir ao Otley Run?

— Vómito. Tanto vômito.

— A culpa foi do carrossel.

— Ah! Ah! Ah! — A Gretel ri-se.

Os pratos principais chegam. Partimos o pão *naan* e juntamo-lo aos nossos pequenos pratos prateados. Perguntamos uns aos outros se alguém quer experimentar os nossos pratos.

— Então, quais são os vossos planos para o verão?

— Oh, eu e o George vamos ficar hospedados numa *villa* em Creta com um grupo de amigos dele.

— Hum, que bom.

— Sim. Mal posso esperar por fazer uma pausa do trabalho. E vocês, o que vão fazer?

— Vamos fazer mergulho na Indonésia. Estamos a tentar tirar o nosso certificado de mergulho, não é amor?

— E tu, Josh?

— Receio que vá passar o verão a trabalhar. Já usei os meus dias de férias todos este ano para subir ao Kilimanjaro.

— Não acredito que subiste uma montanha e nunca te dignaste a falar-nos disso.

— Cala-te.

— Ah! Ah! Ah! — a Gretel solta nova gargalhada.

— Não deixes que ele te engane, Gretel. Ele pode agir como se fosse um Iron Man, mas a verdade é que só subiu uma montanha, literalmente. E desde então nem pelas escadas ao lado das escadas rolantes do metro ele sobe.

— Ah! Ah! Ah! — a Gretel continua a rir-se.

— E tu, Gretel? O que vais fazer neste verão?

— Quero ir a África — diz a Gretel.

Todos assentem com a cabeça.

— Ah, isso é espantoso. África é maravilhosa, não é? — comentam.

Mais uma rodada de bebidas. Os homens apontam para os copos de cerveja e assentem. As raparigas pegam no menu dos cocktails, debatem-se sobre o que escolher num momento de cumplicidade, discutindo qual das bebidas lhes apetece mais.

— A Ruína das Mães parece-me bem — diz a Gretel à Lucy. — Eu também bebo um.

— Porque é que o gin é tão delicioso?

— É mesmo. E já agora, se não te importas que o diga. Estive toda a noite obcecada com os teus sapatos.

— Oh, obrigada! E eu estava a pensar em quão linda é a tua mala.

— Obrigada!

Ninguém pede sobremesa, porque nunca se pede sobremesa num restaurante indiano. Em vez disso, bebemos mais uma rodada. O Josh fica um pouco embriagado e a sua mão transpirada procura constantemente a minha por baixo da mesa, apertando-me os dedos com demasiada força. A sua carência por contacto físico é uma constante esmagadora. Ouço bastante mais do que falo. Quem fala mais é o Neil — fá-lo mais alto, interrompe os outros, mas ninguém parece importar-se com isso. Recordar os tempos de faculdade é

claramente o porto seguro deste grupo. Lembram-se de aulas antigas, de bares a que costumavam adorar ir, mas que já não existem, e comparam a vida no norte com a vida no sul do país.

— Um táxi para casa eram só quatro libras, conseguem imaginar uma coisa dessas?

— Uma *snakebite* era só uma libra.

— Podíamos vender o nosso apartamento de um quarto e comprar um castelo lá em cima. Bem, não exatamente um castelo, mas enfim. Uma moradia com quatro quartos. Com jardim.

— Está bem, mas não estarias em Londres.

— Verdade, verdade.

A Gretel está a sair-se bem. Sente que está a sair-se bem. A Julia já assentiu para o Joshua quando achou que eu não estava a olhar.

Sempre que eles mergulham em conversas nostálgicas das quais não posso fazer parte, desligo o botão e ocupo o cérebro a reviver a aula de boxe. *Soco, soco, pontapé, pontapé, pontapé*. Quero que o tempo se apresse para poder ir à próxima aula e fazer tudo outra vez. Acho que não parei de sorrir desde que de lá saí e é contagioso. A mesa sorri comigo, refletindo o sorriso e apanhando a minha felicidade como se fosse uma constipação de verão.

Por fim, um empregado aproxima-se da mesa com a conta. Ele pede desculpa, mas diz que a mesa é necessária para a reserva seguinte. Todos ficam ligeiramente agitados, ninguém queria abandonar o santuário que esta mesa oferece. Os olhos do Neil dirigem-se rapidamente à fila que está atrás de nós, como se estivesse a tentar perceber quem é o grupo que se atreve a expulsar-nos daqui. Depois pega na conta e assume o controlo, calculando a parte que cabe a cada um.

— Não te preocupes, eu pago — diz-me o Joshua, enquanto estou a procurar o cartão na minha carteira e a rezar para ter dinheiro suficiente na conta para a minha parte. Neste momento não me posso dar ao luxo de ser uma Gretel tão independente quanto gostaria.

— Obrigada.

— Eu é que te convidei — diz ele, puxando-me para um beijo no rosto. — Eles gostam de ti, consigo ver que gostam — murmura, com

o hálito quente a cheirar a cerveja.

— Eu também gosto deles. — E é suficientemente verdade. Não desgostei de nenhum deles, isso é certo. São como qualquer outro grupo de amigos da faculdade que acabaram por vir morar para Londres, felizes por terem alguns laços e raízes nesta cidade tão implacavelmente solitária. O Neil é um pouco parvalhão, mas todos os grupos têm um elemento parvalhão que só os de fora conseguem identificar. Esperamos pacientemente enquanto o empregado de mesa processa os nossos pagamentos à pressa, limpando a testa com as costas da mão.

— Já começou a chover — anuncia ele para ninguém em especial, e nenhum de nós liga muito ao que ele disse. Estamos todos demasiado ocupados a pegar nas nossas coisas e a tentar decidir onde vamos a seguir.

O Neil decide que o melhor é ficar por ali.

— Há um bar simpático no piso de baixo. — A sua palavra é decisiva. Todos assentimos e descemos as escadas, passando por vários pratos com aromas diferentes, à medida que os empregados os levam para as mesas. O meu telemóvel tem uma notificação a dizer que fui adicionada a um chat de grupo chamado «Melhor Deitar Cá para Fora» e um sorriso instala-se no meu estômago.

— Hoje ficas em minha casa? — pergunta o Joshua, roçando os lábios no meu pescoço.

— Se quiseres que fique... — responde a Gretel, olhando para ele com inocência enquanto chegamos ao piso de baixo. Um apalpão no rabo diz-me que sim, ele quer que eu fique.

O bar está cheio, mas ainda conseguimos aninhar-nos numa mesa redonda.

— Muito bem. Shots! Shots? — pergunta o Neil e toda a gente geme, mas aceita o desafio. Ele regressa pouco depois com um tabuleiro de tequila e limas, e a boa da Gretel emborca a sua sem esforço, lambendo o sal e mordendo o gomo de lima, a própria personificação de diversão, diversão, diversão — eu sou divertida como a merda, não sou?

Pedimos mais cocktails. Como o Joshua pagou o meu jantar, posso

pagar uma rodada de bebidas. Custa-me 70 libras. Enquanto espero que os cocktails fiquem prontos, verifico o meu telemóvel.

Melhor Deitar Cá para Fora

Charlotte: Bem-vinda ao grupo, April! Como estão as endorfinas?

April: PORQUE É QUE A VIDA NÃO SABE SEMPRE ASSIM TÃO BEM?

Hazel: E temos mais uma convertida.

Hazel: Oh, meu Deus, o meu rabo.

Hazel: Porque é que dei aqueles pontapés com tanta força? Tenho. De. Parar. De. Imaginar. A. Cara. Dele.

Charlotte: Mas a ideia é imaginar a cara deles!

Hazel: Não devia ter ultrapassado já essa fase?

Charlotte: Sim, impõe uma data-limite à tua recuperação de trauma. Deve ajudar muito.

Quem me dera não ter de regressar para a mesa. Preferia ir para casa, tomar um duche como deve ser, vestir o pijama e passar a noite inteira a trocar mensagens com estas mulheres. Ainda pondero ir-me embora — desaparecer simplesmente — e penso mais uma vez que devia acabar com esta confusão tremenda que criei. A minha necessidade de vingança acalmou bastante só com uma aula de boxe. A Carol deve mesmo ter razão. E, no entanto, dou por mim ali à espera e depois a levar a bandeja de cocktails para a mesa.

— Tcharan! — exclamo, ao pousar o tabuleiro. Toda a gente me agradece e retira os seus copos, antes de voltar a concentrar a sua atenção no Neil, que está a discorrer sobre qualquer coisa. Sento-me ao lado do Josh, que me dá uma palmadinha no joelho, e bebo um gole da minha bebida.

Na verdade, estou um pouco tocada demais e tenho dificuldade em sentar-me direita no banco alto. Tento concentrar-me novamente na frequência do grupo e debruço-me para a frente para ouvir o que o Neil está a dizer.

— Não viram nas notícias? Está a tomar umas proporções ridículas. Um homem já não pode dizer praticamente nada hoje em dia. É uma perfeita caça às bruxas.

As minhas orelhas arrebitam-se. Sento-me um pouco mais direita. Viro-me para o Joshua, que está a apoiar a cabeça com os punhos

fechados por baixo do queixo. Está a pestanejar um pouco, mas a assentir.

— Eu *adorei* vê-lo em *Under The Apple Tree* — acrescenta a Julia. — E ele é um homem tão simpático. É evidente que está muitíssimo apaixonado pela mulher.

Um arrepio bastante determinado instala-se sobre a minha pele quando me apercebo de quem e do que estão a falar. Tenho tentado evitar acompanhar nas notícias, mas é quase impossível. Está por todo o lado. Trata-se de um ator famoso que anda a dizer que as acusações de sexismo em Hollywood estão a ir longe demais. Que algumas mulheres exageraram alguns incidentes menores e que o clima de medo está a afetar a produção dos filmes. A frase que ele cunhou e que causou o enorme burburinho e agitação foi «espetro de violação».

— Quero dizer, eu concordo inteiramente com o que ele está a dizer. Porque é que está a ser tão criticado? — continua o Neil. Inclina-se para a frente, os braços fortes novamente a incharem ao mudar de posição. Ele fala com a confiança de alguém que nunca na vida temeu pela sua segurança.

A mesa assente pesadamente, dando-lhe mais confiança ainda para continuar enquanto o meu estômago se contorce com uma nova onda de bólis.

— Ser apalpada no rabo não é bem a mesma coisa que... sei lá... ser violada com violência. — Levanta as mãos no ar. — Onde é que está a controvérsia?

Os meus pés tocam no chão porque estou a levantar-me. Não era minha intenção levantar-me, mas parece estar a acontecer. A minha boca abre-se e as palavras saem em catadupa.

— Então explica-me lá, por favor — digo alto e bom som com uma entoação azeda —, como se processa uma violação sem ser com violência, Neil? Adorava saber.

A energia na mesa muda numa fração de segundo. Todos ficam em silêncio. As bocas ficam abertas. Uma onda de tensão envolve o grupo. As portas fecham-se todas. Eu e o Neil medimos forças e eu sorrio, como se estivesse a fazer a pergunta de forma inocente. Como uma criança que não sabe a resposta. «O que é que o Pai Natal faz durante

o verão? Porque é que não posso ir para a cama à hora que eu quiser? Porque é que tenho de comer o prato principal antes da sobremesa? O que é uma violação não violenta? Posso comer uma bolacha?»

O Joshua retesa-se ao meu lado. Ele e o Neil entreolham-se muito brevemente. A minha disfunção é sonora, agressiva, inapropriada e está a arruinar tudo. Eu devia estar em pânico. Devia estar a tentar enfiar-me novamente na minha caixa, a dobrar os braços e as pernas como se fosse uma boneca de trapos no fim de um programa infantil. Devia ficar calada, fazer com que as coisas fossem mais fáceis, sorrir e assentir porque tornaria o momento mais ligeiro, apesar de mais tarde não conseguir dormir com a raiva que sentiria. A Gretel rir-se-ia do assunto e desvalorizaria. A Gretel saberia que talvez não fosse a hora ou o local para estas conversas. E de qualquer maneira, a Gretel seria capaz de lidar com esta conversa sem ela desencadear mil minúsculas minas terrestres no seu corpo perfeito isento de trauma. Mas a April está demasiado inflamada pela sua aula de boxe para recuar. Não posso deixar isto passar, não quando me sinto perfeitamente capaz de o enfrentar.

O Neil vira-se para me encarar enquanto o resto do pessoal observa o nosso confronto.

— Não quis dizer isso assim. — Mais valia estar a segurar as mãos no ar e a recuar da arma que acabou de pousar no chão. — Estava só a dizer que este tipo de coisas *tem* um determinado espetro. Não se pode pôr no mesmo saco um apalpão no rabo e outras agressões mais sérias. Era só o que estava a tentar dizer e não me parece que seja um argumento injusto. — Recosta-se, com o peito enfunado, espalhando o seu aroma de macho alfa por cima de mim como se eu fosse uma doninha que acabou de ser esmagada.

— E então são *vocês* quem decide até que ponto uma agressão é mais séria ou não? — pergunto. — Não vês problema nenhum no facto de um homem que provavelmente nunca foi violado na vida decidir o que conta e o que não conta como violação? Nem sequer vês problema nenhum em, antes de mais, mensurar o que é uma violação? — Abano a cabeça, como se ele estivesse a ser burro, porque está. — A violência é a violação, não entendes isso? O trauma é saberes que as fronteiras

que impuseste não significam a ponta de um corno para ninguém. Isso é o trauma. Isso é a violência. Tudo o que acontece além disso são danos adicionais. — Estou a espetar o dedo na direção dele e a mesa está completamente horrorizada. O Neil está a dar o seu melhor para não me rosnar. — Não há espectro nenhum nisto — continuo. — É uma linha que nunca deve ser ultrapassada. Nunca. De forma nenhuma. Todas as ocasiões em que um homem as ultrapassa são violência e todas são traumáticas. E, para alguém que claramente não tem a menor experiência nisso, porque é que sentes que tens o direito de decidir o que é o quê?

A mulher do Neil recebeu o alerta. *Marido sob ataque! Marido sob ataque! Tenho de o proteger, tenho de cumprir o meu dever.* A Julia começa a falar enquanto eu paro para respirar. Ela tem de defender o marido.

— Eu acho que não era isso que o Neil estava a dizer...

— Então o que *estavas* a dizer? — pergunto ao Neil, mas agora é o Joshua que se intromete.

— Vamos mudar de assunto — diz ele, de modo animado, levando a cerveja à boca. — À sexta-feira à noite não se fala de política, pois não?

Viro-me para ele e abano a cabeça, estupefacta.

— Isto não é política, Joshua, é a vida das mulheres, foda-se!

Sente-se um tremor coletivo em redor da mesa. Uma onda de fricção perante o meu palavrão inapropriado.

— Ei, ei, ei — diz a Lucy, tentando manter a paz.

— Se pudermos todos tirar um minutinho para nos acalmarmos — sugere o Luke.

Subitamente, já ninguém se está a divertir e a culpa é da April. Eu estou a quebrar as regras. E nem sequer me importo. Este tipo de conversas da treta irritam-me tanto e finalmente sinto que tenho coragem para dizer o que sinto.

O Joshua está de rosto fechado. A sua voz é suave.

— Gretel, não foi isso que eu quis dizer. É só que...

— Eu peço muita desculpa, mas tenho de ir andando. — Não me importo de ter arruinado a noite, não me importo de que eles falem de

mim nas minhas costas e neste momento nem me importo de ter deitado por terra a minha estranha experiência social com o Joshua. Esta é a altura indicada para acabar com isto, assim mesmo. Com a energia da April a inundar-me as veias e a fazer-se finalmente ouvir, revelando que até a Gretel tem os seus limites. A única coisa que me importa é sair desta mesa. Abandonar este debate sobre algo que é demasiado doloroso para ser debatido.

— Gretel!

— Desculpem, é que tenho uma coisa marcada para amanhã cedo.

Considerando as circunstâncias, ainda estou a despedir-me com educação. Estou a desiludir o grupo por não desaparecer simplesmente. Mesmo quando estou a sair de repente de um restaurante indiano, o meu impulso para fazer com que gostem de mim ganha.

— Foi ótimo conhecer-vos a todos — finjo.

Até nos despedimos com beijinhos no rosto antes de me ir embora. Eles dizem-me que também gostaram de me conhecer. Os olhos do Joshua esta arregalados, numa confusão ébria. Dou-lhe um beijo na face, como faria à minha avó.

— Adeus, querido — digo, quando saio da vida dele.

Subo as escadas praticamente a correr. Se não sair deste ambiente abafado, sufoco. Passo pelos empregados de mesa e contorno as mesas onde as pessoas estão a comer. Um funcionário deseja-me boa-noite, mas mal o ouço. Chego à rua e sim, sim, sim, está a chover! Está finalmente a chover! A chuva cai copiosamente do céu e bastam poucos segundos para ficar encharcada. Paro e deixo-me ficar ali durante uns instantes, sem querer acreditar. Não sou a única que está deslumbrada com a chuva. Pouco depois, algumas pessoas decidem ficar à chuva, ali num passeio cinzento e escorregadio de Granary Square, a olhar para cima, com os braços estendidos, como se estivéssemos em êxtase. Atiro a cabeça para trás, abro a boca e deixo que os pingos de chuva poluída me caiam na língua. Nunca mais vou voltar a ver aquela mesa de humanos e todos me odeiam, mas a verdade é que me estou nas tintas para isso. A Gretel desapareceu, para sempre. Não foi exatamente o final apoteótico que imaginei, mas foi um fim. Com efeito, até é melhor assim. Porque acabei com isto enquanto me impunha e defendia. Neste momento, sou tudo o que quero ser. Forte, viva, sem aceitar mais as merdas dos outros. Neste momento sinto-me invencível. Não quero que a chuva pare nunca.

Abrigo-me no metro e abano-me como um cão. O vestido cola-se ao meu corpo, os pés escorregam-me das sandálias e sinto os pulmões limpos depois do oxigénio extra que respirei no ar. Enquanto o metro ruge por entre a escuridão, com os passageiros todos molhados a pingar o chão, não me permito pensar mais naquilo. Não estou preparada para analisar as emoções, a separação. Só quero sentir-me bem porque está a chover, porque hoje fiz boas amigas na aula de boxe e porque me impus em defesa de algo em que acredito, apesar de ter sido a coisa mais difícil de fazer.

Quando chego a South Kensington, ainda chove com fatura. Não tenho guarda-chuva. Até já me esqueci de como é pensar se preciso de levar um guarda-chuva ou não. Por isso, caminho até casa com os

pingos gordos a baterem-me nas pestanas, abrandando quando as pessoas passam por mim a correr, com o jornal vespertino inutilmente a tapar-lhes a cabeça. Saboreio cada passo. Sei que assim que estiver em casa completamente sozinha as coisas se vão complicar. Por isso, vou devagar, com a pele encharcada e arrepiada, o queixo a bater com a humidade, sem conseguir ouvir o burburinho da cidade por cima do barulho da chuva que cai do céu e do troar da tempestade.

O apartamento está novamente vazio. Nos últimos tempos, a Megan parece um fantasma que só cá vem de passagem. Fico a pingar no soalho de madeira e a rir-me de quão encharcada estou. Tiro a roupa e levo a trouxa molhada para o lavatório da casa de banho. Pego na minha toalha e esfrego o corpo vigorosamente, apertando o cabelo até já não pingar. Depois embrulho-me como um burrito e volto para a sala de estar.

Pensei que assim que entrasse em casa fosse desatar a chorar, mas em vez disso sinto apenas o vigor ligeiro da minha razão e justiça a queimar-me suavemente, como o primeiro dia de uma cistite. Não me sinto embaraçada ou arrependida por ter feito frente àquele homem, por ter dificultado a conversa com ele, embora sinta um minúsculo indício de pena pelo Josh e pelo embaraço que deve ter sentido com o meu comportamento. Imagino que amanhã me ligue, provavelmente depois de se acalmar. Vai pedir-me para nos encontrarmos para beber café e depois arranjar uma desculpa qualquer para justificar porque acha que não devemos continuar a ver-nos. É provável que os amigos estejam neste preciso instante a congeminar um plano de fuga para ele, assegurando-lhe que está a tomar a decisão mais acertada. Talvez ele não esteja preparado para namorar outra vez, depois da última rapariga, aquela com quem viveu. Pego no telemóvel e vejo que o chat das meninas está concorrido.

Melhor Deitar Cá para Fora

Hazel: Como é que posso estar bêbeda depois de dois copos de vinho? Como é que isto me acontece sempre? Principalmente quando estou com vocês, meninas?

Steph: Isso é porque nós somos fantásticas.

Hazel: Quero dizer, além disso...

Quem me dera ter ficado com elas. Devia mesmo ter ficado. Por que diabo fui conhecer os amigos do Josh? Considerando que não tenho o menor interesse em ficar com ele, porque pus o encontro com eles acima da minha cura e recuperação?

O telemóvel toca na minha mão e as sobranceiras franzem-se em completo choque quando vejo o número do Josh. Demoro três toques a atender porque os meus dedos ainda estão molhados da chuva.

— Olá, Gretel. — Mal o consigo ouvir por cima do rugir da tempestade. — Em que parte de South Ken vives? Estou na estação do metro.

— Estás *onde*?

— Estás bem?

— Estás na estação do *metro*?

— Sim, estou, mas agora não sei para que lado ir. Posso passar na tua casa?

— Está a chover a sério! Não estás encharcado?

— Estou. Olha, peço desculpa pelo que aconteceu. Podes só dar-me a tua morada para conversarmos sobre isto?

Estou demasiado chocada para fazer qualquer outra coisa senão dar-lhe a minha morada.

Sem saber bem como proceder a seguir, empoleiro-me no sofá e fico a olhar para a parede até o toque urgente da campainha me fazer dar um salto. Abro a porta, ainda embrulhada na toalha.

O Joshua parece acabado de sair de uma piscina. A sua boca está comprimida numa linha fina.

— Olá — diz com nervosismo, passando a mão pelo cabelo e fazendo cair um pequeno tsunami de água. — Posso entrar?

Dou um passo para o lado e fecho a porta atrás dele.

— Estás encharcado, vou buscar-te uma toalha.

— Obrigado, seria ótimo.

Quando volto com uma toalha seca, ele está equilibrado num pé para descalçar o sapato e deixa cair mais água no soalho.

Aceita a toalha sem falar e esfrega o rosto.

— Importas-te que tire a roupa? Não é para... não é nada disso, mas estou encharcado até aos ossos.

— Não, claro, estás à vontade. A casa de banho é ali.

Sento-me novamente no braço do sofá e ocorre-me que enquanto ele está na casa de banho eu devia ir vestir qualquer coisa, mas parece que não me consigo mexer. O barulho da tempestade abafa a maior parte dos meus pensamentos. O chão range e levanto os olhos. O Joshua está de volta. Também enrolado na toalha; parecemos um casal de férias num spa.

— Nunca tinha vindo ao teu apartamento. — Ele olha em redor, observando o espaço. Ainda não tive tempo para recuperar a Gretel. Isto é simplesmente a minha casa. A casa da April. Por cima do sofá, temos uma fotografia gigantesca do Dawson a chorar, que ofereci à Megan no seu 30.º aniversário. A louça do pequeno-almoço ainda está no lava-louça, por lavar. Por todo o lado, é visível uma desarrumação generalizada, por ter estado a semana toda sem trabalhar.

— Cá está ele.

— A tua companheira de casa não está?

— Não.

O silêncio aproxima-se e instala-se entre nós. Não estou com grande disposição para ser eu a quebrá-lo. Continuo zangada. Embrulhado na sua toalha, ele aproxima-se e põe-me uma mão no ombro. Levanto os olhos.

— Desculpa — diz ele, como se estivesse mesmo a falar a sério, aumentando ainda mais a minha surpresa. — Não sei muito bem o que aconteceu no bar.

— O teu amigo estava a insinuar que há um espectro de violação...

— Bem, não foi exatamente isso que ele... — Vê a expressão no meu rosto. — Ele é mesmo boa pessoa. Não há a menor hipótese de ele ter querido dizer aquilo que tu interpretaste.

— Se vieste até aqui para o defender, então podes dar meia-volta e ir embora. Eu sei que ele é teu amigo, mas isto é parte do meu trabalho, Joshua — replico. — Todos os dias lido com raparigas que foram vítimas deste tipo de situações. Se fizesses uma ideia, uma *pequena* ideia, do tipo de danos que isto provoca, da dor, da confusão, das ondas de nojo...

O que eu não digo é «e eu também fui violada. Eu. Eu! É uma coisa

que nunca vou poder apagar. É uma coisa que me vai doer para sempre, de todas as vezes que pensar nisso. É uma coisa que não merecia, que não pedi e que me dói muito, muito. Fazes ideia do que é ter alguém a DEBATER o direito que tens à dor, caramba? EU FUI VIOLADA, ESTÁ BEM?» Não sei porque não lhe digo isto, mas não digo.

— As coisas são muito piores do que as pessoas pensam — continuo, fitando-o. — Uma pessoa que faça o trabalho que eu faço percebe como isto está generalizado e é difícil aceitar isso. Logo, para mim é impossível ouvir alguém quando essa pessoa está a tentar desvalorizar ou aligeirar o problema, seja de que forma for.

— Ele não estava a tentar desvalorizar, estava só a dizer que algumas coisas são mais graves do que outras...

— Não dá para quantificar os danos! — Atiro as mãos ao ar e a toalha quase cai. — Tens alguma ideia do privilégio que vocês, homens, têm por terem a hipótese de discutir a violência sexual de um ponto de vista emocionalmente distante?

O Joshua fica calado porque eu usei a palavra «privilégio». Eles ficam sempre calados quando esta palavra sai da caixa. E não é de um modo respeitador, mas de um modo calado, de punhos cerrados, rosto a ficar vermelho enquanto pensam que isto não é justo. Deixo-o banhar-se na sensação de ser calado por mim. E penso: *É assim que me sinto todos os dias, rapaz.*

— Nunca te vi assim — acaba ele por dizer, olhando de modo determinado para as mãos.

— Assim como?

— Assim. Tão... zangada.

— E deixa-me adivinhar. Não te agrada.

— Não estou a dizer isso...

Neste momento não sou a Gretel, isso é verdade. Estou demasiado zangada para ser a Gretel. Penso em todos os anos da minha vida em que duvidei do que me aconteceu e da dor que me causou. Aquela noite, aquela parede branca, bem, se me pedissem para a classificar nesse «espectro de violação», acho que seria um 2 em 10. Uma espécie de violação mediana. Uma violação que não é aqui nem ali. Não ia

conseguir ganhar grandes prémios à conta da minha violação, disso tenho a certeza. Ele não me segurou à força. Não tentei fugir e fui apanhada e arrastada de volta de barriga para baixo enquanto enterrava as unhas no chão. Não era mais de um homem. Não estava demasiado drogada para me mexer. Não estava num beco escuro, a chorar para ir para casa, a desejar não ter ido por aquele atalho. No fim nem sequer sangrei. Nem sequer chorei. Na verdade, depois de ele adormecer, fiquei deitada ao lado dele a acariciar-lhe o cabelo. Não pensei que aquilo tivesse sido uma violação, até cerca de um ano depois quando ele me deixou para ficar com a outra rapariga e o meu corpo se fechou por completo e nem tampões conseguia usar; não pensei que tivesse sido uma violação, até a especialista no hospital me perguntar com a voz mais bondosa do mundo se eu tinha passado por alguma experiência de violência sexual. Nesse momento, as recordações daquela altura, da parede branca e da outra vez em que aconteceu, caíram-me subitamente em cima e atingiram-me com toda a força, maravilhadas por poderem finalmente dançar ao vento e serem libertadas do cofre onde as havia guardado. Foram meses a aplicar lidocaína na vagina e a sentar-me de pernas afastadas com um dilatador enfiado por mim acima, a chorar a perda de tudo o que fora até ali. Milhares de lágrimas. Centenas de pequenos colapsos. A minha vida sexual arruinada, possivelmente para sempre. O medo, sempre o medo, de que o meu corpo nunca mais me permitisse ter esta parte da vida de volta. Tudo isto é tão terrível, mas a pior parte ainda foi duvidar se não terei feito por merecer semelhante trauma. Terei exagerado o que aconteceu? Terá sido mesmo assim tão mau? Há mulheres a quem acontece muito pior. Por que motivo fiquei tão afetada por uma coisa menor? Serei simplesmente uma fraca? Serei uma «daquelas» mulheres que dramatizam as coisas para chamar a atenção? Por vezes, a dúvida é ainda pior do que o que aconteceu. Tive ocasiões em que desejei ter a merda de um certificado de violação. Desejei ter convidado um avaliador de violações independente para se juntar a mim num alegre regresso ao passado e observar o que aconteceu, para verificar se de facto aquilo foi o que o meu trauma me diz que foi. Tanta dor, dúvida, medo, confusão e

vergonha... E depois vêm os homens — felizes e contentes em redor de uma mesa, encharcados em álcool, sem nunca terem tido de se preocupar com a eventualidade de tal lhes acontecer — verbalizar os nossos piores pensamentos em voz alta, debater a validade da nossa dor e questionar por que motivos choramos ou ficamos zangadas? Realmente, somos muito pouco razoáveis.

— Então estás a dizer o quê? — ponho as mãos nas ancas. Ele olha para mim de boca aberta, preparado para todos os tipos de respostas, defesas e argumentos, mas a boca volta a fechar-se. É como se estivesse a ver-me pela primeira vez.

— Não sei — diz o Joshua. — Peço desculpa.

— Pedes desculpa porquê?

— Porque tu tens razão. O que o Neil disse não foi fixe. Só estou a tentar defendê-lo porque... Pronto, admito, porque estou envergonhado, está bem? — O Joshua passa as mãos pelo cabelo molhado. — Quero dizer, é a primeira vez que te levo a conhecer os meus amigos e o idiota do Neil começa logo a falar num assunto destes? Ele sabe qual é o teu trabalho, eu já lhe tinha dito. Ele anda sempre a falar desse tipo de coisas. Anda sempre a fazer de Advogado do Diabo. Eu já receava que ele falasse nesse assunto e quando o fez... — Apoia o rosto nas mãos em concha, abana a cabeça ainda enterrada nas mãos. — Peço imensa desculpa, Gretel, não foi nada correto.

Ouve-se o ribombar de um trovão. A chuva cai ainda com mais força no passeio lá fora. Não sei o que fazer com isto. Com esta honestidade, tão pura e branca, que lhe sai da boca. Não sei o que fazer com este pedido de desculpas tão genuíno. Deita por terra tudo aquilo que eu pensava que sabia.

— Porque é que ele havia de puxar esse assunto deliberadamente? — Sento-me ao lado do Joshua no sofá e os nossos joelhos encostam-se.

— É como eu disse, ele gosta de ser sempre do contra, sempre foi assim. Sabes como são as coisas no que diz respeito aos amigos de faculdade. Estamos inseridos nestas dinâmicas sociais predeterminadas que são difíceis de mudar. Eu lamento mesmo muito que ele te tenha perturbado. — Pega-me na mão e entrelaça os dedos nos meus. Pela

primeira vez desde que isto tudo começou, o meu corpo quer o Joshua de volta, gosta de sentir o seu toque.

— Eu não tive intenção de estragar a noite, de a tornar constrangedora, mas não consegui ficar ali. — Estou tão orgulhosa de mim mesma por não ter pedido também desculpa ao Joshua. Por não responder automaticamente ao pedido de desculpas dele com um «eu também». Mas, há que dizê-lo, tenho de fazer um esforço considerável para não o dizer.

— Eu percebo isso. — Solta um grunhido. — Céus, as coisas podiam ter corrido melhor, não podiam? Tu não pensas que sou um daqueles homens antiquados que acham que só os homens é que têm direitos, pois não?

— Não, não acho nada disso — respondo. E, para dizer a verdade, estou a pensar *Talvez tu sejas diferente*.

— Tu nunca falas do teu trabalho — diz ele. — Eu acho que aquilo que tu fazes é mesmo muito importante e fixe e tu não falas muito.

Encolho os ombros.

— Porque as pessoas costumam ficar incomodadas. Sentem-se desconfortáveis. Aprendi a não falar de nada.

Ele começa a acariciar o meu polegar.

— Mas eu gostava de saber.

— De saber o quê? Com quantas vítimas de violação lido todos os dias? Como é terrível? Como é implacável? Como, por vezes, tenho a sensação de que estamos apenas a pôr pensos rápidos por cima de feridas profundíssimas?

— Eu estou interessado. Quero saber mais.

— Tu *achas* que queres saber — digo-lhe —, mas depois vais ficar na defensiva e a tentar encontrar lacunas e falhas nas coisas. Como o Neil.

— Isso não é justo. Eu não sou igual ao Neil. E lamento realmente o que ele disse. — Encosta a testa à minha até ambas se beijarem. Ele precisa de consertar isto. Agarra-me no rosto e encosta os lábios aos meus. E eu beijo-o instintivamente antes de desviar a cabeça.

— Queres mesmo conhecer as piores partes do meu trabalho?

— Quero.

— Joshua, eu lido literalmente todos os dias com casos de violência sexual terríveis.

— E isso deixa-me triste, mas preciso de saber mais sobre esse assunto. Por amor de Deus, Gretel, eu trabalho em programação, não percebo nada destas questões. Não estou bem informado, infelizmente.

— Na verdade, não estou com muita vontade de falar disto agora — assumo. Só quero que ele volte a beijar-me. Quero-o tanto que até fico surpreendida.

— Bem, então não temos de falar agora. Mas temos de falar noutra altura. Conversa comigo. Conta-me mais de como é a tua vida... — O Joshua beija-me novamente e eu beijo-o também com surpreendente alívio. A forma como ele está a olhar para mim, a maneira como as suas palavras parecem ser sinceras. A Gretel deixa cair a pele no chão. Só fica a April, a beijá-lo e a passar as mãos pelo seu cabelo. Consigo sentir a bondade dele; irradia do seu corpo como se fosse aquecimento central. Quero ficar mais próxima dele, mais próxima.

— A minha toalha está a cair — digo, porque está mesmo. Ambos olhamos para baixo e vemos um seio exposto, com o mamilo a roçar a toalha. Rimo-nos baixinho.

— Que pena. A minha também.

Caímos para trás no sofá, desembaraçamo-nos das toalhas e beijamo-nos lentamente, com força, como se cada beijo fosse dado com a maior seriedade. As mãos do Joshua percorrem as minhas costas. Dou por mim a agarrá-lo com força. E a seguir tudo se desmorona. A noite. A raiva. O embaraço. Até o troar da tempestade se desvanece num ruído surdo. Beijamo-nos e continuamos a beijar-nos. Ele não tenta avançar para lá de beijos. Não parte do princípio de que os beijos vão levar a mais lado nenhum. A sensação de o beijar apenas é tão boa, sentir que o homem está só a apreciar o beijo e não a questionar-se quanto tempo terá de o usar até ele desembocar em mais qualquer coisa. Os meus músculos descontraem. Perco a noção do tempo, da lógica, das mentiras que lhe contei. Dou por mim a murmurar-lhe ao ouvido:

— Ainda não conheces o meu quarto.

— Pois não.

— Eu não sabia que vinhas, por isso está desarrumado.

— Estou-me nas tintas para a arrumação do teu quarto. — Pega em mim ao colo como se estivesse a salvar-me dos destroços de um avião. Estamos os dois completamente nus e ele leva-me em direção ao quarto.

— Não é essa porta, é a outra.

— Ah, OK.

— Espera, tens de girar a maçaneta. Eu tento fazê-lo com o pé. Espera. Não. Põe-me no chão num instante.

Até que caímos, a rir, na minha cama por fazer.

Talvez ele seja diferente.
Talvez ele seja diferente.
Talvez ele seja diferente.
Talvez ele seja diferente.
Talvez ele seja... diferente.

Os primeiros raios de luz batem na racha do teto e questiono-me como vou conseguir organizar os meus pensamentos confusos numa sequência coerente.

É que ontem à noite aconteceu uma coisa peculiar, sabem?

O Joshua deu-me um orgasmo. E não foi um orgasmo normal, mas um evento devastador, que fez estremecer a Terra, que me fez perder a noção de quem sou e emitir ruídos sem o menor embaraço.

Isto não me acontecia desde que aquilo aconteceu.

Ainda não consigo parar de sorrir quando penso nisso. Como o sexo foi demorado e vagaroso. Não atingi o orgasmo durante o sexo penetrativo, porque nunca consegui fazê-lo, nem antes do Ryan. Mas ele parou a meio e fez-me sexo oral e... e... Meu Deus, só de pensar nisso apetece-me fazer sexo outra vez.

Observo o rosto enrugado dele contra a almofada. O carinho agita-se nas minhas entranhas. Tenho vontade de estender o braço para lhe acariciar a cara. Quando olho para ele, não consigo evitar esboçar um sorriso.

Quando acabámos, ficámos deitados a ouvir o temporal a rugir lá fora e ele fez-me mais perguntas sobre o meu trabalho. Como comecei a trabalhar na associação. Como são os meus dias. Como consigo lidar com todas as perguntas difíceis que nos enviam. Conte-lhe como comecei como gestora de voluntários, depois como me pediram para fazer alguns turnos de respostas e como encontro alegria sempre que sei que ajudei alguém; falei-lhe do Matt e de como somos próximos, sobre a supervisão clínica que temos de ter, sobre a identificação de gatilhos a que somos sujeitos e como alguns dias são mesmo terríveis.

Ele ouviu tudo enquanto me acariciava o cabelo.

— Quem me dera que o meu trabalho fosse assim importante como o teu.

— Programação é importante. — Ele soltou uma gargalhada. — Podias fazer programação para uma associação de solidariedade

social. Também têm sites, também precisam de programadores.

— Sabes uma coisa, podia mesmo fazer isso, não podia? E, mais uma vez, desculpa pelo Neil.

— Oh, céus. Os teus amigos vão ficar a odiar-me. — Uma ponta de ansiedade espalhou-se pela nossa bolha pós-coito. Subitamente comecei a preocupar-me com o que aconteceu na noite anterior, com o desconforto que causei e como havia de voltar a enfrentar os amigos dele no futuro.

— Não sejas tonta, eles não te vão odiar. Todos disseram que tinham gostado muito de ti.

— Pois, está bem. — Enterrei o rosto na axila dele. Cheirava a suor antigo, misturado com suor novo, e, no entanto, não me cansava do seu odor. Se pudesse, ainda enterrava mais o rosto. Inalava uma linha dele.

A voz do Joshua estava pesada com o sono, mas mesmo assim ele fez um esforço para ser reconfortante.

— É verdade que o encontro podia ter sido melhor. Mas vais encontrar-te com eles mais vezes. E de qualquer maneira, quem começou foi o Neil. Para ser sincero, já estava na altura de alguém lhe fazer frente e o pôr no lugar.

— Tens a certeza?

Ele inclinou o queixo para baixo e beijou-me no cimo da cabeça.

— Tenho a certeza.

Peculiar mesmo foi eu ter adormecido depois disto. Envoltos pelos braços do Joshua. Dormi um sono profundo, pesado e sem sonhos. Um daqueles sonos maravilhosos acidentais, quando adormecemos à tarde. Acordei há pouco mais de um quarto de hora, quando o calor entre os nossos corpos era demasiado. O ar fresco que a tempestade trouxe já é uma coisa do passado — a onda de calor está novamente em ação e voltou com força. Mas, quando acordei, ainda estava nos braços dele, completamente emaranhada no Joshua, toda nua e confortável, como se fizessemos parte de uma alcateia, mas só restássemos nós os dois. Também nunca tinha conseguido dormir ao lado de um homem desde que aquilo aconteceu. Obrigo-me a desviar os olhos do Joshua e a voltar a olhar para a racha do teto.

Não sei o que isto tudo significa.

Tenho de admitir que neste momento estou muito confusa.

Ele não está a comportar-se da forma que sei que os homens se comportam. Intellectualmente, sei que é apenas porque eu fui a Gretel. Que a falta de jogos da parte dele, a ausência de estratégias psicológicas, a sua indecisão em relação ao que quer e a falta de chicotadas emocionais são apenas uma não-questão para mim porque a Gretel também é uma não-existência. Ela é uma mulher segura e inventada especificamente para ele se apaixonar. Quero dizer, nunca conheci ninguém com quem a relação se tornasse tão séria tão depressa, por isso tem de ser o efeito Gretel, certo?

No entanto, uma minúscula parte em mim está a começar a acreditar. Nele. Nos homens. Talvez ele seja mesmo um bom homem. Talvez eles até existam. Talvez eu tenha tido a sorte de tropeçar num deles porque, pela primeira vez na vida, não andava à procura de ninguém. Toda a gente diz que isto acontece quando não andamos à procura. O colchão mexe-se. O Joshua mexe-se. Viro-me para ele e observo-o a acordar e a olhar para o meu rosto.

— Olá — a voz dele é rouca, sexy.

— Olá.

Puxa-me para junto do seu corpo nu. Consigo sentir o que ele quer a pressionar-se contra a minha coxa. Porém, está a olhar fixamente para mim, deslumbrado. Inclina-se para me beijar os lábios.

— Anda cá — murmura. — Quero maminhos.

Embora, inevitavelmente, façamos mais do que dar maminhos um ao outro.

*

— Tu não tens máquina de café. — O Joshua está vestido apenas com os boxers do dia anterior e a olhar em redor da nossa cozinha minúscula, ofendido. — Nem sequer tens uma cafeteira. Eu não consigo funcionar nestas condições.

— Tenho *Nescafé*.

— Pronto. Para mim chega. Vou-me embora. — Sorri-me, para se

certificar de que percebi que é uma piada. Retribuo o sorriso. Estivemos toda a manhã nisto. A falar. A beijar. A sorrir. A beijar. A sorrir. Cada frase que o outro diz é merecedora de um sorriso alegre e um beijo leve de celebração nos lábios.

— Tenho chá. Montes e montes de chá.

— Bem, acho que vai ter de servir.

Pego em duas canecas e nos sacos de chá especial *Teapigs* que a minha mãe me oferece sempre no meu aniversário — acompanhado do obrigatório romance do Clube de Leitura Richard and Judy, um pequeno frasco de *Jo Malone* de pera e frésias, assim como o sermão anual sobre como todos os homens são uns merdosos e como ainda não consegue acreditar no facto de o meu pai a ter deixado sozinha comigo nos braços. Ponho a chaleira ao lume, deito água por cima dos saquinhos, junto um pouco de leite e entrego a caneca ao Joshua, que me agradece. De canecas na mão, voltamos para os meus lençóis amarrotados e sentamo-nos encostados à parede, com as pernas emaranhadas, a bebericar apesar de o chá ainda estar demasiado quente.

— Gosto do teu quarto — comenta ele.

É um quarto muito April, não tem nada de Gretel. Não sei ao certo como seria o quarto da Gretel. Acho que ela devia ter molduras com fotografias das suas viagens. Ou talvez não. Talvez ela fosse daquelas pessoas que «não precisa de tirar fotografias, porque a memória lhe basta». Talvez ela tivesse um gira-discos e discos de vinil, não porque é uma coisa *hipster* de se ter, mas porque entende de música e sabe genuinamente que o som do vinil é melhor. A Gretel devia ter uma jarra com flores silvestres que conseguiu apanhar na cidade de Londres. A sua estante incluiria um exemplar de *À Espera no Centeio*, outro de *Catch 22* e muitos outros livros que os homens adoram que as mulheres leiam porque são sobre homens e escritos por homens.

Mas o Joshua só pode ver o quarto da April.

Tento vê-lo através dos seus olhos desconhecedores. Há uma quantidade razoável de roupas no chão e uma grande pilha em cima da cadeira, onde nunca me sento porque, lá está, tem sempre montes de roupa. Em cima da cómoda há uma fotografia bonita de mim e da

Megan, tirada naquelas férias maravilhosas na Grécia. A fotografia está parcialmente tapada pela quantidade de frascos e produtos que ponho diariamente no meu corpo para me sentir como uma mulher minimamente funcional. Desodorizante, creme hidratante, creme de noite. Creme de dia, que ainda não sei bem em que medida é diferente do creme hidratante. Desmaquilhante. Discos de algodão. Desmaquilhante para olhos. Vitamina C, que me pica o rosto e que não sei muito bem porque preciso dela, mas preciso. Creme calmante, para quando depilo as pernas ou as virilhas. Uma pinça para tirar os pelos dos mamilos. Até tenho pilhas de discos de algodão sujos que não me dei ao trabalho de transportar até ao caixote do lixo, a um metro inteiro de distância.

— Gosto muito daquele cartaz — comenta o Joshua, apontando para o lado da porta. É uma impressão emoldurada do *Harry Potter* que comprei como presente para mim mesma quando saí do meu último emprego. Tem uma citação sobre como encontrar a luz em plena escuridão.

— *Tu gostas do Harry Potter?*

— Sim, é claro que gosto. Quem é que não gosta? Em certa ocasião, numa festa da faculdade, até me vesti de Dumbledore.

— E eu a pensar que os informáticos eram todos uns *geeks*.

— Ei! — Ele faz-me cócegas como forma de protesto, e eu grito, entorno gotas de chá no peito e a seguir grito ainda mais alto. Ele tira-me a caneca da mão, pousa-a na mesa de cabeceira e puxa-me para si. Aninho-me nele, inalo mais uma vez o seu odor e ignoro todos os pensamentos chatos que me enchem o cérebro.

— Ontem à noite diverti-me mesmo muito. — Ele beija-me novamente o cocuruto da cabeça.

— Apesar de eu ter saído de rompante e te ter deixado com os teus amigos?

— Principalmente por isso. Na verdade, até estou contente por ter acontecido. Quero dizer, lamento que te tenha deixado triste, mas foi bom poder falar contigo sobre... — Pega na minha mão e começa a acariciar o interior com o polegar. Está prestes a dizer qualquer coisa profunda e importante.

— Sobre... — incentivo, curiosa por ouvir o que ele tem para dizer, apesar de saber que estes momentos podem ser deliciosamente perigosos.

— Só...

Ouve-se o barulho da porta da frente do apartamento. Segue-se um gemido semelhante a um animal a morrer. Damos um salto quase cómico. Puxo o lençol para me tapar.

— Estás em casa? — grita a Megan.

— É a minha companheira de casa — murmuro. — Merda.

— ESTÁS EM CAAAAAASA?

Algo de muito mau se passa. Mesmo muito mau. Salto da cama e visto uma t-shirt e umas cuecas.

— Estou aqui — grito. — Espera, já estou a ir.

O Joshua ainda está imóvel, com as sobrancelhas franzidas em sinal de confusão. *O que estava ele prestes a dizer?*

— Acho que ela está perturbada com alguma coisa — digo-lhe, desnecessariamente. — Vou só ver se está tudo bem. — Saio e fecho a porta atrás de mim, mas o trinco não prende. Não tenho tempo para me preocupar com isso agora, porque a Megan está mesmo à saída do meu quarto. Deixou-se cair no chão, com o saco de fim de semana a explodir aos seus pés, e está agora enroscada com a testa apoiada no chão, as costas a oscilarem ao ritmo do choro.

— Megan? O que é que aconteceu?

As piores possibilidades começam a correr velozes pela minha cabeça. Ela foi violada. Foi assaltada. Acabou de ser despedida, apesar de ser sábado. Acabou de lhe ser diagnosticado um cancro incurável no cérebro.

Ela levanta o rosto choroso, trespassado por uma emoção carmesim que dá dó. Preparo-me para o impacto.

— Foi... foi... ele.

Fecho os olhos por um instante. Malcolm. Permito-me um segundo de alívio. Este é um problema que já ultrapassámos muitas vezes. Na verdade, devia ter adivinhado, assim que ela se pôs em posição fetal.

— Oh, querida, lamento. Lamento muito — digo, embora ainda não saiba ao certo o que ele fez. Sento-me no chão com ela. Faço-lhe festas

nas costas. Seguro-a pelas axilas. Incentivo-a a vir sentar-se comigo no sofá e contar-me o que aconteceu.

— Ele... ele... — A Megan debruça-se sobre os joelhos e recomeça a chorar. A única coisa que consigo fazer é acariciar-lhe as costas, enquanto espero que ela consiga falar. Olho de relance para a porta. Consigo sentir os movimentos do Joshua a vestir-se. Ele vai ficar dentro do quarto? Ou vai sair? Como é que explico esta situação? Mas a Megan volta a lamentar-se, chamando a minha atenção.

— Conta-me — incentivo. — Conta-me o que aconteceu.

— Eu sou estúpida. Eu sou tão, tão estúpida.

— Não és nada estúpida.

— Sou, sim. Estúpida como a merda. Sou patética. **SOU TÃO PATÉTICA.** — Atira-se para a frente como se tivesse sido possuída por um demónio. Tem ranho por todo o lado, o cabelo colado das lágrimas, a maquilhagem da noite anterior a escorrer-lhe pela cara. E é neste preciso instante que o Joshua decide fazer a sua entrada tímida. A Megan sobressalta-se. — Quem és tu?!

Eu levanto-me de um salto, meto-me entre os dois e agarro no pulso do Joshua.

— Este é o Joshua. — Não sei o que mais dizer. A Megan está boquiaberta. Abana a cabeça.

— *O Joshua?*

— Olá — diz ele. — Desculpem, mas é melhor deixar-vos sozinhas.

Pelo menos o choque de o encontrar arrancou a Megan do seu surto histérico. Fica a observar enquanto o levo até à porta. Entramos no corredor quando começo a ouvir os soluços dela novamente.

— Desculpa. Acho que são problemas com rapazes.

— Eu ouvi.

— Isto é capaz de demorar algum tempo.

— E eu com esperança de poder preparar-te uns ovos.

— Não tenho ovos.

Ele volta a sorrir.

— E eu com esperança de poder sair para comprar ovos e depois prepará-los para ti. — Há uma certa inflexão na sua voz. O sorriso está a esconder alguma coisa. Mas a dor da Megan ecoa pela porta aberta e

não tenho tempo para pensar em mais nada.

— Vemo-nos em breve — prometo. — Tem um bom sábado.

— Liga-me.

Despedimo-nos com um beijo. Ele envolve o fundo das minhas costas com ambos os braços e os lábios encostam-se aos meus com mais força e ferocidade do que estava à espera. Levanto os olhos e vejo que ele me está a beijar de olhos abertos, a fitar o vazio por cima da minha cabeça.

— Hum, então adeus.

— Adeus.

Não tenho tempo para psicanálise. Não com os sons que vêm do interior do meu apartamento. Volto para dentro e encontro a Megan deitada no sofá, com o rosto enfiado numa almofada, o corpo sacudido pelo desgosto.

— Pronto, pronto, está tudo bem. — Agacho-me e apoio-me nas pontas dos pés para a confortar. — Por favor, conta-me o que aconteceu.

— Estou demasiado envergonhada.

— Não estejas. Conta-me.

— Eu sou tão estúpida. Sou louca e estúpida como a merda!

— Não és nada. O que se passa?

Ela vira-se e endireita-se, mas encolhe os joelhos. Está a soluçar e nem consegue olhar para mim, tão intenso é o seu choro.

Tento a via do humor.

— Pareces o Dawson naquele *meme*.

Resulta. Ela resfolega e limpa o rosto numa tentativa vã de se livrar de todo o ranho, mas em vez disso só consegue transformá-lo numa pasta.

— Para com isso.

— Desculpa, Dawson.

Mais uma risada meio sufocada.

— Para!

— Conta-me o que aconteceu.

Ela geme e agarra os joelhos ainda com mais força.

— De qualquer maneira, a culpa foi minha — começa por dizer. —

Eu não devia ter dito nada, mas pensei honestamente que estávamos em sintonia. Ahhh. — Abana a cabeça. — Estávamos a ter uma noite tão agradável. Eu estava a sentir-me tão mimada. Fomos sair, beber um copo. O Malcolm arranjou-nos uma mesa ótima. Estava sempre a olhar-me nos olhos, a pôr a mão nas minhas costas, a dizer-me a cada cinco minutos como eu sou linda. Voltámos para casa dele e tudo correu lindamente. Mandámos vir comida e comemos só de roupa interior. Parecíamos mesmo um casal a sério, sabes? Eu não teria dito nada se não tivesse... AHHHH! — Agarra a cabeça entre as mãos.

— O que é que disseste, querida? — Vou desenhando carinhosamente um oito nas costas dela com uma mão enquanto lhe dou palmadinhas no pé com a outra.

— Estávamos ali deitados, com ele a olhar fixamente para mim enquanto brincava com o meu cabelo. Sabes aqueles momentos em que consegues perceber que um homem está *mesmo* caidinho por ti? Pronto, eu estava a sentir essa vibração e disse... disse... eu disse: «Então, nós somos exclusivos?» — O lábio inferior da Megan começa a tremer, as faces coram com a recordação. Olha para mim com os olhos arregalados cheios de lágrimas. — O ambiente mudou de imediato. Oh, meu Deus, April, parece que tinha acabado de lhe contar que tenho herpes ou outra porra do género. A primeira coisa que ele fez foi afastar os braços sem olhar para mim. E eu ainda comecei a recuar, a dizer merdas que nem sequer sinto de verdade, como «não te preocupes, eu não me importo se não definirmos um nome para isto». Quando, na verdade, é claro que quero definir um nome. Por isso é que lhe perguntei se tínhamos exclusividade.

— O que disse ele?

A cabeça da Megan oscila como um elefante a caminhar no recinto do zoológico.

— Ele disse... ele disse... — A voz dela está na iminência de quebrar novamente. — Ele disse que aquilo de que mais gostava em mim era o facto de eu não ser esse tipo de mulher. Bem, ele *pensou* que eu não era. E que agora que percebeu que sou, ficou surpreendido.

— O que quer ele dizer com isso? Que tipo de mulher?

— Ele disse... do tipo inseguro. Do tipo que precisa de dar um nome a uma relação.

Solto um suspiro de exasperação. Por amor da santa, se conseguíssemos reunir todo o ar emitido pelos suspiros exasperados das mulheres heterossexuais que lidam com homens heterossexuais inúteis, conseguiríamos mandar um balão de ar quente até ao espaço sideral.

— O quê?

— Eu sei, eu sei. Por isso, é claro que comecei logo a dizer «Ah, pois, eu não sou nada assim, *de todo*». Apesar de ser, ERA POR ISSO QUE ESTAVA A TER AQUELA CONVERSA COM ELE. E ainda lhe pedi desculpa, merda! Ele respondeu «Tudo bem» e voltou a agir todo meloso como se o assunto estivesse resolvido. Aguentei dois episódios inteiros do *Breaking Bad* antes de quebrar. Consegui conter tudo dentro de mim durante duas horas, April.

— Isso é um verdadeiro progresso para ti.

— Pois é. Fiquei ali sentada, a tentar abafar todas as perguntas e protestos. Tipo: «Então isso quer dizer que continuas a ir para a cama com outras pessoas? E que diabo devo fazer agora? Quem são estas mulheres que não querem saber para onde se encaminham os seus relacionamentos? Serão mulheres reais? Porque se são, quero caçá-las a todas e esmurrá-las por estarem a arruinar tudo para o resto de nós.» Depois, estávamos a ver aquele episódio mesmo chato da mosca, que toda a gente adora, o que não ajudou. Enfim... perdi as estribeiras. Desatei a chorar e comecei a bombardeá-lo com perguntas.

Consigno imaginar a cena. Apesar de não ter voltado a ver o Malcolm desde aquela noite no Calculus, consigo ver os olhos esbugalhados dele, as sobrancelhas franzidas com desagrado, o rosnar calmo da sua voz enquanto explicava racionalmente por que motivos todas as respostas emocionais da Megan estavam, por acaso, incorretas.

— E ele continuou a abanar a cabeça, como se o tivesse desiludido. Disse que eu analiso tudo em demasia. Quando disse que passávamos o tempo praticamente todo juntos, que eu estava praticamente a viver em casa dele, que trocamos mensagens todos os dias, ele deixou-se ficar de boca aberta, como se isto não fosse nada de mais. E os

argumentos dele eram tipo «Sim, mas tu ainda nem conhecestes os meus amigos» e «Pensei que estávamos só a divertir-nos» e «Eu nunca disse que me estava a comprometer num relacionamento sério». Oh, April, o que é que eu tenho de errado?

— Tu? Nada!

— Andava a alucinar um relacionamento.

— Não andavas, não. Qualquer pessoa pensaria o mesmo que tu.

A Megan recomeça a chorar.

— Porque havia de fazer uma coisa destas a mim mesma? Eu sabia que isto ia ser problemático quando comecei a ficar ansiosa. O meu instinto estava certíssimo, e, mesmo assim, desejei tanto que desta vez fosse diferente, talvez porque não andava à procura de um relacionamento... porque achei que não queria nada disso... Estava só a enganar-me a mim mesma. Porque quero um relacionamento, QUERO MUITO.

Ela chorou e falou, falou e chorou. Fizemos chá várias vezes, mas com tanto choro acabou por ficar por beber. Às vezes ela dizia «Desculpa, nem estou a beber o teu chá», e eu ia fazer mais, mas depois ela recomeçava a chorar e o chá voltava a arrefecer. O calor entra no apartamento. Ficamos de t-shirt e cuecas. Sinto o Joshua por todo o meu corpo, por dentro de mim. Tenho vontade de tomar um duche, mas não a posso deixar quando ela está assim. Psicanalisamos cada minuto da interação da Megan com o Malcolm, procurando sinais de alarme que ela ignorou, outros sinais que pudesse ter apanhado. Examinamos todos os detalhes do Malcolm de que ela consegue lembrar-se durante o tempo que passaram juntos. Os antecedentes familiares, o historial de antigas namoradas, o *ethos* do colégio interno que ele frequentou.

— Ele tem razão. Nunca conheci os amigos dele — matuta a Megan, conseguindo finalmente beber um gole de chá. — E ele nunca me ligava. Era sempre eu a ligar-lhe. Pensei que estava a ser muito moderna e proativa. Mas, na verdade, estava só a dar-lhe o meu coração e a minha vagina de bandeja para ele esfregar o seu ego e ejacular lá para dentro.

— Bem, isso é uma metáfora bastante descritiva, Megs.

— Desculpa. Mas é verdade. Não passou disso, pois não? Sabe Deus as mentiras que está a dizer a si mesmo neste momento sobre tudo o que aconteceu, para poder ficar a sentir-se como o «polícia bom» da situação. Mas é suficientemente evidente, não é? Eu estava a desenvolver sentimentos por ele, enquanto ele andava a ver durante quanto tempo conseguia safar-se a foder-me e a ter-me ali para lhe fazer o jantar, antes que eu mencionasse a palavra «compromisso»; assim podia defender-se e argumentar que nunca tínhamos discutido o assunto. — A Megan levanta os olhos para mim. — Sinto-me uma merda, April. — Fico quase mais triste pelo facto de ela já não estar a chorar. — Qual é o meu problema para continuar a meter-me nestas situações uma e outra vez?

Abano a cabeça, mas não tenho grandes respostas para lhe dar.

— Tu não tens problema nenhum.

— Talvez seja só louca.

— Tu não és louca! Quem é esta rapariga fixe que se deixa levar na onda e não quer classificar um relacionamento, que é tão descontraída, que não se preocupa em ter filhos antes de se acabarem os óvulos, ou que não quer saber o futuro de uma relação? Quem é que não quer sentir-se segura e saber que não está a desperdiçar o seu tempo com um parvalhão qualquer? Diz-me quem é. Porque eu acho que uma rapariga assim não existe.

Digo isto, apesar de andar a fazer de conta que sou uma dessas raparigas, por isso talvez ela exista mesmo. Será que todas as mulheres que se saem bem romanticamente fazem de conta que são a Gretel?

— Sinto falta dele. — As lágrimas recomeçam.

— Vais sentir falta dele durante algum tempo.

— Porque é que fiz isto? Há um mês era tão feliz.

Aperto-a num abraço.

— Querer um relacionamento é normal e muito natural — digo-lhe.

— Não há nada de errado contigo por teres tido esperanças de que fosse desta vez. Ele é só uma criança num corpo de homem.

— É mesmo. Porque é que fiz de conta que não era?

— Porque querias acreditar que não era.

Quando a Megan está finalmente mais calma, já quase escureceu. É tarde. Abrimos as janelas para deixar algum ar fresco entrar. Obrigó-a a apagar o número dele, porque ambas sabemos como ela é. Concordamos que agora tem de se concentrar em organizar o lançamento da linha de joalheria e fazer dele o melhor evento que alguma vez se viu. Conto-lhe sobre a aula de boxe e ela anima-se.

— Isso é ótimo, April Oh, meu Deus, fico tão feliz por teres encontrado finalmente alguma coisa que te ajuda.

— Ainda só fui a uma aula, mas mesmo assim...

Ela abraça-me e começamos a preparar o *Dawson's Creek*. Só quando já estamos recostadas, a cabeça dela apoiada na almofada no meu colo, é que a Megan se lembra.

— Espera lá! — Torce o pescoço para olhar para mim. — Eu estava em modo *blackout*, por isso quase me esquecia. Quem diabo era aquele homem que saiu do teu quarto?

Os meus dedos param de lhe afagar o cabelo.

— Ah, ele...

— Ele? Ele? Como é que eu nem sequer sabia que havia um «ele»?

Não sei o que lhe dizer acerca do Joshua. Ainda não tive tempo para pensar nele como deve ser e na última noite que passámos juntos.

— Eu só... hum... trouxe-o cá a casa ontem à noite, mais nada. Não quero falar sobre isso agora.

— Mas tu queres *sempre* falar sobre essas coisas.

— Esta noite não quero, por favor.

E ela deve estar mesmo triste, porque não insiste comigo.

— Então está bem.

A noite lá fora torna-se escura e nós ficamos ali a ver um adolescente de testa alta a chorar, para nos esquecermos mais depressa dos nossos problemas.

April: Achas que o Joshua é igual aos outros?

Gretel: Sim.

April: Mas e se ele for diferente?

Gretel: Nenhum deles é diferente.

April: Mas ele pode mesmo ser diferente. É bondoso, fala sobre os seus sentimentos, liga-me quando diz que vai ligar...

Gretel: Porque tu estás a fazer-te passar por mim! O facto de ele estar a cair na tua esparrela só prova que é igual aos outros.

April: Mas eu saí daquele jantar de rompante. Fui difícil e nada descontraída, e ele veio até cá a casa e não pareceu importar-se com o meu comportamento.

Gretel: Pois, sobre isso... Não voltes a fazer essa merda, está bem? Desiludiste-me mesmo, cabra. Não voltes a transferir para mim os teus traumas patéticos, está bem? Podias mesmo ter dado cabo de tudo.

April: Então o Joshua é igual ao Malcolm, ao Simon e aos outros todos?

Gretel: Sim!

April: É só que, quando estou com ele, parece...

Gretel: Parece o quê? Diferente?

April: Sim.

Gretel: April, fofa, quantas vezes já entregaste o teu coração a um homem infantil patético e inútil só porque te convenceste de que ele era diferente dos outros?

April: Hum...

Gretel: Foi o que eu pensei. E, deixa-me adivinhar, quanto mais os conheces, mais evidente se torna que, afinal, não eram assim tão diferentes dos outros, certo? Saíste sempre dessas relações a sentir-te menos importante ainda, como se fosses louca por desejares coisas normais? E, no entanto, porque tinhas decidido que eles eram diferentes, permaneceste e só te magoaste mais.

April: Para com isso!

Gretel: Paro com o quê? Paro de dizer a verdade?

April: Sim.

Gretel: Népia, fofa. Tu precisas de ouvir isto. Deixa de pensar que um determinado homem vai ser diferente para ti quando ainda estás tão lixada da cabeça. O teu trauma é impossível de amar. *Tu* és impossível de amar.

April: Para, por favor... Isso não é justo.

Gretel: Eu sei, querida, mas é por isso que tens de continuar a ser eu. Só assim sentirás que tens alguma espécie de poder.

April: Mas eu não quero poder, quero ser amada.

Gretel: As pessoas amam pessoas com poder. De qualquer maneira, pensei que tinhas desistido do amor. Pensei que te tinhas libertado disso.

April: Eu também pensei que sim, mas depois... ele é tão querido.

Gretel: Porque tu não estás a ser tu mesma.

April: Estou a ser um *pouco*.

Gretel: Então, vá lá! Conta-lhe do Ryan. Conta-lhe da violação. Mostra-lhe os teus dilatadores. Chora no ombro dele e partilha com ele todas as coisas horríveis que te aconteceram. Chora, soluça e agarra-te a ele como desejas secretamente fazer. Vomita toda a tua dor e trauma para cima dele. Implora-lhe que te faça sentir segura. Implora-lhe que escreva uma lista cronológica de todas as promessas de compromisso que te vai fazer, quando as vai fazer, minuto a minuto, e obriga-o a assiná-la com o seu próprio sangue. Mostra-lhe todos os fragmentos da tua personalidade carente e nojenta. Faz isso tudo e a seguir exige o seu amor eterno. Vamos ver como isso vai resultar para ti.

April: De certeza que...

Gretel: E estás a esquecer-te do facto tremendamente *importante* de que TENS MENTIDO A ESTE HOMEM SOBRE TUDO E MAIS ALGUMA COISA?! Como lhe vais conseguir explicar uma coisa destas? Os homens não querem nada real. O Joshua só gosta de ti porque tu não és verdadeira. A Megan foi verdadeira com o Malcolm e olha o que lhe aconteceu. E ela está um milhão de vezes menos destruída do que tu.

April: Mas...

Gretel: Não tens gostado do poder de seres Gretel? Não te tem sabido bem?

April: Na outra noite soube-me bem quando eu fui eu, e ele pareceu gostar.

Gretel: Tu estás realmente a enganar-te a ti mesma. Sabes disso, não sabes?

April: Talvez não.

Gretel: Pensa em todas as coisas que escondeste dele. Pensa em tudo aquilo que não lhe contaste. Pensa na pessoa que fazes de conta que és e compara-a com a pessoa que és de verdade. Acreditas honestamente que ele ficará contigo se lhe revelares quem és?

April: Eu não tenho culpa de ser assim.

Gretel: E depois? Isso não faz de ti uma pessoa mais sexy, pois não?

April: ...

Gretel: Parte-lhe o coração. Faz com que ele te ame e a seguir parte-lhe o coração. Deixa de ser parola e aprecia ter um pouco de poder pela primeira vez na tua vida. Por que diabo havias de querer abrir mão disso?

April: Tu pareces louca.

Gretel: Querida, com todo o respeito, não sou eu quem está a falar com o meu reflexo ao espelho.

Joshua: Olá. A tua companheira de casa está bem? Amanhã tens algum tempo livre? Vamos comer um assado?

Gretel: Oh! Que querido por perguntares pela Megan. Ela não está bem, mas há de ficar. Acho que preciso de ficar com ela durante o resto do fim de semana.

Joshua: Tudo bem. Ela tem muita sorte por ter uma amiga como tu.

Gretel: Obrigada.

Joshua: E na segunda?

Várias horas depois...

Gretel: Na segunda acho que consigo.

Eu odeio os homens.

Odeio a maneira como nos apaixonamos por eles. Odeio o modo como eles nos deixam fracas. Odeio ter sentimentos que não consigo impedir-me de ter e odeio como são difíceis de voltar a meter dentro da sua caixa. Odeio a maneira como eles nos fazem sentir que estamos sempre ligeiramente erradas, e de como isso faz com que mudemos a pessoa que somos para eles nos poderem amar.

Odeio como nos rouba o poder sabermos que só somos amadas porque escondemos partes de nós para nos tornarmos aceitáveis. Odeio o modo como, quando nos apaixonamos por um homem, parece ser fisicamente impossível separarmo-nos dele, mesmo quando estamos a desvanecer ao lado deles. Odeio o medo que carregamos connosco, o medo de eles descobrirem quem somos e que deixem de nos querer.

Odeio as mulheres que os homens acham fáceis de amar.

Odeio-me por não ser como elas.

Odeio não fazer ideia do que devo fazer.

Como já seria de prever, quando regresso ao trabalho, todos se comportam com estranheza. Toda a gente fala mais devagar, como se eu tivesse tirado a semana por ter tido problemas nos ouvidos, ou algo semelhante.

— Como te sentes? — pronunciam muito devagar.

— Bem, estou bem.

— Tiveste uma boa semana de pausa? — pergunta a Katy, como se eu estivesse a regressar da Cefalónia.

— Sim, foi ótima, obrigada.

Pelo menos o Mike é direto e profissional:

— É bom ter-te de volta, April. — É a única coisa que ele tem a dizer sobre o assunto, antes de me pedir para reunir com ele na sala de reuniões e perguntar como está a correr o recrutamento dos voluntários. É bom poder sentir-me novamente como uma profissional.

— Os números não são brilhantes, mas acabam por ser normais para a época do ano — respondo. — Assim que conseguirmos captar a atenção dos caloiros ansiosos, em setembro, acho que vamos atingir os objetivos. — Mostro-lhe os folhetos que criei, a encorajar as pessoas a tornarem-se conselheiros.

— Isto está ótimo, April. Está mesmo com bom aspecto. Bom trabalho! — Ele não menciona a outra parte das minhas funções, a minha ausência; não menciona mais nada. E quase sinto vontade de o abraçar só por isso.

Quando saímos da sala de reuniões, sinto os pescoços das pessoas a esticarem-se na minha direção, perscrutando-me à procura de sinais de loucura. Pelo menos seis colegas oferecem-se para me fazerem café.

— Já tenho um, obrigada.

As ventoinhas estão todas ligadas, mas não fazem moossa na temperatura basal de nenhum de nós. O Matt é o único colega, além do Mike, que me trata normalmente. Envia-me um e-mail, que só vejo

quase à hora do almoço, porque demoro a manhã toda a conseguir processar o dilúvio de e-mails que recebi na semana em que estive fora — a maior parte deles de colegas a informar que há gelados na cozinha.

De: Matthew@EstamosAqui.com

Para: April@EstamosAqui.com

Assunto: Estás bem?

Senti a tua falta, companheira. Já te sentes melhor?

Levanto os olhos do ecrã no preciso instante em que ele olha por cima do seu. Sorrio-lhe.

De: April@EstamosAqui.com

Para: Matthew@EstamosAqui.com

Assunto: Re: Estás bem?

Eu também senti a tua falta! Desculpa não poder ser a tua companheira durante uns tempos. Mas sinto-me um pouco melhor. Embora me sinta também um pouco culpada por estar a dar-te mais trabalho e ainda não ter recrutado os voluntários.

De: Matthew@EstamosAqui.com

Não sejas parva! Eu fico feliz por estares a sentir-te melhor, mais nada. Almoçamos?

De: April@EstamosAqui.com

Por acaso, adoraria! Queres ver se a Katy também quer vir?

A Katy fica deliciada por ser convidada e planeamos um piquenique no parque, 13 às horas. Estou orgulhosa de mim mesma por ter dito que sim, embora saiba que vou ter de me controlar muito para não lhe perguntar como está a caixa de entrada das mensagens e que tipo de coisas estão a chegar. Um dos conselhos que a Carol me deu antes de me mandar para casa foi imaginar que trago sempre comigo um recipiente. Posso imaginar qualquer espécie de recipiente que me

agrade mais — um cesto, uma caixa de plástico —, mas tem de ter tampa. Depois, sempre que tiver algum pensamento sobre todas as agressões que acontecem e como elas são esmagadoras, tenho de visualizar que estou a pôr esses pensamentos no recipiente e a fechar a tampa bem fechada.

«Não quero com isto dizer que nunca mais vai voltar a pensar nestas coisas», disse ela. «Não se trata de uma manobra de repressão. Mas é uma forma de não precisar de pensar nisto a toda a hora. Esforce-se mesmo por compor essa imagem mental de guardar as coisas num recipiente e afastá-lo de si.»

Isto parece estar a funcionar. Às 11 horas, a minha agenda avisa-me de que o meu turno está a chegar, porque me esqueci de cancelar o lembrete. *Vai à caixa de entrada. Apesar de não deveres lá ir. Vê só o que há. Aposto que é mau. Aposto que aconteceram tantas coisas más e tu nem sequer vais poder ajudar, pois não? Porque é que és tão egoísta e fraca?* Imagino uma caixa gigante e vejo-me a empurrar estes pensamentos lá para dentro. Seguro a tampa com a palma da mão até ouvir os estalidos da tampa indicando que está bem fechada. Pronto. Pensamentos completamente contidos.

Bebo uma chávena de café à secretária e vou trabalhando nos turnos dos voluntários. Tenho de rearranjar muita coisa, porque alguns deles estão a fazer turnos extra por minha causa. *Porque tu és demasiado fraca, patética, inútil e...*

Para a caixa. Empurro a tampa. Ouço novamente os estalidos.

Isto funciona como mecanismo de gestão até depois do nosso adorável almoço de equipa, em que nos empanturrámos de morangos e iogurte e nos saímos muito bem a não puxar assuntos difíceis.

Quando estamos a regressar do parque para o escritório, a Megan liga-me, fornecendo mais uma distração.

— Sinto falta dele.

— Não sentes nada. Sentes falta da ideia que fizeste dele.

— Desde quando é que tu te tornaste o Yoda?

— Atira-te ao trabalho.

— Não consigo telefonar aos agentes publicitários das celebridades enquanto estou fechada na casa de banho a chorar.

— Então permite-te mais cinco minutos para chorar agora e depois promete que hoje à noite vais poder chorar tudo o que te apetecer. Neste momento está a doer, mas vai passar. Passa sempre.

— Eu sei. Só estou zangada comigo mesma.

— Não seas parva. Vá, mais cinco minutos e depois voltas ao trabalho. Queres que fique ao telefone contigo?

— Não, não é preciso. Eu choro sozinha e deixo-te em paz.

Os últimos cinco minutos da minha pausa para almoço são preenchidos com outras comunicações eletrónicas. A Chrissy envia-me uma mensagem para ver se tenho os detalhes para o fim de semana da despedida de solteira que está quase aí e incentiva-me novamente a enviar a minha parte do dinheiro. A minha mãe envia-me uma série de mensagens com fotografias do clube de bridge.

Mãe: Fiquei em terceiro lugar!

Mãe: Teria ficado em segundo, mas a Margaret fez batota.

Mãe: Ela não consegue ver esta mensagem, pois não?

Entro no escritório e ponho-me em frente à maior ventoinha que ali há para tentar arrefecer do calor da rua. Respondo a mais pessoas que perguntam se estou bem. Bebo uma chávena de chá. Os pensamentos maus ficam dentro da caixa de plástico durante a reunião sobre fixação de voluntários. Mesmo assim, olho para lá do vidro e vejo o Matt, sabendo que ele está a cobrir o meu turno e questionando-me sobre o que terá aparecido e se ele está bem. E pronto, cá está de novo — sinto-me culpada e preocupada, curiosa com o que está na caixa de entrada e... e...

Caramba!

Melhor Deitar Cá para Fora

April: Já alguma de vocês foi aconselhada a usar o método do recipiente? Funcionou com alguém?

Anyia: Ahh, essa arca velha.

Anyia: Para mim só funciona durante as primeiras duas semanas do ciclo menstrual.

Anyia: Mas também parece ser esse o caso com todas as coisas positivas na minha vida.

Charlotte: Oh, meu Deus! Comigo é igual! Sinto-me como uma guerreira aniquiladora de traumas tão feroz e depois fico com TPM e subitamente é como se nunca tivesse feito um minuto de terapia na vida.

Hazel: Sim. Comigo também é assim! As espirais de emoção aparecem sempre nos dias que antecedem o período. Porque é que nunca nos dizem isto na terapia?

Charlotte: Dica de recuperação número 1: Nunca confies na tua recuperação entre os dias 26 a 28.

Hazel: Tenho tanta inveja de que o teu ciclo seja só de 28 dias.

Hazel: Desde que tive o Jack, o meu ciclo menstrual nunca mais foi regular. É tão difícil dizer se estou a ficar legitimamente louca ou não.

Any: Para resumir, April, o método do recipiente não é mau. Mas nada funciona tão bem como vir à aula e dar cabo de um saco de boxe ou outro.

Charlotte: Apoiado.

Any: Vens à aula esta semana?

April: Podes crer que vou.

Quando as 17h30 finalmente se aproximam, sinto-me muito melhor. Depois de um dia inteiro de comportamento normal, já ninguém está a comportar-se como se eu pudesse entrar em combustão espontânea. Consegui arrastar-me para fora do inferno dos e-mails em atraso. Organizei o resto do trabalho para esta semana e tenho mensagens a chegar das minhas novas amigas do boxe. Até a Megan parece estar melhor. Enviou-me um e-mail para me dizer que conseguiu enviar dois e-mails inteiros.

Gretel: Estou com apetites de *ramen*. Importas-te de mudar os planos para seguir os meus desejos?

Joshua: Queres comer sopa? Estão 30 graus!

Estou na casa de banho a aplicar a minha maquilhagem que-parece-que-não-existe quando vejo a resposta dele.

— Sim, com este calor — digo para o meu reflexo ao espelho, antes de retirar o excesso de batom. — A Gretel é assim, inesperada. Ela come gelado no pico do inverno, querido. Este tipo de merdas não te faz sentir viiiiiivo?

Gretel: Comer alimentos quentes arrefece-te o corpo. É ciência.

Gretel: *Carpe diem*, Joshy. YOLO. #BeARebel

Joshua: Está bem, ó Capitão, meu Capitão. Vamos comer sopa picante.

Quando entro de rompante no restaurante de *noodles*, com o suor a escorrer-me pelo corpo depois da longa viagem de autocarro, ele já lá encontra à minha espera. Está sentado com uma cerveja na mão por baixo das ventoinhas e, quando eu chego, levanta-se, com um ar ligeiramente desiludido.

— Olá, Gretel. — Dá-me um beijo formal no rosto. — Eles não me quiseram dar a mesa até chegares. — Um tom passivo-agressivo inunda a frase e eu levanto uma sobrancelha, olhando em redor do restaurante deserto.

— Mas está completamente vazio, por isso não vale a pena entrar em pânico.

— Hum. — Ele vira-me as costas e faz sinal à empregada de mesa. — Ela já chegou — diz com ar conspirador, e eu levanto novamente as sobrancelhas enquanto nos conduzem para lá das mesas compridas com bancos altos até um pequeno recanto.

— Mesmo por baixo de uma ventoinha — sorrio, mas o Josh pega no menu.

— O que queres beber? — pergunta ele, sem tirar os olhos do menu.

— Hum, talvez vinho branco? — Ergo novamente o sobrolho, mas ele está demasiado envolvido a ler as descrições dos extras. Passa-se alguma coisa e por instantes entro em pânico com a eventualidade de ele ter descoberto sei lá o quê — o meu estômago contorce-se como se fosse um caracol de canela com cobertura de ansiedade.

— A tua colega de casa já está melhor? — pergunta, ainda com os olhos colados no menu.

— Um pouco melhor. Vai demorar o seu tempo.

— Pois.

A empregada de mesa reaparece com um bloco na mão. Não nos deixou durante muito tempo, porque também não há outros clientes para atender.

— Já sabem o que querem beber? — pergunta-nos ela, com a caneta

a postos.

Sorrio com todo o meu charme Gretel.

— Um copo de vinho branco, por favor. — Gesticulo em direção ao Joshua, que é obrigado a levantar os olhos.

— Outra destas, por favor. — Aponta para a cerveja.

— Muito bem, é para já.

Antes de ter tempo de estabelecer contacto visual com ele, o Joshua volta a desaparecer por detrás do menu. Coço o pescoço e questiono-me o que a Gretel terá feito de errado. Se ele soubesse de alguma coisa, presumo que seria menos passivo-agressivo e mais agressivo-agressivo. O meu estômago descontrai-se ligeiramente.

— Já sabes o que vais comer? — pergunto, oferecendo o último ramo de oliveira para me desculpar do crime que cometi; seja ele qual for.

— Bem, vou comer *ramen*, claro.

Pronto, para mim chega. Está na altura de recuperar o poder. Abano a cabeça e a seguir levanto-me subitamente do banco. Depois, sem dizer uma palavra, saio do restaurante. Sinto-me envolvida pela onda de calor que assola o Soho e afasto-me devagar, à espera de que ele inevitavelmente me siga. A sensação é deliciosa e exageradamente dramática, mas ao mesmo tempo adequada, considerando o seu comportamento. Quem me dera ter-me lembrado de fazer isto em todos os momentos do passado em que me trataram com indiferença. Estou mesmo a chegar à esquina quando o ouço.

— Gretel! Espera! Mas que diabo?!

Continuo mais alguns passos. Um... dois... três.

— Gretel! — A voz dele denota uma urgência. O tom agudo da rendição à medida que o poder desliza pelas ruas abafadas da cidade e vem aterrar nas minhas mãos. Viro-me para trás com uma expressão aborrecida.

— Onde vais? — pergunta ele.

— Eu não aturo atitudes passivo-agressivas — respondo. — Não me convides para jantar para depois nem falares comigo. Eu não admito esse tipo de merdas, Joshua. — Ponho a mão na anca. — Não temos 12 anos. Se estás zangado comigo por algum motivo, diz-me qual é.

A culpa fá-lo ficar vermelho como um tomate.

— Desculpa. — Oferece a bandeira branca de imediato. — Eu...

Bem, podemos voltar lá para dentro?

— Não sei. Vais ao menos olhar para mim?

— Sim.

— E vais explicar-me o que se passa, como o homem adulto que és? Ele olha para os pés e parece tudo menos um homem adulto.

— Sim.

— Então está bem. Vamos voltar.

Quando regressamos, a empregada de mesa está a segurar as nossas bebidas, impávida e serena — esta cidade já fez de nós todos pessoas resistentes ao choque. Aceito o meu vinho, agradeço-lhe e bebo um gole gigante enquanto me sento no banco. Quando se senta, o Joshua ainda está corado. Bebe um gole de cerveja e pousa o copo, antes de apertar as mãos como se as quisesse espremer.

A empregada volta, com a caneta novamente a postos.

— Já estão preparados para pedir?

Abano a cabeça.

— Ainda não. Pode dar-nos uns minutos?

Ela assente e vai-se embora. Estamos sozinhos e levanto o rosto para a ventoinha, deixando que o ar me agite a franja na testa.

— Não foi minha intenção ser estranho — começa por dizer o Joshua. Eu não lhe digo que está tudo bem porque não está. — É que... Bem, para ser sincero estou um bocadinho aborrecido. — Ele levanta os olhos com uma expressão honesta e continua a contorcer as mãos.

— Aborrecido com o quê?

— É só que... Sei que ainda não falámos sobre isto, mas, enfim, tu conhecestes os meus amigos no outro dia. E eu nunca os deixo conhecer ninguém. Pensei que nem era preciso dizer isto. Pensei que estávamos em sintonia.

Começo a perceber para onde se encaminha esta conversa e quando confirmo a minha suspeita, sinto uma bruma surreal a descer sobre mim. Estou no meio de uma conversa «o que somos um ao outro?» e é a primeira vez na minha vida em que não foi iniciada por mim. Eu

nunca, *nunca* sou a *recetora* deste tipo de conversas pretensamente desinteressadas, mas desesperadas. Bebo mais um gole de vinho enquanto o meu estômago procura entender aquilo que está a sentir. É excitação por ter ganhado esta batalha? Ou culpa? Talvez até entusiasmo, por ele gostar tanto de mim?

Não é de mim, recordo-me. Ele gosta da Gretel.

O Joshua atrapalha-se com as palavras para preencher o silêncio.

— De qualquer maneira, quando a tua companheira de casa apareceu no sábado, eu sei que ela estava perturbada e tudo isso, mas... Gretel, foi evidente que ela nunca tinha sequer ouvido falar de mim. — Cruza o seu olhar com o meu e é doloroso encará-lo, confirmar que a emoção que sinto é «culpa». Culpa misturada com admiração por ele ser suficientemente corajoso para dizer tudo isto. — Nunca ouviu falar de mim, pois não? Tu vives com ela. Vocês são claramente amigas chegadas. E nunca lhe falaste de mim, pois não?

Abano a cabeça e digo-lhe a verdade.

— Não, acho que nunca lhe falei de ti.

O rosto dele desmorona-se.

— Certo. Certo. — Mais um gole de cerveja enquanto encara o alívio agriçoce de constatar que, afinal, não estava a ser paranoico.

— Quero dizer, *agora* já lhe falei de ti.

— Porque tiveste de o fazer.

— Não é bem assim. Porque é que estás a ser tão estranho em relação a isto?

O Joshua estremece e a minha culpa intensifica-se — a bruma surreal torna-se mais espessa. Ouvi esta combinação de palavras atirada a mim tantas vezes e agora sou eu quem a está a atirar a alguém.

Entro em pânico. Afinal, não gosto de magoar as pessoas. Começo a recuar.

— Desculpa. — Estendo o braço e pego-lhe na mão. — Não queria dizer isto assim.

— Não, tudo bem — diz ele, quando claramente não está tudo bem.

— Não sei por que motivo não lhe falei de ti. Não queria magoar os teus sentimentos.

O peito dele incha à medida que tenta projetá-lo.

— Não magoaste.

— Certo.

A empregada de mesa reaparece e faz-nos regressar para a realidade.

— Preparados para pedir?

Ambos pedimos *ramen* — o Josh pede o de carne de vaca, eu o de frango.

— Com feijão edamame à parte, por favor? — Peço quando entregamos os menus.

— Sim, é para já.

Sem folhas A4 plastificadas para nos servirem como escudo, começamos a tirar os talheres do tabuleiro para nos distrairmos enquanto espero que o Joshua se explique. Separo os pauzinhos e esfrego-os um no outro para eliminar as lascas. O Joshua rala amendoins para a palma da mão. A infantilidade deste gesto faz com que o meu estômago comece a latejar.

Eu estou a magoar este homem.

Esta é a primeira vez na minha vida que consigo ver em primeira mão a mágoa que as minhas mentiras provocam. Ele sacode o pó de amendoim para o guardanapo e sorri quando olha para mim, empurrando a culpa para o interior dos meus ossos. Este poder não tem o efeito libertador que pensei que teria. Evoca uma sensação de confusão, como uma dor persistente, como se me tivesse desiludido a mim mesma. *Acaba com isto*, penso enquanto lhe retribuo o sorriso. *Agora é a altura certa para acabares com isto.*

Tudo o que preciso de dizer é que isto não está a funcionar. Dizer que o problema é ele, não eu. Basta dizer que nos conhecemos na altura errada, que ainda não ultrapassei o meu último namorado. Que preciso de me concentrar no trabalho. Posso dizer que não existe química entre nós. *Diz, diz, diz*. O coração dele ficará moderadamente magoado. Pode não querer frequentar este restaurante em particular durante algum tempo. Vai sofrer durante um ou dois dias, mas os danos no seu coração serão suaves. Posso dizer que não consigo continuar com isto. Que conheci outra pessoa qualquer. Que estou

emocionalmente indisponível. *Diz, diz, diz.*

Mas não digo nada.

E, mais uma vez, o Joshua atira-se ao silêncio.

— Gretel, eu não tenho saído com mais ninguém — diz-me, com candura. O homem voltou. Está sentado mais direito no seu banco. — Sei que ainda não tivemos esta conversa. Pensei que estava mais ou menos implícito, mas agora já não tenho a certeza. Por isso acho que precisamos de falar sobre o assunto. Tu tens saído com outras pessoas?

Tenho uma fração de segundo para encontrar a resposta da Gretel.

— Não.

Ele inspira de alívio, mas tenta não me mostrar o que sente.

— Ótimo. Está bem. Quero dizer, mesmo que o fizesses, estava tudo bem. Como disse, nós nunca falámos sobre isto.

— Eu não ando por aí a dormir com uns e com outros.

— Eu sei que não, não era isso que estava a sugerir. Desculpa, quero dizer, mesmo que o fizesses era contigo. Bah! Pronto, olha... — O Josh pega-me na mão e inala a coragem do ar à sua volta. — O que é que nós somos, Gretel?

— O que queres dizer com isso? — pergunto, embora saiba o que ele quer dizer com isto, obviamente.

— O que quero dizer é: estamos juntos? Não estamos juntos? Saímos com outras pessoas? — Solta uma gargalhada. — Já estou fora deste jogo há tanto tempo. Nem tenho a certeza de como isto funciona.

Acaba com isto, acaba com isto, acaba com isto, grita a minha consciência enquanto observo a esperança e o coração do Joshua a serem-me oferecidos, polvilhados com pó de amendoim. Esta é uma linha que não posso ultrapassar. Se ficar nesta história, a partir de agora serei uma má pessoa. Farei com que esta experiência social se transforme em algo que deixa danos colaterais sérios. O Joshua e a Gretel não podem estar juntos porque ela não existe. O pobre do rapaz acabou de perguntar a um fantasma se quer ser sua namorada. É claro que ele não sabe isso. Ele pensa que a Gretel é apenas a Gretel. Porque não havia de pensar? Tenho de parar com isto, tenho de parar de o magoar. Mas não consigo. E não é só porque me quero vingar dos homens. Odeio admiti-lo, mas uma parte de mim não suporta a ideia

de não voltar a ver o Joshua.

— Joshua, estás a pedir-me para ser tua namorada?

— Bem, quero dizer, não sei qual é o termo mais acertado quando se tem a nossa idade. E sei que não nos conhecemos há muito tempo. Mas eu gosto mesmo de ti, Gretel.

Reprimo os pensamentos e agarro-lhe na mão, sentindo o pulsar do sangue dele entre as minhas mãos.

— Eu também gosto mesmo de ti.

— E então?

— Então, acho que isso quer dizer que «estamos juntos».

Ele digere o que eu disse e a seguir o seu rosto rasga-se num sorriso entre a barba por fazer.

— A sério?

— Claro. — O meu sorriso condiz com o dele. Rio-me. Ele ri-se. Ambos irradiamos felicidade. As nossas mãos entrelaçam-se. Sinto que um canhão de *confetti* acabou de disparar sobre nós. O Joshua inclina-se para me beijar. Depois fá-lo novamente. Ele é um homem diferente — está mudado, mais solto. Somos interrompidos pela chegada da comida, que nos obriga a largar as mãos um do outro.

— Vir comer *ramen* foi uma ideia brilhante — diz ele, pegando nos pauzinhos. — As coisas que tu me obrigas a fazer, Gretel.

Pego nos meus pauzinhos e sorrio também. Ele está diferente porque está relaxado. Porque eu o reconfortei. Porque conseguiu fisgar a Gretel. Afinal, estamos em sintonia.

De um modo muito querido, o Joshua pergunta-me várias vezes:

— Não é muito cedo para isto? Estou sempre a contar quantas vezes já saímos e a matutar se será demasiado cedo.

— Não é demasiado cedo.

Voltamos a beijar-nos. Sorvemos o *ramen* e rimo-nos por ambos parecermos tão pouco atraentes a comer assim. Pedimos mais bebidas. Beijamo-nos mais por cima da mesa e derrubamos o moinho de especiarias. Beijamo-nos um pouco por todo o ar pesado do Soho, encostados a uma parede. Damos as mãos no metro. Entramos no apartamento dele aos tropeções, a rir e a beijar.

A maneira como ele olha para a Gretel... se pelo menos um homem

olhasse assim para mim. Faço de conta que sou ela porque é mais fácil, porque de vez em quando é agradável fingir para mim mesma. Fingir que sou divertida, descontraída, que não ando a arrastar-me pela vida com toneladas de traumas e histórias em cima dos ombros, a seguirem-me como correntes que me pesam e me prendem à tristeza. Preciso de tomar um duche frio, digo. Ele também quer tomar um. Tomamos banho juntos e gritamos com a temperatura fria da água que conseguimos aguentar. Beijamo-nos com os corpos escorregadios, ele com um ar de miúdo com o cabelo molhado, os dentes a baterem uns nos outros, as gargalhadas a transformarem-se em arrepios; embrulhamo-nos nas toalhas e esfregamos o corpo um do outro. Inevitavelmente, acabamos por fazer amor e, não tão inevitavelmente quanto isso, acabo por dar comigo novamente a atingir o clímax. A agarrar o cabelo dele e a virar a cabeça na almofada.

— Estás bem? — murmura ele no meio das minhas pernas.

— Estou. — E é verdade.

No fim, ficamos emaranhados um no outro como *pretzels* que não foram bem separados na fábrica. Os nossos membros misturam-se. Ele acaricia o meu rosto. Consigo sentir tanto a amor vindo dele, só que não é dirigido a mim. Não é para a pessoa que eu sou. Tenho vontade de me esconder. Quero enroscar-me neste momento. Quero fazer de conta que é verdade. Quero fazer de conta que um homem é capaz de me amar como o Joshua parece amar a Gretel. Alguma mulher consegue sentir-se assim? Uma mulher melhor? Uma mulher com menos arestas cortantes? Parece tão injusto que as pessoas que mais merecem um amor assim, aquelas que já passaram pelas maiores torturas, sejam precisamente aquelas que têm menos possibilidade de o encontrarem. Como a necessidade legítima do amor o repele, como aumenta a probabilidade de nunca o terem. Recompensamos pessoas simples com amor. Pessoas sem traumas. E castigamos aquelas que se atreveram a ser chamuscadas pela vida, mesmo que não tenha sido por culpa sua, como se a sua dor fosse contagiosa.

Fico deitada nos braços do Joshua e concentro-me no toque dele, enquanto delineia o meu estômago com o polegar.

— Vou sentir a tua falta quando fores de fim de semana para a

despedida de solteira — diz ele.

— Eu também vou sentir a tua falta — diz a Gretel.

Eu vou sentir a falta dele.

E assusta-me o que isso significa.

• Guia da Gretel sobre como Te Tornares a Namorada e Permaneceres a Namorada

Agora já és a namorada. E isto altera as coisas. As namoradas têm exigências diferentes das raparigas que saem simplesmente em encontros. Já ultrapassaste a primeira ronda de testes, mas agora há ainda coisas mais importantes em jogo, logo, os prémios também são melhores.

As namoradas precisam de cuidar um pouco mais do que as raparigas de encontros. Precisam de lhe fazer comida, de lhe esfregar a cabeça e perguntar como foi o seu dia — e até devem mesmo preocupar-se com a resposta que ele lhes dá. Mas não cuides demasiado dele, os homens ficam irritados com isso. Se exagerares, eles vão vacilar e agir como se estivesse a tentar domá-los. «Não é assim tão importante, não faças disto uma coisa demasiado importante» é um sinal de que estás a cuidar demasiado dele. O melhor é não falares muito enquanto estiveres a prestar-lhe cuidados. Cinge-te à cozinha e às carícias na cabeça, ao assentir silencioso e a algumas palavras insípidas de encorajamento de vez em quando. Não é preciso estares sempre a falar de tudo, a toda a hora, sua cabra irritante.

Agora já podes ser mais badalhoca na cama. Na verdade, é bom que reserves o teu lado mais atrevido para quando estiveres na Fase Namorada. Se passares por todos os testes invisíveis que ele te vai impondo, ele vai ficar preocupado por agora estar destinado a fazer sexo apenas contigo para o resto da vida. O pobrezinho vai preocupar-se com isso. Quero dizer, porque ele merece uma vida inteira de sexo bom e atrevido. Não pode prescindir disso por qualquer pessoa, principalmente não por ti. Invoca a puta que há em ti para contrariar toda esta nova vibração de compromisso. Tens de o recompensar por renegar os seus impulsos naturais em prol de um compromisso contigo e deves assegurar-lhe também que, se acabarem por se casar um com o outro, ele vai poder continuar a dar-te palmadas no rabo e a vir-se no teu peito, fazer sexo de pernas para o ar ou qualquer outra parvoíce que ele precise de fazer para não sentir que está a sacrificar uma parte da sua sexualidade para te aturar.

Já agora, uma vez que és a namorada, tens de concordar com o rumo que ele deu à vida. Não estejas à espera de passar demasiado tempo de qualidade com ele, certamente não precisas disso. Já és a namorada, por amor de Deus, não é o suficiente?!

Nesta fase dos procedimentos, o elefante na sala é fazer de conta que não sabes que ele está a olhar para ti e a pensar *Será que ela dará uma Boa Esposa?* Esse é o teste. Se ele não te encarar como uma potencial Boa Esposa, então é como se estivesses perdida sozinha em alto-mar, querida. Mesa para um na Solteirilândia. E por falar nisso, uma «Boa Esposa» é ligeiramente diferente para cada homem, por isso, diverte-te a descobrir o que significa para o teu. Mas ser namorada é igual a imaginar o futuro; assim, certifica-te de que te enquadras na versão de futuro que ele imagina para si mesmo. Faz com que todos os dias que ele possa vir a passar contigo sejam uma verdadeira obra-prima.

No que diz respeito a filhos, ele está neste momento a pensar neles e em ti. Questiona-se como serás enquanto mãe. Como vais dar cabo da cabeça aos ricos filhos dele — sem nunca ponderar que ele também pode ser uma fonte de perturbação para os anjinhos. Mas vai estar atento a qualquer sinal em ti. Logo, faz tudo o que estiver ao teu alcance para não teres problemas de saúde mental nem doenças hereditárias. No entanto, não te esqueças disto: ele pode não estar preparado para ter filhos. E certamente não quer que *tu* estejas preparada para os ter até que chegue o momento exato em que *ele* se sente preparado. Por isso, a questão da maternidade implica algum equilíbrio. É claro que sim, um dia quer ter filhos. Quero dizer, o homem tem de desovar as suas réplicas e tu és o recetáculo ideal para as incubar. Não te atrevas a não providenciar isso, sua galdéria. Não sejas uma daquelas mulheres esquisitíssimas que detestam crianças. Melhor dizendo, há qualquer coisa de simplesmente *errado* numa mulher que não quer ter filhos, não achas? Por outro lado, não sejas demasiado maternal, caramba, senão vais afugentá-lo. Ele não quer ser apenas um dador de esperma, tens noção de como isso magoa os seus sentimentos? «Quero ter filhos quando já tiver vivido a minha vida o suficiente» é uma boa linha. É agradável e vaga. Di-la amiúde. Quando e se for ele a falar do assunto, evidentemente.

Nunca, nunca, puxes o assunto.

Já agora, este princípio vale para muitas outras coisas. Não sejas a primeira a dizer «Amo-te». Não queiras ir viver com ele. Não queiras saber «em que ponto estão as coisas». Porque haverias de ser tão terrivelmente carente? Não o pressiones. Ele é o teu namorado! Era o que querias, não era? Porque é que nunca nada é suficiente para ti? DEUS DO CÉU! Assegura-te sempre de que cada passo que a relação avança é inteiramente ideia dele. Faz de conta que nunca pensaste sequer no assunto. Sê descontraída. Consegues ser descontraída, certo? Vou dizer-te quem consegue ser descontraída — as mulheres que têm potencial para Boas Esposas, caramba! Espera por ele. Aprecia simplesmente o momento. Repara, é um gigantesco teste cravejado de minas terrestres onde as regras estão constantemente a mudar e, se deres cabo de tudo, é provável que venhas a morrer sozinha, que tenhas de congelar os óvulos, que não tenhas dinheiro para os

congelar, e se tiveres, que tenham só uma taxa de 26 por cento de sucesso. Mas não deixes, *de maneira nenhuma*, que ele saiba que sabes disto e concentra-te, porque é mesmo realmente importante que não lixes este gigantesco teste — e não te esqueças DE TE DIVERTIRES, ESTÁ BEM? NÃO ENTENDO POR QUE RAZÃO NÃO ESTÁS A DIVERTIR-TE COM ELE.

Ah, e também, não sejas chata*. Ninguém quer ter uma namorada chata, cabra, choramingona e controladora. Como te atreves a recompensar a generosidade que ele teve para contigo ao tornar-te sua namorada com *chatices*? Põe-te no teu lugar e mostra um pouco de gratidão, caramba!

*«Ser chata»: Expressar desagrado perante qualquer comportamento legitimamente inaceitável e perguntar com educação se tal comportamento pode ser mudado, uma vez que te deixa profundamente infeliz.

Vá, dá um soco no saco! Soca-o! Deixa sair tudo, deixa sair tudo, deixa sair tudo.

Imagino o rosto do Ryan. Dou pontapés e solto grunhidos. Transpiro. Dou socos.

Porquê, porquê, porquê, porquê, porquê? Eu, eu, eu, eu, eu?

Soco, soco, soco.

Porquê, porquê, porquê.

Pontapé, pontapé, pontapé.

Eu, eu, eu.

A minha testa tem a sua própria torneira de suor. Nunca na minha vida pareci tão feia, mas não me importo com nada. Atiro o corpo contra o saco. Ele nunca cede. Nunca. Consegue aguentar com todos os socos que lhe dou.

Porquê eu, porquê eu, porquê eu?

Não é justo, não é justo, não é justo, não é justo.

Eu sou uma pessoa boa e não mereço nada do que me aconteceu, mas a verdade é que aconteceu e NÃO É JUSTO.

Soco, soco, soco.

— Pronto, April... Está tudo bem. — A Charlotte agarra o saco, impedindo-o de continuar a balançar. Faz-me parar. Abraça-me. — Eu sei — diz ela, esta mulher com quem só estive duas vezes. — Eu sei, eu sei.

— Não é justo — murmuro para o ombro húmido dela.

— Pois não. Não é mesmo. Mas está tudo bem — encoraja-me ela, acariciando-me as costas e o cabelo. — Vai ficar tudo bem.

Joshua: Olá, namorada minha. Como correu a aula de boxe? Beijo

Gretel: Bem, foi maravilhosa! Uma risota! Beijo

De: ChrissyHartley123@gmail.com

Para: AprilS1987@gmail.com

Assunto: Este fim de semana

OH, MEU DEUS, April! NÃO ACREDITO QUE É AMANHÃ.

O que está a ACONTECER à minha vida? É verdade, obrigada por teres enviado o dinheiro. Mal posso esperar por te ver, fofa. Beijinhos

*

Megan: Não consigo acreditar que me vais deixar aqui no meu leito de dor para ir para uma despedida de solteira — de todas as coisas que podias fazer!

Megan: Com quem vou julgar o Dawson?

Megan: ELE É TÃO FÁCIL DE JULGAR.

Megan: Achas que o Malcolm tem uma namorada nova?

Megan: PORQUE É QUE NÃO ESTÁS AQUI PARA ME TIRARES O TELEMÓVEL E IMPEDIRES QUE O PERSIGA ONLINE?

April: Desculpa, o comboio estava a atravessar um túnel. Não. O. Persigas. Tu NÃO és essa pessoa.

Megan: Bem, acabei de ir ver o que ele anda a fazer, por isso sou completamente essa pessoa.

Megan: Não há sinais de namoradas novas, por isso, tudo bem.

Megan: Embora ele tenha ido ao Sushi Samba sem mim e eu pensei que aquele era o NOSSO sítio.

Megan: Eu não signifiquei absolutamente nada para ele, pois não?

April: Oh, querida... Beijinhos

A cidade de Brighton está a rebentar pelas costuras com veraneantes. Uns estão de férias, outros foram passar apenas o dia, outros ainda procuram apenas o sol. E depois há as despedidas de solteiras. Na verdade, assim que saio para o calor abrasador que paira na plataforma da estação dos comboios, sinto que estou a entrar numa espécie de linha de montagem de despedidas de solteiras. De todas as carruagens, saem magotes de mulheres agarradas a garrafas de *Prosecco* quase vazias; e os diferentes grupos só se conseguem distinguir pela escolha de faixas que usam. Algumas cor-de-rosa, outras pretas, outras decoradas com pénis de cartão. As futuras noivas estão no centro da corte com os seus véus baratos, arrastando os pés montadas em sapatos inapropriados enquanto se sentem as mais especiais, devidamente marcadas para assegurar aos mirones próximos que as observam como são especiais. *Vejam só este véu barato que comprei na SolteirasNuncaMais.com. Significa que alguém me achou aceitável para casar. Alguém neste mundo aprova-me tanto que quer casar-se comigo. Inchem, cabras! Inchem e não chorem. Tudo o que fiz foi com este objetivo.*

Desvio-me delas e das comitivas devidamente identificadas como «Equipa da Noiva» com os corpos cheios de tatuagens temporárias, sentindo-me vagamente nostálgica pelas muitas noites, há quatro anos, em que também tive estas tatuagens coladas na cara. Aqueles verões em que os casamentos se sucediam uns aos outros já são uma coisa do passado, e é engraçado, mas na altura não os achei eventos difíceis de aguentar. Ainda havia muito tempo para presumir que «a minha hora ia chegar». Que era exatamente o que me murmuravam as noivas das despedidas de solteira a que ia, sempre a agarrar-me pelos ombros enquanto me diziam como eu era espantosa, bondosa, bonita e esperta: «Vai acontecer para ti também, não tenho a menor dúvida.»

Uso o telemóvel para descobrir o caminho para o restaurante onde a sofisticada despedida de solteira da Chrissy vai decorrer, avançando

aos encontros pelas pessoas escaldadas do sol e de chinelos que entopem os passeios. Cheguei deliberadamente mais tarde para fazer com que a noite fosse tão breve e indolor quanto possível. A Chrissy é uma amiga «anómala», porque sempre fomos muito próximas, mas não temos mais amigos absolutamente nenhuns em comum. Conhecemo-nos num verão em que estávamos a trabalhar no mesmo sítio, demo-nos bem e desde então permanecemos próximas. Encontrávamo-nos várias vezes por ano enquanto estávamos na faculdade, acabadas de entrar os 20, partilhámos a crise de um quarto de século aos 25 e os anos de pânico à medida que os 30 se aproximavam. A Chrissy sempre foi extremamente inteligente e agora é uma advogada de topo que se especializa em direitos de autor. E, não obstante, sempre foi uma solteira inveterada — isto é, até há dois anos, quando conheceu o Mark num casamento. Enfim, basta dizer que enquanto subo as escadas até ao restaurante grego e entro numa sala cheia de mulheres de 30 e poucos anos, não conheço ninguém.

— April! Olá! Chegaste! — A Chrissy atravessa a sala ruidosamente nuns sapatos em que não sabe definitivamente andar e envolve-me num abraço apertado. — Meninas, esta é a minha amiga April — anuncia, levantando o meu braço no ar.

Aceno a toda a gente e sou passeada pela sala; ouço nomes dos quais não me vou lembrar, mas que terei demasiada vergonha para voltar a perguntar. As mesas foram dispostas num enorme círculo para se obter o máximo de coerência no grupo e há fotos engraçadas da Chrissy espalhadas por aqui e por acolá para servirem de incentivo à conversa. Mas não há *confettis* em forma de pénis, nem faixas para usar ao ombro. A Chrissy está a usar um véu bonito e não vejo em lado nenhum tatuagens a dizer «Equipa da Noiva». Numa das extremidades da sala há um ecrã e um projetor montados e a aparelhagem toca uma seleção cuidadosa das músicas favoritas da Chrissy — principalmente músicas do Jack Johnson.

— Olá, sou a April — repito uma e outra vez. Cumprimento as pessoas, pergunto como conhecem a Chrissy. Há um grupo de outras-advogadas-do-escritório, um grupo de amigas-da-faculdade, o grupo de amigas-da-terra, e o constrangedor grupo de amigas-e-familiares-

da-Chrissy-e-do-Mark.

— Oh, és a irmã mais nova do Mark? Ele é maravilhoso, não é? É simplesmente maravilhoso.

— Também és advogada? Ah, certo, muito bem. Em Londres? Sim, claro. Não, na verdade, a viagem de comboio até não foi muito má, pois não? Vives em que zona de Londres?

— Ah, cresceste com a Chrissy? Que engraçado que lhe chames Tina. Não, para mim sempre foi Chrissy. Então, o que fazes? Oh, tens dois filhos? Sim, adoraria ver uma fotografia Oh, são tão queridos. Muitos parabéns.

— Eu? Não. Não sou casada. Também não, não tenho filhos. Sou só eu.

— Aquela garrafa de *Prosecco* já acabou? Não? Ótimo. Sim, se puderes passar-ma.

— Pedimos outra garrafa?

Eu nunca gostei muito de *Prosecco*, sempre me soube a mijo vertido num riacho de refrigerante, mas está incluído no valor que pagámos pela refeição, por isso marcha. Bebo um copo, a seguir outro. Os meus dentes começam a doer-me de tanto açúcar que passa por eles e vou fazer um chichi que não preciso de fazer, só para ter um tempinho para me recompor.

Megan: Está a ser mau?

April: Estou sentada na sanita, a fazer um chichi não urgente.

Megan: Então está a ser mau.

April: São todas muito simpáticas. Mas também são todas... muito adultas.

Megan: Elas que se fodam!

Megan: Elas que se fodam todas!

Megan: Incendeia essa merda desse sítio e pronto!

April: Estás bem?

Megan: É evidente que não.

Megan: Mas, por outro lado, estou. Vai lá divertir-te, vá. Beijo

April: Duvido que isso aconteça.

No instante em que estou a limpar-me, recebo uma mensagem do Josh.

Joshua: Já apareceu o mordomo só de avental? Espero que estejas a divertir-te. Beijo

Gretel: Estou a divertir-me muito, obrigada! Ainda não há nudez a registar, mas também são só 19h30. Tem uma boa noite com o Neil. Beijo

A parte mais útil de ficar sentada ao lado de mães é que basta fazer uma ou duas perguntas cuidadosamente selecionadas e depois não temos de falar, pensar ou fazer o que quer que seja durante uma boa hora, mais coisa menos coisa. Fiquei sentada com as amigas da terra, todas com pelo menos dois filhos cada, cujas fotografias vejo nos telemóveis das mães.

— E já dormem a noite inteira seguida? — pergunto e, vejam e rejubilem, temos conversa para encher chouriços até as entradas chegarem, um pouco depois até. Recebemos um prato com três folhas de videira recheadas, em cama de alface e lâminas de cebola vermelha. Pegamos nos talheres e fazemos de conta que isto é uma entrada adequada para o preço de 40 libras por pessoa; enquanto isso, vou ouvindo falar dos poderes dos aparelhos de ruído banco.

— Uau, nunca tinha ouvido falar disso. É espantoso. Vou guardar a referência. — Trinco uma garfada de folha de videira amarga e mole e ouço as amigas da Chrissy a falar de espaços para bebés e de como tem sido difícil para as crianças pequenas este calor.

— Como estão as coisas por aqui? — pergunta a Chrissy, que anda a fazer a ronda das mesas entre a entrada e o prato principal. O seu olhar é frenético, fala alto e de modo agitado, certificando-se de forma tão determinada que estamos todas a divertir-nos tanto, que ela parece não estar a divertir-se nem um pouco. Senta-se ao meu lado e sirvo-lhe um copo de *Prosecco*.

— Ah, não! Já bebi demais.

— Pois, é a tua despedida de solteira. — Encho o meu próprio copo. Já deve ser o quarto que bebo. Sinto-me quente e a achar que, afinal, os meus problemas estranhos não são assim tão maus.

— E *tu*, como estás? — pergunta ela, com o braço sobre o meu ombro, e sinto o aroma do vinho gaseificado no seu hálito. — Não nos vemos há uma eternidade, April.

— Pois não. Eu estou bem. Oh, meu Deus, Chrissy, vais *casar-te*!

Ela tapa o rosto com o véu.

— Eu sei. É *esquisito* como a merda, April. Eu, EU? Alguma vez imaginaste que isto ia acontecer?

— É claro que sim.

— Mesmo depois do Sven?

— Especialmente depois do Sven. Ele foi o fundo do poço em que precisavas de bater para encontrares o portal para a evolução.

Seguem-se abraços, apertos e *Prosecco* pelas gargantas abaixo.

— Oh, eu adoro-te. E tive tantas saudades tuas! Fico tão feliz por teres vindo. Como está a tua... Oh, meu Deus, ROCHELLE! Como ESTÁS? Como estão os meninos? Estou tão feliz por teres vindo. — E sou posta de lado. A Chrissy agora tem a Rochelle do aparelho de ruído branco presa no seu abraço de lula e deixa-me de copo na mão, que por acaso está novamente vazio.

Fico sentada a olhar para nada durante um instante, antes de inspirar e de me virar para o outro lado, onde está uma mulher de cujo nome já me esqueci.

— Então — pergunto, a sorrir. — Os teus filhos já falam? Bola? Já sabem dizer bola? Oh, sim, que amoroso.

Às 20h30 já está toda a gente um pouco bêbada demais para apreciar a *nouvelle cuisine* de espetadas de *halloumi* num pequeno monte de *plaki* gigantes.

— *Halloumi!* — grita uma advogada ébria. — Adoro *halloumi*.

— Eu também. É o melhor, não é? Adoro como guincha.

A mesa une-se pelo amor que partilhamos por este queijo. Enfiamo-lo na boca com as mãos e falamos com a boca cheia. Alguém aumentou o volume da música, por isso temos de gritar para nos ouvirmos. Ninguém come o feijão. Um empregado de mesa traz uma bandeja com garrafas de *Prosecco* e todas o aplaudimos. Quando os gelados são colocados à nossa frente, já somos todas as melhores amigas; os grupos estão todos misturados a falar de como o queijo é bom e a perguntar «alguém quer provar do meu gelado?» Trocamos de lugares e partilhamos histórias de como a Chrissy é espantosa. «Ela é tão espantosa, não é?» «Oh, se é, é mesmo espantosa. A mais

espantosa de todas.» O gelado derrete e transforma-se em sopa nas taças de vidro, até sermos arrancadas da nossa névoa ébria com três palmas vigorosas.

— Muito bem, meninas. — Uma das amigas advogadas, acho que o nome dela é Janet, está de pé ao lado do projetor, que agora é uma gigantesca moldura com a cabeça do Mark. — Agora que já comemos, está na altura dos jogos. O Sr. e a Sra.! — Toda a gente começa a aplaudir e a soltar vivas. — Chrissy, traz-me esse rabo arrebitado até aqui.

A Chrissy passeia-se vagarosamente com o seu véu de tule e deixa-se cair em cima de uma cadeira, a rir. O rosto dela está corado do vinho e da felicidade. Tenho uma recordação súbita dela durante o ano do Sven e sinto uma alegria profunda por ela estar aqui, neste ponto da sua vida. Bem, parece ser um bom ponto, pelo menos. De cada vez que nos encontramos ela queixa-se um pouco do Mark e da sua falta de afeto verbal, mas mesmo assim, se concordou em casar com ela, deve sentir-se vagamente afeiçoado à Chrissy.

— Fizemos algumas perguntas sobre a nossa menina Chrissy ao adorável Mark e agora ela tem de tentar adivinhar o que ele respondeu. Se errar na resposta, bem... — A Janet levanta uma garrafa de *Sambuca* já sem rolha. — SHOTS!

A Chrissy esconde o riso com a mão enquanto nós batemos com os pés no chão.

— Agora até estou com medo.

— Vá lá, vamos jogar. — A Janet abre o portátil que está ligado ao ecrã e descongela o Mark que nos acena.

— Olá, meninas. Espero que estejam todas bem e embriagadas.

Ah! Ah! Ah! Ficamos todas tão excitadas com esta mensagem. O Mark pôs a câmara num ângulo esquisito e o seu queixo parece gigantesco. *Ele não é o homem mais atraente do mundo*, dou por mim a pensar. Não quando comparado com a Chrissy, que é uma deusa ruiva. O Mark parece que já não tem cabelo há uma eternidade, e o seu olhar tem uma expressão permanentemente triste.

Então, a primeira pergunta aparece no ecrã gigante numa letra rebuscada.

— Que roupa tinham vestida no vosso primeiro encontro?

A Janet repete a pergunta em voz alta e todas esticamos o pescoço para olhar para a Chrissy, que está a rir-se com histeria por ter toda a atenção focada nela.

— Então? — pergunta a Janet.

A Chrissy bebe um gole de vinho.

— Ficarei muito surpreendida se ele acertar nesta — diz. — Hum, ele trazia calças de ganga e uma t-shirt do *Rick and Morty*, porque me lembro distintamente de que a roupa me desiludiu. — Com tanto álcool que já bebemos, todas achamos a resposta hilariante. — E eu tinha o meu vestido de ganga, com sapatos amarelos. Era a roupa que usava sempre nos encontros de verão.

— Achas que ele se vai lembrar disso?

Ela abana a cabeça.

— Não há a menor hipótese. Mas vai lembrar-se da sua t-shirt. Continua a adorar a merda da t-shirt.

— Bem, vamos ver o que o Mark respondeu.

O Mark é novamente tirado de pausa.

— Ela vai pensar que eu não me lembro — assegura ele. — Mas é claro que ambos nos lembramos da minha t-shirt à prova de bala do *Rick and Morty*. — Ah! Ah! Ah!, gritamos todas. — Mas a Chris tinha um vestido azul mesmo muito bonito. E uns sapatos amarelos; lembrome de pensar que gostava mesmo daqueles sapatos amarelos.

O público uiva, o público aponta. Damos por nós a entoar: «BEBE, BEBE, BEBE» enquanto a Chrissy guincha «Não acredito que ele se lembra!», antes de emborcar o obrigatório shot.

Olho para ela enquanto ela contempla o Mark, que está mais uma vez parado num instante estranho, com a boca de lado.

— Oh, Marky — murmura para o ecrã e, ao ouvi-la, os meus olhos não ficam tão secos como estavam há dez minutos.

Ambos se lembram do primeiro beijo na paragem do autocarro número 8 e foi o Mark a tomar a iniciativa. O hábito mais nojento do Mark é cortar as unhas para a sanita e não puxar o autoclismo a seguir. O da Chrissy é mexer nos pés quando está na cama. O Mark não sabe o tamanho do soutien da Chrissy. «Hum, copa E?», alvitra.

Todas soltamos gritos, porque a Chrissy nunca na vida teve mais do que copa B. «Quem me DERA, companheiro», grita ela, levantando-se e batendo no ecrã. «BEBE, BEBE, BEBE.» Mas ele sabe exatamente como ela gosta do chá: com duas colheres de açúcar. E que ovos pede quando vão ao *brunch*: escalfados em pão ázimo. E que o filme favorito dela, sem qualquer vergonha, é o *Titanic*. E que a sua posição sexual favorita é por cima. Ambos adivinham corretamente que o hábito mais irritante da Chrissy é usar maiúsculas nas mensagens. Ambos contam a história do pedido de casamento da mesmíssima forma, incluindo a parte de como tiveram de contrabandear o anel para passarem na alfândega, porque o Mark não sabia que tinha de o declarar. À medida que as perguntas se sucedem, a minha garganta começa a comprimir-se, os olhos ardem-me e a emoção queima-me o estômago. O queixo do Mark já não me parece tão gordo e já não acho os seus olhos tão tristes. Imagino-o a programar a gravação deste vídeo na sua agenda, conspirando secretamente com a Janet para escolherem uma altura em que a Chrissy não estivesse no apartamento. A Chrissy está igualmente enfeitiçada. Em pelo menos duas ocasiões diferentes, estende a mão e acaricia a projeção do rosto do noivo. Não está a beber shots quase nenhuns, porque eles acertam as perguntas praticamente todas.

Não consigo aguentar mais isto.

Espero impacientemente que a Chrissy erre numa resposta e uso os gritos excitados de «BEBE, BEBE, BEBE» para sair da sala, com o estômago às voltas e as mãos a tremer. O corredor do restaurante rodopia quando a minha bebedeira me assalta e cambaleio, meio agarrada à parede, até à casa de banho; fecho-me num cubículo.

Aqui, tento digerir a inveja vergonhosa que nasceu dentro de mim. Este desejo que não me abandona as entranhas, por muito que tente escorraçá-lo. Sento-me com as cuecas à volta dos tornozelos, urino com o corpo inclinado para a frente para conseguir apoiar a cabeça nos joelhos.

Não que não esteja feliz pela Chrissy — é claro que estou!

Não que queira casar-me com o Mark — é claro que não quero!

Não é por ela ter um anel de diamante no dedo, ou um vestido

branco para usar daqui a duas semanas, ou a lua de mel de uma vida logo a seguir.

O que me magoa é o que *eles sabem um sobre o outro*.

Porque em toda a minha vida romântica nunca houve ninguém que me conhecesse como o Mark conhece a Chrissy e como a Chrissy conhece o Mark. Também quero que alguém saiba tudo sobre mim, também quero ser amada por inteiro. Também quero ser aceite por inteiro. Quero ter alguém na minha vida que me conheça profunda e completamente, que tenha ganhado o privilégio de me conhecer ao permanecer comigo enquanto eu revelo devagar tudo o que sou. É algo que só cresce com tempo e empenho, com dedicação, e que só acontece quando alguém decide que nós valem os investimentos. Alguém que saiba que as pequenas coisas que vai descobrir sobre nós só farão com que nos ame mais, não menos. Eu não tenho isto, nunca tive. Acho que nunca vou ter...

A Megan atende o telefone rapidamente. Nem sequer me tinha apercebido de que estava a ligar-lhe, até ela atender.

— Estou? April?

— Ele... ele não me conhece — arrasto as palavras. — Ele não sabe nada sobre mim.

— Estás a falar de quê? Está tudo bem? Onde estás? Continuas na despedida de solteira?

— O Joshua! — grito, com a minha voz a ecoar nas paredes metálicas do cubículo. — O Joshua não me conhece nem um pouco.

— Quem diabo é o Joshua? Ah, espera, é aquele tipo que estava no nosso apartamento no outro dia?

Assinto.

— April?

— Ele não me conhece, Megan. — A minha voz continua a quebrar-se. — Ele pensa que eu sou a Gretel. Ele só gosta de mim porque acha que sou a Gretel. — O ranho sai-me do nariz e quando me toca nos lábios é amargo, apesar de não estar exatamente a chorar. — Pensei que se fosse a Gretel, iria sentir-me bem comigo mesma, mas só me fez sentir ainda pior porque ele só gosta de mim porque... porque, ele... ele pensa que eu sou *ela*.

— Eu estou completamente perdida nesta conversa, querida. Não percebo uma única palavra do que tu estás a dizer, mas percebo que estás a sofrer.

— Ninguém me conhece — choro, e a minha voz é um lamento agudo.

— *Eu conheço-te.*

— Tu não contas.

— Olha, obrigadinha, April.

— Eu não sou a April, sou a GRETEL, o problema é esse.

— Fofa, agora estou preocupada contigo. Estás sozinha? Estás em segurança? Pareces-me mesmo muito embriagada. Se quiseres vir para casa, eu estou no nosso apartamento. Eu adoro-te. Eu adoro-te. E vai ficar tudo bem. As despedidas de solteira são pesadelos cheios de gatilhos e não há problema nenhum se quiseres vir para casa. Diz que ficaste indisposta ou qualquer coisa do género. Eu adoro-te.

As palavras da Megan são imensamente bondosas, mas não me servem de muito.

— Tenho de ir, Megan.

— April!

— Desculpa, eu estou bem. Estou bem. Estou em segurança. Desculpa. Eu adoro-te.

— April, espera...

Desligo.

Fico a olhar para o telemóvel.

Não quero sentir-me assim, perdida e patética: a personificação do cliché de alguém que foi deixado numa prateleira onde não quer estar. Uma minúscula parte de mim questiona-se se isto será uma boa ideia, mas a outra parte do meu cérebro já marcou o número dele. Sento-me direita na sanita enquanto o telemóvel toca, as cuecas ainda a adornar-me os tornozelos. Fungo e limpo o rosto.

— Gretel?

— Adivinha quem está bêbeeeeda? — Eu sou imensamente alegre e divertida e estou a passar momentos absolutamente brilhantes nesta minha vida maravilhosa.

Sinto o sorriso do Joshua a surgir do lado de lá da linha.

— Oh, olá, miúda — diz ele. — Espera um pouco, estou no bar com o Neil, mas vou num instante à rua.

Percebo que também estou a sorrir. Limpo-me enquanto o ouço a dizer ao parolo do Neil que sou eu ao telefone. Seguro o telemóvel entre o rosto e o ombro e puxo as cuecas para cima, descarrego o autoclismo e saio do cubículo. Estou mesmo a acabar de lavar as mãos quando ele volta à chamada.

— Já estou aqui. Olá. Não estava à espera de ter notícias tuas.

— Senti a tua falta — digo. Que querida, tão, tão querida, caraças.

— Alguém andou a beber um bocadinho.

— Pois, isso também é verdade.

— Já alguém enfiou uma palhinha em forma de pénis pela vagina acima, ou lá o que vocês fazem nas despedidas de solteira?

— Joshua, isso nunca, nunca aconteceu numa despedida de solteira. Bem, pensando melhor, é provável que já tenha acontecido.

Ele solta uma gargalhada porque eu sou tão espirituosa, engraçada, fixe e brilhante, uma pessoa maravilhosa com a qual conviver.

— E eu a pensar que andava a perder alguma coisa.

Olho para o meu reflexo ao espelho. A maquilhagem já está borrada, o cabelo transpirado, o vestido colado ao meu corpo pegajoso. O rosto inchado. Todo o meu aspeto se resume numa palavra: «desgraça». Pestanejo duas vezes e imagino como ele pensa que a Gretel está agora: a sorrir amplamente, o cabelo caído sobre um ombro bronzeado, uma expressão marota nos olhos. Caramba, os olhos dela até devem cintilar, apesar de isso não acontecer aos olhos das pessoas reais. Nunca na história de todas as despedidas de solteira, houve uma que tenha forçado a Gretel a pensar nas escolhas que fez na vida e nas suas perspetivas românticas. Volto a pestanejar e vejo a Gretel a formar-se do outro lado do espelho. Acena-me. Pisca-me o olho e eu dou por mim a piscar-lhe o olho também.

— Só te estou a ligar para te dizer coisas porcas ao ouvido — observo a Gretel a dizer para o telemóvel, com ar sedutor.

Mais gargalhadas.

— Se é este o resultado, posso arranjar-te mais umas despedidas de solteira para ires?

— Porque não estás aqui agora? Há tanta coisa que gostava de te fazer.

Ouç-o engolir em seco.

— Ah, sim? Como por exemplo?

— Faço tudo o que tu quiseses. — Dou o meu melhor para manter a resposta vaga, deixá-lo preencher as lacunas com o tipo de pornografia que gosta de ver e que depois o faz sentir vergonha.

— Muito bem, e agora estou com uma ereção muito inapropriada no meio do Soho.

— Não existem ereções inapropriadas no Soho.

— Como é que consegues ser completamente deslumbrante e divertida ao mesmo tempo, Gretel? Isso não é justo para um homem.

Volto a sorrir e o meu reflexo sorri também. Aquele batom vermelho fica-lhe realmente bem. Nunca tinha tido confiança suficiente para usar batom vermelho.

— Estás a pensar em quê? — pergunta a Gretel.

— Em coisas que não ajudam em nada a acabar com esta ereção. Com franqueza, tive de me virar para a parede e tudo.

— Quem me dera estar aí. Podia fazer muitas coisas contra essa parede.

— Por favor, mete-te neste instante no comboio para Londres. Eu disse «por favor» e tudo.

— Desculpa, mas não vai dar. Mas espera só pela próxima vez que te vir...

Desligo a chamada a meio da frase, interrompendo-o e à sua ereção. Rio-me ao pensar como é fácil fazer com que os homens acreditem nos nossos fingimentos. Componho o meu aspeto real. Limpo as partes arruinadas do rosto, limpo a maquilhagem borrada e viro a cabeça por baixo do secador de mãos, para revigorar o cabelo.

Agora, uma April um pouco melhor fita-me ao espelho. Não é tão boa como a Gretel, mas está muito melhor. É uma April que vai conseguir aguentar o resto da noite. O meu telemóvel vibra.

Joshua: Vou estar a pensar em ti a noite toda. Beijos

Sinto-me realmente melhor.

Embora receie que uma parte de mim também vá estar a pensar nele toda a noite.

Afinal, acabamos por ir para uma discoteca.

Livramo-nos das mãos que estão a amamentar e daquelas que só conseguiram babysitters até à meia-noite, e vamos para uma discoteca pavorosa qualquer junto à praia, onde todas as despedidas de solteira se congregaram numa espécie de competição. São todas muito mais novas do que nós. Algumas raparigas estão obviamente na sua primeira e excitante despedida de solteira — decoradas com purpurinas, pénis e faixas já amarrotadas, com os poucos vestidos elegantes que chegaram ao fim da noite também já menos apurados. Mas estamos demasiado embriagadas para nos preocuparmos com estas coisas — dançamos num pequeno círculo à volta do monte das nossas malas, enquanto nos debruçamos umas para as outras a gritar: «Não conheço nenhuma destas músicas!»

Agora estou na praia, a fumar um *Marlborough* de mentol, apesar de nunca na vida ter fumado um cigarro. A Chrissy está sentada ao meu lado, também a fumar. Tirámos os sapatos e estamos com os dedos enterrados na areia grossa e fria.

— Não acredito que me vou casar — diz ela para o rugir suave do mar, antes de esconder a cabeça no meu ombro.

— Pois... Eu também não acredito que te vais casar, Chrissy. — Dou-lhe uma palmadinha no cocuruto da cabeça com a mão que não segura o cigarro.

— Pensei mesmo que as minhas hipóteses se tinham esgotado. Depois do Sven. Quando o deixei, deixei-o sabendo que ele era provavelmente a minha única oportunidade.

— E agora olha bem para ti.

Ela atira os braços para o ar e o cigarro desenha uma linha de luz no meio da escuridão.

— VAI-TE FODER, SVEN, AFINAL JÁ NÃO VOU SER UMA SOLTEIRONA! — grita para o mar escuro. Gritos de viva e aplausos de outras pessoas inebriadas que estão por ali ecoam até nós antes de

desatarmos a rir.

— O Sven era um cabrão — digo-lhe.

— Era *tão* cabrão.

— Lembras-te daquela vez em que o cabrão se esqueceu do teu aniversário?

— E ainda conseguiu culpar-me por estar a «stressá-lo»?

Abanamos a cabeça e inalo uma inexperiente passa do cigarro, sugando o filtro de menta, enquanto tento lembrar-me de como este cigarro chegou às minhas mãos. Começo a tossir.

A Chrissy desata a rir-se e a seguir tosse também.

— Bem, nós estamos cá num estado — diz, apagando o cigarro dela.

— Mas parecemos ser tão fixes!

Ela pega no meu cigarro e apaga-o, depois segue-se um momento de calma em que as ondas se quebram delicadamente contra as pedras e o som se mistura com a batida distante que se ouve vinda da discoteca.

— Não acredito que me vou casar — murmura ela. — Tenho um vestido e tudo. É tão surreal.

— Mas estás entusiasmada?

— Sim. Acho que estou. Quero dizer, isto é tudo muito stressante. Parece um projeto gigantesco que tenho de gerir, e sabes como são as coisas com a minha mãe, com a esclerose múltipla dela e toda a preocupação de como vai conseguir lidar com o dia. Mas espero que corra tudo maravilhosamente.

— *Vai* correr tudo maravilhosamente! Qual é a parte que desejas mais?

Costumava fazer estas perguntas a mim mesma sobre o meu hipotético casamento. Durante aqueles momentos em que o planeava só na minha cabeça, como tinha sido ensinada a fazer desde que nasci com o sexo feminino. É claro que a resposta mais óbvia era aquela cena do filme *Vestida para Casar* — a expressão do rosto dele no altar da igreja quando vê a noiva pela primeira vez. É esta a baixa expectativa que as mulheres heterossexuais têm para si no que toca a feitos românticos: encontrar um homem que pareça estar satisfeito por se casar com elas no próprio dia do casamento de ambos. *Bem podes*

sonhar, April...

— Para dizer a verdade, é o discurso dele — diz a Chrissy, depois de pensar um pouco, interrompendo os meus pensamentos. — Estou mesmo ansiosa por ouvir o que ele vai dizer no discurso. — Pega numa pedra e aperta-a na palma da mão. — A questão é: eu sei que o Mark me ama. Ou melhor, tem de amar, não é? Vamos casar! Mas ele não é muito afetuoso... verbalmente, quero dizer. Já te contei que discutimos muito por causa disso. Por ele nunca me elogiar. Ele nunca diz coisas como «Amo-te» ou «Estás linda». Coisas assim. Ele diz que as palavras não querem dizer nada e eu até entendo o ponto de vista dele, por isso tudo bem. Não há mesmo problema nenhum. Quero dizer, preferia que ele me *dissesse* coisas bonitas, mas não faz parte da personalidade dele. O modo como me trata diz-me que ele me ama e isso é o mais importante, mas, enfim, o discurso vai ser um momento importante para mim. Porque ele vai ter uma oportunidade para dizer as coisas todas, sabes? Sinto que ele tem andado a poupar as palavras para aquele momento e isso faz-me sentir bem e apreciada. Achas que isto é estúpido?

Acarício-lhe o cabelo.

— Não acho nada estúpido.

— Estou mesmo ansiosa por esse momento.

Viro-me e seguro-lhe no rosto com as mãos em concha, como se fosse a protagonista num filme romântico.

— Tu és linda, Chrissy — digo com uma voz grossa. — És tão inteligente, bondosa e eu tenho uma sorte imensa por te ter na minha vida.

Ela começa a rir-se e eu faço o mesmo.

— O mais engraçado é que, apesar de seres uma rapariga e de estares a brincar, sabe mesmo bem ouvir essas palavras — diz ela com uma gargalhada, antes de se atirar a mim num abraço, com o cabelo a enfiar-se no meu nariz. — Desejo muito, muito que também possas passar por isto — diz ela a meio do abraço, apertando-me ainda mais. — E vai acontecer, querida, prometo. Tu és demasiado espantosa para ficares sozinha.

O abraço é sufocante. Sinto um impulso profundo de a empurrar, de

a atirar para o mar. Fecho os olhos com força e sinto o estômago a contrair-se. Não gosto de ser aquela amiga de quem se tem pena. Não suporto o facto de me ter tornado uma dessas mulheres.

— Na verdade, conheci uma pessoa.

A Chrissy afasta-se.

— O quê? — Os seus olhos refletem a luz da lua.

— Ainda é muito recente. Ele chama-se Joshua.

— Oh, meu Deus, porque é que não me contaste nada?

— Porque é a tua despedida de solteira. Esta noite não é sobre mim, é uma noite só tua.

— Mas eu quero saber. Uau! Joshua! Que nome fantástico.

— É, não é?

— Vá, conta-me tudo! — A Chrissy agarra as minhas mãos. Ela está tão feliz por mim, por ter chegado lá. Bem, por ter uma possibilidade de chegar lá.

— Ainda não há muito para contar. Como disse, é uma coisa relativamente recente. Ele é programador informático. Hã, tem o seu próprio apartamento...

— Que maravilha, que maravilha. Tens fotografias?

Pego no telemóvel e abro uma *selfie* que ele me enviou no outro dia, enquanto estava a «treinar caminhando» em Hampstead Heath.

— Aqui está um pouco transpirado.

Ela arranca-me o telemóvel da mão.

— Ohhhh, é giro! Gosto da expressão do rosto dele. Parece ser uma pessoa bondosa. Tens mais alguma? — Começa a passar as minhas fotografias, encontra mais algumas, amplia para ver os detalhes e diz-me todas as coisas boas acerca do Joshua que consegue ler nas suas fotografias. Olho por cima do ombro da Chrissy e vejo-o novamente pelos olhos dela e sinto... uma onda de orgulho a invadir-me, um sorriso a rasgar-me o rosto e um calor a nascer nas minhas entranhas. Oh, céus, isto não é bom sinal. Não é nada bom sinal. E, no entanto, a sensação é *maravilhosa*.

A Chrissy devolve-me o telemóvel e dá-me um abraço.

— Fico tão feliz por ti — diz ela. — Tu mereces tanto isto.

Que coisa estranha de se dizer, penso, mas depois o pensamento

perde-se na névoa de *Sambuca*. Perde-se na sensação do momento. Que agradável que é ser a rapariga que encontrou o rapaz e que a relação dos dois pareça estar a encaminhar-se para alguma coisa boa. O alívio que isto provoca nos outros, em nós. Por instantes, dou por mim a flutuar fora do meu corpo e a observar-nos, duas amigas embriagadas, na praia, abraçadas enquanto partilham mexericos sobre os «nossos rapazes». A maravilha que é fazer parte de um momento destes.

Apesar de o momento não me pertencer a mim. Pertence à Gretel.

O abraço da Chrissy afrouxa e quebra-se e ela segura-me com os braços estendidos.

— Tens de o trazer contigo ao casamento! — diz, tão entusiasmada com a ideia que se podia pensar que havia descoberto a gravidade.

— O quê?

— Como teu acompanhante! Tens de o trazer.

Estou a olhar para as mãos, a contorcê-las em cima do colo, imaginando como hei de conseguir passar o dia todo sem que ninguém me chame April.

— Oh, não tenho a certeza se posso. Não sei. Quero dizer, ele é capaz de estar ocupado.

— Pelo menos convida-o. Que bom! Mal posso esperar para o conhecer. Eu *sabia* que isto ia acontecer contigo, April. Nunca perdi a esperança. Nem mesmo quando tu perdeste.

— Vamos entrar e procurar as outras meninas? — Já estou de pé, a virar-me apoiada nos calcanhares para soltar a areia que se refugiou nos dedos dos pés.

— Mas está tanto calor.

— Anda lá, noiva — estendo a mão para a puxar. — Só tens uma despedida de solteira na vida. — Ambas emitimos um esforço quando a puxo para cima.

— Esperemos que sim, que seja a única.

Entrelaçamos os braços, somos duas velhas amigas, e caminhamos pelas pedras a caminho da discoteca, deixando o oceano negro atrás de nós.

Cambaleio ao entrar no nosso apartamento com os olhos vermelhos e o fedor da noite anterior por todo o meu corpo. As nódoas negras ocasionais feitas durante a bebedeira mancham-me as pernas. Deixo os sacos caírem no chão e gemo.

A Megan vira-se no sofá.

— Estás com ar de quem vomitou as entranhas.

— Dói-me tudo. Estou demasiado velha para isto. Já era demasiado velha para isto quando tinha a idade considerada apropriada. Porque é que está tanto calor, caramba? Quando é que a merda desta onda de calor passa?

— Estamos mesmo bem-dispostas, não estamos?

— Não. É assim tão óbvio? — Descalço os sapatos e deixo-me cair ao lado dela. Devo cheirar mal, porque a Megan se afasta um pouco. Olho para a televisão. — Oh, é o episódio em que a Joey se solta um pouco e se torna a Outra Joey.

— Sim, está prestes a começar a cantar *Cheap Tricks* e a comportar-se como uma galdéria.

— Bolas, ela é irritante.

— A mais irritante de todas — confirma a Megan. — Quero dizer, eles chamam-lhe a Outra Joey, como se pudessem compartimentar as partes divertidas e fixes de uma rapariga e separá-las das partes mais difíceis... Espera lá... agora que penso nisso... — Aponta para o ecrã com a energia de alguém que não está de ressaca. — Quantas vezes já vimos esta cena noutras encarnações? — Viro a cabeça dorida para a Joey, que está a cantar no palco e a tirar a roupa, enquanto o Pacey olha para ela com ar adorador. — Há sempre uma mulher que está demasiado contraída ou presa, porque quer sair-se bem na escola, na carreira ou noutra coisa qualquer que seja considerada uma boa aspiração para se ter na vida. E depois aparece um idiota qualquer que lhe vira a vida de pernas para o ar para a fazer perceber a sua «verdadeira natureza». Só que a sua «verdadeira natureza» é sempre

uma parola meio galdéria embriagada, muito divertida, que adora tirar a roupa e dançar num palco enquanto toda a gente aplaude.

— Verdade — concordo, mas depois não consigo dizer mais nada. Todas as palavras me parecem impossíveis. Aninho-me nas pernas da Megan. — Megs? — começo.

— Sim.

— Tenho uma coisa para te contar.

Pressentindo alguma coisa na minha voz, ela pega no comando e faz pausa no *Dawson's Creek*.

— O que é?

— Se te contar, tens de prometer que não dizes nada.

— Não mataste um homem, pois não?

Levanto-me com dificuldade até ficar sentada com as pernas cruzadas por baixo do rabo, para encarar a Megan.

— Não, não matei um homem.

— Então o que foi? Podes contar-me.

— Eu... eu... — Saboreio este derradeiro instante em que o meu pequeno segredo ainda é só meu. Enquanto está em segurança no reino do meu conhecimento isolado. Fecho os olhos e abro-os. — Eu conheci um homem... O tal Joshua. — Os olhos da Megan arregalam-se. — Mas é complicado. Porque, bem... ele é o meu namorado, só que não é bem assim, porque eu tenho andado a fazer-me passar por uma mulher fictícia chamada Gretel. — Dito assim em voz alta ainda soa pior do que pensei.

A Megan levanta as sobrancelhas e enrug a testa.

— Certo — diz ela devagar, pegando numa almofada para abraçar. — Certo.

— É mau, não é?

— Acho que preciso que me expliques melhor. Embora já tenha ficado com uma ideia, depois da conversa de ontem à noite. Ligaste-me, lembraste?

Assim que o menciona, lembro-me. O nevoeiro da noite anterior levanta-se e de repente sou atingida pela memória das cuecas em redor dos tornozelos enquanto chorava sobre o facto de ninguém me conhecer a sério.

— Merda. Sim, desculpa. Não queria deixar-te preocupada.

Ela desvaloriza o meu telefonema.

— Então, quem é o Joshua? E quem é a Gretel? Não tiveste uma colega de trabalho que se chamava Gretel?

Tiro-lhe a almofada das mãos, abraço-a contra o peito e começo a contar-lhe tudo. Ela ouve-me e só me interrompe uma vez para dizer:

— Lamento tanto. Não fazia ideia de que estavas a passar por tudo isto.

— ... e, pronto, agora ele é meu namorado. E eu sou louca, Megan, sou verdadeiramente um caso clínico, certificado e grave.

Não me apercebo de que estou a esconder-me completamente atrás da almofada até a Megan a puxar para baixo, obrigando-me a olhar para ela. Não me diz: «É claro que não és louca.» Em vez disso, pergunta:

— Então estás a fazer isto porquê?

— Inicialmente foi para me vingar.

— Certo, para te vingares de quem?

— De todos os homens.

— Só isso?

Anseio por voltar a ter a almofada a esconder-me o rosto, abafando a minha vergonha. Falar disto faz com que seja real e a realidade do meu comportamento é aterrorizadora. Parece que me esmurrei a mim mesma com os meus atos.

— Eu pensei que era só isso — admito. — Estava tão cansada e só queria sentir que tinha algum poder numa relação. Qualquer poder... Mas agora... Bem, agora já não tenho a certeza, porque eu gosto mais ou menos dele. Ele não é assim tão mau. Tenho sempre vontade de passar tempo com ele; penso muito nele. Ironicamente, nunca me senti tão próxima de homem nenhum. E... gosto de *mim* quando sou a Gretel. Isto faz algum sentido? Só que depois também me odeio por não ser efetivamente a Gretel. Sinto que... sinto que a Gretel é a mulher que eu podia ter sido se não me tivessem acontecido tantas merdas más. Sempre que sou a Gretel, posso fazer de conta que nada do que me aconteceu é real. Mas aconteceu, foi real e eu nunca vou ser uma Gretel. Nunca vou conseguir ser como ela. O Joshua iria

odiar-me se me conhecesse como eu sou e iria pensar que sou louca, mesmo sem olhar para o facto de que tenho andado a fazer de conta que sou uma pessoa completamente diferente, porque eu tenho a cabeça completamente lixada. — A ressaca, a exaustão e estas perceções psicológicas juntam-se todas num caldinho que me empurra uma lágrima pelo rosto. A Megan atira-se a mim do outro lado do sofá e deixa-me chorar para o cabelo dela. — Eu sou tão louca — digo repetidamente. — Odeio ser tão louca.

Ela empurra-me para trás.

— Tu não és louca — murmura vezes sem conta. — Não és.

— Ando a fazer de conta que sou outra pessoa.

— *Todos* fazemos isso quando começamos a sair com alguém. Tu só levaste a situação ao extremo, mais nada. Pronto, mentiste acerca do teu nome e da cena de queres ir a África, mas não mentiste em muito mais coisas, pois não? Só te limitaste a esconder algumas partes de ti. Achas mesmo que este tipo, o Joshua, é exatamente a pessoa que demonstra ser? É claro que não! Ele está a mostrar-te as suas melhores partes. Está a esconder as merdas feias todas. Mas neste momento não quero saber dele, quero saber de ti. April. Querida. — Acaricia o meu braço com o dedo. — Eu acho que precisas de ajuda — sugere, as suas palavras saem-lhe mais baixas do que um murmúrio, são como flocos de neve que se derretem ao tocar no meu cabelo.

Eu.

Preciso.

De.

Ajuda.

Preciso.

De.

Ajuda.

— Eu sei que preciso. — É a primeira vez que digo uma coisa destas. Admitir isto magoa-me mais do que imaginei, é como se estivesse a tirar a camada superior da minha pele com um esmeril. — Desde que comecei a ir às aulas de boxe que ando a pensar nisso. As outras mulheres fazem todas terapia... Só que eu não tenho dinheiro.

— Eu pago!

Abano a cabeça.

— Isso é uma idiotice. Não tens de fazer isso.

— Porque não? Eu tenho dinheiro. Tenho uma quantidade estúpida de dinheiro. Mais vale ficares com uma parte para ti. Aquela senhora, a que faz o acompanhamento no trabalho, ela tem um consultório privado?

— Acho que sim... Sim, acho que tem. — Isto ficou tudo demasiado real, demasiado depressa. Encolhi as pernas e estou praticamente a enterrar-me na almofada do sofá.

— Bem, então pensa em marcar uma consulta. Ela já conhece a tua história, o que te poupa muito tempo.

— Sim, conhece. Mas eu não sei se quero, Megs. Não posso aceitar o teu dinheiro. Tu já me cobras uma renda tão baixa.

— Não sejas parva.

— Então, talvez possa pagar-te em prestações? Mas, bem, não sei se estou preparada para me livrar já da Gretel.

— E enquanto isso, vais continuar a encontrar-te com ele?

— Não sei. — A ideia de não voltar a ver o Joshua é demasiado dolorosa. Isto não é bom. Nada disto é bom. — Provavelmente — admito. — É uma má ideia?

— É capaz de ser. Mas não te posso dizer como deves viver a tua vida. Além disso, não faço ideia nenhuma de como se pode viver a vida.

Bocejo.

— Credo, estou tão cansada. Podemos não falar de mais nada hoje, por favor?

— Claro. E lamento. Eu adoro-te. Vai correr tudo bem.

— Espero bem que sim. — Enrosco-me de lado. Contei a alguém e a realidade é arrasadora. Hoje não me resta mais nada para dar. Tiramos o *Dawson's Creek* de pausa e vemos três episódios seguidos. A Megan é suficientemente bondosa para não me fazer mais perguntas e fala sobre o evento de lançamento que está a organizar. O domingo regressa à sua ordem domingueira perfeita. Só que não.

O meu telemóvel ficou sem bateria logo de manhã e só ao anoitecer consigo reunir energia para tomar um duche, desfazer o saco, que

fedo, e encontrar o carregador do telemóvel. Este vibra de imediato com uma mensagem do meu namorado.

Joshua: Que tal a ressaca? Quando te posso ver? Beijos

E como às vezes acontece na vida, quando há demasiadas emoções envolvidas, quando são demasiado fortes e contraditórias para fazerem algum sentido, a única coisa que se consegue sentir é o vazio. A única forma de se ultrapassar o vazio é continuar a fazer aquilo que andamos a fazer, mesmo quando sabemos que está errado.

Gretel: Desculpa. Fiquei sem bateria. A ressaca é brutal. Preciso de mimos, de atenção e de distração da minha dor. Tens alguma ideia?

Joshua: Hum, podes vir cá para casa de imediato?

Gretel: Já mandei vir o Uber. Beijo

April: BOA SORTE PARA O LANÇAMENTO DE HOJE. VAIS ARRASAR COMPLETAMENTE! EU ACREDITO EM TI, NO MEU PAI, O PETER PAN. Beijos

Megan: OHHH, tinha-me esquecido completamente do filme *Hook*!

Megan: Esse filme é esquisito como o raio.

Megan: Continuo sem acreditar que o borracho do Rufio morreu.

Megan: Ou que, naqueles tempos, era possível empurrar uma criança gorda aos reboleões pela prancha acima e depois deixá-la cair como uma arma...

Megan: De qualquer maneira, OBRIGADA. Estou a todo o gás e não tenho nada pronto ainda, além de que me ODEIO por ter deixado que um homem estúpido me distraísse, mas, se Deus quiser, vai correr tudo bem.

April: Vai correr melhor do que bem. Tu és maravilhosa. Beijos

Gretel: Olá. Então, a minha companheira de casa vai estar fora todo o serão, no lançamento de uma coisa do trabalho. Queres aparecer? Eu cozinho. Beijos

Joshua: Depende daquilo que vais cozinhar.

Gretel: Qualquer coisa rápida, para termos muito tempo para fazer sexo a seguir.

Joshua: Precisamos de comer antes?

Gretel: Podes sempre comer alguma coisa...

Joshua: A que horas posso chegar?

Gretel: A partir das 18h. Beijo

Joshua: Eu gosto de ti. Muito. Só para que saibas... Beijo

Estou novamente a fingir orgasmos.

O Joshua está a fazer exatamente o que fez da última vez, e da penúltima, mas não está a acontecer para mim. Atiro o cabelo para trás e faço com que o meu corpo trepide, porque sei que hoje não há a menor hipótese de isto acontecer. Não agora, que já pensei tanto sobre o assunto. Um orgasmo feminino é o oposto de uma árvore a cair na floresta — só existe quando *não* pensamos nele.

O meu fingimento faz com que ele se empenhe e atravessamos a meta ao mesmo tempo, colapsando num emaranhado de membros, a arquejar e quase a dar palmadinhas nas costas um do outro.

— Está quase demasiado calor para estas coisas — diz ele.

— Tu é que começaste.

Acho que já cumpri o requisito de galdéria; agora preciso de preencher o de carinhosa.

— Dá-me um instante e depois já posso cozinhar — digo.

— Tu és espantosa.

— Vamos ver primeiro como sai o jantar. — Levanto-me para fazer chichi, para não ficar com uma infeção urinária, visto as cuecas e o soutien enquanto me questiono por que motivo me sinto tão terrivelmente mal.

— Posso usar o teu chuveiro?

— Claro.

*

O Joshua aparece dez minutos depois, limpo e húmido, vestido apenas com uma camisa aberta e cuecas, com o estômago a saltar ligeiramente por cima do elástico.

— Uau, cheira muito bem. — Aproxima-se por trás de mim e beijame o cimo da cabeça enquanto eu mexo a comida na frigideira.

— É só um salteado. Mas cortei os vegetais sozinha.

— És uma mulher de múltiplos talentos.

— Se quiseses, podes pôr a mesa.

— É claro que sim, Sua Alteza.

Faço uma careta quando ele se afasta. Estou com raiva dele e sinto dificuldade em ultrapassar isto. Por algum motivo, a April está zangada e continua a tentar tirar-me as rédeas da minha vida. Ele assobia enquanto põe a mesa e eu viro a frigideira esquentante com a carne, o gengibre e os vegetais para cima dos *noodles*, misturo e distribuo o resultado em dois pratos.

— Tcharan!

— Está com ótimo aspeto, obrigado. — Ele estende a perna enquanto comemos e massaja-me o pé com o seu. Tento sorrir enquanto entalo o cabelo atrás da orelha. — Isto está mesmo bom, Gretel.

— É só um salteado.

— Está bem, mas mesmo assim está bom.

Trinco uma maçaroca de milho em miniatura.

— E há pouco também foi muito bom. — Assento em direção ao quarto, onde ainda se consegue ver a confusão dos lençóis.

— Sim, foi ótimo.

— Foi? — O pé volta a tocar no meu.

Componho o meu rosto com um sorriso antes de olhar para os olhos dele.

— Foi!

— Está bem.

Conversamos, mastigamos e engolimos. Pergunto-lhe como foi o dia dele. O gerente não está a ser muito simpático.

— Lamento saber disso. Que idiota. Podias ter um emprego muito melhor. — Ele pergunta-me como correu o trabalho. — Sim, foi bom, o mesmo de sempre. — Não lhe digo «parece que consigo finalmente respirar um pouco, agora que não faço os turnos de apoio, mas isso faz-me sentir tão culpada, que fico novamente sem conseguir respirar».

— Então, onde está a tua companheira de casa?

— Ela hoje tem um evento; um lançamento gigantesco. Trabalha em

relações públicas de joalheria.

— Que fixe, parece ser muito fixe. Quando é que a posso conhecer?

Por coincidência, a Megan fez-me a mesma pergunta hoje de manhã, quando lhe perguntei se o Joshua podia vir cá a casa.

«Isso significa que vou poder conhecê-lo?»

«Bem, talvez o conheças amanhã de manhã.»

«Então também vou conhecer a Gretel?»

«Cala-te.»

«Estava só a comentar! Oh, merda! Que horas são? Estou atrasada. Oh, Deus, estou tão stressada que sou capaz de vomitar.»

Trinco um pimento e mastigo delicadamente.

— A Megan? Oh, em breve. Talvez até esta noite, dependendo das horas a que ela chegar.

Estou a vacilar. Não consigo encontrar a Gretel. Ela não está aqui. Não consigo encontrar a sua vivacidade e energia, a paixão ou o entusiasmo. Talvez ela esteja prestes a ter o período? Não tenho a certeza. Mas o ambiente está estranho e sinto que a culpa é minha. O Joshua está a comer, mas não sorri e a minha responsabilidade de namorada é entretê-lo, animá-lo e deixá-lo bem-disposto. Ele não pode associar a namorada com nenhuma emoção ou ambiente negativos.

— Por falar em amigos — começo por dizer, sem saber bem para onde vou. — Hum, a minha amiga Chrissy, aquela que fez a despedida de solteira. O casamento é no próximo fim de semana e ela disse-me que posso levar um acompanhante.

Ele pousa o garfo.

— A sério?

— Sim, quero dizer, eu sei que os casamentos são sempre uma seca, sobretudo quando não se conhece ninguém. Mas se quiseres, serás muito bem-vindo. Se não estiveres ocupado, claro.

O sorriso dele.

— Não estou ocupado. E adoraria ir, Gretel. É onde?

— Algures no Surrey. Por isso podemos ir e vir de comboio.

— Tu conheces a Chrissy de onde?

Questiono-me se preciso de inventar uma mentira para ela também, para tornar a nossa amizade mais deslumbrante, mas está demasiado

calor e eu... hoje não... por isso digo:

— Nós fomos colegas num emprego temporário, há muitos anos, e demo-nos bem. Eu também não conheço muita gente que vai ao casamento, por isso és capaz de ter de conversar só comigo durante a maior parte do dia. — Isto não foi uma coisa muito confiante de se dizer. Argh. A April está a transbordar de mim e a entrar no salteado. Mas o Joshua continua a sorrir, enquanto espeta um pedaço de pimento com o garfo.

— Parece-me ótimo.

— Tens a certeza de que queres ir? — *Porque continuo a perguntar?*

— Sim!

— Olha que os casamentos conseguem ser mesmo chatos, aborrecidos e longos. — *Para com isso, para com isso, para com isso!*

— Não se tu estiveres lá.

— Está bem, se tens a certeza.

— Tenho a certeza.

— Ótimo.

Conversamos, acabamos o vinho e o tempo passa enquanto o Joshua me conta muito detalhadamente sobre o seu gerente, sobre todas as maneiras em que não é tão apreciado no trabalho quanto acha que devia ser e sobre todas as coisas que podia fazer melhor se fosse ele o gerente. Por volta das 21 horas, ele para de repente e fica a olhar para mim.

— O que foi? — pergunto.

A seguir levanta-se da cadeira, pega em mim ao colo e leva-me para o quarto.

— Então e a louça? — guincho. Mais uma vez, tão pouco Gretel.

— Eu lavo-a depois.

Mas eu ainda estou demasiado ocupada a digerir o jantar para fazer sexo agora, penso. Mas o molho de soja vai secar nos pratos e depois demora uma eternidade a tirar, penso. Mas a louça não pode estar suja na bancada quando a Megan chegar, porque não é justo, penso. Mas eu não confio em ti para lavares a louça no fim, penso.

Só que esta noite eu não fui suficientemente Gretel. Ela não se preocupa com coisas como louça por lavar. Não quando há a

possibilidade de fazer sexo com o seu glorioso namorado, o namorado que ela não esperava encontrar, principalmente porque não andava à procura de um. Por isso, deixo-me ser levada para o quarto e tento encontrar uma disposição sexy, o que é bastante difícil com o estômago cheio de comida. Não estou nada para aqui virada. O meu pensamento é disperso, cheio de mentiras e culpa, cheio de frango que as enzimas do meu estômago ainda não conseguiram processar. Quando começamos a beijar-nos, sinto-me quase em pânico com o sabor da minha comida na língua dele. Não me sinto excitada quando ele tira a camisa, revelando a barriga inchada. Quase tenho vontade de o empurrar quando ele começa a beijar a minha barriga com uma expressão sugestiva nos olhos. Acho que não tenho energia para fingir outro orgasmo, quanto mais para pensar em tentar chegar a um de verdade. Só me apetece estar sozinha. Nunca mais quero voltar a tocar num homem. Odeio-os. Odeio que o Joshua me toque. Odeio-o por me amar, por gostar de mim, quando nunca na vida poderá ser de confiança. Sentimentos. Eles acabam sempre por se desvanecer e depois uma pessoa acaba na merda, amargurada e a desejar nunca ter começado a senti-los. E eu não mereço estes beijos, não mereço o que ele está a fazer agora, com as cuecas desviadas para o lado. Não mereço um homem como o Joshua, apesar de ele continuar a ser um homem e de todos serem horríveis. Não mereço nada de bom e só tenho vontade de chorar, mas...

Solto um gemido, porque não quero magoar os sentimentos dele. Coitado, está a esforçar-se mesmo muito ali em baixo.

Ele não lava a louça. Adormece comigo presa nos seus braços e é uma manobra muito delicada, conseguir sair dali sem o acordar. Contorço-me como o Houdini até desviar o Joshua e o seu afeto, depois fico um longo momento a fitar a Velha Fiel, a racha do teto. Observo-o a dormir e a cada cinco minutos mudo de ideias a seu respeito.

Olha só para o rosto adormecido dele. É um homem mesmo muito bonito. Não acredito que este homem me escolheu. Quero tocar no rosto dele, quero beijá-lo, quero ficar perto do rosto dele para sempre.

Depois:

Não acredito que acabaste de adormecer sem lavar a merda da louça. Eu sabia que isto ia acontecer. Espero que não resses, porque amanhã tenho de ir trabalhar e não quero estar cansada. Só quero estar sozinha. Quem me dera poder dar-te sumiço e ficar sozinha na minha cama, sem o teu corpo aqui para me confundir.

Não aguento mais isto. Saio da cama com as mãos a agarrarem a cabeça, como se isso fosse impedi-la de rodopiar tanto, visto uma camisa de dormir e saio para a escuridão do apartamento. Ainda consigo ouvir a respiração pesada do Joshua através a porta, por isso fecho-a suave-mente. E volto a estar só eu aqui, a April. Olho para a mesa suja, suspiro e começo a recolher os pratos e a levá-los para o lava-louça.

Tenho espuma de *Fairy* até aos cotovelos quando ouço a chave da Megan a entrar na fechadura.

— Ainda estou acordada — murmuro. — Olá. Como é que correu?

Viro-me para a ver a pousar a mala no sofá, com uma postura cansada a vergar-lhe o corpo. Quando chega à cozinha, o luar que entra pela janela da frente ilumina-lhe a maquilhagem e cabelo perfeitos — embora já tenha um toque de fim de noite.

— Correu mesmo bem — diz ela, deixando-se cair no sofá. — Graças a Deus.

— Que bom! Eu sabia que ias arrasar! Queres um copo de vinho? Ainda sobrou um pouco.

— Por favor.

Sacudo as mãos cheias de detergente e sirvo-lhe um copo de *merlot* que o Joshua trouxe. Entrego-lhe o copo antes de me deixar cair ao lado dela.

— Então, conta-me tudo.

A Megan bebe um gole enorme antes de começar.

— Correu tudo sem percalços. Até ao último minuto, claro. Houve um instante terrível em que pensámos que as flores não iam chegar a tempo. Ou a Cara Delevingne. Mas depois tudo se encarreirou. A Cara apareceu com as amigas todas, o que foi um bónus, significa que amanhã vamos ter uma boa cobertura na imprensa. Todos adoraram a linha de joias. O colar com o coração JÁ esgotou online.

Estendo o braço e agarro-lhe no pé.

— Megs! Isso é fantástico! Estou tão orgulhosa de ti.

— Eu sei, obrigada. A nossa diretora-geral estava supercontente. Quando eu vinha a sair, ela disse «Muito bem, Megan», o que vindo dela é só o maior elogio de sempre. Pode ser que isto ajude à minha promoção no ano que vem... — Mas ela não está a olhar para mim e não está a brilhar de orgulho, como devia estar. Em vez disso, está a fitar o vinho.

— O que foi? O que foi, Megan?

A Megan abana a cabeça com os olhos fechados.

— Desculpa. Estou a ser parva.

— Não. O que foi? O que aconteceu?

Ela pousa o copo na mesa de centro desarrumada e passa os dedos por baixo dos olhos.

— Megan?

— Desculpa... — Está a chorar. — Sou uma idiota. É só... tudo correu bem, eu trabalhei muito para que corresse bem e devia estar felicíssima, sabes?

— Sei, é claro que sei. Tu és espantosa. O que aconteceu?

Ela volta a abanar a cabeça.

— Eu nem consegui apreciar a noite, April. Sei que é patético, no

entanto não consegui parar de pensar nele. Apesar de eu não ter significado absolutamente nada para ele, continuei a... Parece mesmo estúpido... mas continuei a pensar que talvez ele lá aparecesse para me apoiar, de surpresa. Que fizesse uma declaração grandiosa ou algo do género. E continuei a imaginá-lo a ver as minhas fotografias no *Metro* de amanhã e a perceber quais são os seus verdadeiros sentimentos por mim... Depois percebi que estava a ser insana e patética e fiquei mesmo triste. Foi uma das melhores noites da minha carreira e não fui capaz de a apreciar, não me deixei perder no momento, porque gosto de um homem que não gosta de mim. — Funga e volta a limpar os olhos. — Sou uma falhada e peras.

— Não és nada!

— Sou, sim. — Esconde o rosto nas mãos e a seguir limpa-as no cabelo. Quando levanta a cabeça, a maquilhagem está borrada e forma duas linhas dos olhos às orelhas. Sorri-me com timidez. — Vou procurar ajuda — diz. — Amanhã logo de manhã vou tratar disso. Vou marcar uma consulta. Sei que te disse que *tu* precisavas de ajuda, mas começo a pensar que eu também preciso.

— Não precisas de ajuda, só precisas de...

— De quê? De nunca mais tentar encontrar o amor num homem? De os enxotar para sempre da minha vida?

Encolho os ombros.

— Mal não faz... Não quero continuar a sentir-me assim, e não quero continuar neste padrão de comportamento; estas duas coisas são exatamente aquilo que dizem que a terapia pode resolver. Mesmo que use as sessões só para perceber melhor como posso estar sozinha, quero saber que tomei essa decisão de uma forma saudável.

Estendo a mão para o copo dela e bebo um gole de vinho.

— Bem, se é isso que queres fazer, eu dou-te todo o apoio — digo.
— E fico mesmo contente por o lançamento ter corrido bem. Nunca duvidei que correria, nem por um segundo.

Ficamos a olhar para o ecrã negro da televisão, a passar o copo entre as duas, bebendo à vez.

— Então e tu, *Gretel*?

— Ah, por favor. Não faças isso.

- Ele está aqui?
- Sim. Está a dormir.
- Posso ir lá olhar para ele?
- Não! — Rio-me. — Isso seria mesmo esquisito.
- Oh, sim, porque nada mais nesta situação é esquisito, Gretel.
- Não faças isso. *Por favor.* — É a minha vez de esconder o rosto nas mãos. — Convidei-o a vir comigo ao casamento da Chrissy.
- O quê? Que diabo estás a fazer, April?
- Não sei — respondo, com total honestidade. — Não sei.

Razões para não confiar nos homens

- Todos os homens com os quais já abri o meu coração me magoaram.
- Mesmo os homens bons não passam de crianças adultas disfuncionais que não têm noção do seu privilégio e querem uma medalha por serem «bons rapazes» a cada hora do dia.
- Tudo o que os homens me fizeram.

Razões para confiar nos homens

- Não são todos iguais.
- Devemos acreditar no melhor das pessoas.
- Se não ultrapassarmos esta questão, vamos morrer sozinhas.
- Barack Obama.
- Joshua???

As nossas sapatilhas guincham no chão, os corpos arquejam com o cansaço. O suor pinga do teto. *Ping, ping, ping.*

— Confias nos homens? — pergunto à Charlotte, por entre golfadas de ar. É difícil fazer-me ouvir por cima da música das Destiny's Child. Ela corre para o lado e atira-me a bola. Eu corro de lado em frente a ela e consigo apanhar a bola.

— Ora aí está uma pergunta complexa.

— E então? Confias? — Atiro a bola de volta. — E se confiases, é uma coisa boa ou uma coisa má?

Estamos a jogar um jogo chamado «Trabalho Emocional», em que temos de correr de um lado para o outro da sala, atirando uma bola que representa a «masculinidade frágil» entre nós.

— Tenham cuidado, meninas — diz a Gillian, a nossa instrutora. — Não deixem cair a bola. Não se esqueçam de como é frágil, ela iria seguramente ficar em pedaços. — Todas nos rimos, o que não é fácil porque tenho o coração a bater como um louco por causa do cardio. Será que algum dia estas aulas vão deixar de ser espantosas? Nos dias que correm, esta hora de aula seguida da hora no bar com as meninas são os únicos momentos da minha vida em que me sinto bem.

A Charlotte segura a nossa bola enquanto pensa na resposta.

— Durante muito tempo, não confiei neles — diz. — Lembro-me muito bem de estar no ponto em que estás agora. Não confiava em homem nenhum. Pensava que eram todos iguais.

— E não são? — Arquejo.

Ela atira-me a bola. Eu apanho-a. Corremos. Eu atiro-lhe a bola. Ela apanha-a.

A Charlotte abana a cabeça.

— Não. Acho que não são todos iguais. — Atira-me novamente a bola. — Nem todos os homens fazem coisas terríveis às mulheres. Acho que há alguns homens bons. Não são todos abusadores. Nem pensar. Mas...

— Mas...?

— Mas continuam a ser homens, acho eu. Podem não ser violentos ou controladores, mas ainda são um pouco... totós. Eles não conseguem evitar, coitados.

— Vamos fazer uma pausa — diz a Gillian, por cima do zumbido das ventoinhas. Desde que aqui venho, fiquei a saber que a Gillian começou a treinar kickboxing depois de o marido a ter pontapeado pelas escadas abaixo. Partiu-lhe cinco costelas, disse-lhe que ela era louca por o acusar de semelhante feito e depois, quando ela acabou por o deixar com dois olhos negros, ele disse ao tribunal de família que ela era uma mãe incapaz.

A Charlotte deixa cair a masculinidade frágil e eu debruço-me, com as mãos nos joelhos; o oxigénio não chega suficientemente depressa aos meus pulmões, parece que o coração me vai rebentar. Ficamos um instante a respirar com dificuldade, como toda a gente.

— Então eles são totós — tento esclarecer —, mas podemos confiar neles?

— Oh, não. — Ela levanta-se. — Não podemos *confiar* neles. Eu confio nas mulheres, mas jamais conseguiria confiar num homem. Mas... — apanha a bola do chão —, confio que nem todos são uns cabrões abusadores. Alguns são apenas simpáticos e inúteis. Não sei se a minha resposta ajuda...

— Também não sei.

Ela para, limpa o suor da testa e dá-me uma palmadinha.

— Estou solidária contigo — diz. — Ainda agora começaste a fazer terapia por causa disto. Eu já estou alguns anos à tua frente e lembro-me muito bem desta fase. Ainda está tudo muito vivo e continuas a questionar tudo e mais alguma coisa; ainda não confias nos teus instintos. É muito cansativo!

Os meus olhos enchem-se ligeiramente de água.

É mesmo. É. Tão. Cansativo.

A Charlotte puxa-me para um abraço transpirado.

— Mas vai melhorar — assegura. — Com o tempo, vais aprender a confiar novamente *em ti*. E essa é a única pessoa em quem é importante confiares. Só que, antes de melhorar, ainda vai piorar. Mas

pelo menos sabes que estás a sair desse espaço.

Anuo. É verdade que sinto algum veneno a sair de mim. Sinto mesmo que já não é tanto quanto era. Mas ainda me sinto completamente assoberbada com a quantidade de veneno que contenho, com o tempo que demora a esgotar-se, se é que um dia se vai esgotar, e quanto da minha vida vou lixar durante todo este processo.

— Vai melhorar — repete a Charlotte, antes de se afastar.

A Gillian desliga a música e bate palmas. O ar aqui dentro deve rondar 30 graus. O meu próprio suor está constantemente a cair-me nos olhos.

— Bom trabalho, meninas — elogia ela. — Agora, antes de arrefecerem, acho que está na hora de um círculo «A Culpa Não é Tua».

Olho para a Charlotte com ar inquiridor e ela sorri-me de forma reconfortante.

— Espera só para veres isto. Na verdade, é exatamente aquilo de que estás a precisar.

— Se puderem só guardar as bolas no cesto e sentarem-se num círculo. Veteranas, mostrem às novatas como se faz.

Só há mais uma rapariga nova, a Hannah, uma morena baixinha que apareceu na semana passada e ainda não falou com ninguém. Os nossos olhares cruzam-se por sermos destacadas como as novatas. Consigo sorrir-lhe, deito a bola no cesto e junto-me ao círculo que começa a formar-se no chão. Uma bruma de contentamento parece erguer-se do solo. Estamos todas inundadas de endorfinas do exercício físico e de energia descontraída, por termos à nossa volta pessoas com quem não temos de tentar ser nada. Cruzo as pernas por baixo do corpo e sento-me ao lado da Hazel, que também me sorri.

— O que é que se vai passar?

— Espera para ver.

A Gillian senta-se numa posição de lótus perfeita, completando o círculo.

— Estamos todas confortáveis? — pergunta. — E todas me ouvem com o barulho das ventoinhas? — Todas assentimos. — Ótimo. A

maior parte de vocês já sabe como isto se faz, mas, para as que ainda não sabem, eis o que vai acontecer. Vamos fechar os olhos e inspirar fundo algumas vezes, enquanto grupo. Depois vamos ficar em silêncio. Se sentirem necessidade de falar, falem. Digam as coisas que precisarem de dizer. Quero que entrem em contacto com a vossa dor e que fiquem realmente conscientes dela. Sei que é difícil, mas aqui estão em segurança, e estamos cá todas por todas. — Faz uma pausa. — Se alguém estiver a falar, saibam que as suas palavras também se aplicam às outras. Estamos todas juntas nisto. Sintam cada palavra, saibam que todas são verdade e que merecemos ouvi-las. — Ninguém está a agir como se isto fosse estranho, embora tenha de admitir que a mim me parece um tanto estranho.

A Gillian levanta-se com um salto e põe uma música suave de meditação, do tipo de música que se ouve em *shavasana* no fim de uma aula de yoga, depois senta-se novamente. — Muito bem, meninas, fechem os olhos. — Antes de obedecer, vejo toda a gente a fechar os olhos sem se queixar. As minhas pálpebras baixam-se e o universo fica escuro. — Muito bem, agora quero que inspirem profundamente três vezes. Inspirem... — Ouve-se um ruído assobiado enquanto todas inspiramos. — E expirem... Inspirem... expirem. Inspirem... expirem. — As minhas costelas sobem e descem. Os ombros baixam ligeiramente. — Agora, isto pode ser um pouco difícil, mas quero que pensem rapidamente naquilo que vos fez vir a esta aula...

A parede branca. A parede branca. A mágoa. A dor. O pânico. A vergonha. Estar demasiado atordoada para me mexer. A culpa. Não. Por favor. Não faças isso. Não acredito que isto me aconteceu. Os meus olhos começam a arder, apesar de estarem fechados.

— Agora, localizem o sítio exato onde a dor se aloja. Explore bem, encontrem a parte do corpo que contém a dor. — Nem sequer tenho de procurar muito. Localizo a dor nas minhas entranhas. É como se o meu intestino delgado fosse feito de ferro fundido. Uau. Nunca tinha reparado nisto.

— Que forma tem essa dor? Conseguem determinar os seus contornos? Observem-nos, olhem para eles. Não os afastem do

pensamento. — Tenho um carço enorme de dor no estômago que nem sabia que carregava comigo. Agora estou a senti-lo. Tem mais ou menos o tamanho de uma banana grande, tem espinhos que se espetam em mim, que me magoam sempre que me viro. Não lhe resisto. Tento suavizar as extremidades. Respiro fundo e percebo que se move em sintonia com as minhas costelas. Magoa-me mesmo muito. As lágrimas caem-me pelo rosto através das pálpebras fechadas. A dor existe. É tão grande. Está dentro de mim todos os dias e não tem para onde ir; agora não sei se algum dia voltarei a sentir-me bem. A única forma de ultrapassar isto é fazer de conta que não existe aqui nada, esperar que as coisas melhorem e esperar não voltar a cometer os mesmos erros, mas depois esta dor que sinto aumenta e derruba-me; não, acho que nunca mais vou confiar em mim, quanto mais num homem e... começo a chorar silenciosamente, a sentir-me tão desesperada, como sempre sinto quando...

— A culpa não é tua — diz a voz da Gillian. Calma. Sonora. Autoritária. — O que te aconteceu. A culpa não foi tua — insiste ela.

O meu estômago contorce-se, resistindo às palavras. Não. Esta dor não consegue viver em condições como estas. Começa a discutir com a Gillian. Eu começo a discutir com ela. *Se calhar foi mesmo culpa minha, talvez um pouco. Se eu tivesse dado luta. Talvez esteja até a exagerar...*

— Não diminuas a tua dor — diz outra voz no círculo. — A tua dor é uma resposta completamente adequada ao que te aconteceu.

— Lamento tanto que isto te tenha acontecido — diz outra voz.

— Não te devia ter acontecido — diz outra.

Sobressalto-me. Agarro-me ao estômago. Já não consigo perceber de quem são as vozes. Ouço um gemido. Há mais alguém a chorar. Talvez tenha sido eu a fazer este som. O ferro que há dentro de mim endurece, rejeita o momento. *Mas aconteceu comigo, aconteceu mesmo. Não pode ser retirado. Vou ficar lixada para sempre por causa disto. Tão lixada.*

— O que te aconteceu não define a pessoa que és. — É novamente a voz da Gillian, como se ela soubesse de alguma coisa. Acho que deve saber. Afinal, também lhe aconteceu. Engulo em seco e volto a engolir, porque se não o fizer, vou começar a soluçar descontroladamente. As

lágrimas continuam a cair. Continuo de olhos fechados, ouvidos e coração abertos.

Havia uma parede branca e olhei para ela porque não podia fazer mais nada. Fui magoada e enterrei a dor que me causou porque, naquele momento no tempo, era a única coisa que podia fazer. Só tentei sobreviver. Estou a tentar recuperar, mas está a demorar uma eternidade, é difícil, parece-me impossível, mas estou a tentar, não há mais nada que possa fazer.

A minha boca abre-se sozinha. As palavras saem.

— Vais *recuperar* — diz a minha voz. — Sei que parece que nunca vais conseguir recuperar, mas vais. — É demasiado. Toda a emoção. É demasiado. Perco a noção de quem está a dizer o quê, quem está a soluçar e quem não está, que horas são.

— A culpa não foi tua.

— Fizeste o melhor que podias.

— Não vai doer assim para sempre.

— És muito mais forte do que aquilo que julgas.

— Podia ter acontecido com qualquer pessoa.

— Quem não é normal é ele.

— Vais conseguir ultrapassar isto.

— Vais conseguir ultrapassar isto.

— Vais conseguir ultrapassar isto — murmuro.

Eu sei que isto é o tipo de clichés que vemos em cartazes inspiracionais, escritos com letras rebuscadas e ondulantes. Sei que são apenas palavras e que as palavras não conseguem afastar a dor, não conseguem desfazer o que foi feito, não conseguem fazer de mim a mulher que eu já fui, não me conseguem fazer esquecer, ou perdoar, ou vir a ser a mesma, nunca mais. Contudo, há qualquer coisa nestas palavras entoadas por mulheres que percebem o que se passou comigo, que estiveram na mesma situação e que também não mereciam o que lhes aconteceu. Algumas estão muito à minha frente nesta jornada de se reconstruírem e são capazes de acrescentar uma camada de autenticidade ao que estão a dizer, porque percorrem o mesmo caminho que eu, mas vão mais adiantadas, conseguem ver o sol para lá do horizonte e estão a gritar para trás, para mim,

prometendo-me que, se me conseguir aguentar um pouco mais, também vou conseguir ver o sol a nascer.

— E chegámos ao fim — diz a Gillian. — Quando estiverem preparadas, podem abrir os olhos.

Demoro mais ou menos meio minuto a abrir os olhos. Sinto o peito dorido da dor que libertei e não tenho um único centímetro do rosto seco. A sala cheia de ventoinhas começa a assumir contornos mais distintos. Estamos todas a chorar, todas. Algumas mais do que outras. Mas também estamos a sorrir. O meu estômago parece um nadinha mais leve. Como se tivesse conseguido derreter a camada superficial de ferro. Estou mesmo a chorar. A Charlotte olha para mim e ao ver como soluço, levanta-se, puxa-me para si e abraça-me com muita força. Abraço-a também, chorando no seu ombro. Lamento-me e deixo cair as minhas lágrimas em cima dela. E ela não deixa de me abraçar. Sinto mais braços, mais corpos e todas nos misturamos umas nas outras. Os braços emaranham-se, os seios comprimem-se, as costelas doem enquanto toda a turma se funde num círculo só.

De: Carol@ComeçarDeNovo.com

Para: AprilS1987@gmail.com

Assunto: A sua primeira consulta

Querida April,

Escrevo-lhe só para confirmar a sua marcação para uma primeira consulta, esta quarta-feira, às 19 horas.

Como é evidente, uma vez que já trabalhamos juntas na Estamos Aqui, as coisas vão ser um pouco diferentes, mas mesmo assim considero importante conversarmos sobre o que espera atingir durante este processo.

Anexo as direções para encontrar o meu consultório.

Com os melhores cumprimentos,

Carol Knight

Psicóloga clínica

*

De: April@EstamosAqui.com

Para: Mike@EstamosAqui.com

Assunto: Notificação oficial

Querido Mike,

Conforme discutimos na reunião de ontem, aqui está o meu pedido de demissão formal do papel de conselheira. Obrigada por seres tão compreensivo,

April

*

De: Mike@EstamosAqui.com

Para: April@EstamosAqui.com

Assunto: RE: Notificação Oficial

April,

Obrigado pelo teu e-mail. É uma formalidade legal chata, principalmente porque vais continuar connosco!

De qualquer maneira, aceito a tua notificação e já começámos a procurar alguém

que assumo os teus turnos de forma permanente. Sei que falámos muito acerca disto na quinta-feira, mas quero reiterar quão gratos te estamos por teres assumido este papel e por tudo o que fizeste. Estes trabalhos na linha da frente têm um efeito nefasto em nós; têm esse efeito em todos os que se dedicam a estas coisas. Por favor, não te recrimines por teres chegado ao teu limite. Entregaste-te tanto a esta função e ajudaste tantas pessoas. Estou contente por poder continuar a trabalhar contigo enquanto gestora de voluntários. Obrigado por tudo o que nos deste.

Mike

*

Gretel: Que semana de doidos! Desculpa não ter tido tempo para ti. Encontramo-nos amanhã na estação, às 11, para irmos ao casamento?

• ***E Viveram Felizes para Sempre... Guia da Gretel para Manter o Teu Homem***

Oh, vê só onde conseguiste chegar. Vê só o que alcançaste, agora que sabes jogar este jogo. Não estás contente por teres conseguido guardar para ti todas as reações completamente apropriadas? Lembras-te de como te sentias sozinha naqueles dias negros de perfeita autenticidade? Mas conseguiste. Muito bem. Sejamos muito honestas, nunca pensei que alguém tão patético como tu conseguisse ser bem-sucedida, mas a verdade é que conseguiste. Tal devia ser o teu desespero... Aproveita bem o teu homem-prémio. Aproveita o facto de a sociedade te aceitar finalmente, agora que já não és uma solteirona patética e solitária. Aproveita o conforto de fazer parte de uma relação amorosa e carinhosa com alguém que te adora verdadeiramente por aquilo que és...

Espere lá, o que queres dizer com essa merda de não seres propriamente tu?

Mas estás *maluca*?

Quer dizer, não tens sido tu? *Este tempo todo*? Mas és parva, ou quê? Não conheces a regra mais básica do namoro? **SÓ FUNCIONA SE FORES AUTÊNTICA!!** Pensei que toda a gente sabia disso. Chiça. Não acredito que andas a mentir a este pobre diabo desde o início. Ele vai sentir-se tão desiludido quando perceber que, afinal, és um ser humano com falhas, com necessidades e desejos que podem entrar em conflito com os dele, e que, não obstante todas essas falhas repulsivas, queres ser amada, o que, se queres que te dê a minha opinião, é um desejo absolutamente despropositado. Sim, sim, sim, precisas de ser genuína. *Dah*. Mas, quero dizer, pensei que tinhas percebido que não se trata de esconder quem és, mas sim de *mudar* quem és. Tornares-te perfeita. Como ele merece.

Agora é tarde demais. Já não podes ser sincera ou ele vai invocar que foi publicidade enganosa e vai querer a porcaria do dinheiro de volta. Não. Se não queres perdê-lo, vais ter de te resignar a manter esta fachada durante o resto da tua vida. Continua a fazer de conta e pronto. Todos os dias. Fingir até conseguir, e essas coisas todas que se dizem. Enfim, podes TENTAR ser tu mesma, mas não muito. Não queres ter de regressar ao ponto de partida, ou queres? Se ele não te amar por aquilo que és, então mais ninguém vai amar. A vida também não é assim tão longa para não conseguires agir como uma pessoa inteiramente falsa. Os

homens têm tendência para morrer mais cedo do que as mulheres, por isso quando tiveres 86 anos, ainda vais ficar com um par de anos só para ti, para te libertares à tua vontade. Podes esperar até lá, não podes?

April: Gretel?

Gretel: Sim, fofa?

April: Preciso de te deixar partir.

Gretel: A mim? Mas não sou eu que estou cheia de problemas.

April: Exatamente.

Gretel: Explica-me o teu raciocínio, por favor.

April: Gretel, tu não és real...

Gretel: Bem, isso é verdade.

April: E não és diferente de mim... tu és eu.

Gretel: Desculpa?

April: Tu és o eu que nunca tive oportunidade de ser. És o eu que eu podia ter sido se não me tivesse acontecido nada daquilo. Mas aconteceu, Gretel. Aconteceu. Não posso apagar o que me aconteceu. Não pode ser desfeito. Sou a mulher que sou por causa daquilo que me aconteceu. Eu jamais serei o que tu és e dói-me demasiado manter-te por perto. Porque tu não és real. Nunca foste. És apenas uma vara que uso para bater em mim mesma.

Gretel: Eu pensei que era uma vara para bater no Joshua...

April: Inicialmente eu também pensei que sim. Mas não és.

Gretel: Pensei que querias sentir poder. Não te sentiste mais poderosa sendo eu?

April: Não. Na verdade, senti-me pior.

Gretel: Bem, por essa é que eu não esperava.

April: Senti-me pior porque não há poder nenhum em negar aquilo que somos. Não há poder em desejar que as coisas pudessem ter sido diferentes. Não há poder em ter inveja do outro eu que podíamos ter sido. Não há poder em esconder essas partes quebradas de nós só para sermos amadas por alguém.

Gretel: Caraças. Alguém andou a fazer terapia...

April: Pois andei. E tem ajudado.

Gretel: Eu nunca senti necessidade de o fazer. Parece-me tudo um pouco indulgente demais.

April: Nem poderias pensar de outra maneira. Porque tu não tiveste a vida que eu tive. Mas agora tenho de me despedir. De ti e do Joshua.

Gretel: April?

April: Sim?

Gretel: Lamento.

April: Porquê?

Gretel: Lamento que não tenhas tido oportunidade de ser eu. Lamento que tudo aquilo te tenha acontecido. A sério que lamento.

April: Obrigada. Adeus, Gretel. Foi muito bom nunca te ter conhecido verdadeiramente.

Gretel: Adeus.

Gretel: April?

April: Sim?

Gretel: Ele pode amar-te mesmo assim, sabias?

April: Por favor, não digas isso.

Gretel: Mas pode.

Começa a chover no dia do casamento da Chrissy, no dia em que vou acabar tudo com o Joshua.

— Pobre Chrissy. — A Megan empurra as cortinas da sala de estar para o lado, o rosto iluminado por um céu sombrio. — Meses e meses de uma onda de calor e no dia do casamento, o céu desaba. Se fosse eu, considerava-o um presságio.

Junto-me a ela e sinto o tecido das cortinas entre os dedos. Está a chover de forma determinada e implacável. O verão de relva queimada, de escaldões às 10 da manhã e de noites tão quentes que nos impedia de dormir já começa a parecer um sonho coletivo. Como se nunca tivesse acontecido realmente.

— Coitadinha — digo eu. — Que pouca sorte. E olha uma coisa, o meu vestido amarelo vai parecer ridículo com esta chuva?

— Não, o vestido está ótimo. Na igreja vai estar mais quente. Aquelas salas gigantes de pedra são sobejamente conhecidas por serem aconchegantes.

— És hilariante.

Ambas fitamos a chuva como se nunca tivéssemos visto chover. Percorro mentalmente todas as partes do meu plano que preciso de adaptar para se encaixarem nesta nova precipitação. Preciso de encontrar uma mala onde caiba um guarda-chuva. Preciso de arranjar um par de collants cor de pele que não tenha malhas caídas e que não faça com que a pele das minhas pernas pareça ter icterícia. Preciso de levantar dinheiro para pagar o táxi da estação para a igreja, porque uma caminhada de um quarto de hora vai dar-me cabo do cabelo e da maquilhagem. Tenho de admitir perante o Joshua que o enganei e depois tenho de ficar a ouvi-lo dizer-me que sou uma psicopata de merda...

— Então, este é o teu último encontro com o Joshua? — pergunta a Megan para as janelas embaciadas.

Aperto a cortina com um pouco mais de força.

- Sim. Depois do casamento conto-lhe tudo.
- E não contas antes porque...?
- Porque depois ele não vem comigo.
- E queres que ele vá contigo porquê?
- Porque a Chrissy disse que cada convidado custa 65 libras. Não podes ficar sem o teu acompanhante à última hora quando ele custa 65 libras.
- Verdade.
- Seria imperdoável.
- E tens a certeza de que não há outra razão? Como, por exemplo, queres passar mais tempo com ele?
- Para com isso, Megan.

A Gretel não vai ao casamento — só a April. Não quero fingir mais, e de qualquer maneira, isto vai acabar tudo. Assim, a April encaracola o cabelo, porque se preocupa em estar bonita para o grande dia da sua amiga, e verifica repetidamente o horário do comboio, porque está preocupada em chegar a horas. Envia uma mensagem ao Joshua, para se certificar de que ele também chega a horas, apesar de ele nunca se ter atrasado antes.

Joshua: Estou dentro do horário. Procura por mim, sou o gajo mais bem vestido da estação.

Ele enviou-me uma *selfie*, enfiado num fato desconfortável, e eu sento-me na beira da minha cama a fitar a imagem. Está todo bem vestido para mim, levantou-se cedo a um sábado por mim, vai passar o dia inteiro a fazer conversa de circunstância com desconhecidos e comer frango frio por mim. *Só que não é por mim, nunca foi por mim*, recordo a mim mesma e guardo o telemóvel na mala.

Enquanto me apresso até à estação debaixo do guarda-chuva, vejo as ruas de Londres vazias, como se a chuva fosse venenosa. Sacudo o guarda-chuva para uma poça, arranjo lugar no metro e, à medida que avançamos pelos túneis, fito o vazio, questionando-me como vou conseguir ultrapassar este dia. Recordo-me da minha fantasia inicial — partir o coração a um homem qualquer enquanto ele comia uma

alcachofra, antes de deixar cair o microfone e desaparecer. Quem me dera ter coragem para ir em frente com o plano. Talvez se o homem não fosse o Josh... ou talvez nunca viesse a ter coragem de o fazer.

«Diz que essa Gretel é o sonho de todos os homens», disse a Carol no outro dia, na nossa primeira sessão. «Mas está a basear isso na sua própria interpretação do que os homens querem. Acha que talvez a Gretel não tenha nada que ver com os homens, mas seja, de facto, uma fantasia para si? A mulher que acha que podia ter sido se não tivesse conhecido o Ryan?»

O Joshua está à minha espera à porta da papelaria, com um jornal que lá comprou. Tem o cabelo molhado, um traço infantil que contrasta com o fato; o seu ar é tão adorável que quase não me consigo aproximar para lhe dar um beijo e um olá.

— Estás maravilhosa — diz ele, admirando o meu esforço. — Mas a pobre da tua amiga. Hoje está a chover.

— Pois é. E eles pagaram uma fortuna pela propriedade majestosa, para poderem tirar fotografais bonitas nos jardins.

— Mas ainda vai ser o dia mais feliz da vida deles.

— Esperemos que sim.

— Eu comprei os nossos bilhetes enquanto esperava. — Entrega-me o cartão cor de laranja e tenho vontade de o abraçar contra o coração como se fosse um precioso bilhete de amor.

— Obrigada — agradeço. — Não te importas se formos comprar alguma coisa para comer à M&S? Vivo com pavor de passar fome nos casamentos.

Compro comida demais: duas sanduíches, uma salada de massa, batatas fritas e uma salada de fruta num copo de plástico demasiado cara. O Joshua compra uma sanduíche de bacon e uma *Coca-Cola*. O comboio chega a horas, o que é suficientemente extraordinário para ambos o mencionarmos; sentamo-nos num lugar com mesa e começamos a dispor o nosso piquenique. Ele está sempre a pôr a mão no meu joelho, a debruçar-se para me beijar o pescoço. Não nos vemos há uma semana porque eu tenho estado a arrancar o penso rápido devagar. O afeto dele arde-me como se fossem choques elétricos no braço.

— Então, como têm corrido as coisas no trabalho? — pergunta ele.
— Foi uma semana louca?

Assinto, estendo os braços e observo a chuva a salpicar a janela assim que saímos da estação.

— Foi. Demiti-me de uma parte das minhas tarefas — digo, começando a revelar a verdade sobre mim mesma em pequenos pedaços.

Ele pousa a sanduíche.

— Uau, o quê? E estás bem? De que parte? — Acaricia-me o braço para me confortar e volto a sentir ardor.

— Só do papel de conselheira. Estou bem. Sinto-me um pouco culpada, mas também sei que é o melhor que podia fazer por mim.

— Oh, está bem. Mas, bolas! Pensei que gostavas mesmo dessa parte do teu trabalho.

— Sim, gostava. Mas estava a começar a pesar-me muito. Estava a começar a custar-me por ser tão triste. — Ergo as sobrancelhas e encolho os ombros como quem diz: «Bem, o que se há de fazer?»

A mão do Josh larga o meu braço.

— Não fazia ideia — diz ele lentamente.

— Não há problema. Não é assim tão importante. — E não é mesmo. Recriminei-me e fiquei sem dormir durante uma noite, mas depois senti alívio. Tenho orgulho de tudo o que fiz e de ter ajudado as pessoas que ajudei, mas não quero andar sempre zangada, sempre com medo, não quero acreditar que todos os cães do mundo mordem, apesar de todos terem dentes.

O Joshua olha por cima da minha cabeça para as formas que os salpicos de chuva desenharam no vidro.

— Está bem, fico contente por estares mais feliz. Parece que tem sido tudo um pouco difícil.

Consigo sentir a sua mágoa por ter sido deixado de fora de um desenvolvimento tão importante na minha vida e ponho a mão no braço dele. Para o confortar, para tentar fazer com que este último dia seja agradável.

— Desculpa não te ter dito nada — digo. — Mas era bastante para eu digerir e como é um assunto um pouco pesado, não te quis

sobrecarregar com ele.

Os olhos dele estão tristes, apesar do sorriso.

— Eu sou teu namorado. Estou aqui para carregar as coisas pesadas.

Não vais ser meu namorado durante muito mais tempo, penso, e, para dizer a verdade, nunca chegaste a ser.

— Isso é muito querido da tua parte. — Beijo-o para fazer de conta que tudo está melhor. Devia dizer-lhe já. Antes de sairmos do comboio. Não quero que ele grite comigo em frente aos convidados da Chrissy. Mas os lábios dele são tão calorosos e a forma como me abraça...

Paramos na estação suburbana e sinto pena de todas as pessoas que são obrigadas a viver aqui. Talvez seja só por causa da chuva e dos tons cinzentos, mas a vila não tem nada daquilo que torna um lugar simpático. Há uma rua pavimentada com lojas básicas de um lado e do outro. A Chrissy sempre me disse que esta parte do Surrey era o lugar mais estéril do universo para se crescer e agora sinto-me inclinada a concordar com ela. Eu e o Joshua corremos para a fila do táxi para nos certificarmos de que ficamos à frente, ambos abrigados por baixo do meu guarda-chuva, e pedimos ao senhor que nos leve a St. Luke's.

— Eu não conheço ninguém — recorro ao Joshua, quando estamos a parar no parque de estacionamento enlameado. — Espero que não apanhes uma grande seca.

— Não te preocupes. Eu adoro cantar na igreja. É bom que cantem *Jerusalém*. Eu costumava ir à igreja quando era miúdo. Sempre foi o meu cântico favorito.

Olho de relance para ele enquanto pagamos o táxi e saímos rapidamente em direção à porta da igreja. Não sabia que ele frequentava a igreja. Mais uma parte do Joshua que fica preenchida.

Um porteiro está resguardado por baixo dos pesados beirais da porta da igreja, a tremer um pouco com uma pilha de papéis na mão.

— Olá, bem-vindos — cumprimenta, dando um passo em frente para nos receber. — Aqui está a ordem do serviço.

— Obrigada. — Aceito o programa bonito e espesso, decorado com

os nomes da Chrissy e do Mark numa caligrafia bonita. — Continuo sem acreditar neste tempo — digo ao senhor.

— Pois é. — Ele espreita para a cortina de chuva pesada por baixo da aba do chapéu. — Mas organizámos um autocarro que vai do estacionamento da igreja até à sala do copo-d'água, o que nos manterá a seco. E o local tem uma estufa lindíssima, por isso vai ser agradável e acolhedor.

O Joshua e eu agradecemos e entramos na igreja decorada com flores. Adultos com os seus melhores chapéus e fatos aglomeram-se na parte de trás, a sacudir os guarda-chuvas, a contorcerem-se para inspecionar quão molhados estão, as mulheres a pegarem nos espelhos de mão para verem o terrível impacto que a humidade teve nos penteados. Mesmo com a quantidade de flores espalhadas pela igreja, não se consegue afastar completamente o cheiro a cão molhado.

— Não sabia que eras religioso. — Consigo encontrar um espaço ao fundo da igreja para sacudir o guarda-chuva.

O Joshua tira-mo da mão para o abanar com maior vigor.

— Agora só vou na Páscoa e no Natal — diz ele. — Já deixo a minha mãe satisfeita. Ela tem ascendência irlandesa, católica.

— Tu és católico! — Mais partes do Joshua preenchidas.

— Sim, mais ou menos. Mas não sou um católico muito sério. Como disse, Páscoa e Natal. Não me confesso nem nada disso.

— E já fizeste sexo antes do casamento.

Ele fica boquiaberto.

— Não posso acreditar que disseste a palavra «sexo» dentro da igreja! Vou fazer queixinhas a Deus.

— Ele já sabe, amigo. Tem aquela cena da onnipresença e tal. — Começamos os dois a rir.

— Vamos à procura de um lugar nos bancos cá do fundo? — Quando me viro para avançar, o Joshua puxa-me para um abraço apertado. Ele cheira tão bem — *aftershave* misturado com humidade. Permito-me fechar os olhos e apreciar o momento.

— Para que foi isso?

— Só porque sim.

Talvez possa contar-lhe tudo noutro dia...

Quero dizer, aqui ninguém me conhece e as mulheres da despedida de solteira deviam estar demasiado bêbedas para se lembrarem do meu nome. Eu certamente não me lembro dos nomes delas. E a Chrissy vai estar demasiado ocupada a viver o dia mais feliz da sua vida para me dar cabo do disfarce. Talvez possamos ter um dia agradável, uma recordação bonita, uma despedida como deve ser para terminar esta situação estranha que criei. Talvez, talvez...

Damos as mãos, sentados no banco da igreja, enquanto esperamos que as pessoas se sacudam e se sentem, prontos para o grande momento da Chrissy. Reconheço algumas das mulheres da despedida de solteira e acenamos umas às outras, mas felizmente ninguém se levanta para vir dizer olá. Nos casamentos, as pessoas só costumam ser amistosas depois da cerimónia. O Mark está junto ao altar, a conversar animadamente com todas as pessoas que se aproximam dele para lhe dar palmadinhas nas costas e desejar boa sorte. Ele está descontraído, a sorrir.

— Conheces o noivo? — pergunta o Joshua, com a mão quente sobre a minha.

— Nem por isso.

— E gostas dele? — Solto uma gargalhada. — Isso é um não.

— Não, é boa pessoa. O Mark é boa pessoa. Não o conheço muito bem, mas é melhor do que o último namorado dela.

Quantos homens conquistam o amor de uma mulher só por serem melhores do que o ex-namorado dela?

— Ele parece feliz.

— Bem, espero bem que esteja. É o dia do seu casamento.

— Sim, eu sei. Desculpa. — O Joshua tira a mão, a fazer birra com o meu comentário busco.

— Não, *eu* é que peço desculpa. — Estou completamente desorientada. Não sou a Gretel controlada que costumava ser. Os meus nervos estão a vibrar, os pensamentos atropelam-se na minha cabeça, todos numa imensa contradição. Pego novamente na mão do Josh. — Só espero que ele a faça feliz. Eu sou muito protetora da Chrissy, ela é uma boa amiga.

Ele beija-me a face, feliz por fazer as pazes.

— Ela tem sorte em ter uma amiga como tu.

A igreja começa a encher-se de convidados e do respetivo vapor, enquanto secamos coletivamente. A mãe da Chrissy chega de cadeira de rodas e é levada para a frente da igreja pelo irmão da noiva — nunca conheci nenhum dos dois, mas conheço-os de fotografias das redes sociais. A mãe tem um chapéu verde muito bonito. Está sentada muito direita e orgulhosa, desafiando os presentes a olharem para a sua cadeira de rodas.

— É a mãe dela? — Anuo. — Porque é que está de cadeira de rodas?

— Tem esclerose múltipla.

— Oh, que triste.

— A Chrissy está feliz por ela hoje estar suficientemente bem para vir ao casamento.

O Joshua beija-me o ombro descoberto. Abrimos o missal, vemos o cântico *Jerusalém* e ele fica tão feliz com a perspetiva de o poder cantar que me sinto dominada pelo afeto e lhe beijo o rosto todo. Beijo-o como se cada beijo fosse uma gota de chuva que cai em catadupa lá fora, enquanto ele cora e sorri.

Talvez pudesses confiar nele? Talvez pudesses confiar nisto? Quero dizer, ele nunca seria capaz de confiar em ti, mas... deixa lá. Não penses mais nisso. Deixa-o ir.

O órgão para de tocar. Todos sabemos o que isto significa. Toda a gente se cala. A expectativa ganha volume nos espaços entre as pessoas. Alguém dá o sinal. O órgão recomeça a tocar. Levantamo-nos, viramo-nos para a nave, prontos para ver a Chrissy fazer a sua entrada triunfal. Quando passa por mim, os meus olhos enchem-se de lágrimas. Ela está mesmo bonita no vestido cor de marfim, talvez um pouco maquilhada demais e não exatamente igual a si mesma — que acaba por ser o que acontece com todas as noivas nesta era de cabeleireiros e maquilhadores profissionais. O Mark também parece suficientemente satisfeito quando ela chega ao seu lado. Partilham um sorriso constrangido, tipo «bem, isto é embaraçoso», e a batida seguinte do meu coração é dolorosa, continua dolorosa durante meio minuto, mais coisa menos coisa. O vigário dá início à cerimónia.

— Estamos aqui reunidos hoje...

Ficamos de pé para cantar *Jerusalém*. O Joshua surpreende-me ao cantar alto, sem qualquer embaraço, rosto virado para a frente e peito aberto. Sorrio para comigo e pinto mais uma peça do puzzle que é o Joshua. Uma nova onda de afeto invade-me e não consigo concentrar-me durante o resto da canção. Continuo a olhar para ele e a ter sentimentos calorosos e inapropriados.

Dizem-nos para nos sentarmos. Sentamo-nos. O sermão começa. Os noivos trocam os votos. As lágrimas sobem aos olhos. Esqueço-me de como é constrangedor ficar sentada ao lado do namorado num casamento. Como nos faz pensar se alguma vez nós os dois seremos o casal no altar.

A Chrissy olha para o Mark por baixo do véu e promete amar e respeitar, mas não promete obedecer porque é uma advogada feminista, esperta e com estudos. Não consigo evitar visitar a espiral de ansiedade que é questionar-me se este momento alguma vez me acontecerá. Se alguma vez estarei à frente de um espaço cheio de pessoas que amo enquanto prometo que vou amar ainda mais outra pessoa. Lembro-me de uma passagem que vi há uns anos num filme, sobre como os casamentos deviam ser sobre o casal, mas na verdade só fazem com que passemos o dia inteiro a pensar em nós próprios.

Então, decido olhar de relance para o Joshua. Ele está de cabeça baixa, com o cabelo a cair-lhe sobre a testa. *Estará a imaginar o nosso casamento? Estará a imaginar-me ao fundo da igreja e a aperceber-se de como a ideia o faz feliz?*

Sigo o olhar dele até às mãos e vejo que está a verificar os resultados do futebol no telemóvel, por baixo do banco. Pronto, então é um não.

Ele pressente que o apanhei.

— Desculpa — murmura, guardando novamente o telemóvel no bolso do casaco. Pisca-me e olho e afasta assim a fantasia romântica que estupidamente projetei para ele.

O padre dedica-se a um longo sermão antes de o casal dizer o «Sim». Beijam-se. Todos aplaudimos. Como sempre, demoram uma eternidade a assinar os papéis. O Joshua volta a verificar os resultados

do futebol.

— Desculpa — diz, novamente. — É que é o primeiro jogo da época... — Nem sequer acaba a explicação antes de se calar, passando do separador do futebol para o do rãguebi. Sinto a irritação a picar-me a cana do nariz. Viro-me para um casal mais velho que está sentado ao meu lado.

— Foi uma cerimónia bonita, não foi? — pergunto à senhora.

— Oh, sim, muito bonita.

— É uma pena a chuva.

— Pois, é mesmo pena.

— Então, como conhecem o casal?

São amigos da família do Mark. Vieram de carro de Dorset. O trânsito na M25 estava terrível. Aquela autoestrada é do piorio, não é? Consigo sentir o Joshua muito quieto ao meu lado, ainda no telemóvel. Está longe daqui — vai a um jogo, a outro e outro ainda. Não sei ao certo porque isto me enerva tanto, mas a verdade é que enerva. Porém, quando me viro, constato que o Joshua não é o único homem que está a olhar para o telemóvel. Na minha linha direta de visão consigo ver pelo menos o brilho azulado de mais quatro ecrãs junto às virilhas dos homens, enquanto as mulheres e namoradas fazem de conta que eles não estão a fazer nada e conversam entre si.

— Desculpa — diz o Joshua, escondendo novamente o telemóvel no bolso.

Talvez possas tentar não fazer a coisa que é irritante, em vez de a fazeres e depois pedires desculpa?

A Chrissy e o Mark aparecem, legalmente casados, com um novo nível desbloqueado e uma nova fotografia de perfil à espera de ser publicada. Percorrem o corredor da igreja lentamente ao som do órgão triunfante, a sorrir para o mar de telemóveis que lhes tira fotografias. A Chrissy cruza o olhar com o meu quando passa, avalia o Josh e ergue o sobrolho com ar de aprovação. E adoro-a por isso. Neste momento, um momento que é só seu, ela continua interessada na minha vida. Na confusão absoluta que é a minha vida; e essa confusão acaba hoje.

As filas da frente começam a sair atrás do casal feliz. Vejo as horas

no telemóvel. São 14h30. Temos menos de dez horas para ultrapassar sem grandes incidentes. É quase tão provável como fazer com que o rapaz mais popular nos beije no meio da discoteca. Não sei o que devo fazer. A Gretel saberia o que fazer, mas ela não está aqui.

— Estás pronta? — O Joshua oferece-me o braço para eu entrelaçar o meu. — Há um autocarro até à receção, certo?

Dou-lhe o braço.

— Não podia estar mais pronta. Vamos.

Eis alguns pensamentos ridículos que estou a ter: é possível passarmos um casamento inteiro sem que ninguém nos chame pelo nosso nome. Podemos ser perdoadas por mentir a alguém acerca do nosso nome. Podemos estar a apaixonar-nos pela pessoa a quem mentimos. É possível passarmos um casamento inteiro sem que ninguém nos chame pelo nosso nome...

Já tinha mencionado este? Como disse, *ridículo*.

O porteiro tinha razão — a sala da recepção fica dentro de uma estufa muito bonita. A luz entra a rodos, apesar de o céu ter um tom cinzento-pálido. Depois de uma agitada viagem de dez minutos de autocarro, os convidados são despejados para a sala, com as malas a proteger a cabeça, e agora reunimo-nos em grupos a beber flutes de champanhe.

— Desculpa, espero que não estejas aborrecido — digo ao Joshua, enquanto estamos só os dois, a partilhar um prato de acepipes envoltos em massa folhada. — Eu não sou muito boa a misturar-me com as pessoas e confraternizar.

— Nem eu.

— E como está o futebol?

— Oh, está ótimo. Estamos a jogar bem, o que é um bom começo de ano.

— Achei de uma tremenda má educação estares a ver o resultado durante a cerimónia.

Na verdade, não disse isto em voz alta, mas queria dizer.

— Ainda bem — respondo, em vez disso. Um empregado com fato de pinguim passa por mim e agarro em mais dois copos de champanhe. Entrego um ao Joshua. — Saúde. — Bato no copo dele e tento sorrir.

Bebo a minha bebida em grandes goles e começo logo a dar por o gás a subir-me à cabeça. Sinto que tenho o cérebro a arder. Tenho saudades da Gretel. Tenho saudades de sentir que estou ao comando das coisas. Para nos entretermos até estarmos tocados o suficiente para conviver com as pessoas, eu e o Joshua começamos a avaliar os canapés até encontrarmos os nossos favoritos. Depois perseguimos os empregados que os transportam.

— Então, esta ceninha de salmão vale definitivamente uma segunda ronda.

— Ainda bem, porque preciso de alguma coisa para tirar o sabor do

ovo de codorniz.

— Ainda não acredito que cuspiste isso para o guardanapo como se fosses uma criança.

O Josh sorri amplamente.

— Queres dizer que não te impressionei?

Ambos nos rimos e o afeto ruge sonoramente no meu estômago cheio de massa folhada — a raiva pelo futebol já desapareceu. Estendo o braço para lhe apertar a mão com ternura, gesto que ele retribui. O momento parece-me muito caloroso e amoroso até que começamos a ouvir aplausos a ecoar à nossa volta como se fosse a onda mexicana. O Joshua acena com a cabeça para trás de mim.

— Oh, olha, é o casal feliz.

Viro-me para ver a Chrissy e o Mark a entrarem pelas portas principais. Vêm de mãos dadas, olhos arregalados pelo choque do seu dia, são demasiadas experiências para interiorizar de uma vez só. O meu estômago contorce-se por um segundo, mas afasto a sensação — eles vão ser engolidos pelas pessoas que lhes querem dar os parabéns e não terão tempo para falar *comigo* durante todo o dia, principalmente porque eu sou uma amiga invulgar, não partilhamos mais ninguém.

Contudo, por algum motivo, de todos os convidados que estão presentes em todas as salas envidraçadas de todo o mundo, a Chrissy cruza o seu olhar com o meu e decide marchar com o Mark mesmo na nossa direção. A multidão abre-se para eles passarem como se fossem o mar para Moisés, e não faço a menor ideia do que devo pensar ou sentir acerca disto, só sei que é demasiado tarde, mesmo demasiado tarde, porque a Chrissy abre os braços e diz:

— April! Oh, meu Deus, sou uma mulher casada.

Ela dá-me um abraço enquanto me arruína a vida, puxando-me para o seu vestido de seda enquanto eu penso *Foda-se, foda-se, foda-se, merda, merda, merda* e tudo à minha volta se desintegra. A minha vida está em estilhaços no chão. Com o tule todo que tenho encostado ao rosto, não consigo ver o Joshua, não consigo ver a sua reação. Abraço a Chrissy com pouca força, o meu coração bate depressa, questionando-me se a posso virar... até que ela me larga para eu poder cumprimentar o Mark com um aperto de mão enquanto lhe dou

os parabéns.

— E tu deves ser o Joshua — diz ela, arrastando-o também para um abraço. — É maravilhoso conhecer-te.

Olho para o Joshua à procura de sinais de que se está a passar, o meu corpo completamente encharcado em adrenalina. Mas talvez ele não tenha percebido o «April», porque o seu rosto não denuncia nada.

— Obrigado por me convidares — agradece, enquanto é libertado do tule, dando-me esperanças. — Muitos parabéns. A cerimónia foi linda.

— Obrigada, obrigada. Mas ainda não consigo acreditar na merda da chuva! — Levanta as mãos para voltar a pôr o véu no sítio, depois encolhe os ombros. — Mas não importa. *C'est la vie*. Pelo menos esta sala é muito bonita.

O Mark e o Josh cumprimentam-se e o Joshua dá-lhe os parabéns também. O Mark não está completamente connosco, os seus olhos passeiam pelas pessoas todas que precisa de cumprimentar. Mas a Chrissy está a instalar-se. Chama um empregado e pega numa flute de champanhe.

— Então, Joshua, fiquei muito entusiasmada por ouvir falar de ti — diz ela, olhando para ele por cima do copo, enquanto as minhas mãos tremem à volta do meu. Continuo a beber e a beber, implorando silenciosamente para que ela não volte a dizer o meu nome. — A April é maravilhosa. — Estremeço. — Espero que saibas a sorte que tens.

Fecho os olhos. É agora. O jogo chegou ao fim.

— Chrissy! — protesto, embora ela não perceba a verdadeira natureza do meu grito angustiado.

— O que foi? És mesmo. Conhecer-te fez com que valesse completamente a pena passar um verão terrível a digitalizar vouchers da ASDA por 5,5 libras à hora. E tu, Joshua, o que fazes?

O Joshua reparou evidentemente no segundo April. Tem o rosto corado com a confusão, os olhos oscilam entre mim e a Chrissy. O verdadeiro horror daquilo que fiz atinge-me o estômago em cheio; quero chorar, gritar, berrar e fugir — tudo coisas impossíveis de fazer no casamento de uma das nossas melhores amigas. Por isso, engulo o resto da bebida e inclino o pescoço para trás para me certificar de que

bebo até à última gota. A seguir, observo deslumbrada enquanto o Josh age também com normalidade.

— Eu sou programador. Que é um trabalho muito mais excitante do que parece. — As capacidades sociais dele são impecáveis, considerando a bomba que acabou de lhe explodir na cara. Os olhos viajam entre nós as duas, como se fôssemos um problema de matemática que ele tem de resolver. — Este espaço é maravilhoso. Tu crescestes nesta zona?

A Chrissy não repara no choque dele. Porque havia de reparar?

— Sim, passei a minha adolescência aqui. Viste a estação de caminhos de ferro? Isto fica onde Judas perdeu as botas. Mas a minha mãe tem esclerose múltipla e não queríamos que o casamento fosse muito longe, não é, Mark?

O Mark desperta e fica atento. Olha para a sua mulher e beija-lhe o rosto.

— Não. E foi um bom achado. Embora eu não possa ficar com o crédito por nada disto. A Chrissy é que planeou tudo.

— Bem, é lindo — digo-lhe. A minha voz está esganiçada. — Uma pessoa nem repara na chuva. É simplesmente perfeito.

— Oh, obrigada, amor. Muito bem, tenho de ir falar com o resto das pessoas antes do jantar. Joshua, foi um prazer conhecer-te. Cuida bem da April, cuidas?

Três vezes. A Chrissy disse o meu maldito nome três vezes. Fecho os olhos. Respiro. Abro-os.

— Mais uma vez, parabéns — diz-lhe o Joshua, enquanto ela se vira para um grupo de advogados e os votos de felicidades lhes caem em cima, tão copiosos como a chuva lá fora.

O Joshua vira-se finalmente para mim, com o rosto inexpressivo.

Encaro-o, preparando-me para o impacto.

Olhamos honestamente um para o outro pela primeira vez desde que nos conhecemos. Quando ele fala, a sua voz é educada, calma.

— Hum, Gretel? — começa ele, levantando a mão para coçar o pescoço. — Porque é que ela te chamou April?

Não há microfone a cair. Não há alcachofra esquecida. Não há poder. Não há vitória. Não há mais tempo para poder fazer de conta que sou o que não sou. Não há explicação possível que possa fazer sentido para uma pessoa razoável.

Não há como voltar atrás.

O Josh olha-me nos olhos enquanto espera pela minha resposta.

Esperançoso. À espera de se sentir aliviado com uma explicação simples que eu não lhe posso dar. Uma calma estranha desce sobre mim como uma neblina indolente que desliza vinda do oceano. Retribuo o olhar dele.

— Tu és basicamente a única pessoa que me chama Gretel.

O rosto do Josh desaba por completo.

— *O quê?*

— O meu nome não é Gretel — respondo. — Chamo-me April, como provavelmente já adivinhaste.

As sobrancelhas dele franzem-se ao mesmo tempo que a boca se abre.

— *Mas que diabo?* Como? O quê? Quero dizer, porquê? O quê? Não estou a entender.

Inspiro profundamente e preparo-me para ter a conversa que tenho andado a planear na minha cabeça. O meu estômago encolhe-se por baixo do tule do vestido. Andei a semana toda a ensaiar isto, desde que decidi que ia contar-lhe tudo, no entanto, agora as palavras parecem serradura na minha língua, imploram-me que minta em vez de lhe contar a verdade, que diga uma mentira que facilite as coisas. Pestanejo devagar e o rosto preocupado do Josh tremeluz na minha visão.

— Bem — começo —, é um bocadinho estranho...

Mas não consigo continuar o meu discurso ensaiado porque se ouve uma colher a bater num copo e a sala fica mergulhada em silêncio.

O porteiro está de pé numa cadeira.

— Senhoras e senhores — bate palmas para chamar ainda mais a atenção —, dirijam-se, por favor, à sala do copo-d'água. — Aponta para a saída da estufa, para um pequeno corredor com as paredes cheias de quadros a óleo.

— Hum — digo, quando toda a gente começa a movimentar-se para a porta. — Bem, sabes, o que... — Mas não tenho tempo para mais explicações porque eu e o Joshua somos suavemente empurrados pela multidão, passamos pelo corredor dos quadros e entramos para a sala de jantar. Encolho os ombros porque não sei o que fazer e tento pegar na mão do Josh para o reconfortar. Ele tira a mão da minha e o meu estômago cai-me aos pés.

Porém, o nosso drama não consegue impedir a onda de conversas sobre o casamento e caminhamos rigidamente até ao cartaz feito à mão que nos indica onde devemos sentar-nos. Todas as mesas têm nomes de viagens que a Chrissy e o Mark fizeram juntos. Nós ficamos na mesa «Aussie», decorada com fotografias da viagem que fizeram no ano anterior à Austrália. Enquanto nos aproximamos num silêncio tenso, vejo que a Chrissy nos sentou com os amigos advogados e sobrestimei quão bêbedas as meninas estavam na despedida de solteira, porque...

— April! Olá, está tudo bem? — pergunta a Janet, levantando-se para me cumprimentar como se fôssemos as melhores amigas.

April, April, April, April. Observo, enquanto a palavra atinge o Joshua como se fosse uma bala. Quero pôr-me à sua frente e protegê-lo, mas ele aguenta-se ao choque e senta-se como se não se passasse nada, embora já esteja mais pálido do que neve acabada de cair e se sirva logo de um grande copo de vinho.

— Este é o meu marido, o Jonathan.

— Olá, este é o meu... namorado, o Joshua.

Todos nos cumprimentamos com apertos de mão sobre a mesa composta com duas garrafas de vinho branco e duas de vinho tinto. Eu e o Joshua somos reféns do austero condicionamento social do comportamento adequado para casamentos. Estendo a mão para a garrafa de vinho, mas ele não me ajuda a alcançá-la, limita-se a servir o seu copo e a beber o vinho com as mãos trémulas. Sirvo-me também

de uma quantidade generosa.

— Olá, muito prazer em conhecer-te. Como conhecem o casal? De onde vêm?

À medida que nos vamos apresentando a todos, digo a toda a gente que o meu nome é April e observo cada tremor do Josh. Questiono-me quanto tempo ele vai aguentar aqui. É uma loucura que tenha sequer conseguido sentar-se e comer o pão. De cada vez que apresento o Joshua como meu namorado, o meu coração despedaça-se um pouco mais, sabendo que será o último dia em que o posso chamar assim — o que ainda é mais doloroso, considerando que, na verdade, é a *primeira* vez que o posso apresentar como meu namorado. O Joshua já esvaziou o copo e volta a pegar na garrafa de tinto para se servir de mais vinho sem sequer olhar para mim.

Tento cruzar o olhar com o dele, mas ele está determinado a acabar com o segundo pãozinho e vamo-nos perdendo na inútil conversa de circunstância comparando quem vive em Londres e onde, até que chegam as entradas.

— Oh, Greenwich? É adorável.

— Herne Hill. Oh, é simplesmente adorável.

— Hampstead? Que adorável.

Uma fila de jovens empregados de mesa aparece, então, presenteando cada um de nós com um prato minúsculo de comida que parece mais um conjunto de salpicos artísticos de «*jus*» do que propriamente comida. A mesa fica em silêncio à medida que as advogadas esfomeadas e os seus maridos devoram a entrada, dando-nos assim a oportunidade para implodir.

— Continuo sem perceber a cena da «Gretel» — murmura o Joshua, por cima do prato de salada de tomate e mozarella. — Ouve, tenho de admitir que me estou a passar um bocadinho.

— O que se passa é que — digo-lhe, espetando um tomate-cereja com o garfo e falando de modo bastante racional, considerando toda esta loucura. — Como te disse, o meu nome nunca foi Gretel.

— Não entendo. Pensei que April fosse uma espécie de alcunha ou algo do género...

Abano a cabeça.

— Não — respondo. — Não é isso. Eu menti-te descaradamente sobre o meu nome.

— Mas...

— Não queria que soubesses o meu nome verdadeiro e por isso disse que me chamava Gretel.

Não há um único centímetro do rosto do Joshua que não esteja profundamente horrorizado. A sensação de culpa atinge-me como uma bola demolidora. Fui eu quem causou isto. Eu fiz com que esta pessoa se sentisse terrivelmente mal. Eu. A April.

— Porquê? — pergunta ele, a abanar a cabeça.

— Disse-te que o meu nome era Gretel e, depois de o ter feito, não soube como voltar atrás. Depois comecei a conhecer-te, continuámos a encontrar-nos e as coisas descontrolaram-se completamente.

— Mas porque havias sequer de mentir sobre uma coisa dessas? Quero dizer... — Abana a cabeça rapidamente, sem conseguir acabar a frase. — Sabes que mais? Não. Não quero saber. — Arrasta a cadeira para trás. — Preciso de um instante. — Sai tão depressa da mesa que as folhas de manjerição da decoração esvoaçam do prato até ao chão.

O Joshua embate no empregado que anda a recolher os pratos vazios. Vejo a parte de trás da sua cabeça a serpentear por entre as mesas e sinto uma dor lancinante a pulsar por todo o meu corpo ao vê-lo ir-se embora. Posso ir atrás dele? Devo ir atrás dele? Como é que posso melhorar isto? Será que ele volta? Mas a mesa assentou olhos em nós, por isso, não obstante o meu desmoronamento interior, sorrio para todos e faço de conta que ele foi só à casa de banho.

A Janet levanta-me o polegar.

— Ele parece simpático — diz ela, com um tomate-cereja encostado ao interior da bochecha como se fosse um hámster. — Há quanto tempo namoram?

— Oficialmente, só há algumas semanas — respondo, pensando em como é engraçada a capacidade humana para nos comportarmos normalmente quando a nossa vida está numa situação tudo menos normal.

O Jonathan debruça-se, já com os dentes manchados do vinho tinto. Agita o dedo para mim, um tanto ébrio.

— Ohh, ainda é muito recente. Não o assustes tentando apanhar o ramo da noiva daqui a pouco. — Solta uma gargalhada enquanto me pisca o olho, como se tivesse acabado de me dar o melhor conselho do universo.

Não faça isto. Não faça aquilo. Não seja demasiado. Não seja menos do que. Não o assustes. Não o faça sentir que não gostas dele. Não seja demasiado galdéria. Não seja demasiado pudica. Não seja demasiado insegura. Não seja demasiado contida. Não seja demasiado gorda. Não seja demasiado magra. Não seja tu. Nunca seja tu. Não queres morrer sozinha, por isso, nunca seja tu mesma!

Olho em redor para o mar de mesas redondas salpicadas com casais. Todos têm cartão de membro do clube do qual quero tanto fazer parte. O Clube da Pertença. O antídoto para a solidão. A rede de segurança de ter alguém que essencialmente olhe para mim e diga «sim, tu serves». Foi a única coisa que sempre quis. Estar sentada ao lado de alguém numa mesa coberta de linho branco, a sentir-me ligeiramente entediada com a história que ele está a contar à pessoa à sua direita porque já a ouvi um milhar de vezes. Toda a minha vida quis ser amada. Quis ter alguém que me escolhesse para ser a sua especialista. Quis sentir-me segura na minha condição de amada. Quis alguém que não se deixasse desencorajar pelas partes de mim que não são fáceis, mas das quais não me consigo livrar. Só que nunca tive a oportunidade de sentir isso.

E foi por essa razão que quis sentir-me poderosa em vez de amada; quis ter finalmente a bola do meu lado. Quis que os outros sofressem como eu tinha sofrido. Quis ter um momento, um apenas, em que sentisse que havia ganhado.

No entanto, como se veio a revelar, não tenho essa capacidade. Hoje eu podia ter destruído o Joshua. Podia ter-me rido na cara dele, podia ter troçado das suas esperanças e da fé que depositou em mim. Podia ter-me deliciado com a chicotada de poder que é ter o coração de alguém nas nossas mãos. Podia tê-lo magoado e humilhado, como tantos já me magoaram e humilharam. Mas, apesar de tudo aquilo por que já passei, não tenho essa maldade em mim.

Já me magoaram demasiado para eu conseguir magoar os outros.

Gosto de não ser a Gretel.

Gosto se ser eu.

E gosto do facto de, apesar de tudo e por muito que tentasse fazê-lo nestes últimos meses, ter descoberto que é impossível fugir da pessoa que sou.

Na verdade, adoro não ter conseguido fugir.

— Com licença — digo à mesa cheia de casais que acham que também pertencem ali. Levanto-me da cadeira elegantemente decorada.

— Tenho de ir à casa de banho.

Apresso-me a seguir na direção em que o Josh desapareceu, a sorrir como se nada estivesse mal quando, na verdade, tudo está mal. Não sei o que lhe vou dizer quando o encontrar, mas preciso de o encontrar. Contorno empregados de mesa que estão a encher copos e a levantar pratos vazios, para depois trazerem a carne de porco, ou de frango, ou as tartes de queijo de cabra que constituem o prato principal. A Chrissy está a rir-se, na mesa principal, a comida ainda intocada, enquanto partilha uma piada com a mãe. Sei que devia ficar na mesa, comer e fazer de conta que a minha vida está perfeita, mas o impulso de encontrar o Joshua é demasiado forte. Sinto-me doente com o que lhe fiz, com a expressão do seu rosto, com o tanto que tenho para lhe explicar.

Ele não está no corredor. Não está na estufa. Também não está no salão à entrada onde deixámos os guarda-chuvas. O meu coração parece estar a ensaiar para ter um ataque avassalador e estou a tremer, apesar de não ter assim tanto frio enquanto percorro aquela casa imponente, evitando os olhares dos empregados stressados. Espero no exterior das casas de banho durante algum tempo, a ouvir as gargalhadas educadas que chegam da sala de jantar, mas ele não sai da casa de banho.

Percebo que o Joshua se foi embora. Desapareceu. E nem sequer o posso culpar por isso.

A perda é mais intolerável do que imaginei. Regresso para a estufa deserta e deixo-me cair em cima de uma cadeira, sentindo as lágrimas a arderem-me nos olhos, enquanto os sons do casamento ecoam ao fundo do corredor. Fungo e limpo o nariz às costas da mão. Volto a fungar. A chuva bate contra os vidros a um ritmo regular. Lembro-me de como o Josh foi ter a minha casa à chuva. Lembro-me de me ter pedido desculpa. Lembro-me de que senti bem no meu íntimo que ele estava a ser sincero. Não me lembro de alguma vez me ter sentido assim quando um homem me pediu desculpa. Fecho os olhos. Quando

os abro, estão molhados. Olho para cima, para o telhado de vidro e vejo os pingos de chuva cinzenta a bater nele. Questiono-me se devo ligar-lhe ou não; se vale a pena. Mais uma onda de gargalhadas vinda do casamento e viro a cara para olhar para a vista desfocada pela chuva. Os jardins majestosos estão escondidos por entre a neblina cinzento-escura da tempestade. Mal consigo distinguir o pátio, um caminho de gravilha ladeado com arbustos esculpidos e bancos encharcados. E, num dos bancos, vejo o corpo aninhado do Joshua.

Sem pensar sequer, estou na rua, instantaneamente encharcada. Aqui fora está tudo mais silencioso, só se ouve o cair regular da chuva nas poças. Corro pela gravilha com os braços a abraçar o peito e paro junto ao banco onde ele se encontra sentado, com a cabeça entre as mãos. O meu ritmo cardíaco aumenta. Ele parece destruído, o corpo está fisicamente curvado sobre si mesmo e as mãos tremem-lhe. Sinto uma pontada de dor nas costelas ao fitar aquilo que provoqueei. O privilégio da culpa...

— Joshua? — chamo-o. O corpo molhado e triste dele não me responde. — Pensei que te tinhas ido embora...

Então, ele endireita-se e fecha o casaco em volta do peito. Não me responde.

— O que estás a fazer aqui? — pergunto. Todas as fibras do meu ser querem tocar nele, porém sei que vou ser enxotada. Perdi o direito de tocar na pele dele. Ficou na mesa de refeições, ao lado dos pacotes de amêndoas açucaradas. — Estás encharcado.

Mais silêncio. Penso que a qualquer instante ele se vai levantar e desaparecer. Ele não pediu para ser seguido. Não me atrevo a sentar. Não me atrevo a quebrar novamente o silêncio. Até que, finalmente, ele começa a falar através dos dentes cerrados.

— Tenho estado aqui sentado — diz, com uma voz que pouco mais é do que um murmúrio —, à chuva, a tentar perceber por que raio continuo a meter-me neste tipo de situações.

— Que situações? — pergunto delicadamente.

Ele volta a enterrar a cabeça nas palmas das mãos trémulas e, antes de se esconder, vejo que tem os olhos rasos de água.

— Mergulhar de cabeça em relacionamentos com mulheres que me

mentem.

Fico petrificada. Não estava à espera desta resposta.

— Qual é o meu problema? — pergunta o Josh a si mesmo, com a chuva a escorrer-lhe pelo colarinho. — Porque é que dou comigo sempre nesta posição? E quem és tu, de verdade? Os meus amigos avisaram-me, disseram-me que estava novamente a ir depressa demais, disseram-me que desta vez precisava de abrandar, de fazer as coisas com calma. Mas eu dei-lhes ouvidos? Não, nunca dou. — Massaja o rosto com as mãos fechadas. Estendo o braço para o confortar, mas paro a meio do caminho, volto a guardar a mão no bolso do vestido. Não sei que palavras usar. Não tenho um guião que possa seguir, não há conselho do *Google* ou dos livros de autoajuda que me valha. — Deve haver qualquer coisa seriamente errada comigo — diz ele, de novo, mais para si do que para mim. — A sério, que raio se passa comigo? Porque é que acerto sempre tão ao lado?

— Desculpa — digo de repente, com a voz a quebrar-se. — Foi uma única mentira e descontrolou-se.

— Só não entendo por que razão havias de me mentir sobre o teu nome. Quero dizer, mas que diabo?! — Continua a abanar a cabeça. — Porque havias de fazer uma coisa dessas? E quando conheceste os meus amigos também lhes mentiste. Porque é que uma pessoa havia de fazer isso?

Pestanejo para o céu e deixo que a chuva se misture com as minhas lágrimas.

— Porque estava completamente aterrorizada — admito. — Tinha tido algumas experiências bastante más e menti sobre o meu nome para me proteger, só que depois isto transformou-se num desastre completo.

A honestidade faz com que ele olhe para cima. Os nossos olhares cruzam-se e o meu coração volta a latejar de dor. Abano a cabeça com tristeza.

— Eu dei cabo de tudo, Joshua. — A minha voz falha e as palavras saem aos soluços. — E também não quero ir a África. Só disse isso porque era o nosso primeiro encontro e queria impressionar-te.

Ele solta uma gargalhada amargurada.

— Mais alguma coisa?

— Acho sempre que os homens me vão magoar, não confio neles, por isso, quando te conheci, oculteí montes de coisas a meu respeito para tentar proteger-me.

Ele fica boquiaberto.

— Mas eu nunca fiz *nada* para te magoar!

— Não. Ainda não fizeste. Mas vais fazer. De qualquer maneira, estás prestes a acabar comigo, não estás? Isso vai magoar-me. — E vai mesmo, mais do que eu gostava de admitir. Não sei bem como, mas voltei a cair na minha definição de origem e vou voltar a ficar com o coração despedaçado. Fui estúpida ao pensar que isto alguma vez podia acabar segundo os meus termos. Nada que tenha que ver com o coração pode ser definido segundo os meus termos. Mas pelo menos continuo a ter coração, ele continua a bater, ainda sente. Não ficou completamente enregelado, como podia ter acontecido. Tenho orgulho nisso, apesar de me envergonhar das mentiras que contei ao Joshua e a mim mesma. Apesar de me doer tanto perdê-lo.

— Estou a acabar com *quem*? Fazes alguma ideia de como me estou a passar agora? — Ele levanta as mãos no ar. — Estou num casamento, com alguém que achei que era a minha namorada e agora percebo que nem sequer sei o seu verdadeiro nome!

— Já te disse, o meu nome é April — declaro, enquanto outra lágrima me cai dos olhos.

Olho para o tom acinzentado e ermo do salão de casamento — algo que tenho a certeza de que nunca vou ter na vida. Depois olho para baixo, para o homem que se recusa a olhar para mim, e percebo que estou num daqueles raros momentos da nossa vida em que podemos dizer tudo o que quisermos, porque não vai ter importância — já temos a vida completamente destruída. Não tenho literalmente nada a perder.

— Joshua — começo. Sento-me no banco ao lado dele e a água ensopa o tecido da saia. Ele retesa-se, para me dizer que está a ouvir. — Ouve, no nosso primeiro encontro, disse que me chamava Gretel só para me proteger. E, sim, estava a fazer de conta que era a melhor pessoa do mundo. Depois tu gostaste de mim e fiquei preocupada com

a hipótese de só teres gostado de mim porque, enquanto Gretel, escondi muitas partes de mim. Sim, mentir sobre o meu nome é estranho e só isso é um bom motivo para acabares comigo. Deves achar que sou louca. *Eu acho que sou louca...* — Quase me rio, mas depois abano a cabeça, com o cabelo molhado a colar-se-me ao rosto. — Mas, durante todo o tempo em que andei a pensar em que diabo havia de te dizer e de como podia acabar com esta confusão toda, percebi que, na verdade, a única mentira que te contei foi acerca do meu nome. O resto das coisas, limitei-me a ocultar de ti. E o que se passa é que tu irias sempre acabar comigo, assim que descobrisses tudo o que se passa na minha vida. Porque tu achas que eu sou descontraída e livre e *laissez-faire*, mas eu não sou nada disso. Às vezes consigo ser essas coisas, mas na maior parte das vezes não consigo. Eu sou neurótica, medrosa, sou cansativa, dou demasiado trabalho às pessoas e sou uma série de outras coisas nada sexy... Não te menti, mas escondi os pedaços de mim que tu não irias gostar de conhecer.

O Joshua continua a abanar a cabeça. Ele não está a afastar-se de mim, mas está a abanar muito a cabeça.

— Gretel... quero dizer, April. Que merda! Nada do que tu acabaste de dizer faz sentido para mim, nada.

— Como assim?

Ele solta um suspiro zangado e levanta as mãos no ar.

— Os pedaços de que eu não ia gostar? *Gostar*? Como é que sabes as coisas de que gosto e as de que não gosto?

— Sei porque tu és homem! E vocês todos querem que as mulheres sigam as regras. Tipo, não gostaste que a tua ex-namorada quisesse casar-se...

— O quê?! — Ele está a olhar para mim com uma expressão incrédula no rosto. — Eu não me quis casar com a minha ex-namorada porque ela andava a trair-me, merda! E quando a aceitei de volta, ela continuou a insistir que me casasse com ela para lhe provar que tinha voltado a confiar nela. Só que depois descobri que ela andava novamente a dormir com o outro.

— O quê?

— Sim! O quê? Pensaste que a tinha deixado só porque ela se queria

casar? — O meu silêncio responde à sua pergunta. — Bem, é bom saber o que realmente pensas de mim.

— Vá lá! — Levanto os braços. — O que é que querias que pensasse quando me disseste aquilo? Os homens fazem sempre...

— Fazem sempre o quê? Tu não sabes. Não podes presumir.

— Vais mesmo dizer a famosa frase «nem todos os homens»?

— Vou! Porque é a puta da verdade!

Agora estou a chorar furiosamente. Limpo o rosto uma e outra vez. Deixo sair tudo. Agora que me viu assim, ele nunca mais se vai chegar perto de mim.

— Se tivesses de fazer o meu trabalho, não ias achar que os homens são tão espantosos e inofensivos.

— Pensei que tinhas parado de fazer esse trabalho. Porquê?

— Para com isso!

— Paro com o quê? Paro de te perturbar? Eu também estou perturbado! Acabei de descobrir o teu verdadeiro nome! — Ele vira-se para mim e olha-me através das minhas lágrimas. Não parece sentir repulsa por elas, o que é uma novidade. Mas continua a parecer zangado. Volta a baixar a voz e quase não o ouço por causa da chuva. Eu estremeço enquanto ouço, digerindo a história que acabou de me contar sobre a ex-namorada. Estou a realinhar o que sei agora com as presunções que fiz, questionando-me quantas mais fiz sobre quem magoou quem... — Escuta — recomeça ele. — Uma vez que isto é a coisa mais surreal que alguma vez me aconteceu e não faço a menor ideia do que se passa mesmo, mais vale ser honesto contigo. Sei que tenho insistido um pouco para as coisas avançarem, mas... Houve algumas ocasiões em que estava contigo e não me senti... muito bem.

Como? Sobressalto-me com choque. Mas, então, e a Gretel? Ele há de estar certamente caidinho por ela...

Ele levanta as mãos.

— Quero dizer, é óbvio que gosto de ti. Não te enganei em relação a isso. Jamais o faria. Gosto de ti e é por isso que continuei a sair contigo, mas Gre... quero dizer April. Mas que merda. É difícil conhecer-te de verdade. Há alturas em que é ótimo estar contigo! Como quando cantaste aquela canção com a pronúncia irlandesa, na

noite do caril, e quando me falaste do teu trabalho, a forma como o fizeste. Houve alturas em que senti «Uau, esta rapariga é mesmo fixe, é interessante e pensa claramente nas coisas», mas depois houve outras alturas em que... parecias... superficial? Falsa? E eu nunca consegui perceber muito bem em que pé estávamos. Parece que tinhas reservas em conhecer-me melhor, que preferias manter uma certa distância, como se isto fosse só um teste. É engraçado teres falado agora de África, porque isso não era uma das coisas de que gostava muito em ti. Nunca pensei muito nisso, na verdade. Eu gosto das partes de ti que me parecem genuínas. E agora o teu nome nem sequer é Gretel e não sei o que mais pensar. Acho que preciso de começar a fazer terapia ou algo do género, porque parece que só consigo atrair raparigas que me mentem.

As palavras dele são quase demasiado dolorosas de ouvir porque confirmam algo em que eu tinha medo de acreditar: a sensação de que ele gostava de mim e não da Gretel. Que eram as partes verdadeiras que nos aproximavam, que nos mantinham unidos, e não as mentiras. Os momentos em que as nossas barreiras estavam em baixo. Ainda assim, magoa, porque depois de tudo o que fiz ele devia ir-se embora. Se tem algum bom senso dentro dele, devia ir-se embora. Para seu próprio bem, quero que vá. Acabei de me revelar a louca de que todos os homens têm tanto medo. E, no entanto, quando ponho a mão sobre o joelho do Joshua, do idiota que ele provavelmente é, ele nem estremece. Em vez disso estende o braço e pousa a mão no meu joelho molhado.

Obrigo-me a olhar para ele e atrevo-me a ter esperança.

— Sei que, considerando tudo isto, parece uma loucura, mas eu não sou pessoa de mentir — digo. — Nunca menti antes desta cena do nome e certamente não vou mentir depois disto. Tu és a primeira pessoa com quem não fui totalmente honesta, o que não deixa de ser irónico, já que odeias tanto a falta de honestidade.

— A mentira assusta-me de verdade — diz ele. — Depois do que aconteceu da última vez, não consigo lidar com mentiras. Depois da minha ex-namorada, preciso de conhecer alguém de verdade. Com verdade.

Olhamos para as mãos um do outro nos joelhos um do outro e preencho mais pedaços do puzzle Joshua com o que acabei de saber, sobre a ex-namorada, sobre como foi magoado, e ele preenche também mais pedaços de mim. Ambos escondemos os pedaços quebrados de nós e inventámos histórias nas nossas cabeças sobre como o outro iria reagir a eles, presumindo sempre o pior. As nossas cabeças aproximam-se, quase até se tocarem. Eu não consigo parar de chorar e ele também não está muito longe das lágrimas.

Abro a boca e as palavras saem-me em catadupa, sem filtros, chegam à face do Joshua.

— Peço desculpa por ter erguido tantos muros à minha volta, mas, como disse, aconteceram-me coisas... muito más — digo-lhe, horrorizada com a forma como ele vai encarar isto, mas obrigando-me a contar tudo mesmo assim. — A culpa não foi minha, mas fui eu que fiquei no meio da destruição. E, no passado, os homens que conheci não foram muito bons a lidar com isto. — Ele abre a boca, mas não deixo que me interrompa. — Eu... não confio nos homens — digo-lhe. — Isto pode parecer terrivelmente injusto se acreditas ser um homem bom que nunca fez nada de mal. Mas, por favor, não me julgues por isso. Se soubesses as coisas pelas quais passei, tudo faria sentido. Eu sou... complicada, sabes? Aconteceram-me coisas que não me deviam ter acontecido. — As lágrimas caem-me mais livremente pelo rosto e limpo-as com as costas da mão. Ele endireita-se e fica a ver-me chorar. Não me conforta, deixa-me apenas continuar. — Não te quero contar todas as coisas horríveis que me aconteceram, não agora. Mas se isto entre nós tivesse continuado, a certa altura teria de as partilhar e tu irias acabar comigo. É por isso que sou resguardada e foi por isso que tentei fazer-me passar por alguém diferente, porque não confio que continues a querer ficar aqui quando eu for eu mesma.

Pronto, aqui está. Tudo. Espero que ele tire a mão do meu joelho. Espero que o julgamento inunde a sua expressão. Espero que se sinta desconfortável. Espero que ele seja o Simon. E os inúmeros outros antes dele, que encararam o meu trauma como uma substância contaminante. Como uma vergonha — tendo de decidir se lhes apetece lidar com ela ou não. Estou quase demasiado assustada para

olhar para ele, porque não vou aguentar ver mais um rosto desabar perante a revelação da complicada realidade da April. Mas decido dar um último salto de fé e forço-me a olhar nos olhos dele.

Olhamos um para o outro. Seguramos nos joelhos um do outro.

E o rosto do Joshua... não desaba. Na verdade, parece que as peças estão a encaixar-se na sua cabeça.

— Lamento muito que tenhas passado por algo tão doloroso — acaba ele por dizer. — Obrigado por me contares. — Solta uma expiração muito longa e olha realmente para mim. — Mas não me podes mentir. Nunca mais. Eu preciso de estar com alguém que seja verdadeiro. — Depois a mão dele aperta-me de forma reconfortante. É um gesto reconfortante. O meu primeiro. Um gesto que diz que está tudo bem. Tenho de me socorrer de todas as minhas forças para não desatar a chorar ou a fugir porque não posso simplesmente confiar neste gesto. — Fico triste por não confiares nas pessoas o suficiente para poderes ser tu mesma.

— Parece-me que tu também não confias muito nas pessoas. — Penso nas coisas por que ele passou e em como deve ter sido doloroso. Como deve ser difícil para ele aceitar isto que está a acontecer agora, depois de eu ter alimentado tanto as suas esperanças. Aperto-lhe também o joelho de forma reconfortante.

— Estou a tentar. Tenho boas razões para não confiar.

— Eu também estou a tentar. E também tenho boas razões.

— É uma estupidez da nossa parte? — pergunta o Joshua.

— Confiar nas pessoas? — pergunto. — Bem, a minha psicóloga diz que vale a pena o esforço. — Largo-lhe o joelho e aponto com os dois indicadores para o meu rosto manchado pelas lágrimas e borrado de rímel. — Sim, tenho uma psicóloga — anuncio. — Bem-vindo ao mundo da April.

Ele aperta o meu joelho com mais força ainda.

— Eu quero confiar em ti, April.

— Eu também quero confiar em ti.

Ficamos sentados à chuva. Não nos beijamos. Tudo o que aconteceu não desaparece simplesmente por artes mágicas porque tivemos uma conversa honesta. Ainda estou em guerra comigo mesma, sem saber se

estou na iminência de mais uma ronda de rejeição, de mágoa, de diminuição da pessoa que sou. Ainda assim, tenho dificuldade em largar o joelho dele.

— O melhor era entrarmos — digo, pressentindo que isto é o máximo que podemos fazer neste momento. Sinto que chegámos ao limite emocional da janela que abrimos e que agora precisamos de digerir e de pensar, de chegar a decisões imperfeitas baseadas nas nossas atitudes imperfeitas. — Os discursos são antes da sobremesa e quero ouvir o discurso do Mark. É o momento por que a Chrissy mais anseia também.

— Sim... Hum... claro.

Pego na mão do Joshua e levo-o pelo caminho de gravilha de regresso à maravilhosa estufa tão seca. Não acredito que ele me deixa pegar-lhe na mão e, assim que entramos na sala, sinto o constrangimento — estamos a tremer e a pingar o piso de madeira. Sorrio-lhe, trémula, e ele retribui o sorriso. Estamos ambos gelados no difícil momento que se segue a uma conversa de coração aberto. Consigo ouvir os aplausos a ecoar vindos da sala depois de um discurso. Questiono-me se o perdi.

— Se entrarmos agora todos molhados, vamos distrair as pessoas — murmuro para o Josh. — É melhor ficarmos junto à porta?

Ele assente e vamos caminhando em direção à entrada da sala, deixando atrás de nós rastos encharcados. Os empregados de mesa estão alinhados no corredor, com bandejas de copos de martíni com *Eton mess*, à espera de que os discursos acabem. Olham para nós com curiosidade, mas não dizem nada. Espreito e vejo toda a gente virada para a mesa principal. O pai da Chrissy está a sentar-se com um ar aliviado no rosto corado. O Mark atrapalha-se com o microfone, verifica se ainda está ligado. Sinto que é um pouco voyeurista, observar assim por uma frincha da porta, mas acho que ninguém iria apreciar se entrássemos por ali adentro, eu com a maquilhagem desfeita pelas lágrimas. O Mark levanta-se e põe a mão no bolso. Observo o rosto da Chrissy. Ela tem um sorriso rasgado e é tanto o amor que emana. O Mark tem tanta sorte por ela o amar, espero que ele saiba disso. Espero que lho diga e que faça com que o seu discurso

valha a pena.

— Olá a todos, muito obrigado por terem vindo — diz o Mark, sem tirar cartões do bolso. Não é um bom sinal. — Como sabem, não sou homem de muitas palavras, mas queria dizer... — Olho para o rosto composto da Chrissy, a sorrir, feliz, paciente, à espera. O Mark pigarreja. — É ótimo ter-vos aqui todos hoje. Significa muito para mim e para a Chrissy que tenham vindo.

A seguir, o Mark senta-se.

Senta-se.

Na cadeira. Como se o discurso tivesse acabado. Deve ter acabado mesmo. O rosto da Chrissy fica em pausa, enquanto decide se foi só isto ou não. Vejo o momento exato em que se apercebe de que é só isto que vai ter do Mark. Há um milésimo de segundo em que as suas feições colapsam, em que a esperança de que ele pudesse ser diferente, só hoje, no dia do seu casamento, porque é uma coisa importante para ela, se afunda no seu estômago. Pestaneja. Sorri. Recupera. E levanta-se à medida que as pessoas aplaudem com timidez, tentando não encolher os ombros umas para as outras. A Chrissy levanta-se e reitera o agradecimento aos convidados. O meu coração quebra-se por ela. É o dia do seu casamento. A única coisa de que ela precisava, no dia em que mais precisava, era das palavras carinhosas do Mark e ele não foi capaz.

A minha raiva e amargura precipitam-se, não obstante a mão bondosa e húmida que segura a minha. Só me apetece largar a mão do Joshua. Quero ir até à mesa e gritar ao Mark. Quero que a Chrissy tenha o que merece. *Porque é que nos damos ao trabalho?* Dou por mim a pensar. *A sério? Qual é a recompensa para a desilusão que ela está a sentir neste momento?*

Mas a mão do Joshua continua a segurar a minha, aqui à entrada. Chorei ao pé dele, disse-lhe que o meu nome não é Gretel, revelei todo o caos que há em mim e ele ainda está aqui. Não saiu a correr pela porta, não me chamou de louca nem presumiu o pior. Pediu-me uma explicação e ficou a ouvir o que tinha para lhe dizer. Ainda precisamos de conversar — oh, se precisamos! —, mas o facto de ele ainda aqui estar é uma novidade para mim. Não é a isto que estou

acostumada.

E depois... sinto a respiração dele junto ao meu rosto.

— *Aquilo* foi o discurso dele? — murmura o Joshua ao meu ouvido.
— A sério? Só isto? No dia do seu casamento? Não tinhas dito que a Chrissy estava ansiosa por este momento? — Abana a cabeça, claramente tão revoltado como eu. — Caramba. Pobre da tua amiga.

Olho para as nossas mãos e depois para o rosto dele.

Talvez tu sejas mesmo diferente, penso. Espero que a Gretel responda. Que me avise. Que resmungue.

Mas ela não aparece.

Talvez tu sejas mesmo diferente, penso novamente, enquanto me aproximo para beijar o rosto do Joshua — que pode ser a minha redenção ou a minha destruição. Durante algum tempo não saberei. Talvez até nunca venha a saber.

Talvez tu sejas mesmo diferente.

E assim começa.

Seja lá o que isto for. É assim que começa.

Um ano depois

Eu odeio *alguns* homens.

E sabem que mais? Não me parece assim tão exagerado, considerando o que alguns homens fazem. Os que magoam e insistem, os que nos encaram como objetos decorativos, os que são tão tristes e destruídos que tiram, tiram e tiram, mas continuam a sentir-se vazios. Odeio que recusem admitir que odeiam as mulheres. Odeio que continuem a culpar-nos. Odeio que tantos homens pareçam estar para lá de qualquer ajuda possível, e odeio os estragos que vão causar por isso. Odeio aqueles que se riem da nossa raiva, que diminuem a nossa dor. Que querem manter as mãos pegajosas bem apertadas nas rédeas do mundo, conduzindo o resto de nós e açoitando-nos como cavalos.

Odeio os homens que me fizeram as coisas que me obrigaram a odiar os homens. Acho que isto é adequado. Acredito que eu sou a única que pode decidir se estou disposta a conceder-lhes o meu perdão ou se escolho não o fazer. Não vou dar a outra face aos homens que me magoaram. Não lhes devo absolutamente nada.

Porém, adoro alguns homens. Adoro os homens que tentam ser diferentes. Adoro os homens que ouvem mais do que falam. Adoro os homens que são suficientemente corajosos para ouvir o que temos para dizer. Adoro os homens que falam com outros homens sobre estas coisas, embora isso vá contra tudo o que lhes ensinaram a fazer. Adoro os homens que querem quebrar o ciclo. Que querem ser diferentes dos seus pais, dos irmãos, dos amigos e dos colegas. Adoro os homens que são capazes de confrontar a verdade desconfortável sobre os seus pais, irmãos, amigos e colegas que estão a fazer isto às mulheres. Que têm de admitir que talvez as mulheres vejam um lado diferente deles, um sobre o qual não mentimos. Adoro os homens que não precisam de irmãs, filhas e mulheres para nos tornarmos humanas aos seus olhos e não nos quererem magoar. Adoro os homens que choram.

Amo um homem.

Consegui encontrar um homem que, por enquanto, vale a pena amar. Amo um homem que parou e me ouviu, que tentou entender, apesar de ele ser homem e por isso nunca poder entender-me completamente. Mas tenta. A coisa mais importante é que ele tenta. Amo um homem que me abraça quando eu choro e que está ali, mas que está a ajudar-me a reconstruir-me, a ser mais forte, em vez de me deixar usá-lo como a minha força. Amo um homem que às vezes me irrita tanto que penso honesta e seriamente que também o odeio. Amo um homem que às vezes também me acha igualmente irritante, mas que mesmo assim continua a escolher amar-me.

Amo um homem, e isso não resolveu todos os meus problemas. Não fez com que a minha vida entrasse toda nos eixos, como eu pensei que faria. Não me salvou da quantidade imensa de trabalho que tenho de fazer para me salvar de coisas que nunca me deviam ter acontecido. Depois de descobrirmos que nos amamos, não há um «Fim» atrás do qual nos possamos esconder. Continuam a existir duas vidas humanas complicadas que precisam de ser vividas, sem garantia de que vão dar certo.

Alguns dias são feitos de magia pura, outros são um verdadeiro inferno. Uns dias sinto que somos almas gémeas que encaixam perfeitamente uma na outra, outros dias questiono-me que diabo estamos a fazer juntos quando somos tão incompatíveis. Às vezes ele entende, outras vezes nem consigo conceber quão a leste ele está.

Alguns dias acredito que o trabalho mais difícil está feito, e outros dias não.

Estou a começar a perceber que o amor é mesmo assim. Não sei se vale a pena. Se me faz mais feliz. Se a dor e a frustração de misturar a minha vida com outra compensam os momentos mais melífluos. Não sei se os dias bons vão ultrapassar os maus.

Não sei de nada.

E mesmo assim, continuo a amá-lo.

E ele continua a amar-me.

Estou a começar a perceber que o amor é mesmo assim.

Agradecimentos

Gostava de começar por agradecer rapidamente a todas as mulheres, em todas as partes do mundo. Sempre que penso neste livro, e em tudo o que li, em todas as pessoas com quem falei, em todos os segredos dolorosos que me foram contados em murmúrios, fico com as lágrimas nos olhos e percebo a imensa força que todas temos. Se a sua história é remotamente parecida com a da April, desejo-lhe paz, desejo-lhe recuperação e desejo-lhe amor. Espero ter feito justiça à sua história. Esta história é parcialmente inspirada nos anos que passei a fazer um trabalho semelhante ao da April, a ajudar vítimas de violência sexual e, à semelhança do que aconteceu com a April, também para mim chegou uma altura em que tudo era demais e tive de parar. Por isso, obrigada a toda a gente que continua a trabalhar para estes serviços de apoio. É um trabalho vital, importante e brutalmente difícil, e todos vocês são os meus super-heróis.

Há muitas mulheres em particular a quem também gostaria de agradecer. À Maddy, sempre, a minha fazedora de sonhos oficial e uma verdadeira máquina — e à sua maravilhosa equipa. À Kimberley, a minha editora, por me incentivar a fazer deste livro tudo o que ele é. E a todos na Hodder, por nem terem pestanejado quando lhes enviei um manuscrito que começa com a frase «Eu odeio os homens». Por entenderem o livro, por acreditarem nele e o defenderem, e a mim e ao trabalho que faço. Significa tudo para mim, o facto de ter uma editora que me deixa contar estas histórias — obrigada. Um agradecimento especial também à Becca, a tua paixão e ética no trabalho são tão impecáveis como o teu cabelo.

Às minhas amigas — Rachel, Lisa, Emily, Ruth, Lucy, Ellie, Harriett, Jess, Christi, Non, Lisa, Sara, Emma, Louie, Lizzie, Becky, Tanya, Katie e muitas outras. Obrigada por me apoiarem ao longo deste livro, por me atenderem sempre o telefone, pela compreensão e conhecimento que me transmitiram, por partilharem à vez comigo os momentos em

que precisamos de nos certificar de que não somos doidas. Às mulheres incríveis da minha família — a minha mãe, a Eryn e a Willow.

E, ao contrário da April, sinto-me orgulhosa por dizer que não odeio os homens. Isto deve-se à maravilhosa coleção de homens que tenho na minha vida e que todos os dias desafiam os conceitos tóxicos da masculinidade. Obrigada ao meu pai, ao Josh, e a todos os homens fantásticos que trabalham na Youthnet. E ao W, em particular — o mais doce dos doces.

Por fim, quem precise de mais conselhos e apoio depois de ler este livro, por favor, contacte os gabinetes de apoio a mulheres que existem para nos ajudar. A todos os que se sintam inspirados a doar para as causas mencionadas nesta história — por favor, façam-no. Estas associações têm uma falta de financiamento crónica, considerando a escala gigantesca da violência contra as mulheres. Elas também precisam de ajuda.

PORQUÊ SERES TU PRÓPRIA QUANDO PODES SER PERFEITA?

April é simpática, é bonita e considera-se uma pessoa relativamente normal. No entanto, não consegue passar do quinto encontro romântico. Sempre que pensa que encontrou um homem em quem pode confiar, ele acaba por partir-lhe o coração. E deixá-la furiosa. Ela está farta da forma como os homens tratam as mulheres, e não percebe porque é que as mulheres continuam a querer ser amadas por eles e a fazer tudo para lhes agradar.

Se ao menos pudesse ser mais parecida com Gretel... Ela é exatamente o que todos os homens querem: uma mulher perfeita e descomplicada. É linda, descontraída, divertida, nunca se apega demasiado nem traz consigo qualquer carga emocional.

Só que Gretel não é real. E April está a fazer-se passar por ela. Assim que April «se torna» Gretel, os encontros passam a ser muito mais divertidos, sobretudo depois de ela começar a sair com Joshua, que não faz a mínima ideia do que se está a passar.

Agora é April quem assume o controlo. Mas será ela capaz de controlar os seus sentimentos? E à medida que se aproxima cada vez mais de Joshua, será possível continuar a fazer de conta?

Iniciou a sua carreira como jornalista, tendo depois trabalhado como editora e, anos mais tarde, como conselheira na área dos relacionamentos amorosos e da saúde mental. Inspirada por este trabalho, começou a escrever romances sobre feminismo, doenças mentais e relações amorosas. Faz parte da Women's Aid, uma associação contra a violência doméstica, e tem um papel ativo na sensibilização para as relações abusivas.

Depois de *Isto Só Acontece nos Filmes* e *Já Sou Normal?*, dois livros *Young Adult* publicados pela Topseller#Bliss, chega agora *Faz de Conta*, um romance para o público adulto que tem recebido ótimas críticas. Uma leitura muito atual sobre feminismo, trauma e relações amorosas, que nos traz reflexões perspicazes sobre temas difíceis, sem nunca perder o sentido de humor.

Saiba mais sobre a autora:

www.hollybourne.co.uk



Edição em formato digital: junho de 2022

FAZ DE CONTA

Título original: *Pretending*

Texto © 2020, Holly Bourne

Publicado por Hodder & Stoughton

uma divisão de Hachette, Londres.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a protecção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Ana Mendes Lopes

Revisão: Teresa Antunes

Paginação: Aresta Criativa – Artes Gráficas

Capa: Wonder Studio

ISBN: 978-989-564-977-8

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](#)
Facebook: [topseller.editora](#)
Instagram: [topseller.editora](#)

Índice

Faz de Conta

Dedicatória

Faz de Conta

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Holly Bourne

Créditos